

Harry Potter

e o mistério do
véu negro



Obliviadores de J.K.

Rocco

Baseado nas Obras de JK Rowling, Harry Potter...

(e a pedra filosofal)

(e a câmara secreta)

(e o prisioneiro de Azkaban)

(e o cálice de fogo)

(e a ordem da fênix)

(e o enigma do príncipe)

...esse é o último livro da série, escrito por:

O Mistério do Ueu Negro





O Mistério do Ueu Negro



Este não é apenas mais um ano difícil para Harry Potter. É chegada a hora em que suas ações decidirão não só o seu próprio destino, mas o de milhares de trouxas e bruxos. Após a queda de personagens importantes, Harry terá de enfrentar, sozinho, batalhas arriscadas em busca da única maneira de destruir seu pior inimigo.

O que aguarda Harry Potter?

Onde estará o garoto se não em Hogwarts?

Com paixões, aventuras, desejos e planos extraordinários, Harry desvendará segredos ocultos até mesmo da comunidade mágica. Será ele lembrado como Herói ou não conseguirá resistir à última batalha?

"- Harry, escute, é fácil sentirmos medo do que desconhecemos. É como ter medo do escuro. Na realidade, você tem medo do que o escuro pode te mostrar. Não tenha medo de falhar, Harry..."

O Mistério do Ueu Negro

Harry Potter

E o Mistério do Ueu Negro



Obliviadores de JK
— 1º Capítulo —
☞ SOLITÁRIA DURSLEY ☞

Harry pegara as últimas anotações do ano letivo e as olhava nostálgico. Este ano não voltaria a Hogwarts... Definitivamente não seria um ano fácil, agora que não poderia contar com a proteção de Dumbledore.

Lembrou-se, com um breve sorriso, de tudo o que passou em Hogwarts. Fora lá que passara as melhores lembranças da sua vida inteira.

Colocou as anotações debaixo do assoalho e foi até a janela, observar o vôo de Edwiges, que piava feliz no céu azul de verão.

Os cabelos, muito pretos e rebeldes, voavam com a brisa que batia contra a parede da casa dos Dursleys quando Harry ouviu um grito pavoroso vindo do térreo.

Pegou a varinha sobre a escrivaninha e colocou no bolso da calça. Hesitante, foi até a sala e, vendo que os gritos continuavam na cozinha, foi até lá. O coração batia mais forte; a primeira visão que teve foi Petúnia sobre a mesa, aos prantos.

– Que diab...? Monstro?

O elfo doméstico fazia todas as louças da tia Petúnia levitarem com um olhar maligno.

– O que você está fazendo, monstro? Coloque tudo no lugar, agora! — Harry ordenou.

O elfo, ainda que relutante, obedeceu. Harry sabia que não seria nada confiável trazer Monstro para viver na casa dos Dursleys, mas enquanto que a escola estivesse temporariamente fechada, seria a única solução.

– Por que fez isso? — Harry perguntou.

– Essa trouxa de sangue-ruim pensa que manda em Monstro! Monstro mostrou para ela, ah mostrou!

O Mistério do Ueu Negro

Petúnia desceu da mesa ainda apavorada. Andava muito aos nervos desde que Duda e o Sr.Dursley haviam lhe abandonado.

Harry também já não suportava mais aquela situação de desânimo. Havia apenas uma semana que ele estava ali, na Rua dos Alfeneiros, e já tinha a certeza de que a travessa do tranco lhe parecia ser mais agradável.

– Harry!

O grito veio direto da sala. Harry apertou a varinha no bolso e foi olhar quem o chamava.

Caminhou relutante. Antes de chegar na sala, Monstro soltou os pratos e fez o maior barulho. O coração de Harry disparou, deixando-o sem ar. O susto se tornou um alívio ao encarar Rony falando baixo de dentro da lareira.

– Rony! O que houve? Por que está falando assim?

Ao que ele respondeu com voz acelerada:

– Meu pai está testando um novo pó de flú! Mais rápido e mais objetivo e não quer que eu e Gina mexamos, mas eu tenho que lhe contar...

Harry voltou ao desespero de antes e com uma certa timidez perguntou o que era.

A sua mente maquinava sombriamente em Voldemort e Snape.

– Snape foi visto ontem na floresta proibida por um centauro, Harry. Foi o Firenze quem falou... O que será que ele estava fazendo lá, hein?

Harry engoliu em seco. Não tinha a menor idéia do que Snape poderia querer fazer lá na floresta, mas estava indignado com tamanha infâmia. Estar tão próximo de Hogwarts? Só poderia estar tramando algo.

– E os centauros voltaram a falar com Firenze? — Harry perguntou.

– Tem vários deles do nosso lado agora, sabia!? — Rony estava excitado.

– Que bom... E... Hogwarts? — Harry perguntou com a voz embargada. Lera no Profeta Diário que a escola iria realmente fechar.

Rony o olhou hesitante.

– A professora McGonagall falou que ela está temporariamente suspensa, sabe? Não é para sempre... Mas por enquanto ela não sabe o que fazer. Talvez comecem o ano letivo mais tarde, quem vai saber?

– Melhor assim... O Monstro poderia voltar para lá. Ele anda aprontando muito por aqui...

– A Mione falou que conversou com você pelo cefolone... como é mesmo o nome?

– Telefone.

– Sim, é verdade que seu tio e seu primo se mandaram, cara?

Harry ia responder quando a tia apareceu na sala com um olhar ameaçador.

– Como é que você se atreve? — Ela perguntou cerrando os dentes. — Não há mais respeito mais essa casa desde que o Válter e o meu Dudinha...

Ela não conseguiu terminar a frase, caiu no choro.

– Sim, Harry, tem outra coisa que quero lhe falar — disse Rony apressado.

Harry mostrou-se ansioso:

– Vamos, Rony, você não vai me dizer que o Vol...

Harry não terminou a frase, pois foi interrompido por Monstro, que jogava talheres contra a parede.

– Monstro, pare com isso!

– Não. Monstro não pára, não. Monstro quer sair dessa casa triste.

Logo veio um pensamento na cabeça de Harry. — Ele estava naquela mesma situação em outros anos atrás.

– Continua, Rony.

O Mistério do Ueu Negro

– Sim, Harry, é sobre Aquele-Que-Não-Deve-Ser-
Nomeado.

O barulho do choro de Petúnia incomodava Harry assombrosamente.

– Será que não dava para sua tia parar de chorar? —
Falou Rony, também ansioso.

Harry estava já angustiado.

– Harry, papai está vindo aí. Eu tenho que ir, ah... —
Rony abriu um sorriso. — Feliz Aniversário, Harry....

Rony desapareceu pela lareira e era o primeiro e único que desejava feliz aniversário no dia em que completara dezessete anos.

– Sabe, a senhora me atrapalhou! Se não tivesse vindo para cá quem sabe o Rony pudesse ter me contado algo mais...

A tia foi aos prantos para a cozinha. Harry estava tendo que aturar-la neste estado abalado desde a briga dela com o Sr.Dursley.

Tudo aconteceu quando o Sr.Dursley teve a idéia de mandar Harry para A Toca:

– Válter, nós não podemos! Você sabe que não podemos...

– Mas, Petúnia, querida, como vamos para a nova casa de veraneio? Hein? Você tem que entender! Depois que aquele velho biruta morreu... Acho que eles não vão mais nos importunar e...

– Válter, só até o aniversário dele, por favor!

Duda, que agora estava mais alto e corpulento que o próprio pai e tinha uma enorme tatuagem no braço esquerdo, olhava com raiva os pais e dizia:

– Eu não quero que ele vá! A minha namorada e os meus amigos vão estar lá, vocês sabem!

Duda havia arrumado uma namorada tão corpulenta e carrancuda quanto ele.

– Viu, Petúnia? Nós temos que dar essa alegria ao Duda. É aniversário dele, e eu não vou deixar que esse aí faça nada de mal a ele.

– Mas... — Petúnia protestou.

O Sr. Dursley, com a cara vermelha, disse:

– Ótimo, se você quiser ficar com esse... esse garoto anormal aí, fique! Eu e o Duda vamos passar as férias na casa de veraneio!

E assim foram. E nem ligaram, nem mandaram cartas.

O dia se encerrou sem mais novidades, a não ser o fato de que Monstro estava menos agitado. E mais uma vez Harry esperou o noticiário da noite para saber se havia algo de diferente.

De repente, um cena inusitada aparece na tela: o Ministro dos trouxas com Rufos, ministro da magia há um ano. Este foi apresentado como conselheiro do Ministro dos trouxas para a questão da segurança nacional. Um alarme, de que existem muitos criminosos à solta, foi acionado pelos ministros. Várias fotos foram divulgadas. Os mais procurados eram Snape, Belatriz e Voldemort, numa foto maior ao centro da tela.

– Vocês não poderão fazer nada contra eles, mas se os virem comuniquem-nos imediatamente! — Disse o primeiro ministro.

Harry estava pasmo e afundado em sua poltrona, não conseguia mover um só músculo, ficava imaginando se Snape sabia onde ficava a Rua dos Alfeneiros, já que ele era o favorito de Dumbledore... Era lógico que ele deveria saber... e poderia trazer Voldemort também.

Seu estômago congelou ao parar nesse pensamento; queria sair logo dali... Mas acalmou-se ao lembrar de que Arthur estaria naquela lareira na manhã seguinte para buscá-lo para o casamento.

O Mistério do Ueu Negro

Alguns minutos depois, mesmo com a cabeça cheia de pensamentos, Harry adormeceu na poltrona do tio Válter.

– Harry! Harry! HAAAAARRY!

Harry acordou assustado. Uma figura fina e esquelética da tia chamava-o para o café que agora vinha recheado de sequilhos e bolinhos.

– Sim, senhora, eu já acordei.

– Harry, meu filho, vamos tomar café logo, antes que aquele traste sujo acabe com tudo. Fiz um bolo para comemorar seu aniversário... atrasado!

Harry ficou pensando o porquê que sua tia estaria lhe tratando tão bem, fazer um bolo de aniversário mesmo que atrasado para ele, será que estava delirando.

Será que alguém lançou a maldição Imperius nela? Se for isso, acho uma maravilha..., pensava ele.

– Espere aí, Harry. — Veio uma voz de dentro da lareira. — Você vai tomar café com a gente!

Era o Sr. Weasley.

Harry mostrou um sorriso de canto a canto da boca.

– onde está o Rony? — Perguntou ele esperançoso.

– Não, não! Ele vai tomar café aqui, tenho que me despedir do meu sobrinho.

Arthur fez uma cara de quem não estava entendendo nada e logo se pronunciou.

– Ele vai comigo agora.

Harry teve sua face corada. Duas pessoas disputando com quem ele iria tomar o café da manhã não era algo que estivesse muito.

– Acalmem-se! — Entoou Harry impaciente. — Tia Petúnia, eu irei com o Sr. Weasley, pois temos que resolver uns assuntos inacabados. — Inventara Harry para se livrar logo daquilo tudo.

– Vamos, Harry, creio que lhe resta pó de Flú. — Dizia o Sr. Weasley.

— Espere, Senhor... — Indagava Harry que parecia estar preocupado com algo. — Não posso deixar minha tia sozinha. Teremos que levá-la. Aqui é muito perigoso... além de tudo, qualquer hora Voldemort ou seus seguidores podem aparecer por aqui.

— M-mas, Harry, uma trouxa! — Sr. Weasley estava indignado, mas percebera que Harry tinha absoluta razão. Petúnia apenas observava e, quando percebeu o que tramavam, deu um berro:

— Não vou para a casa de malucos de jeito nenhum! — Ela caminhava para trás, com os lábios crispados.

— Deixe disso, tia Petúnia! Poderiam matá-la se te encontrassem aqui. Mesmo com toda a cordialidade. — Enfatizou a ironia. — Que vêm me tratando durante todos esses anos, não poderia deixar que isso lhe acontecesse.

O senhor Weasley, após refletir um pouco, disse:

— Harry, eu devo concordar. Ela pode ser uma fonte de informações para os seguidores de Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. É mais um motivo para levá-la. O monstro também deverá vir.

Petúnia relutou em ir, mas foi convencida pelo Sr. Weasley, sob o pretexto de que seu marido e filho também seriam levados para lá. Em alguns minutos ela já estava com as malas prontas — não eram baús, nem levitavam — era uma mala normal, cor-de-rosa bebê, com uma alça pendurada à sua mão.

— Monstro quer ir primeiro. Deixa, Senhor, Monstro ir primeiro?

Harry lançou um olhar de insegurança para Monstro, mas ele achava que o elfo tinha seus mesmos desejos. — Sair o mais rápido possível dali.

— Sim, Monstro. Mas você não precisa de Pó de Flú. Sabe como aparatar na Toca?

— Claro meu Senhor!

O Mistério do Ueu Negro

Estranhamente, Monstro já mostrava simpatia com a idéia de ser o servo de um Potter. Em questão de segundos, seu corpo virou fumaça após um estalar de dedos.

– Agora é sua vez, Titia. É só jogar um pouco de pó na brasa e falar claramente "A Toca". Petúnia estava trêmula e nervosa.

– "A to-toca" e desapareceu.

Naquele mesmo instante, Harry ouviu alguém bater na porta da casa dos Dursley.

Obliviadores de JK
— 2º Capítulo —
❧ *LEGILIMÊNCIA* ❧

*H*arry, apreensivo, não sabia se atendia ou não à porta e, muito desconfiado, abriu-a com cuidado. Avistou seu tio Válter na soleira da porta, gordo, com seu ridículo bigode e com a cara de sempre.

– T-tio, Válter?

Estava parado como se esperasse um convite amistoso de Harry para entrar. O que não era do seu feitio.

– Deixe-me entrar. — Disse enquanto avançava. Harry pensou em relutar, afinal o Sr. Weasley ainda estava lá dentro, no entanto, nada pôde fazer. Tio Válter parecia nervoso, enquanto entrava e olhava a casa ao seu redor.

– Onde está sua tia? — Seu tom de voz tentava alcançar uma inútil afabilidade.

– Ela foi até a casa da Sra. Figg, não irá demorar a... — Parou por um minuto — O-onde está o Duda?

– Duda? Ah, sim, o Duda... Ele ficou com o meu irmão, mas voltará semana que vem...

Harry franziu o cenho.

– Não vejo o uniforme que prometeu comprar, Tio Válter...

– Que uniforme?

– Pensei que eu fosse estudar no mesmo colégio que o Duda...

– Claro, claro... devo ter esquecido, vejo isso depois. Venha aqui comigo, Harry. — Chamou-o para subir as escadas.

– Tio Válter...

Ele parou já no terceiro degrau:

– O que foi agora?

O Mistério do Ueu Negro

– O senhor iria permitir que eu estudasse no mesmo colégio que seu filho. — A face de Tio Válter estagnara, surpreso. — E só mais uma coisa... O Meu tio não tem irmão.

Harry sacou sua varinha:

– Petrificus Totalus! — O usuário da poção polissuco também tentou sacar sua varinha, mas Harry havia sido mais rápido.

– Vamos descobrir quem você é, de verdade. — Disse olhando para a figura petrificada.

Harry jogara um pouco de pó de Flú sobre as brasas na lareira, e no momento que entoou “A Toca”, empurrou o corpo do espião para as labaredas esverdeadas.

Fez o mesmo, em seguida.

– Senhor! — Harry avistava Dobby, que estava feliz em vê-lo.

– Dobby! Onde está todo mundo?

– Também acabei de chegar, meu senhor... — E deixou escapar um assobio: — O que seu tio trouxe faz aqui?

– Não, Dobby, ele é algum adorador de poções polissuco sem boas intenções, devo imaginar. Por favor, encontre os Weasley, rápido! — Disse Harry ficando para tomar conta dele.

Dobby adiantou-se, tropeçando nas urtigas que enfeitavam o jardim da varanda.

Avistou Hermione vindo com os Weasley pela estrada de barro.

– Dobby? O que faz aqui? — Perguntou Ronny ainda de longe.

– Venham senhores, rápido, precisam ver uma coisa!

Eles se entreolharam, e entraram na casa.

Ao avistarem a cena perto de uma encardida lareira, ficaram todos confusos.

– Harry! Você petrificou seu tio? — Perguntou Hermione.

– Não, não. Ele não é meu tio!

– Que bom que está aqui, Harry. — Disse o Sr. Weasley descendo as escadas. — Sua tia praguejava até agora por ter se sujado com as cinzas, ela está lá em cima, com a Molly. Quem era na porta quando você foi... — E olhou a figura petrificada. — O que houve com o seu tio, Harry?

– Ele não é o meu tio... — Disse impaciente. — Creio que seja alguém usando a poção Polissuco.

Hermione interveio:

– Teremos que esperar o efeito passar para descobrir quem é, desta forma

– Espero que seja um comensal. — Disse Harry apertando os olhos, fazendo todos se virar para ele. — Podemos arrancar informações dele. — Se explicou.

Todos já tinham ido para a sala, enquanto a Sra. Weasley servia chá. Tia Petúnia custava acreditar que aquele homem deitado no chão não era o seu marido. Dobby e Monstro discutiam bastante sobre hipóteses, incomodando os presentes.

– Calem-se! — Bradou Rony. — Ele já irá voltar ao normal daqui a pouco.

– Harry, você viu o Profeta Diário? — Indagou Hermione, sempre com novidades. — “Uma bruxa foi assassinada pelas redondezas de Hogwarts. O que acharam dela foi apenas sua cabeça — Lia. — ... o principal acusado é Draco Malfoy, ex-estudante de Hogwarts...” — Harry estava indignado com todas aqueles mortes que impunes .

– Eu não posso ficar aqui parado!

– Calma, Harry. — Disse o Sr. Weasley. — Conversamos sobre isso mais tarde.

Harry queria que Malfoy aparecesse em sua frente naquele instante, mas respirou fundo e enfim relaxou. Após algum tempo, todos tiveram certeza absoluta de que aquele não

O Mistério do Ueu Negro

era o Tio Válter. Ainda sob o encanto de paralisação, o efeito da poção terminou.

– Belatriz! — Exclamou Arthur espantado.

– Maldita! — Exclamou Harry com ódio. — O que fez ao meu tio?

– Quem é Belatriz? — Perguntou tia Petúnia, se esquivando das teias de aranha atrás do sofá rasgado.

– Ela é seguidora de você-sabe-quem. Foi quem matou o padrinho de Harry, o Sirius Black. — Rony murmurou para petúnia.

Harry havia escutado, e por isso olhou para Rony, como se ele tivesse dito algo hediondo.

– Não foi o que eu quis dizer, Harry... — Apressou-se Rony

– Minha senh... Black! — Exclamou Monstro feliz.

– O quê? Seu Senhor é o Potter! — Gritou Dobby.

Harry sentia uma vontade tentadora de sacar a varinha e lançar uma maldição em Belatriz. O Sr. Weasley notou enquanto ele lentamente tentava sacar sua varinha:

– Não, Harry! Ela pode ser muito importante agora. — Adiantou-se o Sr. Weasley.

– Ah, Harry, se quiser, eu o ajudo a estrangulá-la! — Ameaçou Rony, vendo a situação de Belatriz.

Neste mesmo instante, ouviram a porta da cozinha da Sr. Weasley ranger.

– Olá, mamãe!

– Carlinhos! Que bom que você chegou! Aqui você estará mais seguro, meu filho...

– Mas o que houve aqui?

– Há muitos comensais conspirando por toda a parte. Essa aqui estava na casa do Harry. — Disse Sra. Weasley ao ver a cara de espanto de Carlinhos.

Após algumas horas, Belatriz recuperara sua total lucidez, estando ainda presa, agora num canto da sala com cinco aurores a postos, entre eles, Tonks e Lupin.

Petúnia olhava estranhamente para Belatriz, imaginando como sua irmã teria sido afugentada por alguns comensais e posteriormente morta pelo líder deles. Sentiu uma vaga vontade de abraçar Harry, mas sua vontade, felizmente, foi afastada ao ver Fleur e Gui saindo da lareira, um atrás do outro.

— Que reunião é essa? — perguntou Fleur com uma cara de espanto. — Gui, amor, nosso casamento não serra só amanhã?

— Papai, o que está havendo? — Os olhos de Gui se demoraram bastante em tia Petúnia. Olá, Harry.

— Oi... Esta é minha tia. — Explicou.

Uma terceira pessoa saiu da lareira, assustando a todos, com a exceção de Gui e Fleur. Levantou-se limpando suas vestes e, com voz afável, disse:

— Olá, Arry! Como vai, Rony?

— Gabrriele, suba. Prrrecisa de banho. Depois você fala com o Arry. — Exigiu Fleur.

A hora do almoço se aproximava e a Sra. Weasley nem se deu conta. Mas também, ninguém poderia sentir fome numa situação como aquela.

— O que estamos esperando, Arthur? — Perguntou a Sra. Weasley.

— Rufus. Mande uma coruja para o ministério. Ele já deve estar vindo para levá-la. Deverão interrogá-la e fazer o que é necessário... — Mal acabou de falar e a porta bateu novamente. — Que bom que o senhor chegou!

— Tem que levar esta mulher daqui o mais rápido que for possível, Ministro! — Disse Molly.

— Claro, claro... vamos levá-la logo, tenho que voltar depressa ao ministério.

O Mistério do Ueu Negro

– Por que tão rápido? — Perguntou um dos aurores.

– Esta história de ser o ajudante do Ministro dos trouxas está me deixando louco! Tenho que perder tempo dando inúmeras entrevistas aos noticiários dos trouxas...

Rufus deixou seu olho fitar Belatrix por uns instantes:

– Seu destino não é dos melhores, filha...

Mesmo sem poder abrir a boca, os olhos de Belatrix indicavam que, se pudesse, faria o corpo do Ministro voar em meios a lampejos verdes.

Rufus atou nos pulsos de Belatrix uma corda prateada, cintilante, para amenizar qualquer tentativa de fuga.

– Tirem-na daqui logo! Quantos menos de vocês estiverem aqui, melhor! — Petúnia falou com uma certa rispidez.

– Tia, por favor, não se meta no que...

– Não me diga o que fazer, mocinho! — Disse Petúnia indelicadamente.

– Que tal trancar sua tia no porão? — Sugeriu Rony.

– Até que não seria má idéia.... — Retrucou Harry, e Petúnia calou-se.

Enquanto o Ministro dava suas últimas palavras com Artur, falando dos transtornos que teria de enfrentar com o assédio da imprensa após a captura de um comensal, Hermione murmurou para os garotos:

– Venham aqui fora, preciso lhes falar uma coisa...

Enquanto caminhavam para fora, Harry perguntou algo que só agora pareceu lembrar:

– Onde está Gina?

– Ahh... Depois que o papai trouxe do trabalho um estojo de maquiagem dos trouxas, ela agora vive trancada no banheiro. — Rony dizia com nojo forçado na voz.

Harry riu.

– O que foi, Hermione? — Perguntou Harry quando, enfim, encontraram um lugar seguro, longe dos ouvidos de qualquer um.

Hermione hesitou.

– Vamos, diga! — Ordenou Rony curioso.

– Bom... eu...

– Que coisa feia, Harry... chegou e ainda não falou comigo...

Harry se virou, Gina estava atrás deles.

– Ah... desculpe, é que eu...

– Bom, não faz diferença... vocês estavam falando algo antes que eu chegasse. Estou atrapalhando?

– Não foi nada... A Mione nos contava uma história. — Falou Harry pensando se Gina poderia saber.

– É, é...

Hermione não conseguia ter idéia sobre o que dizer na presença de Gina, então, para seu alívio, Rufus e o Sr. Weasley estavam trazendo Belatriz com os outros Aurores.

– Vocês querem ajuda? — Perguntou Hermione para se livrar de falar na frente de Gina.

– Não, Hermione. — Falou Tonks, segurando um dos braços da comensal. — Está tudo sob controle.

Harry percebeu, então, que o assunto que Hermione trataria era provido de bastante importância.

A Sra. Weasley servia a mesa com um ensopado de abóbora. Felizmente, ou não, tinha a ajuda, um tanto atrapalhada, de alguém que adorava serviços domésticos, a Sra. Dursley. Gina sentou-se ao lado de Harry à mesa. Estava toda maquiada.

– Não sei para quê ela se pinta tanto... — Disse Rony à Harry.

Gina fez cara de constrangimento.

– Bom, eu tenho que me arrumar, não é? O Harry é...

Hermione riu e completou:

O Mistério do Ueu Negro

– Ah, eu sei, muito cobiçado!

– Ela está assim desde que a gente foi com a mamãe ao beco diagonal comprar pó de flú e encontramos a Cho Chang.

– A Cho? — Perguntou Harry.

– É, ela perguntou sobre você. Disse que está com saudades e que torce por você, e outras coisas... Estava com aquela amiga, a Violeta.

Mione deu um muxoxo ao ouvir o nome da amiga de Cho. No quinto ano em Hogwarts, ela sofrera um feitiço que Hermione planejava.

– Não estou insegura, Rony, mas é que a Cho... bem, ela é tão bonita e... você gostava dela, não é verdade?

Harry não se sentia à vontade em discutir suas relações amorosas na mesa de café. Petúnia olhava atentamente as conversas.

– Eu não acho seguro que o Rufus deixe Belatrix no ministério. — Disse Artur para Molly. — Ela é muito esperta, pode escapar a qualquer momento.

– Verdade... Ela deveria ir direto para Azkaban. É bastante esperta, pode acabar enganando os aurores...

– Oi, gente! Senti o cheiro! Eu amoo ensopado. — O inglês de Fleur mostrava resquícios de melhora.

Logo após sentaram-se à mesa Gabrielle, Carlinhos e Gui.

– Que é isso, Hermione? Dando comida na boca de um elfo? — Disse Carlinhos olhando para garota.

– De um não, de dois! — Falou ironicamente Rony.

– Ah, eles foram injustiçados a vida inteira... O mínimo que podemos fazer por eles nesse momento é tentar agradá-los, não é? — Perguntou a menina, meio ríspida.

Harry olhou para amiga, um pouco suja de ensopado porque Monstro havia se recusado a aceitar a primeira colherada.

– Ah, agradá-los! Por que você não me agrada, hein?

— Quer que a Hermione te dê comidinha na boca, é? —
Riu Carlinhos.

Rony teve sua face avermelhada, assim como Hermione, mas não respondeu.

Harry não conseguiu comer muito. Não conseguia parar de pensar em Belatrix. — O que ela queria na casa dos Dursley?

Mais uma vez, se sentiu afundar na cadeira. Pensou na oportunidade que perdeu de interrogá-la, afinal, havia possibilidade dela saber sobre o paradeiro de alguma Horcrux.

Qual seria o próximo passo? Se ao menos tivesse a quem pedir conselhos... E mais uma vez apertou em seu coração a dor da morte de Dumbledore.

Aquela tarde se passou sob uma indisfarçável tensão.

O Mistério do Uku Negro

Depois de algum tempo comendo e falando sobre o acontecido e sobre o casamento que iria acontecer no outro dia, todos foram para cama. Harry demorou a dormir, refletindo sobre Belatriz e o quanto de confiança que Voldemort deveria lhe depositar.

– Vamos, Harry! Temos que pôr os arranjos na fachada e descascar as amoras! — Chamava Rony enquanto puxava o lençol de Harry.

– Só mais um pou... — Bocejou. — ...quinho...

– Não, Harry! Já é quase meio dia. — Falou Hermione lhe entregando os óculos.

Harry vestiu o seu casaco verde que a Sr. Weasley tinha lhe dado no ultimo natal.

– Vamos... Falou ele se espreguiçando.

Eles desceram as escadas, enquanto Harry tropeçava de sono.

– Hermione, o que nos queria falar ontem que a Gina não pudesse escutar? — Indagou Harry de súbito.

– Ah, sim... Vamos até o jardim... — Sugeriu.

Lá fora, Rony olhou ao seu redor, certificando-se que nenhuma Gina apareceria novamente:

– Então, Hermione?

– É o Rufus. Não confio nele. — Disse um tanto sem jeito.

– O Rufus!? — Exclamou Harry.

– Francamente, vocês não notaram? Ele é bem estranho... Antes de vim para cá, vi um artigo no Profeta Diário dizendo que ele...

O Mistério do Ueu Negro

— Nem vem, Hermione... — Interrompeu Rony. — Rufus é obcecado pela prisão de bruxos das trevas... ele está do nosso lado!

— Mas é melhor ficarmos de olho nele. — Insistiu Hermione.

— Harry, quando vamos atrás das Horcruxes? — Indagou Rony mudando propositalmente de assunto. Rufus havia prometido uma promoção para o Sr. Weasley, por isso Rony o defendia.

— Primeiro teríamos que achar o verdadeiro medalhão, onde estaria, supostamente, a verdadeira Horcrux... — E acrescentou: — O que significa que pode estar em qualquer parte do mundo.

— O melhor caminho é descobrimos quem é R.A.B... — Arriscou Rony.

— Existem várias pessoas no mundo que possuem estas iniciais, será como procurar agulha no palheiro! — Alertou Hermione.

— Vamos associá-lo ao Voldemort, procurar alguma ligação... — Disse Harry pensativo.

— Você ainda precisa saber de uma coisa... — Lembrou Rony referindo-se à informação que lhe contaria no dia da lareira. — Harry, eu vi meu pai conversando com o Percy — que agora passava a visitar a família com maior frequência —, e eles estavam conversando algo sobre o véu negro, mas não escutei direito...

— E o que você acha que seja, Rony? — Perguntou Hermione em deboche. — Que foi descoberto um jeito de tirar as pessoas de lá de dentro?

— Não, só achei que...

— Pare de ficar dando falsas esperanças ao Harry, ele já tem problemas demais para perder tempo com uma coisa sem nenhum fundamento. — Disse em tom agressivo.

Harry apenas observava com os pensamentos distantes, voltar a ver o padrinho talvez fosse a coisa que ele mais desejava durante o último ano.

– Não foi bem o que quis dizer... O fato é que também ouvi falarem sobre você-sabe-quem ter se aliado a mais comensais... — Disse sentindo um frio nas espinhas.

Essa informação pareceu trazer Harry à conversa:

– São todos uns covardes...

– Isto é normal, Harry... — Amenizou Hermione. — Depois que Dumbledore morreu, ninguém mais se sente seguro. Aham que é melhor se juntar ao inimigo do que ter de enfrentá-lo...

– RONALD WEASLEY! — Berrou a Sra. Weasley da janela. — Deixe de conversa e venha me ajudar! Tem muitas coisas ainda para fazer, os convidados chegam em uma hora!

– Acho que isso também foi uma indireta para a gente, Harry... — Disse Hermione sem jeito.

Aos poucos a decoração ia ganhando a beleza de um casamento. Todo o jardim estava ornamentado com enfeites na cor azul petróleo, com um marrom dourado. Um altar de pedra branca foi posto na fachada da Toca e, em um lapso, Harry lembrou-se, vagamente, do funeral de Dumbledore.

Cerca de 200 cadeiras — ladeadas por imagens de gnomos assumindo papéis de anjos, cada qual com seu arco e flecha — foram ordenadas no jardim, todas com dois corações entrelaçados e com um grande W & D bordado em alto relevo. A grama foi cuidadosamente aparada e os duendes expulsos. Um grande tapete amarelo ouro se estendia até o fim da passagem dentre as cadeiras. Havia uma pequena arca de madeira, revestida por um tecido preto, aveludado, na qual a senhora Weasley fez questão de lançar um encanto que resultasse numa suntuosa e estridente canção de núpcias quando a caixa fosse aberta.

O Mistério do Ueu Negro

Os primeiros convidados a chegar, reclamando, como sempre, foram os gêmeos Weasley.

– Mas o que é isso!? — Berrou Fred, fazendo cena. — Vocês não colocaram os nossos castiçais encantados sobre as mesas dos convidados!

– Eles são tão lindos e tão encantadores. — Ironizava Jorge. — E vocês os tratam assim!?

Enquanto Fred e George colocavam os tais castiçais sobre a mesa, Gina exortava a idéia de colocar seu vestido prateado de dama de honra, com enormes laços acobreados.

– Eu não vou vestir isso! O que o Harry pensaria de mim?

– Gina, meu amor, o Harry não vai reparar nisso, afinal você é linda de qualquer jeito... — Argumentou a Sra. Weasley hesitante.

– Do que estão reclamando? — Indagou Fleur indignada. — Estão querendo dizerr que o vestido, que eu pessoalmente desenhei e mandei fazerr, é feio?

– Fleurrr, esses vestidos estão um horrrorr... — Falou Gabriele que também seria dama de honra e já estava vestida.

Depois de muito relutar, Gina colocou o vestido e pegou uma almofada vermelha no formato de coração onde estava posto duas alianças de ouro, e tratou de esperar os demais convidados cheguem.

Hermione, Harry e Rony finalmente conseguiram se reunir sozinhos novamente — e desta vez sem interrupções.

– Olhem o que saiu hoje no Profeta diário. — Disse Hermione ansiosa, apontando uma pequena e despercebida coluna envolta de anúncios de uma página do Profeta que ela mesma arrancara.

Harry leu em voz alta:

– “Um dos principais bruxos aliado do falecido Dumbledore, e ex-vice-diretor de Hogwarts, está com graves problemas de saúde. — Correu o olho pela matéria e continuou

a ler outro parágrafo: — ...hoje ninguém sabe sobre o seu paradeiro, pois ocorreram muitas tentativas de homicídio contra ele...”

– E o que isso significa? — Perguntou Rony.

– R.A.B. — Respondeu de imediato, como se isso fosse a coisa mais lógica.

– Mione, sua imaginação realmente me impressiona...

— Disse Rony encarando a garota com deboche.

– Devemos levar em conta todas as possibilidades, Rony. — Alertou Harry. — Supondo que seja mesmo ele, o que acha que devemos fazer, Mione?

– Se R.A.B. foi realmente aliado de Dumbledore, certamente a Horcrux do medalhão já foi destruída. — Refletiu Hermione. — Seria, então, uma a menos para nós procurarmos. Considerando isto, só nos restam destruir a cobra, a taça e a Horcrux que precisamos descobrir em qual objeto está.

– Eu quero me certificar de que o medalhão foi realmente destruído. — Disse Harry obstinado. — Para isso precisamos descobrir quem é R.A.B. e onde ele está.

Rony e Hermione entreolharam-se.

– Quem sabe ele não tem informações sobre as outras Horcruxes? — Reforçou Harry.

Suas expressões mudaram, agora pareciam concordar.

A conversa foi interrompida pela aparição de uma legião de convidados. Quim, Lupin, Tonks haviam chegado com uma série de pessoas das quais Harry lembrava-se de ter visto no Ministério da Magia, no dia em que foi julgado.

– Todas essas pessoas são...?

– Bruxas, sim. — Respondeu Harry à uma pergunta indignada de Tia Petúnia.

As roupas trouxas de Petúnia destacavam-se claramente dos trajes a rigor dos bruxos.

– Há também alguns lobisomens, vampiros e outros monstros. — Completou Harry propositalmente.

O Mistério do Ueu Negro

Petúnia olhou para Harry com grande arrependimento sobre sua pergunta.

O som de uma sineta foi ouvido.

— Pessoas, um momento, por favor! — Pronunciou-se a Sra. Weasley. — Quero que se acomodem nas cadeiras enquanto os convidados terminam de chegar.

Harry estava indo sentar-se quando alguém murmurou em seu ouvido:

— Eu e Tonks precisamos falar com você após o casamento.

A pessoa se afastou e Harry pôde perceber que se tratava de Lupin.

A professora McGonagal também estava presente. Ela estava mais pálida que de costume, usava seu chapéu pontiagudo e um vestido num tom alaranjado. Talvez, seu principal motivo de estar ali não fosse prestar homenagem aos casados, mas sim, com a permissão do Sr. Weasley, fazer tal pronunciamento:

— Estamos todos reunidos hoje para partilhar e gerar um pouco de alegria em nossos corações nesses tempos difíceis... — O barulho diminuía rapidamente. — Como aqui há muitos convidados, não vejo lugar melhor para dar esta notícia. Desta forma, gostaria de comunicar a todos vocês que, com o apoio de nosso Ministro, Aurores, Professores, Alunos e Pais — o vozerio cessou completamente —, Hogwarts estará novamente de braços abertos para os bruxos discentes...

Foi interrompida por gritinhos de vibração, mas quando os comentários sobre o fato iniciaram, foi a vez de McGonagal interromper:

— Contudo, a segurança terá de ser dobrada na região da escola e algumas normas terão que ser mudadas. — Agora seria impossível ter a atenção recuperada. — Isso não é assunto para hoje, hoje é dia de festa...

Rufus também quis falar alguma coisa, mas a agitação não permitiu.

Harry não desejava regressar à escola, tinha preocupações mais importantes que estudar herbologia ou o trato de criaturas mágicas.

– Mione, temos que treinar você para o teste de quadr...

— Disse Rony sem ver que Harry estava às suas costas.

– Quadrúpedes. -Interrompeu Hermione, avistando Harry.

– Vai estudar criaturas esse ano? — Perguntou Harry intrigado, deixando Rony pálido com o susto. — Não esqueça dos NIME's, Hermione. — Disse Harry preocupado demais para perceber o alívio de Rony.

– Tem razão, Harry. Talvez seja melhor dispensar esta matéria. — Disse Hermione fingindo compreensão. — Mas vamos ouvir o Rufus...

Ninguém ouvia o que o Ministro falava, talvez, nem ele mesmo.

Gina estava radiante. Apesar do vestido, sentia-se bela e aproveitava disso para, vez em quando, passar por Harry fazendo charme.

Subitamente, um pequeno velho aparatou ao lado de Scrimgeour. Tratava-se do “duende-padre” e chegara para celebrar a missa. Sob os olhos de Harry, ele era um pouco parecido com os duendes de Gringotes, mais alto, talvez. Ajudado pela batina preta, seu semblante era inegavelmente triste.

Logo o silêncio reinou novamente, pois a Sra. Weasley abriu a arca encantada no momento que os noivos entravam, sob pétalas de rosas, pela passagem entre as cadeiras. Era como se todos estivessem apaixonados, inclusive Hermione que, sem perceber, pousava a sua mão na de Rony. Assustado e sem jeito, ele virou a cara.

O Mistério do Ueu Negro

A cena dos noivos e as damas de honra entrando causou um breve momento de paz e harmonia entre todos — as rosas só pararam de cair quando o Duende começou a falar:

– Bem, bem... um matrimônio sempre é bem-vindo, mas é bom lembrar que não é só de alegria que vive o casamento, ainda existem muitas coisas que...

As palavras entravam e saíam pela cabeça de Harry. Pensava em Gina agora com mais frequência e, mesmo sabendo que não poderia continuar seu relacionamento, seu coração não conseguia mais suportar a ausência dos beijos da pequena Weasley.

Harry avistou Umbriges cochichando com Scrimgeour e percebeu que esta seria uma ótima oportunidade para os comensais atacarem, afinal, estavam quase todos da Ordem e muitos voluntários para acabar com Voldemort, todos reunidos e com toda a atenção voltada para o casamento. Ao menos, foi o que Harry pensou, pois, logo em seguida fitou um Lupin receoso e atento a qualquer movimento. Harry olhou à sua volta e percebeu que, por trás das árvores, ao longo da Toca, havia mais três aurores de prontidão.

Ele se deu conta do que se passava no casamento quando os noivos se beijaram, seguidos de um estrondoso aplauso.

Havia alguns fotografos do Profeta Diário e uma desocupada Rita Skeeter que conseguiu se aproximar de Harry:

– Olá, querido, como vai!? É verdade o que dizem por aí? — Sua pena de repetição rápida aguardava pelo menor suspiro de Harry.

– E o que é que dizem por aí? — Indagou Harry sem paciência.

– Oras, não se faça de bobo. — Disse-lhe piscando um olho. — Todos já sabem que você irá trabalhar no ministério ao lado de Scrimgeour...

– Eu nunca iria... — Harry ficou vermelho, mas não teve tempo de responder porque Gina, percebendo a situação, arrastou Harry para tirar algumas fotos ao seu lado.

– Harry, venha aqui tirar uma foto com os noivos! — Chamou Molly empolgada.

Harry odiava tirar fotos.

O dia se seguiu alegre e festivo, sem muitos problemas..

Os membros da Ordem ainda estavam atentos a qualquer movimento suspeito.

Outro dia amanheceu e todos demoraram a levantar de suas camas, exaustos pelo dia anterior.

Já não tinha como não se contagiar com a imensa alegria que abençoava, naquele momento, a Toca, Harry acordou sentindo-se bem melhor.

Quando todos estavam na mesa para tomar o café, não havia outro assunto senão sobre a reabertura de Hogwarts.

– Temos de ir ao beco diagonal comprar os materiais escolares. — Dizia a Sra. Weasley enquanto fritava ovos com bacon. — Quando será que enviam a lista de tudo?

– Não estou preocupado com os materiais, mas sim com quem será o novo professor de Defesa contra as Artes das Trevas... — Disse Rony pensativo.

– A Minerva já deve ter dado um jeito nisso. — Falou o Sr. Weasley. — Então, meninos, estão animado com a volta as aulas?

Ninguém respondeu. Harry demonstrou impaciência.

– O que houve, Harry? — Perguntou o Sr. Weasley.

– Ele não tem certeza se quer voltar para Hogwarts... para falar a verdade, eu também não sei se...

– Como assim? — Perguntou Molly interrompendo Hermione.

Harry gaguejou antes de responder, e Hermione ajudou-o:

O Mistério do Ueu Negro

– Ele sente muita falta do professor Dumbledore e não suportaria voltar lá este ano... E eu também...

– Claro... eu... não suportaria...

Molly e Artur entreolharam-se. Em seguida fitaram Rony que, simplesmente, calou-se, afinal tinha a mesma coisa em mente.

Harry não tivera muito tempo para pensar durante o resto das férias de verão. Foi extremamente difícil convencer os Srs. Weasley a não intervir na vontade de Rony e de Hermione de não voltar para Hogwarts naquele semestre. No fim, os Srs. Weasley terminaram por deixá-los de mão, afinal, já eram bruxos de maiores de idade.

Harry teve de suportar as indagações de Gina sobre sua decisão e, ainda, convencê-la a não acompanhá-lo:

– Nada feito, Gina. Assim que você embarcar no expresso de Hogwarts, eu vou para o largo Grimmauld, afinal eu não posso deixar a casa do Sirius abandonada...

Ao contrário do que imaginou, Gina voltou a insistir no assunto outras vezes. Certa vez deixou-a falando sozinha no jardim e, antes de entrar, viu um arbusto pegar fogo. Harry olhou de esguelha para a garota que segurava firme a varinha na mão.

O clima entre os garotos estava tenso. Apesar de tudo, os três queriam voltar para Hogwarts, mas a última tarefa concedida por Dumbledore os impedia.

Numa manhã qualquer, Harry leu na primeira pagina do Profeta: “Julgamento de Bellatrix será amanhã”.

A notícia trouxe à mente de Harry mais uma preocupação. Eles teriam que tirá-la de Azkaban para realizar o julgamento, o que aumentava as chances de um ataque de um comensal para resgatá-la.

As corujas com a lista de materiais havia finalmente chegado. A Sra. Weasley tentou novamente, com resultados frustrados, fazer com que os garotos mudassem de idéia. O que

O Mistério do Ueu Negro

lhe incomodava era o fato de não haver motivos, segundo ela, para tal decisão.

– O que você está planejando, Harry? — Perguntou Rony servindo-se de torradas.

Harry suspirou, balançando a cabeça.

– Gostaria de visitar Dumbledore... — confessou. — Mas antes preciso ir até a sede da Ordem.

– Minha mãe ficará maluca se deixar o Monstro aqui, tem que dar um jeito nele — disse apreensivo.

– Não se preocupe, irei levá-lo comigo. Ao menos me obedece, mesmo que obrigado...

– Certo, então. — Respondeu aliviado.

Após o café da manhã os três trancaram-se no quarto de Rony para planejarem algo bastante perigoso.

– E como entraremos no Ministério sem ninguém perceber, Harry? — Perguntou Rony intrigado.

– Harry, isto é loucura, amanhã o Ministério estará cheio, não haverá jeito de não sermos notados!

– Temos a capa da invisibilidade, Hermione.

– Era só o que faltava, Harry! Se ainda não percebeu, não somos mais crianças. A capa não consegue esconder o Rony sozinho, imagine nós três!

– Não se preocupe, eu já cuidei disso. Não perderia o julgamento de Bellatrix por nada neste mundo — disse com um indistigável ódio na voz.

– O que você pretende? — Perguntou Rony interessado.

– Amanhã irão saber...

– E o que iremos dizer aos pais do Rony? Temos que dar alguma satisfação! — Alertou Hermione.

Rony concordou e, antes que Harry pudesse perceber, duas corujas batiam seus bicos na vidraça.

Harry adiantou-se para abrir as janelas do quarto e notou que cada uma trazia um bilhete com o timbre do Ministério.

– Para quem são estes bilhetes? — Perguntou Hermione.

Harry leu o verso de cada sobrescrito e entregou um a Rony:

– Um é para mim, este outro é seu, Rony.

Harry abriu o pedaço de pergaminho velho e escuro, lendo-o em voz alta:

*“Sr. Potter,
Aguardamos você para o nosso primeiro teste de aparatção que será realizado em Manden Sufli, espaço 28, às 7 da manhã do dia 12. Não falte, pois poderá ficar sem seu certificado.*

*Grato,
Ministério da Magia.”*

– O meu diz o mesmo — informou Rony.

– O teste de vocês será amanhã...

Harry teve sua face tomada por um largo sorriso:

– No Ministério. Isto quer dizer alguma coisa, não é verdade?

– É o que diremos aos seus pais, Rony — disse Hermione ainda incerta sobre tal idéia.

Estavam nervosos com a perspectiva de sair alguma coisa errada, e por isso a tarde demorou a passar.

Ficou combinado que Artur os levaria até o Ministério e de lá eles poderiam desviar o caminho até a sala do julgamento.

Eles acordaram bastante cedo no dia seguinte, afinal, não conseguiram dormir durante a noite, em especial Harry, que tramava uma forma de se aproximar de Belatriz a fim de obter, de qualquer forma, alguma informação sobre Voldemort.

O Mistério do Ueu Negro

– É, eu acho que já está na hora... — disse o Sr. Weasley. — Bom garotos, vamos no carro do Ministério.

– Boa sorte na teste, garotos — Disse Fleur que já estava acordada e ajudava a Sra. Weasley na cozinha, que preparava a segunda remessa do café da manhã.

Não se escutava mais ruídos na toca quando o Sr. Weasley arrancava o carro para os céus.

Não tardaram a chegar no Mistério. Fizeram o rotineiro percurso passando pela cabine telefônica até o saguão de entrada, quando o Sr. Weasley abandonou-os para ir trabalhar:

– Sigam direto por aquele corredor, lá serão realizados os testes — disse ele. — Hermione, cuide deles. Boa sorte para os dois.

– E então, Harry, o que faremos agora? – perguntou Hermione quando o Sr. Weasley se afastou.

– Oras, o quê mais? Assistiremos ao julgamento de Belatriz.

Hermione fez cara como se aquela resposta fosse óbvia:

– Onde, e como?

– Ela é uma comensal, com certeza será julgada no Departamento de Mistérios.

– Ok, temos que chegar lá sem que ninguém nos veja... — alertou Rony.

– Venham comigo.

Harry levou os dois para um banheiro masculino.

– O que vai fazer, Harry? — perguntou Hermione.

Harry tirou sua capa de invisibilidade do bolso, e com a mão direita apontou sua varinha:

– *Engorgio*.

De súbito, a capa aumentou seu tamanho, deixando Hermione boquiaberta:

– Esse foi o feitiço mais idiota que alguém pôde fazer...

Harry sorriu enquanto cobria os três.

Confortáveis, caminharam, com o cuidado de não esbarrar em ninguém, até o grande recinto, oco e sombrio. Conseguiram entrar sorrateiramente enquanto um bruxo do júri estava entrando. Harry, Rony e Hermione se apertaram em um canto do banco mais alto, e então Rufo Scrimgeour entrou. Depois Quim e outro Auro que Harry não conhecia, entraram segurando Belatrix, com cordas conjuradas de suas varinhas, eles a colocaram em uma cadeira com correntes que se localizava ao meio da sala, onde Rufo começou a falar.

– Aurores aqui presentes, vamos começar outro julgamento, de outro comensal!

Harry se debateu dentro da capa e sussurrou:

– Como assim outro comensal?

– Harry fica quietinho aí, se não quem vai para Azkaban somos nós.

– O Stanislaw Shumpike foi condenado a passar 38 anos em Azkaban por falta de provas, então essa aí, em minha opinião não ficara menos que 100 anos. — Completou um bruxo de capa preta e olhos vidrados a uma pequena poção em sua mão.

– Mas não depende só da sua opinião, Ramon. Falou um bruxo loiro que se encontrava na cadeira ao lado de Scrimgeour.

– Gente vamos começar logo o julgamento, não quero ficar muito tempo olhando para essa assassina. — Disse outra bruxa desconhecida por Harry.

– Fiquem quietos, temos que escutar a Condenada. — Disse Rufo nervoso

– O ódio! — Exclamou Rony com uma cara de nojo.

– Não quero ser a julgada aqui! — Disse Hermione um pouco mais alto.

Eles não conseguiam ouvir o que ela dizia, ou tentava, Harry percebeu que havia um copo pela metade na mesa a frente de Bellatrix, ele teve certeza que era a poção da verdade,

O Mistério do Uru Negro

ligeiramente aquela cena lembrou de vez quando ele caiu na penseira de Dumbledore, quando viu antigos comensais sendo julgados...

Bellatrix finalmente foi julgada por torturar até a insanidade os pais de Neville, mas antes de encerrar, Rufo fez uma última pergunta:

– Onde ELE está?

Ela ficou quieta, certamente não queria responder, um auror alto, pele de meio tom, e cabelos grisalhos até o ombro a fez beber mais um pouco da poção.

– Onde ELE está, Bellatrix?

– Eu não sei. — Eles se entreolharam, ela não poderia mentir sobre efeito do veritaserum.

– Como podemos chegar até você-sabe-quem?

– Snape! Ele sabe.

Houve um ligeiro ‘blá, blá, blá’ na pequena sala, Harry viu a porta se abrindo... — na mesma hora se lembrou de seu teste de aparatação —...apareceu Snape, encurralado por mais dois aurores e acorrentado da mesma forma que Bellatrix, foi conjurada uma cadeira para Snape ser acorrentado. Então Rufo se pronunciou:

– Severo Snape, testemunha e segundo á ser julgado hoje pela morte de Alvo Dumbledore...

Harry não conseguiu prestar atenção no que Rufo continuava a dizer, pois Hermione começara a falar com ele *“vamos Harry, você não quer perder o teste de aparatação, está em cima da hora?”*

– Mas Hermione? Quero saber onde o Snape foi encontrado e ver o julgamento dele.

– Vamos aproveitar enquanto a porta ainda está aberta Harry.

A porta ainda estava aberta, pois mais aurores entravam para garantir a segurança.

Então Harry teve a idéia para poder continuar a saber sobre o julgamento e não perder o teste de aparatação...

– Hermione Granger! — Falou um Harry nervoso e exigente. — Você ficara aqui e terminara de ver o julgamento, enquanto eu e o Rony vamos aos nossos testes.

– Harry você ficou louco, como quer que a Mione fique sozinha aqui? Perguntou Rony colorindo a cara com uma espécie de vermelho claro.

– Harry o Rony esta cert... — Hermione não conseguiu terminar seu comentário, pois Harry tinha lhe tapado a boca com as mãos.

Uma aurora caminhava em direção aos garotos que tremiam aleatoriamente e que prendiam até a respiração. A aurora com o rosto coberto por capas como a maioria dos outros, encarou para o canto que se encontrava imóvel e quieto.

– Harry, vamos! — Disse Rony com sua voz extremamente baixa.

Harry dessa vez obedeceu ao garoto que ainda estava avermelhado. Todos se levantaram e foram em direção à porta que já não passava mais ninguém, e se fechava lentamente.

– Severo Snape! Porque você ainda diz ser inocente? — Perguntou Rufo com uma cara de angustia e duvida esfregando a mão que suava.

– Não digo que sou inocente. — Falou Snape vagarosamente. — Sou culpado, sim! De ter matado nosso ilustríssimo Alvo, mas...

– Agora nós diga onde esta o Lord! — Perguntou um auror que já havia se levantado com a veritacerum.

– Não sei onde está o Lord! Não o vi! — Disse Snape com um sorriso manipulador.

– Dê a poção a ele Ramon! — Exclamou Rufo ao ver a porta se abrir e fecha rapidamente. — Alguém, alguém nós espiava! Vá Tonks, rápido.

O Mistério do Ueu Negro

Tonks saiu correndo pela porta á fora, atrás de alguém suspeito. Os meninos já estavam na cabina telefônica quando escutaram uma explosão no andar de baixo, que os fizeram ficar ainda mais temerosos.

– Rápido Harry, rápido! — Gritou Tonks acompanhando os garotos e correndo para trás de um prédio desgastado e destruído que eles haviam escondido as vassouras anteriormente.

– Tonks, como você sabia que éramos nós? — Perguntou Harry afoito e ofegante.

– Depois explico Harry! — Disse ela. — Agora temos que nós preocupar com a Belatrix e o Snape, que acabaram de fugir.

– Mas...

As palavras não conseguiam sair da sua boca. *“Como? Não pode...era um salão repleto de aurores...a não ser que...”* Esse pensamento entrou na sua cabeça com tão força que Harry chegou a ficar zozzo.

– Tonks... (seu olhar excitante)... Não, não eu devo estar errado.

– O que é, Harry?

Harry notara que os olhos de Rony e Hermione refletiam o que ele acabara de pensar, então com calma falou:

– Não tinha possibilidade de Snape e a Belatrix fugirem daquele lugar a não ser que...

Antes que concluísse Tonks o interrompeu:

– Não Harry, não acho que Você-sabe-quem tenha a audácia de ter vindo causar essa fuga... Apesar de que todos nós sabemos que ele é capaz de tudo, mas acho que não ia se expor tanto assim, ele age por meio de suas crias...aquele... Harry já não prestava atenção nas palavras de Tonks, realmente ela devia estar com a razão, Voldemort não se demonstrava em público assim...

Harry e os outros sairá dali meia hora depois do silêncio se espalhar novamente pela rua.

– Harry vou levá-los para a área de teste do Ministério!

— Exclamou Tonks olhando profundamente para cabine telefônica!

– Certo, Tonks! — Disse Hermione antes de Harry abrir a boca!

– Harry eu ficarei muito grata se o ministério não souber o que fiz! — Falou Tonks, novamente limpando as pernas. — O ministério deve estar em um trabalhão! Creio eu, que não vai ter o teste hoje!

Quando Tonks acabou de falar, veio um homem que Harry já tinha visto no ano anterior para as aulas de aparatção.

– Bom dia Sra. Tonks. Olá, Sr. Potter. Srta. Granger?

— Neste momento Rony acabara de perceber que o bruxo não acenaria.

– Estão aqui o Harry e o Sr. Weasley para o teste! — Disse Tonks empolgada ao ver a cara de rancor de Rony.

– Claro, aguardem ali junto com os outros. — Apontou o bruxo baixinho e ranzinza com o olhar para um grupo de no máximo trinta alunos que estavam a vagar pelo campo verde e cintilante, um pouco distante dali.

Não demorou muito para Rony e Harry estarem em pé ao lado de vários adolescente que tremiam e suavam frio. Hermione estava ansiosa para ver o resultado, logo após Harry aparatar vinte metros dali, e Rony ir ainda mais certo, caindo em pé no circulo que estava localizado ao lado de Harry, e não esquecendo sobancelhas nem pedaços de orelha no caminho. Depois de muitos Destinarem, Harry e Rony recebiam os resultados e descobriam que os dois haviam passado no teste de aparatção, mas o julgamento e a fuga ainda incomodava Harry profundamente...

Como Snape e Belatrix haviam fugido, ninguém sabia, o caso parecia ter sido abafado pelo ministério, pois naquela

O Mistério do Ueu Negro

tarde, durante os teste ninguém comentava nem falavam nada, nem mesmo o profeta Plantão tocara no assunto.

“Como eles escaparam assim entre os dedos do ministério?”. O pensamento de Harry foi interrompido por Gina que batia a porta do quarto na manhã seguinte.
– Entra. — Disse Harry se levantando da cama e ficando de pé.

– Harry meu amor, a mamãe está retada com você, deu a maior bronca no Rony e na Hermione lá em baixo, por vocês não chegarem para o jantar e ainda subirem sem explicações de onde estavam e porque demoraram.

– Gina, pode deixar que eu falo com a Molly no café.
– Outra coisa Harry... Você tem certeza que não vai voltar para a escola...

– Já disse que não Gina... Aliás queria falar com você sobre a nossa conversa no ano passado no enterro de Dumbledore... — Aquelas palavras corroeram as entranhas do garoto.

– Eu também Harry, tenho que dizer que...
– Espere, não podemos ficar juntos, não adianta mais, é muito perigoso, eu também gosto de você Gina, mas não posso, não posso mesmo. — Nesse momento ambos se desaguaram em lágrimas. — Não sei o que deu em você... Você tem agido como se continuássemos juntos... Sabe que não queria fazer isso, mas... É preciso...

– Agora é minha vez de falar... — coçou o olho — ...lembra quando eu disse que nunca tinha desistido de você? E ainda assim, você acha que todo esse tempo me fez mudar de idéia? Nunca vou te abandonar Harry... E não tente me impedir! Sei sobre as Horcruxes, foi difícil descobrir é claro, e não sei detalhes, mas quero lhe ajudar no que você precisar. Por que eu te amo, e nada vai mudar isso... nem a sua nobreza, nem Voldemort... Nada! — Gina já sorria em meio a lágrimas. Harry olhou profundamente nos olhos dela e se aproximou vagarosamente, as bocas não estavam mais distantes e se

Obliviadores de JK

aproximavam cada vez mais. Algo que Harry não sabia o que era empurrava sua cabeça ao encontro dos lábios úmidos e calorosos de Gina. Aquele beijo ficaria marcado na memória dos dois daquela dia, para sempre.

Um grito distante ecoou pela Toca, então Harry e Gina se separaram rapidamente, Harry parecia acordar de um sonho que estava se passando, parecia que todos seus problemas tinham se acabado... O mundo nunca foi tão bonito, a Toca nunca foi tão encantadora...

– Gina. — Disse a Sr. Weasley irrompendo na porta. — Você vai se atrasar para pegar o trem, já são 10h00min...

– Mamãe eu não vou. — Disse Gina, seu olhar indo rapidamente fixar o de Harry, se voltou para a mãe e completou. — Vou seguir com Harry, o meu amor!

– Bom sei que não adianta insistir, mas pense é seu futuro que está em jogo...

– Já pensei muito mamãe, e já decidi.

– Ok. — Disse Sr. Weasley visivelmente contrariada. — Venha nos ajudar a preparar o almoço, então.

Um forte estalo se concretizou entre Harry e Gina. Rony estava tenso e preocupado ao entrar no quarto, e ao ver Harry sorridente e pensativo.

– Tenho de falar com você.

Harry reparou no jornal que ele trazia na mão, e constatou que devia ser sério o que ele vinha lhe falar.

– Fale... O que tem aí? — Disse Harry fazendo um gesto mudo que indicava o jornal.

– Nada... Não é nada sério...

– Como assim?

– Quer dizer... é sério... Bem é que hoje estava conversando com a Mione... e...

– O que tem a Mione? — Perguntou a Rony.

– É... Bem... — As orelhas de Rony ficavam cada vez mais

vermelhas. — A gente se beijou. — Falou o garoto num sussurro rápido e quase sem voz.

Harry abafou uma risada e quando Rony abriu a boca para protestar, a porta escancarou e Hermione entrou no quarto olhou para Harry, murmurou um ‘oi’ e evitou o olhar de Rony falando para o chão:

– Por favor, me dá o jornal.

Harry pegou o jornal da mão de Rony que parecia imóvel e o colocou na mão de Hermione que procurava algo para se distrair. Depois de algum tempo, ela soltou uma exclamação, dobrou o jornal e leu:

“R.A.B. se recupera bem, e já pode receber visitas no 4º andar do Hospital St. Mungus”.

– Hermione! — Falou Rony espantado com a notícia que ele não tinha achado em duas horas e Hermione conseguiu em dois minutos. — Onde isso esta escrito?

– Rony, esta logo aqui na contracapa com letras grandes e negras. — Falou ela com Rony pela primeira vez depois do tão angustiante beijo.

– Me deixa ver Mione! — Exclamou Harry puxando o jornal para o alcance de seus óculos. — Será este o dono do medalhão? Porque não tem nenhuma foto e não fala ao certo o nome?

– Harry, deve ser uma maneira de manter a identidade secreta! — Falou Rony já encarando Hermione nos olhos.

– Gente! — Disse Harry espantado olhando mais profundo o jornal. — Escutem isso.

“Foi encontrada morta e degolada a bruxa de nome Roberta Agouros Baixe, perto do colégio de Hogwarts na rua Hogmeasd em frete ao bar de nome Cabeça de Javali, ela foi vista a essa manha por três bruxos aurores que andavam por ali.

O Mistério do Ueu Negro

Os professores do colégio de Hogwarts estão fortalecendo a segurança das entradas e passagens, pois hoje deu inicio ao ano letivo.

“A bruxa pouco antes de morrer teve uma breve conversa com seis homens encapuzados, segundo testemunhas.”

— Harry? — Perguntou Rony alucinado com o tanto de informações que ele não havia encontrado. — Isso você inventou, não é?

— Rony, cala a boca! — Gritou Hermione retomando o jornal e lendo depressa. — Harry, isso significa que existem varias pessoas vivas com essas iniciais, como eu mesmo disse ano passado.

— É isso, Hermione! — Falou Harry pensativo. — Mas o que me perturba é logo uma pessoa com essas iniciais vim a ser morta, logo agora que sabemos da Horcrux.

— É Harry! Será que a Bela...

— Pode ser Rony! — Exclamou Harry angustiado, tentando procurar algo profundo em suas mentes que respondesse tal pergunta. — Ela estava... estava usando legilimência... e eu nem percebi.

— Como assim Harry? — Perguntou Hermione relendo a notícia.

— Por que ela iria à casa dos meus tios? — Disse ele ainda matutando. — Ela estava vasculhando a minha mente. É por isso Hermione, ela sabe que nós estamos atrás de algum R.A.B.!

— Harry, se for assim, temos que ir logo ao Hospital... ver esse R.A.B. do jornal. — Hermione falou olhando diretamente para Rony e já simpatizando com ele. — Antes que alguém resolva fazer isso primeiro.

– Claro Mione! — Harry falou olhando o jornal para ver se encontrava mais alguma coisa. — Vou hoje a tarde mesmo.

– Harry! — Exclamou Rony. — Não podemos sair assim sem que ninguém nos veja, mamãe pode não deixar, ela deu a maior bronca em mim e na Hermione essa manhã, por chegar tarde ontem.

– Rony, sua mãe não manda no Harry! — Disse Hermione constrangida. — Nós vamos sim, Harry.

– Eu sei, mas nós temos que dar uma desculpa para eu também poder ir. Mamãe não iria me deixa sair assim atrás de um Horcrux.

– Rony, o problema é seu!

– Não, Mione, o problema não é só do Rony. — Disse Harry ao ver a cara medrosa e enraivada do garoto. — Eu gostaria de fazer isto sozinho, e vou só, não adianta me pedir para irem comigo, pois não vou deixar!

– Mas, mas Harry... — Hermione interrogou com a cara de angustiada. — Você disse que poderíamos ir... ir com você!

– Eu disse sim, mas mudei de idéia! Não quero ver vocês em ar puros, por minha causa. E não adianta ficar me pedindo.

– Harry, mas Harry...

– Já disse Rony! E vamos parar de falar que alguém vem aí subindo as escadas.

Rony e Hermione se entreolharam, cruzaram os braços e começaram a bater o pé no chão, como se tivessem ansiosos por algo, enquanto Harry folheava o profeta.

– Gente, tem uma péssima notícia.

– O que foi Gina? — Perguntou um Harry preocupado ao ver Gina entrando e andando pelo quarto em direção a janela onde mostrava um céu negro.

– Harry, papai e mamãe disseram que eu tinha que voltar a Hogwarts, se não eles, eles... — Disse Gina, já ao lado

O Mistério do Ueu Negro

de Harry e ignorando Rony e Hermione, que ainda estavam bravos a si próprios. — Melhor não dizer Harry, mas vou ter que voltar pro colégio, mas saiba, sempre estarei com você...

— O que aconteceu Gina? — Perguntou Harry, enquanto ela sussurrava algo contemplando a paisagem, ninguém conseguiu ouvir o que ela dissera. — Fala, olhando para mim... — Eles vão me proibir de namorar você! — Desabafou ela ao encarar Harry nos olhos, e fez-se uma cara triste. Harry não sabia o que fazer, tinha vontade de gritar com o Senhor e a Sra. Weasley, mas por outro lado achava assim melhor, afinal se ela o seguisse em sua jornada correria perigo mortal. Ele olhou triste para Gina e disse:

— Será melhor assim, meu amor, você estará segura. — Seus olhos encheram de lágrimas e mutilaram o olhar apelativo da garota. — Gina, pense no lado bom, depois desse ano você poderá fazer magia fora de Hogwarts e também poderá aparatar e assim poderá ajudar-me, lembra do ano passado que lhe disse que não podíamos mais namorar? Estava com o coração totalmente amargurado, mas será melhor assim.

Hermione e Rony, sem Harry notar, já tinham saído do cômodo para deixar os dois sozinhos, Gina que estava com os olhos cheios d'água começou a chorar, deu um abraço caloroso e forte em Harry que falou nostálgico.

— Gina... um ano não demora a passar. — Harry já se convenciu que Gina seria sua amada mesmo com os perigos e angústias que viesse a acontecer, a garota se soltou dos abraços dele e disse vagarosamente:

— Às vezes Harry, você é tão maduro! — Em meio a tanta agonia os dois deram um sorriso de canto de boca e se beijaram, agora já alegres.

— Gina...vou procurar Rony e Hermione, já volto. — Falou Harry soltando os lábios da garota e percebendo a falta dos amigos. — Antes de você ir a Hogwarts, preciso lhe esclarecer uma coisa.

— Sim... — Sussurrou ela quase inaudível. Harry então desceu as escadas correndo, ele não estava escutando aqueles barulhos de sempre, não ouvia nenhum zunido na casa.

Todos tinham saído, isso não poderia esta acontecendo, como o deixariam sozinhos assim? Com tantos perigos rondando lá fora... Começou então a sair correndo pela casa a procura de seus dois amigos. Não demorou muito para ele chegar a cozinha e se deparar com uma cena que ele não sabia se ria, ou se falava alguma coisa, na verdade ele queria interromper aquele momento com uma grande gargalhada, mas Harry saiu aos vagarosos passos para que não lhe vissem. — Por que você me empurrou? — Perguntou Hermione olhando os olhos de Rony fixados em Harry. — Harry, não é nada que você esta pensando! — Hermione se apresou em falar e se afastava o máximo de Rony. — Ele que me puxou.

— Eu não to pensando em nada. — Mentiu Harry, que se afastava cada vez mais da sala.

— Num aconteceu nada. — Disse Hermione. — Só um impulso nada de mais.

— Nada de mais? — Disse Rony encarando a garota de frente. — Você me puxou e....

Harry num ouvia mais nada... tinha deixado os dois discutindo lá embaixo e sem eles perceberem, subiu as escadas e voltou para ver se encontrava Gina ainda no quarto. De repente a Sra. Weasley, segurando uma vassoura doméstica, apareceu saindo do quarto onde estava Gina.

— Senhora Weasley? Onde a senhora estava? Eu estava lá embaixo e não vi ninguém subir.

— Entrei pela janela, Harry... Precisamos falar com você, com todos vocês... Daqui a pouco Arthur chega pro almoço e vamos falar... Não é nada de mais... — Disse vendo a cara desfeita de Harry. — Vamos para Sede da Ordem... a McGonagall quer nos reunir mais uma vez... E vai ser esta

tarde... mas depois conversamos... — Molly parecia muito ofegante.

Gina estava por perto e olhou assustada para Harry... Sabia que notícias boas não estavam por vir... Principalmente pelo fato de dois comensais conseguirem fugir do ministério embaixo dos olhos de todos...

Harry foi correndo para o quarto, verificar pela milésima vez o Profeta, ele nem notou a presença de Gina que o olhava assombrosamente. Na última folha ele leu uma notícia que dois dragões tiveram sido mortos por Dementadores na noite anterior... E a manchete dizia:

"Dementadores: se divertindo ou atrás de algo muito precioso"

Tudo ficou confuso para ele, 'como tanta notícia de coisas ruins poderiam vim em apenas um dia? Porque será que Voldemort estaria atrás de dragões?' Se perguntava isso bem na hora que Gina se aproximou e pronunciou-se pela primeira vez depois da entrada de Harry no quarto.

— HARRY!! Estão te esperando.

— Ah é Gina. — Disse ele metendo o jornal no bolso e sendo puxando pela mão da garota. — Vamos!

Quando eles chegaram à cozinha, viu o Sr. Weasley, Tonks e Lupin ao lado esquerdo da mesa, Rony e Hermione estavam nas cabeceiras, o mais afastado possível.

— Oi Harry. — Disse Tonks e Lupin, que foram retribuídos com o mesmo carinho. — Estamos partindo meninos, em meia hora vamos para a Sede.

— Por isso. — Disse Lupin. — Arrumem o que precisarem pelos próximos dias, já que não vão a Hogwarts.

— Não se preocupem, queridos... — Disse a Sra. Weasley. — Amanhã vamos todos para o beco Diagonal e sua tia Harry, vai voltar para casa dela, Gerins ficará vigiando por lá, terá pó de flu e um auror a disposição, não se preocupe com ela.

Harry pensou profundamente, nem era com a tia que ele se preocupava, e sim um pensamento que não saía de sua cabeça, como agora ele iria para o hospital, teria que contar sobre as Horcruxes? Na verdade ele não gostaria de continuar visitando a casa de seu padrinho, traria lembranças que doeriam em seu coração...

— Meninos vão arrumar os malões. — Disse a Sra. Weasley. — Por que sairemos bem cedo amanhã. E Gina, ande depressa, pois você ira ainda mais cedo para o colégio. Ele, Rony, Hermione e Gina se entreolharam e foram para seus quartos arrumar suas coisas... Rony e Hermione ficaram satisfeitos em saber que Harry não sairia sozinho, pelo menos teria que estar na Sede.

Rony e Harry foram fazer suas malas no quarto deles, enquanto as garotas continuavam a subir as escadas. Harry ainda estava pensativo, seria muito difícil sumir do beco diagonal sem que ninguém desse conta. Ele não queria perder aquela tão forte informação sobre quem era R.A.B.. Rony sabia o que Harry ia falar, quando o garoto abriu a boca.

— Eu tenho que ir ao hospital, Rony. Tenho que pensar num modo de sumir da sede, ou melhor, do beco diagonal.

— Mas... Harry, isso é muito arriscado...

— Não... Eu tenho que ir... Tenho que achar os Horcruxes e tenho que saber quem é esse R.A.B. que esta no hospital, que era tão amigo de Dumbledore. — Uma alucinante angustia pairou no peito de Harry ao falar o nome do diretor tão querido.

Harry agora estava jogando as roupas no malão, enquanto Rony mal se mexia, incrédulo no que Harry dizia.

— Eu não acre...

— Sei que é arriscado... talvez seja bom usar a capa... a capa de invisibilidade.

— Mas... Harry! — Disse Rony, que finalmente começava a se mexer e arrumar o malão. — Você não vai

O Mistério do Ueu Negro

consegui sair daqui sem ninguém perceber que você desapareceu. — Rony agora colocava o casaco marrom do ultimo natal no baú. — Eu ouvi mamãe dizer que quando formos vai todo mundo junto e que vai tomar muito cuidado, vai ter muitos aurores lá disfarçados de trouxas.

No mesmo momento a porta bateu... Hermione entrara rapidamente e perguntando.

– Vocês já estão prontos? — Ao perceber o silêncio que estava no ar, e as caras de Rony e Harry, ela indagou. — O QUE ta acontecendo?

– O Harry esta querendo visitar R.A.B. no hospital, Hermione.

A cara de Hermione que estava quando entrou, mudara completamente, ela abriu a boca para falar, mas Harry a interrompeu:

– Eu sei, Hermione, que é perigoso e tal... Mas eu quero que vocês dois me façam um grande favor quando formos ao beco diagonal...

– Claro Harry! — Disse Rony. — O que é que eu tenho que fazer?

– Harry o que são esses cacos de vidro no seu baú. — Perguntou Hermione olhando profundamente o malão de Harry.

– Ah, Hermione, é um espelho idiota, o Sirius me deu para se comunicar com ele ano retrasado. — Disse ele retirando os cacos que já estavam ali a um bom tempo sem Harry notar.

– Harry, isso não é um espelho idiota! — Disse a garota puxando a varinha. — Isso é um duplo mágico.

– Como assim Hermione? — Rony perguntou metendo outra meia no seu baú.

– Rony, isso serve para deixar recados secretos, os marotos usavam quando estavam em Hogwarts, “REPAROS”.

O espelho foi se regenerando na mão de Harry e logo estava como novo.

– Onde você viu isso, Hermione? — Perguntou Harry ao ver o espelho mais bonito que nunca.

– Espere... Harry. — Disse a garota levantando novamente a varinha. — “Bem feito, feito.”

Um clarão saiu de dentro do espelho e se ergueu uma silhueta de Sirius que falava apressado e teso.

“Harry... eu sabia que você conseguiria usar o espelho, garoto, preste atenção no que vou lhe dizer. Quando você estiver me ouvindo...” — Sirius estava pálido e mais velho. Sua imagem distorceu e sua voz deixou de ser ouvida. Em seguida retornou: — *“Harry, você tem que...”* — Novamente a voz parou e a silhueta desapareceu, e como antes, voltou com informações cortadas: *“Eu sei que você conseguirá, Harry. Estarei sempre do seu lado, mesmo você não esteja me vendo nem me sentindo.”* — A figura de Sirius que chiava, desapareceu completamente.

– Harry, o espelho foi danificado por alguém! — Exclamou Hermione pensando em outro feitiço para reparar os dados no duplo mágico.

– Então, esse espelho é como uma penseira? — Perguntou Harry confuso.

– Parece que sim, Sirius deixou o recado dentro dele. — Disse Rony.

– Não é exatamente isso... lembro que li em um livro ano passado, alguns rabiscos dos marotos, que falavam desse espelho... como se fossem um código...

Os garotos olhavam a cara de Harry, ele estava com os olhos dêz focados como se estivesse pensando longe.

– Harry? Harry? — Os amigos o chamavam de volta a conversa.

– Então, Sirius está vivo! — Exclamou Harry, finalmente voltando a olhar para os amigos.

– Pode ser que não, Harry, você não percebeu que o recado foi alterado. — Disse Hermione com cautela.

O Mistério do Uku Negro

– Temos que descobrir o resto do recado. Ainda bem que vamos para ordem, tenho que falar com Lupin e com o resto dos membros, eles devem saber o que realmente aconteceu com Sirius.

Obliviadores de JK
— 6º Capítulo —
❧ EX-INIMIGO ❧

— Harry, não quero estragar sua felicidade e tal, mas Sirius pode estar vivo e também pode estar morto... Lembre, isto é um recado que provavelmente foi passado a muito tempo, pode até ser que ele deixou isto antes mesmo de cair no véu... Só to querendo ser realista... Eu, sinceramente não acredito que esteja vivo. — Não... Você quer ser a mais esperta como sempre, Hermione, não preciso de opiniões inúteis...

Hermione com lágrimas nos olhos quis revidar, mas sua boca somente se abria e se fechava sem emitir som algum... E sem dizer mais nada, ela saiu lançando um olhar a Harry que nunca havia pensado em mostrar a ninguém, foi um olhar cortante e profundamente decepcionado.

— Harry, acho que você realmente pegou pesado com ela... Bem, ela só quis te trazer para a realidade... — Então vai Rony, defende sua namoradinha... vai consolar ela, vai embora se não quiser escutar umas verdades também... deixe-me sozinho.

Rony saiu lançando o mesmo olhar cortante e decepcionado para Harry, mas murmurou algumas palavras antes de sair:

— Você passou dos limites, Harry, você não é obrigado a ficar comigo e com a Mione, mas enquanto estiver conosco, nos respeite pelo menos...

Rony bateu fortemente a porta ao sair, e Harry ali ficou com o olhar parado em direção ao espelho, seus pensamentos eram um só, Sirius.

Depois de alguns minutos mexendo e escutando o espelho pela oitava vez, ele se tocou da péssima reação que teve com seus melhores amigos, amigos estes que os ajudou a

O Mistério do Ueu Negro

seguir e ultrapassar barreiras, que os aconselharam em pensamentos e teorias, que o amava e respeitava sobre tudo e todos, “*não era justo uma situação tão angustiante*” pensava Harry ao lagar o espelho e sair correndo escada a baixo, cortando os cômodos em direção a brisa do jardim.

– Perdão! — Disse o garoto suado ao encontra os amigos com Gina enfrente a uma arvore frutífera. — Perdão... Mione, não queria ter dito aquilo, você sabe que não queria. Rony, não farei mais isso, acima de tudo vocês são minha família, não os deixariam por nada.

Agora as lágrimas de Hermione não caíam de tristeza, mas sim de alegria e satisfação. Em uma fração de segundos estavam todos os quatros abraçados por um laço de amizade e companheirismo que os rodeavam.

– Harry, eu sabia que você não era daquele jeito. — Disse Hermione ao enxugar as lágrimas. — Por um instante tive medo... e se ele... e se...

– Nem fala Hermione, nem fala. — Disse Rony ainda abraçado com a garota.

No restante da tarde que se seguiu, Harry notou uma senhora Weasley um tanto quanto atrapalhada com os preparativos do jantar, já que quase foi atingido por um enorme caldeirão desgovernado, que a senhora Weasley enfeitiçara para pousar sobre o fogão.

– Oh Harry querido, me desculpe. Estou um pouco ansiosa, já que teremos uma visita muito importante esta noite para o jantar!

Harry levantou-se, ajeitando os óculos e tirando a poeira de cima das suas roupas.

– Tudo bem, senhora. Mas... quem virá jantar aqui esta noite? — Perguntou ele com uma face desconcertante. Harry deduziu, pela ansiedade na voz da senhora Weasley, que seria alguém muito importante, alguém como o Ministro da Magia, embora essa idéia fizesse seu estômago dar um nó, já

que Harry lembrava muito bem da última vez que o Ministro Rufo Scrimgeour esteve n'A Toca e tentou ludibriá-lo para que pousasse de "garoto-propaganda" do Ministério. A última coisa que Harry queria nesse momento, era enfrentar um interrogatório que o fizesse recordar o passado, ainda não cicatrizado dentro dele.

— Ah, Harry, mal posso acreditar, mas esta noite receberemos a Professora Minerva McGonagall, que virá para discutir uns assuntos referentes à Hogwarts, com alguns membros da Ordem. — Harry não achava tão surpreendente da visita de McGonagall, mas disfarçou alegria. — Ah! quase esqueci, Hagrid também vem!

Agora a expressão de alegria do garoto era verdadeira, encontra Hagrid de novo seria bem legal.

Naquela noite, durante o jantar, Harry parecia estar perdido em seus pensamentos. A imagem de Sirius saindo do espelho e a possibilidade, por menor que fosse, de que ele estivesse vivo, o fazia delirar feliz por um momento. Lupin, Tonks e Olho-Tonto Moody já haviam chegado e estavam conversando na mesa com o senhor e a senhora Weasley. Rony, Hermione e Gina, estavam do outro lado discutindo algum assunto que parecia entretê-los, embora Harry nada ouvisse.

— Você acha, Molly, que Voldemort — o velho estremecimento — iria deixar o menino Malfoy vivo depois de toda a participação dele no plano para matar... para matar... hum... matar Dumbledore? E mais, você acredita que o garoto Malfoy realmente está arrependido?

— Bem, Moody. — Disse a senhora Weasley horrorizada. — Todos ficamos sabendo de como Draco ficou angustiado depois de ver... de ver o Alvo... morto. Ele fugiu com Snape de Hogwarts e pelo que sei, logo se encontrou com Narcisa...

O Mistério do Ueu Negro

— É, alguns dias depois, Draco e Narcisa procuraram a ajuda do Ministério. — Disse Arthur, com um tom de seriedade. — Draco e a mãe pareciam ter sido torturados, já que os dois estavam magros e muito pálidos...

— Aquele moleque sempre foi pálido! — Exclamou Olho-Tonto Moody com desdém.

— Mas eles estavam realmente muito abatidos, e Draco realmente parecia estar arrependido e chocado. Sabemos que Draco tem um gênio terrível, igual ao pai, mas isso era só pose para satisfazer o ego de Lúcio. Draco não esperava ver... hum... Dumbledore morto, e isso pareceu chocá-lo muito e lhe abriu os olhos para ver no que estava se metendo. — Tornou o senhor Weasley olhando para Moody. — Os dois fugiram de onde estavam escondidos e foram direto ao Ministério buscar refúgio contra Você-sabe-quem. Um grupo de aurores entrevistam os dois, com Legilimência e Veritaserum, e mais uma porção de coisas para comprovar a verdade e descobrir uma possível armadilha. O Rufo ficou realmente preocupado, Draco parecia estar sangrando, colocaram até uma poção, que eu jamais tinha visto, nos seus ferimentos. E o mais impressionante é que os dois, tanto Narcisa quanto Draco, não ofereceram resistência a nenhuma dessas técnicas, realmente pareciam querer colaborar. Comprovado que os dois falavam a verdade, rapidamente foram escondidos e estão sendo protegidos com segurança máxima por um batalhão de aurores sob supervisão do Ministério, uma operação realmente inimaginável. Creio que realmente estão seguros.

— Será que Voldemort já sabe de tudo? — Perguntou a senhora Weasley pasma.

— Provavelmente, Molly... — Disse o senhor Weasley encarando-a. — Narcisa e Draco revelaram muita coisa sobre os comensais e seus planos, o que foi de grande ajuda para o Ministério.

Agora Harry voltara para a realidade e acompanhava a conversa sem nem ao menos piscar. Rony, Hermione e Gina também pareciam muito interessados em tudo o que era dito. — Eu realmente não sei porque estou dizendo isso, mas acredito que Malfoy esteja realmente arrependido. — Disse Harry quebrando o silêncio, fazendo com que todos o olhassem atentos. — Eu vi como ele ficou com medo diante de Dumbledore, vi que ele não seria capaz de fazer aquilo. Então veio o Snape (a raiva de Harry pareceu aumentar a cada letra desse nome) e... matou Dumbledore.

— Eu também acredito que Malfoy esteja arrependido. — Disse Hermione decidida. — Alguns dias antes de tudo acontecer eu vi Malfoy chorando em um corredor das masmorras em Hogwarts, ele dizia " que não iria conseguir, que ele não podia". Você também o viu chorar Harry, no banheiro da Murta-que-Geme, lembra?.

Harry assentiu com a cabeça.

— Não sou fã do Draco, ele já me insultou várias vezes me chamando de sangue-ruim, já tivemos muitas desavenças (Rony fez menção de rir ao lembrar do soco que Hermione dera em Draco, há três anos, mas parou imediatamente ao lembrar-se do gosto das lesmas que cuspiam depois que sua tentativa de enfeitiçar Draco fracassou, há quatro anos), mas realmente espero ver Malfoy lutando do nosso lado, no fundo sei que ele vai se tornar uma boa pessoa.

— Eu também espero. — Disse Harry sem entender o que estava sentindo.

— A questão é que Draco e Narc...

CRACK!

A fala do senhor Weasley foi interrompida por um barulho que fez com que todos empunhassem suas varinhas e se preparassem para um duelo.

— Hum, que recepção! Pelo menos todos estão preparados para uma terrível eventualidade!

O Mistério do Ueu Negro

Harry viu no centro da cozinha uma bruxa magra, com óclinhos na ponta do nariz e um xale escocês verde e vermelho, em sua mão a bruxa trazia um caldeirão pequeno. Ao seu lado encontrava-se um homem muito alto e largo, que tinha uma barba grossa e olhos negros que pareciam dois besouros no meio de uma cabeleira desgrenhada. O homem trazia também uma caixa muito amassada.

Harry reconheceu a Prof. Minerva McGonagall e seu amigo Hagrid. Um alívio imediato tomou conta de todos que se encontravam ali.

– Boa noite a todos. — Disse a Prof. McGonagall sorridente, parecia muito feliz. — E como vão vocês, Gina, Hermione, Ronald e... Harry. — Minerva olhou atentamente para Harry, pareceu verificar se não estava faltando nenhum pedaço.

Hagrid também cumprimentou a todos com a mesma alegria da Prof. McGonagall.

– Ah, Molly, trouxe isto para sobremesa. — Disse a Prof. McGonagall, entregando a senhora Weasley o pequeno caldeirão.

– Eu também trouxe isto, Molly. — Falou Hagrid, entregando a caixa amassada para a senhora Weasley. — Espero que gostem, bolo de nozes com passas, eu mesmo fiz. A senhora Weasley foi guardar as sobremesas olhando curiosa para o pacote que Hagrid lhe entregara, Harry segurou uma risada.

– Vocês falavam de Narcisa e Draco Malfoy, sim? — Perguntou a Prof. McGonagall. — Bom, estive com eles há poucas horas e realmente fiquei muito feliz com o que vi!

Agora todos olhavam atentos para a Prof. McGonagall, absorvendo cada palavra. Ninguém dizia nada, nem ao menos ousava se mexer. A senhora Weasley guardou as sobremesas e voltou ansiosa para a mesa para escutar melhor.

– Claro que não foi fácil conseguir me encontrar com eles. — Tornou Minerva, ao notar que todos esperavam suas palavras. — Precisei ir ao Ministério e ser entrevistada por diversos aurores; um tanto constrangedor eu diria, mas entendo que Narcisa e Draco realmente precisam de segurança. Foram lançados muitos feitiços sobre o esconderijo dos Malfoy. Magia muito antiga e poderosa, alguns feitiços que foram usados foram inventados pelo próprio Rufo. Eu diria que é realmente impossível que qualquer um da parte daquele-que-não-deve-ser-nomeado consiga chegar até Narcisa e Draco.

A Prof. parou e olhou em volta. Nenhum deles se atrevia nem ao menos a piscar. Harry percebeu que a felicidade no rosto da Prof. McGonagall aumentou, e ela tornou a falar:

– Mas o mais impressionante, e creio que vocês não irão acreditar.... bem... quando me encontrei com Narcisa e Draco, ambos pareciam estar muito bem. Já não estavam mais pálidos e nem abatidos como há algumas semanas, estavam corados e muito joviais. E se vocês pudessem ver o quanto fui bem recebida, pensariam que não se tratavam dos Malfoy. Bem, não ouvi ameaças nem ao menos palavra desagradável. Conversei com Draco, e percebi o quanto estava arrependido, nem ao menos consegue pronunciar o nome de Alvo sem que sua voz fique embargada. Fiz questão de olhar bem fundo nos seus olhos e ele não evitou isso, queria realmente mostrar arrependimento. Fiquei realmente muito feliz com isso!

– Desculpe Professora, mas se a senhora me permite, por que foi procurar os Malfoy? — Perguntou Hermione nitidamente interessada.

– Fui procurá-los srta. Granger, por que eles solicitaram a minha presença. Draco precisava conversar comigo.

– Conversar? — Rony agora abria a boca pela primeira vez — O que ele queria? Ameaçar a senhora e lhe maltratar como sempre fez?

O Mistério do Ueu Negro

— Ronald, você não ouviu a Minerva dizer que agora a situação é outra? — Hermione estava ligeiramente vermelha. — Draco e sua mãe não estão mais fazendo ameaças, eles é que estão ameaçados.

— Obrigado Hermione. — Disse a prof. McGonagall. — Ronald, creio que você nem possa imaginar, imaginar como Draco Malfoy está mudado. Eu entendo. Você só poderá entender o que estou dizendo depois que se encontrar frente a frente com Draco. Esqueça as ameaças, os insultos e toda a... hum... arrogância que Malfoy carregava. Hoje ele não faria mal nem a uma barata.

— Encontrar com Malfoy? — Disse Rony afastando essa idéia diante da imagem de Malfoy rancoroso e insolente. — Espero que isso demore.

Hermione lhe lançou um olhar de desaprovação, o mesmo olhar que a senhora Weasley, Arthur, Gina e Minerva lhe lançaram.

— Então o senhor ficaria surpreso, senhor Ronald, se eu lhe falasse que ao saber que eu viria À Toca nesta noite, Draco Malfoy pediu que eu transmitisse desculpas à você em nome dele. E creio que você ficaria ainda mais surpreso se eu disse se que ele, muito arrependido pelo que pude constatar, pediu que eu transmitisse suas sinceras desculpas a "Mione", como ele mesmo a chamou!

— Draco Malfoy se referiu a Hermione Granger, essa mesma Hermione aqui, como MIONE? — Perguntou Rony muito surpreso e um tanto quanto intrigado.

— Obrigado, Prof. McGonagall, diga ao Draco que eu aceito suas desculpas, e diga a ele que também lhe peço desculpas por tudo que fiz. — Disse Hermione com uma expressão de felicidade no rosto.

— VOCÊ ESTÁ PEDINDO DESCULPAS A DRACO MALFOY? — Rony parecia não entender nada.

— Sim Ronald Weasley. — Disse a senhora Weasley muito lívida. — E CREIO QUE VOCÊ TAMBÉM VÁ ACEITAR AS SINCERAS DESCULPAS DE DRACO MALFOY!

Rony pareceu murchar e fez um leve sinal de "sim" para a senhora Weasley.

— E quanto ao Harry... — Disse Hermione. — Acho que Malfoy... bem... não sei... deve desculpas ao Harry também. Harry parecia não entender tudo o que acabara de ouvir. Nunca imaginara que Draco Malfoy pediria desculpas nem ao próprio pai, quanto mais chamaria Hermione de "Mione".

— Obrigado mais uma vez senhorita Granger. — Continuou a Prof. McGonagall com um ar de felicidade novamente no rosto. — Harry, Draco não conseguiu terminar sua fala quando se referia a você. Realmente ficou muito emocionado, disse apenas que nunca quis causar mal a você, nem ao Alvo. Disse também que quer ver você o mais rápido que puder. Quer ajudar você daqui para frente. Ele diz que sabe de coisas que podem te ajudar. Daí em diante ele não conseguiu falar mais nada e eu achei melhor não forçá-lo a dizer.

O Mistério do Ueu Negro
— 7º Capítulo —
❧ *O NOVO LÍDER* ❧

Todos agora encaravam Harry, que parecia querer desmaiar diante de tamanha surpresa... Draco Malfoy queria vê-lo para ajudá-lo?

— Mas, e quanto ao Lucio? — Perguntou o senhor Weasley. — O que ele pensaria disso?

— Isso eu posso te dizer, Arthur. — Disse Hagrid ainda em pé se esforçando para não tocar no teto. — Ontem mesmo estive em Azkaban para conversar com Lúcio e ele estava bem desmazelado, vestia ainda os trapos que chama de manta de comensal.

— Hagrid, conseguiram capturado Snape de volta? — Perguntou Harry entusiasmado.

Todos a mesa olharam para Harry como se ele acabasse de dizer algo que era proibido.

— Harry, como você sabe que Severus fugiu? — Perguntou McGonagall olhando frustrada para os pais de Rony. — Não me digam que vocês andam contando cois...

— E o Harry sabia que Snape tinha sido capturado? — Perguntou Moody olhando em um, em um, com seu olho que não parava de girar.

— Não, nós não contamos nada ao Harry. — Disse Molly, também frustrada com algo que não sabia o que fazer. — Harry, onde você, como você soube disso?

— Senhora ele leio o Profeta... — Tentou Hermione encobri o garoto.

— Não é possível! — Exclamou Lupin levantando da mesa e indo até perto de Harry, que estava plasmado com sua falta de atenção. — Garoto você não pode ter visto isso no jornal, nós abafamos esse assunto para a imprensa, onde

conseguiu essa informação? — Ele nunca falara tão firmemente com Harry desde suas aulas de Defesa contra artes das trevas.

— Lupin o garoto não viu no Profeta, foi eu que lhe disse. — Engasgou Tonks sabendo o que vinha pela frente. — Ele deveria saber, afinal Snape matou o seu melhor amigo e companheiro, não poderíamos deixar Harry assim sem informações, ainda mais agora, que o quadro de Dumbledore deu o cargo de Líder da Orde...

— Tonks, por favor, já chega! — Falou Arthur batendo os talheres na mesa.

— Líder de que? — Perguntou Harry já sabendo da resposta.

— É Harry, é isso mesmo, Dumbledore exigiu que você fosse o novo líder da Ordem da Fênix.

Harry não sabia o que dizer, aquela notícia surpreendeu tanto ele quanto os seus amigos. Ele ficou absorto em seus pensamentos. Até ser cortado pelo Sr. Weasley:

— Você não devia ter falado isso agora, Tonks, você não devia. — Arthur com a maioria dos outros aurores estavam completamente chateados com Tonks, ou até mesmo com Harry.

— Por que não?? Ele já devia saber. — Falou Tonks já em pé do lado de Gina, que não falara nada, estava congelada com tais informações.

— Mas não desse jeito, nós íamos contar amanhã com uma grande festa. — Hagrid se mexeu e sorriu para Harry, então completou. — Mas ainda terá a festa mesmo você já sabendo, Harry.

Hermione não entendia a alegria das pessoas com tão pouco, enquanto devastações, mortes e destruição estava ocorrendo lá fora.

— Ah... — Harry começava a falar. Todos pararam com qualquer sussurro e olharam para ele fixamente. — Por que Dumbledore passou para mim esse cargo?

O Mistério do Ueu Negro

– Bom... — Respondeu Minerva. — Você e Dumbledore tinham segredos, Harry, sabem de coisas que a maioria dos presentes aqui não sabem, e também o Dumbledore tem uma admiração muito grande por você, Potter, ele deve confiar em você para lhe passar um cargo de tão importância.

Harry não disse mais nada, ficou pensando o que faria agora sendo líder da Ordem, que atitudes tomaria, o que faria, era realmente uma surpresa que Dumbledore tivesse passado esse cargo para ele, porém, Harry em sua profunda mente, gostava da exigência de Dumbledore, ele queria muito ser da Ordem. Momentos depois, mais ciente do que estava acontecendo, ele virou para Rony e Hermione, que pareciam continuar pensando na revelação que fora feita.

– E agora, Harry, o que você pretende fazer? — Gina cortara o silêncio, e saindo do seu estado petrificado. Harry pensou antes de responder, mas com firmeza na voz logo excitou em falar:

– Primeira coisa que tenho a fazer é incluir Ronald Weasley e Hermione Granger como meus acompanhantes na Sede, meus leais amigos.

– Mas Harr... — Moody não acabara de falar ao ver a cara de alegria dos dois que enchiam os olhos de lágrimas.

– Harry creio eu que seus colegas teriam que aceitar o cargo primeiro. — Disse McGanagall sorrindo junto com Hagrid e todos os Weasleys.

– Aceitamos, aceitamos... — Falava Rony e Hermione juntos e ainda mais sorridentes.

– Então, pessoal, hoje foi uma noite longa e excitante, já está na hora de ir dormir. — Falou a Sra. Weasley levando os pratos inacabados e os talheres machucados com as batidas na mesa, para a pia.

– É, Molly, creio eu que todos aqui iram a Ordem amanhã. — Disse Lupin mais calmo.

Todos subiram as escadas do quarto, menos Hagrid e Moody que conjuraram uma cama de duplo tamanho na sala e se deitaram. Harry, Rony e Lupin entraram no quarto do sótão.

– Lupin você era um dos Marotos, nera? — Harry perguntara ansioso.

– Era sim, Harry. — Lupin pesou um momento e completara. — Bons tempos o dos Marotos, eu, Rabicho, Sirius e seu pai, Harry.

– Então Lupin você sabe do espelho duplo mágico, né? — Agora Rony já entendera onde Harry queria chegar.

– Sim Harry, mas como você sabe da existência desse espelho? — Lupin ficara impressionado com a quantidade de informação que um garoto de dezessete anos tinha.

– Antes... de... morrer, Sirius me deu e disse que servia para nos comunicar, mas eu não conseguia saber como, até que a Mione descobriu para mim. — Disse Harry pegando o espelho no malão.

– Harry, você é um garoto com muita sorte, o espelho não é aceitável em muitos lugares. — Disse Lupin pegando o espelho na mão de Harry. — Garoto, você tem mais algum objeto mágico proibido?

– Uma capa de Invisibilidade... uh... um mapa dos Marotos, um canivete, que o Sirius me deu, e esse espelho, eu acho.... — Disse o garoto espantado com as quebras de leis que ele já tinha cometido.

Lupin estava realmente impressionado com a quantidade de objetos mágicos proibidos Harry possuía, mas, neste momento, ele fitava o espelho demoradamente, enquanto boas recordações daquele objeto vinham em sua mente. Da mesma maneira que os garotos já tinham visto Hermione fazendo, Lupin murmurou:

– Bem feito, feito.

Um clarão saiu de dentro do espelho e se ergueu a silhueta de Sirius que falava apressado e teso.

O Mistério do Ueu Negro

“Harry... eu sabia que você conseguiria usar o espelho, garoto, preste atenção no que vou lhe dizer. Quando você estiver me ouvindo...” — Sua imagem alterou e sua voz deixou de ser ouvida como antes. Em seguida retornou: — *“Harry, você tem que...”* — Novamente a voz parou e a silhueta desapareceu, voltando com informações cortadas: *“Eu sei que você conseguirá, Harry. Estarei sempre do seu lado, mesmo você não esteja me vendo nem me sentindo.”* — A figura de Sirius que chiava, desapareceu completamente.

— Harry, podemos finalmente saber o que aconteceu com o Sirius... — Lupin vendo a cara de alegria de Harry, logo completou. — Mas não se iluda com as possibilidades, esse recado pode ter sido visto muito tempo depois de feito... — informou Lupin colocando o objeto na cama em que Rony estava sentado. — Podemos ver que este espelho foi danificado ou alterado, precisaríamos encontrar o espelho que Sirius usava. Devemos procurar, não lembro do Sirius ter levado nada no dia da batalha... Provavelmente, está guardado na Sede da Ordem ou no ministério da Magia... Mas... acho que todos aqui tiveram um dia cheio, melhor irmos dormir agora.

Os garotos obedeceram instantaneamente e se deitaram cada um em uma cama que ficava apertada no quartinho miúdo do sótão. Harry, antes de dormir, concordara em seus pensamentos que a noite realmente tivera um excesso de novas informações, e precisariam de energia no dia seguinte. Mesmo sabendo disso, enquanto Lupin e Rony já pareciam dormir, ele rolava de insônia.

Nessa noite, Harry teve um pesadelo, depois de muito tempo sem se preocupar com a cicatriz. Sonhava que chegara em um lugar escuro, não conseguia identificar, por um momento percebeu que estava em Hogwarts, em um corredor que ele não nunca havia visto, mas logo reconheceu alguns objetos e traços de riscos na parede, estava no sétimo andar, próximo a sala precisa. Mas o lugar não estava como ele vira

da última vez, continha um clima e objetos diferentes. Tinha um quadro de um soldado ao lado de uma estatua antiga. Foi quando Harry viu uma jovem, alta, loira, estudante da Sonserina. Ela devia estar pensando em alguma coisa, pois a porta da sala precisa logo apareceu. Harry sem saber direito o que fazer, seguiu a menina, que segurava uma coisa com muito cuidado, parecia não saber exatamente o que era aquela caixa preta. Ao entrar na sala, Harry percebeu que era o mesmo quarto onde havia escondido o livro de poções, lembrar do livro deixou ele meio irritado, mas logo afastou esse pensamento ao ver a menina em uma certa preocupação. Harry notara que ela queria esconder aquele objeto em algum lugar bastante secreto, mas não achava nenhum muito bom para tão preciso objeto. Quando finalmente ela pareceu encontrar o lugar perfeito, Harry via Snape aparecer nitidamente em sua frente, não era o Snape velho que costumava ver em suas aulas de poções, mas não dera tempo dele pensar muito no antigo professora, que agora apontara a varinha para ele...

– Harry, Harry..... você esta bem? — Rony estava sacudindo o garoto com uma cara muito preocupada, Harry acenou com a cabeça como se estivesse tudo ok.

– Cara, que susto... estava se debatendo todo... teve um pesadelo de novo?

– Hum... não sei bem o que foi... foi como se estivesse no passado... mas ai...

– O que Harry??? O que aconteceu??

– O Snape apareceu... e apontou a varinha dele, como se fosse para mim... na hora eu fiquei sem ação. — Harry deu um soco na cama ao ficar sentado nos travesseiros. — Devia ter enfrentado ele!

– Harry.... foi só um sonho. — Disse Rony, um pouco preocupado.

– Será?? — Perguntou o garoto assustado.

O Mistério do Ueu Negro

— Claro Harry! — Disse Rony lhe fornecendo os óculos.
— Vistas-se rápido, pois já estão todos a sua espera na cozinha.

— Quê? Já é manhã?

— É sim, Harry, apresse-se.

Rony e Harry desceram as escadas lentamente, conversando sobre Quadribol, pelo menos tentaram, até que Gina os interrompeu.

— Harry, meu amor... — Disse ela puxando o garoto para longe de Rony. — Já estou indo para Hogwarts, e tenho que me despedir.

— Ah, Gina, até tinha esquecido. — Falou Harry lembrando da última conversa com a garota. — Você ainda está disposta a me ajudar?

— Claro, Harry, o que tenho que fazer? — Perguntou ela alegremente.

— Você terá que ser muito cautelosa, pois é perigoso...
— Harry pensara profundamente dos detalhes de seu sonho então logo completou. — Gina você lembra onde era as aulas da AD?

— Lembro sim, Harry.

— Preciso que vá perto dessa sala e pense em esconder algo muito precioso, para que apareça uma porta velha... — Harry engolira um logo suspiro e logo continuou. — Você entrará e procurará uma caixa preta que provavelmente estará atrás de um armário cor de Marfim e com vários livros velhos aos lados.

— Certo, Harry, e você acha que isso possa ser o quê, exatamente?

— Gina, você perderá a coroa de Hagrid se não se apressar. — Gritou a Sra. Weasley da cozinha.

— Não se esqueça. — Ele engoliu novamente um suspiro. — Não se arrisque se não estiver certeza!

— Certo, Harry, não se preocupe. — A garota beijava o garoto pela última vez antes do Natal.

Obliviadores de JK
— 8º Capítulo —
PROCURA-SE

Harry e Gina ficaram ali em pé na escada por alguns segundos marcantes e felizes de suas vidas.

— Gina, já disse, você vai perder a carona, HAGRID JÁ ESTÁ INDO. — Gritou a Sr. Weasley.

— Certo, mamãe. — Disse Gina largando Harry e indo se juntar a Hagrid.

— Você também vem, Harry... querido? — Perguntou a Sr. Weasley querendo exigir a presença de Harry na cozinha.

— Ah, sim vou, me dê só mais um minuto, Senhora. — Respondeu Harry com sua atenção voltando-se para o jornal, que apanhara no corrimão.

— Rony, Rony! — Gritou Harry descendo as escadas correndo.

— O que é? — Perguntou Rony assustado. — Quem morreu agora?

Todos que estavam na sala olharam assustados para o garoto.

— Ronald... de novo com essas brincadeirinhas de mal gosto? — Disse a Sra. Weasley, enquanto Hermione corria em direção dos garotos.

— Ah, foi mal. — Falou Rony voltando o olhar para Harry. — Mas afinal o que foi?

— Vai ter uma tarde de autógrafos com os Chuddley Cânones, no Beco Diagonal!

— Uau... — Exclamou Rony agitado
— O momento perfeito para aparatarmos para o St. Mungus! — Disse Harry baixinho para os amigos.

— É mesmo, Harry. — Exclamou Hermione contra feita.

O Mistério do Ueu Negro

— Eu sabia, Harry... — Disse Rony ainda mais baixinho.
— ...que você não estava interessado nos autógrafos.

— Claro que não, Rony! — Exclamou o garoto aumentando a voz.

— Garotos andem logo para o café. — Falou Molly dando tchau para Gina que acabara de sair com Hagrid.

Todos se sentaram à mesa, Lupin e Moody comiam os bolinhos de amora rapidamente, Arthur e McGonagall conversavam com Molly coisas particulares, Tonks se juntara aos garotos para um brinde em comemoração a algo que nem mesmo ela sabia de que se tratava.

PLOCK

Uma coruja velha acabara de cair encima do ensopado, ela trazia um pergaminho em seu bico, Rony o puxou, deixando o animal ainda amais melado:

— Vá, Eron. — A coruja levantou um vôo baixo e saiu pela janela.

Rony exultou em abrir a carta:

*Para Sr. e Sra. Weasley
A Toca, cozinha de Molly.*

Mamãe, papai, todos chegaram bem de viagem, menos a Fleur que teve uma gripe leve, mas não é problema. O Monstro já quer voltar, pois disse que o Harry só permitiu a estadia dele como nosso serviçal por uma semana e o Dobby não para de falar que Monstro é ingrato. Fred e Jorge parecem estar bem, pois mandaram uma carta para mim ontem, e creio que para você também. Eu só escrevi mesmo para dizer que Monstro voltara para Hogwarts com o Dobby, se o Harry concordar, claro.

Ah, já ia esquecendo, deixamos a senhora Petúnia em sua casa com seu marido e seu filho, não esquecemos de alertar para os perigos, e um auror está de vigília.

Grato, seu filho, Gui.

– Ah... que alívio. — Sra. Weasley agora estava com a mão no peito e com uma expressão de otimismo. — Já estava ficando preocupada, pensando que alguma coisa havia acontecido.

– O problema é que você se preocupa demais, Molly. — Arthur falou enrugando a cara.

– Bem... não vamos discutir sobre esse assunto. — McGonagall disse depois de um grande gole de cerveja amanteigada que a Sra. Weasley tinha acabado de servir na mesa.

– Tem razão... até porque, hoje é um dia alegre. — Disse Sr. Weasley sorrindo.

– Posso saber porque? — Perguntou Harry com a testa também enrugada.

– Vamos pegar autógrafos dos Chuddley Cannons, Harry. — Acrescentou Arthur, que acabara de ler o jornal e também adorava Quadribol.

– Ah sim... — Disse tentando o máximo possível mostrar interesse na voz.

Agora a atenção de Harry não era mais a conversa deles, pois falavam do novo lançamento das esquisitonas no rádio.

– Nós vamos com você, não é Harry?

– Eu não vou conseguir aturar passar a tarde inteira para pegar esse autógrafo. — Murmurou Hermione lembrando da vez em que ficara um bom tempo na Floreios e Borrões esperando o autógrafo do Gilderoy Lockhart.

O Mistério do Ueu Negro

— É claro, não vou fazer isso com vocês. — Disse Harry baixinho, para que ninguém na mesa escutasse.

— Harry, você vai deixar monstro ir para Hogwarts? — Perguntou Hermione revisando a carta de Molly.

— Vou... não tenho mais nada o que fazer com ele... e lá ele vai ter alguma utilidade.

Nesse mesmo instante a Sra. Weasley se levantou junto com o marido e os outros aurores que estavam na mesa. Minerva levantou a varinha e sem mencionar nenhuma palavra, as louças e talheres entraram direto na pia e os farelos da sobremesa foram direto pro lixo.

— Garotos, já está na hora de irmos. — Falou Molly vestindo sua capa amarelo ouro e botando seu chapéu ou quem sabe o que era aquele ramo que ela enfiava no cabelo.

Os garotos apararam rapidamente para seus quartos e retornaram ainda mais rápidos com os malões e gaiolas.

— Vamos mamãe. — Disse Rony passando pela porta e indo em direção ao jardim, com Hermione e Harry.

Poucos segundos depois, já estavam todos em uma roda circular.

— Todos aparatem para o Caldeirão Furado! — Exclamou McGonagall.

Harry rio ao ver a cara de lerdo de Rony, seria a primeira vez que o garoto sairia para tão longe com aparatação.

Mas com Harry não teve problemas, ele se concentrou nos três D's e saiu direto em um bar sujo e bem freqüentado por trouxa e bruxos esquisitos.

— Vamos, vamos. — Falou Sr. Weasley certificando-se que estavam todos bem.

— Arthur, eu, Molly, Moody e Lupin, vamos direto para o largo Grimald, preparar um pouca a casa, para a habitação. — Falou Minerva aparatando novamente com as pessoas citadas por ela.

O Caldeirão Furado estava diferente do ano anterior, Tom o balconista, fora substituído por um homem jovem, que tinha cabelos muito louros que lembrava muito o de Malfoy, olhos verdes água, ele era magro e com uma ar de desprezo em seu rosto. A visão de Harry, foi interrompida pela imagem de Rony, que passara em sua frente.

– Gente, vamos para os fundos. — Falou Sr.Weasley andando para a porta da dispensa.

Harry caminhava junto com Tonks, enquanto Hermione e Rony já estavam entrando no quartinho. Já nos fundos, o muro de tijolos fez com que Harry lembrar-se da primeira vez que o havia visto, no primeiro ano que comprara seus materiais escolares.

Sr.Weasley deu as batidinhas nos tijolos e de repente apareceu a imagem do Beco Diagonal, totalmente mudado, havia cartazes com imagens bem conhecidas e palavras como “Procura-se”, “Tenha cuidado” ou até mesmo “Risco de Morte”. Snape e invés de Belatrix, uma surpresa, Lucio Malfoy!

Harry ficou assustado como todos ao seu lado, “Lucio Malfoy?”.

– C-como? — Falou assustado o Sr.Weasley.

– Lembrem-se, os Dementadores não estão mais no comando de Azkaban. Agora o lugar estar protegido por aurores! Não a o que se preocupar. — Exclamou Tonks tranqüila.

– Mas... ele não conseguiria passar pelos aurores... — Falou Hermione, que logo completou. — Conseguiriam?

– Sim Hermione, ele não conseguiria! — Disse Harry apontando para três bruxos adolescentes que recolhiam os cartazes de Lúcio.

Todos se aproximaram dos garotos que estavam sujos e com aparência de famintos.

O Mistério do Ueu Negro

— Por que vocês estão recolhendo os cartazes? —
Adiantou-se Hermione em perguntar.

— Somo pago pá isso. — Disse um dois garotos, o que mostrava-se mais esperto.

— E vocês sabem por que foram pagos para recolher os cartazes? — Perguntou Hermione com ternura em sua voz.

— Num fazemo pergunta, só agimo. — Respondeu o menor arrancando outro cartaz da parede velha de uma loja de vestes, que tinha como letreiro “*Madame Malkim, Roupas para Todas as Ocasões*”.

— Já sei, vocês querem um bom almoço? — Perguntou Harry metendo a mão no bolso e retirando dois galeões e oferecendo aos garotos. — Não é isso?

O outro garoto que ainda não havia se pronunciado agarrou os galeões e deu um belo sorriso. Enquanto Rony o encarava com repugnância.

— Nós teria que tira esses papel um ano todo para conseguir isto. — Disse o Bruxinho menor olhando pros Galeões brilhantes.

— Agora vocês tem que cooperar com a gente. — Disse Harry ao ver a cara de alegria dos meninos.

— Uma mulé nos pagou vinte sincles e dois knuts para arrancarmo todos os cartaz que tinha a foto dela e colar a desse cara aqui. — Disse um dos meninos mostrando um dos cartazes em sua mão.

— E agora a pouco um home alto, pagou mais para gente tirar de volta esses cartaz. — Completou o garotinho mais esperto.

— Que? — Perguntou Hermione pela primeira vez sem entender uma explicação.

— Você não esta vendo Hermione... — Rony apontara para as paredes que mostravam caras repetitivas de Lucio e Snape fazendo caretas. — E onde estar a Belatrix? Com certeza

foi ela quem pagou aos... eles para tirarem os cartazes e por o de Lucio Malfoy!

Todos olharam para Rony espantados, como Rony poderia pensar tão rapidamente em algo tão complexo.

– Mas porque ela faria isso? — Perguntou Sr. Weasley espantado com a inteligência de seu filho.

– Nada mais obvio que embaralha a cabeça dos leitores! — Exclamou Hermione ainda pensativa.

– Acho que não, Hermione. — Tonks acabara de entrar na conversa. — Os Comensais não perderiam tempo com uma bobagem como essa.

– Que Comensais? — Perguntou o garoto de vestis rasgadas que ainda estava ali com seus amigos.

– Podem ir! — Exclamou Harry que nem se quer voltou a olhar na cara do menino.

– Não seja tão pessimista Tonks. — Disse Arthur andando novamente em direção ao Floreios e Borrões. — As trevas é capaz de tudo, principalmente de manipular as pessoas com falsas idéias.

Não se podia escutar mais, todos estavam na frete da livraria, que estava cada vez mais barulhenta e Cheia. Uma fila se concentrava no meio do salão e outra mais para esquerda estava repleta de meninos com roupas semelhantes a dos ídolos. Um palco fora armado em frente aos lustres e armários empoeirados. Harry e os outros estavam de mãos dadas para não se separarem, mas não durou muito tempo aquela gritaria e tumulto.

– Nossa tão esperada manhã de autógrafos vai ter que ser adiada para outro dia, pois... — A bruxinha com vestido rosa não conseguia ser escutada por mais ninguém, todos sussurravam aleatoriamente. — Pois ocorreu um grande imprevisto na vinda do nossos ilustríssimo Chuddley Cannons, eles já esta se recuperando no St. Mungus.

O Mistério do Ueu Negro

Nesse mesmo instante milhares de pessoas perguntavam o que havia acontecido, mas não tiveram resultado, pois a bruxinha aparatara para outro lugar que não pudesse ser vista. Mas Harry congelara com seus pensamentos, *“como iria agora para o hospital ver R.A.B.”*.

– Vamos Harry. — Sr. Weasley arrastara o braço do garoto em meio a confusão.

– Rony! Harry! Papai. — Gritara Fred vindo em direção do grupinho que acabava de se formar alguns metros de distância da livraria.

Todos hesitaram em falar um “olá” para Fred, que já pegara a mão de Hermione para beijar.

Obliviadores de JK
— 9º Capítulo —
29, ST. MUNGUS

Harry, Rony e Hermione, após cumprimentar Fred, perceberam que deviam arrumar alguma maneira de irem ver o R.A.B. que se encontrava no St. Mungus, sem serem descobertos.

— Mione, você e Tonks, poderiam arrumar alguma maneira de despistar o Sr. Weasley, enquanto eu e o Rony vamos ao Hospital? — Perguntou Harry ao ver que se encontrava sozinho com seus amigos (Tonks e Arthur conversavam com Fred sobre as Gemialidades).

— Claro, Harry, mas... — Hermione pensou um pouco e completou. — Mas eu também gostaria de ir com vocês.

— Por favor, Mione, dependemos de você. — Disse Harry meio afoito.

— Certo, então. — Disse a garota um pouco triste. — Vou chamar a Tonks para conversarmos.

Hermione foi no grupinho dos mais velhos e sussurrou no ouvido de Tonks, algo que nem mesmo ela poderia ter escutado.

— Ah, Harry... — Falou Tonks se juntando aos garotos e deixando pai e filho conversarem. — Não sei se seria uma boa idéia, lembre-se de que os comensais estão soltos e querem você. E se te pegam?

— Não se preocupe, usarei a capa de invisibilidade, Dumbledore me disse no ano passado que eu poderia usá-la em qualquer ocasião que precisa-se.

— Então tá, Harry, se Dumbledore confia em você eu também confio. — Falou Tonks sorrindo. — Seja lá o que vocês forem fazer, estarei apoiando o novo Líder da Sede, não é mesmo?

O Mistério do Ueu Negro

— Não se preocupe, Tonks. — Disse o garoto sorridente.
— E muito obrigado, vamos Rony.

— Sim, vamos.

Os dois deixaram o grupo com uma desculpa esfarrapada de Tonks para Arthur. Hermione ficara triste todo o caminho que levava para uma barraca lustrada, com um luminares escrito “Gemialidades Weasleys”. Harry e Rony já se encontravam debaixo da capa e em uma esquina próxima à travessa do tranco, onde estava deserta e calma, só escutavam-se os passos apressados de Harry e Rony.

— Aqui já esta bom, Rony. — Falou um Harry eletrizado e disposto a qualquer batalha.

— Certo. — Rony só pensava em três palavras naquele momento “destinação, determinação, deliberação”.

Os garotos se encontravam em um rua com poucos trouxas circulando para cima e para baixo com sacolas de compras, Harry e Rony desceram o calçamento em direção a uma loja em reforma, “*Loja Purga & Sonda Ltda, desculpe o transtorno, estamos fechados para obras*” pelo menos era o que dizia as placas coladas no vidro. Harry e Rony esperaram um momento para que ninguém estivesse olhando e adentraram a Lojinha, passando por vários manequins jogados pelo chão, logo deram de cara com um movimentado corredor, vários curandeiros subiam e desciam as escadas, todos com crachás, posto suas fotos e nomes, “Hipócrates Smethwyck”, era o que Harry lia no crachá de um bruxo que passava rente a ele.

“*Acidentes com Artefatos — Térreo*”. Dizia uma pintura mal feita na parede.

— Harry, onde estamos. — Rony perguntara com um jeito meio estranho.

— No hospital, Rony. — Disse Harry andando em compasso com o colega, subindo as escadas e atravessando os corredores.

Uma placa presa na quina no teto dizia: *“Trato de envenenamento por Plantas e Poções — Terceiro andar”*

– Eu sei, Harry. — Disse Rony quase em pânico, com toda a agitação que tinha no hospital. — Mas para onde estamos indo?

– No quarto vinte e nove, logo após a ala de envenenamento por Plantas e Poções. — Disse Harry rapidamente.

– Harry, como sabe disso? — Perguntou ele pensando que estava perdido.

– Rony, não se mova muito... — Falou Harry atrasando o passo. — ...a capa não é grande como antigamente. AH, eu decorei do Profeta.

Harry e Rony subirão a ala e logo estavam de frete a porta que os separavam de R.A.B. que se noticiava no jornal.

– Vamos Harry. — Agora Rony pegara coragem e encarava a porta de leve.

– Cuidado, Rony. — Disse Harry baixinho, pois esse corredor não era tão movimentado quando o primeiro.

Rony abriu a porta e ambos se depararam com algo que nunca haviam visto antes.

Havia um animal extremamente grotesco no quarto, e um homem sentado na beirada de uma cama. Quando Harry e Rony entraram, o animal voou sobre Rony e o homem puxou a varinha apontando ela para o peito de Harry que ficou imóvel.

O animal era enorme e tinha uma grande papada logo abaixo da boca cheia de dentes muito afiados aos quais Rony ao ver, por pouco não molhou as calças.

– Quem são vocês e o que fazem aqui? — Perguntou o homem velho e baixinho de vestis brancas.

– Estamos procurando R.A.B. precisamos falar com ele. — Falou Harry rapidamente.

– AH, como não percebi antes... Cicatriz... Harry Potter! Desculpe o mau jeito, pensei que fossem comensais da

O Mistério do Ueu Negro

morte. — Falou o homem retirando a varinha do peito de Harry e dando um longo e penetrante assovio que fez o animal grotesco sair de cima de Rony. Harry olhou o quarto pela primeira vez. As cortinas estavam corridas e o quarto estava quente, havia uma entrada de luz avermelhada, do qual o animal parecia gostar.

— Bom. O que os trás aqui? Com certeza não vieram apenas me visitar.

Harry olhou para Rony, depois para o homem e pensou num jeito de explicar tudo.

— Você é R.A.B? — Perguntou Harry sem rodeios.

— B-bom, eu não sou esse R.A.B. que você está falando, mas meu nome é Ritrius Aenton Brieida, ordem de Merlin, muito amigo de Dumbledore. — Disse o homem com gosto.

— Amigo? Você é da Ordem? — Perguntou Harry.

— Sim. Sou sim.

— Não de Merlin, da Fênix.

— Da Fênix? Não! — Exclamou Brieida passando o olho em Rony, que estava em pânico com o uivar do animal.

— Você pode mandar ele parar? — Perguntou Rony andando para trás.

— Resfine, por favor! — Disse Brieida, e fez com que a Resfine parasse imediatamente. — Harry você deve ter vindo aqui por causa da notícia do Profeta Diário, não é?

Harry colocou a mão no bolso e retirou um pequeno pergaminho embolado.

— Vim. — Disse ele entregando o pergaminho ao Velho. — Eu viria antes, mas...

O Homem passou os olhos no bilhete.

— Sinto muito, não fui eu que escrevi esse bilhete...

Harry — Brieida ajoelhou-se e enfiou o braço pequeno e grotesco debaixo da maca. — Aqui esta, Harry, uma ótima pista para você encontra as Hoc...

– Você também sabe sobre as Horcruxes? — Harry se assustou ao ver uma mala prata cheia de recortes e objetos, “Tom Riddle” era o nome bordado de verde e exposto na alça da mala.

– Harry, eu e Dumbledore tivemos uma conversa muito longa para saber a quem entregar esta mala, ele me parecia já saber da sua morte e eu estou um pouco velho, não durarei muito também. — O homem olhou assustado para os passos fortes e barulhentos que vinham do corredor, e logo continuou. — Harry, o R.A.B. que você procura e escreveu esse bilhete, já foi morto pelo próprio Lord há alguns anos atrás, ele traiu o você-sabe-quem em um dos segredos, as Horcruxes e inclusive levou pro seu tumulo um troféu, o medalhão de Slytherin uma das Horcruxes.

– Mas, porque Dumbledore foi procurar esse Horcrux, se já haviam encontrado? — Perguntou Harry se sentando na cama.

– É Harry, ele não sabia que a Horcrux que estava na caverna era o medalhão... Nós pesávamos que fosse a taça de Ruffepuffe ou um objeto de Grinffindor.

– Então isso só quer dizer que a morte de Dumb..... de Dumbledore foi em vão. — Disse Rony pela primeira vez prestando atenção na conversa.

– Não fale isso garoto! — Brieida arregalou os olhos para Rony e disse. — Ele foi o melhor mago dos últimos tempos, ele destruiu o anel, uma das Horcruxes, e deixou um aliado magnífico como sucessor, Harry Potter!

– Brieida, você conhece Dumbledore há muito tempo? — Perguntou Harry com um tom educado.

– Desde... hum... meados de 1877. — Falou o mago acariciando a Resfine.

– Mas Dumbledo... — Ia dizendo Harry encarando-o.

– É ...1910, Harry. — Disse Brieida. — Queria ser mais velho, porém tenho apenas noventa e dois anos.

O Mistério do Ueu Negro

— Harry, devemos ir, papai já deve estar desconfiando!
— Disse Rony coçando o couro cabeludo.

— Está bem, vou indo...

Harry levantara da maca e apertara a mão do R.A.B. falso.

— Espere!! — Exclamou Brieida.

— O que? — Perguntou Harry. — Quase ia esquecendo, isso é seu, Harry. — Brieida estendeu a mala de couro de dragão de Tom Riddle e entregou a Harry junto com o pergaminho que Harry pegara dentro do colar. — Faça bom uso. Espero que ajude.

— É, eu também espero. — Afirmou Harry olhando para o bordado chamativo com o nome Tom Riddle Harry guardou o bilhete no bolso e a mala debaixo do braço, olhou firmemente para Brieida e deu um sonoro “tchau”, enquanto Rony tirava o olho pela primeira vez de Resfine.

— Vamos Rony, entre debaixo da capa. — Falou Harry esticando a capa e entrando debaixo dela.

— Pode deixar que eu abro, Harry. — Brieida levantara mancando até a porta e a abriu vagarosamente.

— Obrigado. — Harry tirara a cabeça para fora da capa.

Harry e Rony andaram um pouco até escutar a zoadá da porta se fechando, dobraram o corredor e desceram as escadas até se encontrarem no térreo, de onde haviam entrado.

Numa fração de segundos Harry e Rony se encontravam dentro da dispensa da loja dos Weasleys. Eles tiraram a capa e Harry enrolou a mala rapidamente. A dispensa ainda estava cheia de caixas e artefatos embalados cuidadosamente.

— Meninos, pensei que era mentira. — Disse Sr. Weasley com uma espada cinza-nobre que piscava em sua mão, ao entrar no quatinho.

— O que papai? — Perguntou Rony que parecia acordar de um pesadelo.

– Eu contei ao Arthur que vocês estavam aqui na despensa e ele não estava acreditando. — Disse Tonks entrando no quartinho com algumas penas penduradas no pescoço.

– Desculpe Tonks, mas nesses tempos não podemos vacilar. — Disse Arthur desconcertado. — Mas como vocês entraram aqui que eu não vi?.

– Nos viemos direto para cá! — Disse Harry puxando uma marmota de plástico, para disfarçar interesse. — Aqui estão as melhores coisas.

– Mano, Harry.

– Oi, Jorge. — Disse Harry apertando a marmota.

– Harry eu não vi você ent... — Nesse mesmo instante Hermione chegara e interrompeu a pergunta de Jorge.

– Vamos gente, já que o time não veio, Molly deve estar preocupada.

– Claro Mione, vamos. — Disse Harry largando a marmota e saindo da despensa.

– Harry, pode levar. — Falou Jorge entregando a marmota a ele. — Você gostou tanto que não posso lhe negar.

– Obrigado, Jorge. — Harry agradeceu sutilmente pensando em o que iria fazer com aquilo, e foi com Rony e Hermione para a entrada principal da loja.

– Harry, porque seu braço esta assim? — Perguntou Hermione.

– Assim como, Mione?

– Assim, imóvel.

– Ele esta segurando uma mala dentro da capa, Hermione. — Disse Rony abrindo a porta para saírem da loja e entrarem no movimento do Beco Diagonal.

– Uma mala?

– É, na Sede eu explico.

O Mistério do Ueu Negro

Harry e os garotos esperavam Tonks e Arthur para aparatarem para o Largo Grimaldd. Não demorou muito para que todos estivessem em um jardim iluminado e vazio.

— Vamos rápido, não quero ninguém nos vendo. — Disse Arthur caminhado rapidamente entre a grama e as árvores do jardim. — Está logo ali.

Chegando à casa de Sirius no largo Grimaldd nº. 12, Harry logo pensou em seu padrinho tão gentil e protetor. O Sr. Weasley tirou a varinha, se certificou se alguém estava olhando, e logo murmurou algo que ninguém conseguira entender, com que fez uma casa entre o número 11 e 13 aparecer do nada, apertadinha e discreta. Harry vira essa cena da última vez que tinha ido na sede, á dois anos atrás.

Ao entrar a Sra. Weasley já estava com o jantar preparado esperando todos. Harry estava sorridente e bobo ao ver a casa de seu padrinho ali embaixo de si, todo o plano de conseguir enganar o Sr. Weasley tinha funcionado, e ainda estava com os pertences de Voldemort debaixo dos braços.

— Onde foi que vocês se meteram? — Perguntou Molly conseguindo falar mais alto que a mãe de Sirius. — Estávamos esperando por vocês. Andem todos vocês direto para a mesa.

— Nós ficamos entretidos na loja de Fred e Jorge, querida. — Explicou-se o Sr. Weasley indo com Molly e Tonks para a cozinha, deixando os garotos pasmos com a limpeza do local na sala de entrada.

A câimbra já não deixa Harry em paz, seu braço estava dormiente por falta de movimento, o garoto olhou para cara dos amigos e saiu correndo pro quarto, onde lembrou que ficara da última vez. Molly havia arrumado tudo, não tinha teias de aranha, nem móveis quebrados. Harry passou no corredor de cabeças de elfos como se estivesse mais uma vez fugindo do Rabo-Cornéio Húngaro. Ao chegar em seu quarto, guardou a mala debaixo de uma cama cheirosa, aquela não parecia a antiga casa de Sirius. Harry voltou correndo para o jantar antes que notassem sua falta.

O Mistério do Ueu Negro

Durante toda a refeição, Hermione não parava de cutucar Harry para que terminasse de comer rápido, queria poder subir ao quarto e escutar todos os detalhes da história da tal mala e de R.A.B.

Pra Harry, o jantar estava muito silencioso, mas na verdade era ele que não conseguia se concentrar nas conversas que surgiam naquela mesa. Só tinha pensamentos para a tal mala, que nesse momento se encontrava debaixo de sua cama, queria revistá-la, vasculhá-la, olhar os detalhes, não conseguia parar de imaginar o que de tão importante haveria nela.

Não demorou muito para Harry, Rony e Hermione se levantarem e irem direto para o quarto, sem dar a mínima importância para a Sra. Weasley, que agora acabara de se levantar para buscar a sobremesa.

Chegando no quarto, Hermione estava bastante ansiosa, já foi logo perguntando o que havia acontecido no St. Mungus. — Deu muito trabalho para despistar o Sr. Weasley, agora eu quero saber exatamente o que aconteceu no St. Mungus e o que tem naquela tal mala que você estava escondendo. Não me escondam N-A-D-A!

— Calma Hermione. — Disse Rony fechando a porta. — Vamos explicar exatamente o que aconteceu.

— Mione eu e o Rony entramos em um quarto meio assustador, mas bem confortável...

— Confortável? Você chama aquilo confortável? — Rony alterou a voz para Harry.

— Rony, cala a boca. — Disse Hermione ansiosa, fazendo com que Rony se sentasse e ficasse imóvel. — Continua, Harry.

— Tinha um velho com um simpático animal, um resfina...

Nesse momento Rony arregalou ainda mais o olho e não contrariou Harry. Alguns minutos depois de Hermione

saber toda a façanha, a cara de Rony estava pasma e petrificada em uma só expressam, pavor.

– Harry e onde estar a mala? — Perguntou Hermione olhando para todos os lados.

– Está logo aqui. — Harry meteu a mão debaixo da cama e retirou algo invisível e foi desenrolando rapidamente a capa de invisibilidade.

– Harry, você não consegui abri-la? — Exclamou Rony vendo os esforços de Harry a tentar abrir a mala.

– Alorromora.

– Ah... Hermione, eu poderia fazer isso. — Disse Harry ao ver a mala escancarada sobre a cama.

– Nossa! — Hermione olhou espantada. — Ele era um colecionador?!

– Não tenho nem idéia, Mione. — Disse Harry retirando o plástico fino e transparente que cobria vários objetos, recortes de jornal trouxa e bruxo, e alguns prêmios, assim diziam os nomes, prêmios que Harry, nem os colegas, souberam o de que eram.

– Harry, escute isso. — Hermione lia um pedaço de manchete velha e mal cheirosa.

“Acaba de nascer o mais novo Herdeiro do Gringotes, Thiago James Potter, filho de Rodolfo Magnoli Potter e Cristina Aimorés Potter, o garotinho com apenas dois dias de vida, já é dono de dois cofres cheios de Galeões no Gringotes.”

– Harry, isso quer dizer que seus avós era...eram donos do Gringotes?! — Falou Hermione assombrosa.

– Por que todos me escondem as coisas? — Perguntou Harry sarcástico.

– Talvez ninguém soubesse, Harry. — Disse Rony falando ainda imóvel e ainda mais espantado.

– Não sabiam? E toda a minha fortuna?

O Mistério do Ueu Negro

– Olhe, Harry, outra notícia sobre seu pai. — Agora Hermione escorregava a mão entre os objeto e recortes da mala.

“Thiago Potter com apenas dois anos se tornou o bruxo mais rico de todos os bruxos”

– Harry seu pai era milionário! — Exclamou Rony plasmado.

– Por que Riddle tem todos esses recortes de notícias de seu pai? — Perguntou Hermione verificando se havia mais palavras no recorte.

– Não sei! Não sei, Hermione. — O garoto estava irrequieto ao pensar na Sra. Weasley mentido para ele, no Dumbledore mentindo para ele, até Sirius mentia para ele, como podiam?

– Harry, se controle, você tem que ficar alegre, seu pai era o bruxo mais rico dos bruxos. — Disse Rony olhando para o recorte.

– É isso Rony!

– O quê, Hermione? — Perguntou Rony.

– Inveja! Tom Riddle devia odiar haver um bruxo tão rico e tão amado, ele deveria querer isso para ele...

Ao ouvir isso, Harry lembrou-se da história que Dumbledore havia lhe contado no ano anterior. Tom Riddle era um garoto que havia perdido a mãe ao nascer, e que o pai havia abandonado. Viveu sua infância em um orfanato junto a muita pobreza.

– Harry... olha isso! — Disse Rony de repente, o que fez Harry acordar de um transe pensando no quanto Tom era solitário.

– Mas o que é isso? — Disse Hermione olhando para algumas anotação nas quais tinha muitos rabiscos nas bordas das páginas amareladas, pela idade.

– Parece algo sobre... — Disse Harry, agora prestando atenção no pedaço de papel que Rony segurava.

– Horcruxes! — Hermione completou com tanto vigor que Harry até ficou preocupado se alguém havia escutado.

– Harry, foi aqui que Tom escreveu como fez suas Horcruxes?

– É Rony, parece ter sido. — Harry pegou o papel da mão do amigo e o analisou, parecia muito com as letras e rabiscos do livro de poções do príncipe mestiço, Snape.

– São palavras indecifráveis. — “*Indametri*” foi o que Harry leu ao lado do nome aceso e vibrante “*Marisa Bramis*”.

– Harry, você acha que essa mulher foi morta para ser feito um Horcrux?

– Provavelmente, Hermione...

– Onde será que Brieida conseguiu esta mala?

– Rony, isso agora não importa. — Disse Hermione vasculhando os objetos velhos e quebrados de Tom.

– Hermione, o que quer dizer “*Indametri*”?

– Não sei, Harry. — Hermione agora vasculhava sua mente para tentar lembra essa palavra em algum lugar. — Se bem que no ano passado li algo parecido no profeta quando Amélia Bonés foi assassinada, mas era “*Impametsi*” eu acho.

– É isso mesmo Hermione, as letras que estão bastante emboladas. — Disse Harry consultando a folha novamente. — E isso é o quer?

– Um feitiço proibido e não reconhecido pelo ministério, assim como o “*sectusempra*”, Harry.

– É, com certeza esse é mais um dos feitiços perigosos criados por Tom. — Disse Harry. — Pelo menos agora sabemos com quem Snape aprendeu a criar feitiços.

– Gente, olha só isso. — Disse Hermione levando um pergaminho em direção à Harry.

– Esta escrito na capa “*Lord Voldemort*”. — Leu Harry em voz alta. E o abriu para ler o que havia dentro. “...*após o fim da família Riddle, me nomeio Lord Voldemort...*”

O Mistério do Ueu Negro

“...mostrarei ao mundo bruxo, que não devemos mais nos envolvermos com sangues-ruins...”.

– E tem mais. — Disse Harry. — Aqui ele escreveu os nomes de alguns comensais da morte, ou melhor, os primeiros a se unirem a ele... “Kracus Martom, Shaphyra Martom, Herryas Perpis, Brucio Armeni...”

– Minha nossa. — Comentou Rony. — Tom nunca imaginou que isso fosse parar nas mãos de alguém. Tem muita informação valiosa escrita...

– Olhem! — Exclamou novamente Hermione. — A marca negra!

Hermione apontara para o canto do pergaminho, onde tinha desenhado algo parecido com a marca negra, que Harry vira na Copa de Quadribol e no braço de Karkaroff.

– Ele já armava tudo desde adolescente. — Disse Hermione retirando de dentro da mala o símbolo da Sonserina, que provavelmente fora arrancado de uma vestia.

– Gente o resultado do NIEM’s de Tom. — Disse Rony agarrando uma folha velha.

Adivinhação — P

Astronomia — A

DCAT — O

Feitiços — E

Herbologia — E

Historia da Magia — D

Poções — E

Transfiguração — E

Trato das criaturas mágicas — E

– Rony, você está lendo o meu NOM’s? — Perguntou Harry assustado.

– Não Harry, por quê?

– Meus resultados dos NOM’s é realmente idêntico a esse... idêntico! — Disse olhando assustado para os amigos.

– Harry, é só coincidência! — Falou Hermione ainda mais apavorada que Harry.

– Harry, Rony, Hermione? — Perguntou a voz aguda e macia de Molly. — Abram a portam, preciso pegar uma coisa para mostrar a Moody.

– Certo mamãe, já estou indo. — Rony falava enquanto Harry e Hermione enfiavam as coisas na mala novamente e a enrolavam com a capa.

– Harry, nossa primeira reunião com os membros da Fênix será amanhã a tarde. — Disse a Sra. Weasley conjurando um banquinho e subindo nele, para pegar um baú pequeno e preto que estava em cima do armário.

– Certo, senhora.

– Vou deixar vocês novamente a sós. — Disse Molly saindo porta a fora.

Quando Sra. Weasley já estava no fim do corredor, Rony trancou a porta e se virou para sentar com os dois amigos.

– Você acha que isso é coincidência, Harry? — Perguntou Rony com uma cara de angustia, só de pensar que a resposta fosse "não".

– Harry, você tem que se lembrar no que Dumbledore tanto lhe disse "a diferença entre você e ele, é simplesmente o amor." — Disse Hermione arranjando forças para reanimar Harry.

– É... você tem razão... mas vamos continuar a ver o que tem dentro dessa mala.

Harry com cuidado abriu novamente a mala, retirou os papeis que já tinham lido, colocando em cima da cama e pegou outra folha que mais parecia ser um jornal.

Nele tava escrito em destaque:

“Atentado mata 3 pessoas em Freitas.”

O Mistério do Ueu Negro

“Fudge relata que ainda não acharam pistas de quem é o assassino, mas tudo indica que tenha sido um atentado de varias pessoas, uma quadrinha”.

E no lado do anúncio tinha a foto de uma casa em chamas, com varias pessoas ao redor. A folha estava queimada, e só dava para ler um pedaço da notícia, e a última palavra que Harry conseguiu decifrar era, "ministério" ou algo parecido.

– Mas o que isso tem haver com Tom Riddle? — Falou Harry pensando em alguma possibilidade dele estar metido nisso.

– Ele pode ter mandado algum comensal matar essas três pessoas. — Falou Rony meio pensativo.

Hermione olhou para Rony assustada, era uma daquelas vezes que ele surpreendia com respostas inteligentes.

– É... mas o que me intriga, é quem são essas pessoas e porque ele queria que elas morressem. — Rony continuou.

– Isso é obvio, Rony! — Exclamou Hermione puxando um rabisco da mala. — Ele tinha que matar para fazer seus Horcruxes e olhem. — Hermione agora levava o rabisco para Harry e Rony olharem.

– “Morsmordre”, esse é o feitiço para conjurar a marca, não é?

– Isso, Harry! — Acrescentou Hermione. — Agora temos certeza de que Tom Riddle já pensava em ser tudo o que ele é hoje desde adolescente...

– Não, Hermione, desde criança. — Harry lembrou dos furtos e grosserias que Tom aprontava quando era pequeno.

Os meninos não paravam de procurar coisas importantes para saber onde estavam as Horcruxes, mas não havia nada de muito útil, a não ser um mapa desenhado com tinta verde e embaçada, onde Rony encontrara em um compartimento que não era a vista na mala, como se fosse um compartimento secreto. Era uma espécie de mapa, um mapa muito mal desenhado, parecia ter sido feito as pressas, tinham

nomes em cima de cada desenho mal feito, “A *riedita*” era o nome que estava sobre uma montanha rabiscada. Num lugar em que os meninos identificaram como uma casa, tinha escrito “*Ogcdri’s Wolohl*”. Mas onde estava às palavras “*Cruzares*” e “*Feporaci*” não tinha desenho algum.

– Mas o que significa isso? — Perguntou Rony sabendo a resposta.

– Não sei, Rony.

Os meninos viraram o mapa de costas e encontraram escrito “*TOM SERVOLO RIDDLE*” e a esquerda do nome tinha “*EIS LORD VOLDEMORT*”.

– Isso foi o que ele fez na câmara, na câmara secreta. — Disse Harry trêmulo e suando cada vez mais.

– Então pode ser que esses nomes da frente... — Hermione virou o mapa novamente e mostrou os nomes. — ...estão em anagramas.

– É, Hermione, mas como poderemos decifrar?

– Do mesmo jeito que Tom fez na câmara. — Disse Harry puxando a varinha. — *Restitarius*.

As palavras começaram a andar sobre o papel, como se tivessem vida. Poucos segundos depois já se podia ler “*Direita*” e algo como “*Godric’s Hollow*”, não demorou muito para “*Horcruxes*” e “*Profecia*” estarem perfeitamente escritos.

– Mas, mas...

Alguém que subia a escada fazendo o maior barulho, fez com que os meninos jogassem todos os papeis e objetos debaixo de um cobertor verde limão que estava forrando a cama esquerda do quarto.

Mais uma vez era a senhora Weasley, desta vez não pedira para abrirem a porta:
— Vão dormir, vocês sabem que horas são?

— Berrou ela.

— É mesmo, já são quase uma hora da manhã! Gente, vou para o outro quarto. — E sem dizer mais nada Hermione saiu deixando um olhar sagaz para os garotos.

— Isso... vamos dormir. — Harry colocou o pijama e deitou, depois de jogar todos os pertences de Tom, na mala novamente. — Noite, Rony.

— Boa noite, Harry. — Disse Rony que também já estava deitado com o seu pijama.

Harry sabia que mais uma vez teria dificuldade para dormir, estava ansioso demais para descobrir o que mais aquela mala de Voldemort podia lhe ajudar com as Horcruxes.

Seus sonhos e pesadelos se cessaram logo após fechar o olhos e cair num sono profundo.

No dia seguinte, Harry acordara um pouco preocupado, a tarde seria a primeira reunião da Ordem que ele iria participar, pior, liderá-la. Várias perguntas começaram a vir na sua cabeça. Como iria explicar as Horcruxes? Como iria mandar os membros atrás dos comensais? O que ele mandaria cada um fazer para conseguir encontrar e acabar com Voldemort? Ele parou de pensar aquilo quando ouviu um ronco de Rony ligeiramente forte.

— Rony! Acorda, vamos tomar café da manhã! Rony! — Harry não queria ir sozinho a cozinha, passar pelas cabeças de elfos, enfrentar o quadro da mãe de Sirius e ainda aturar Hermione ir correndo para cima dele perguntando da mala, não era muito favorável.

– Ah! Só mais cinco minutos!

– DEIXA DE SER FOLGADO! — Harry realmente não queria ficar só.

– Harry Potter, que saco!

– Rony, qual o problema de cinco minutos?

– Vou botar a roupa para gente ir tomar café. — Rony não respondeu a pergunta de Harry, ele levantou e vestiu a calça rasgada no joelho e uma blusa amarela, que parecia ser branca quando nova.

– Vamos, então.

Na mesa grande e encardida do café, se encontravam somente Hermione, o Sr. e a Sra. Weasley.

– Harry querido, creio que está faminto, não comeu quase nada ontem. — Disse Molly encarando o olhar de espanto de Rony.

– Estou, estou mesmo. — Falou Harry olhando os deliciosos ensopados e tortinhas de chocolate que se encontravam ao lado das torradas.

Depois dele ter comido seu segundo bolinho a imagem esquelética e velha da Sra. McGonagall, aparecia de robe azul celeste na silhueta da entrada para cozinha.

– Ensopado de abóbora? Que torturante, em Molly?! — Disse Minerva entrando na cozinha e se sentando a mesa.

– Minerva, gostei de seu robe. — Disse a Sra. Weasley oferecendo outro bolinho a Harry.

– Madame Malkin! Adoro as medidas dela.

Nesse momento Harry e Rony tapavam a boca com o máximo de comida possível para não rirem.

– Adorável. — Molly acabara de cutucar Arthur de um traze, com certeza o Sr. Weasley pensara em algo para não rir de Minerva.

– Ah! Harry, Ronald e Granger. — Dirigiu-se Minerva aos garotos. — Ontem à noite conversei com Molly e Arthur, que creio eu seja quase seus pais, Harry, e também recebi uma

O Mistério do Ueu Negro

coruja retornada de seus pais Hermione. Eles concordaram que vocês não iriam fazer o sétimo ano em Hogwarts por questões de ajudar a Ordem da Fênix, mas conversando com o quadro de Dumbledore, ele disse que seria ótimo se vocês fizessem os testes de NIEM's, que você tanto sonha Hermione. Então eu proponho... — Minerva abriu um belo sorriso juntamente ao de Molly e completou. — ...que façam os teste no final do ano letivo, mesmo sem participar das aulas práticas...

— Claro, Claro... — O sorriso de todos os garotos confirmaram a resposta de Hermione.

— Então está combinado, vocês irão a Hogwarts nos dias dos testes e espero que passem garotos!

— Claro, sim! — Responderam todos de vez.

Aquela manhã seguiu sem mais surpresas de McGonagall ou qualquer outro bruxo usando calções de banho.

Mas o almoço foi muito diferente do que costumava ser, Harry, Rony e Hermione, levaram os pratos recém preenchidos com feijõesinhos, galinha frita e ovos cozidos, para o quarto. Eles não paravam de mexer as coisas de Voldemort, coisas que naquele momento não tinha tanto significado.

— para que ele guardava... — Falou Rony com um garfo prezo a uma mão e lendo um mine troféu que estava segurando com a outra mão. — ... “Relíquia de Gaunt”.

— Gaunt Servolo! — Hesitou Harry mastigando um feijãozinho. — Pai de Merope, avô materno de Tom.

— Ah!

Os meninos mexiam e remexiam a mala, mas nada era tão chamativo quanto uma foto rasgada e velha de uma pálida garota, olhos divergentes e cabelos escorridos que não parava de chorar no fundo de um envelope.

— Ele estava apaixonado? — Perguntou Rony diretamente para Harry, como se ele soubesse a resposta.

— Merope! A mãe.

— Essas aulas com o Dum... — Hermione deu uma bela engolida do ovo e continuou. — ...Dumbledore te ajudaram bastante.

Harry por um momento sentiu falta de entrar e sair pela penseira nas noites no ano anterior, mas seu pensamento foi interrompido por uma voz que ele quase não conseguia identificar.

— NÃO agüento mais, não agüento mesmo, PESSOAS inúteis!

O grito nítido da mãe de Sirius se estendia por toda a casa, que vinha do térreo e percorria os quartos, fez com que Harry e os amigos novamente jogassem tudo debaixo do cobertor e descessem rapidamente corredor a baixo.

— IMUNDOS, INGRATOS, O QUE FAZEM NA MINHA CASA. — Falava aos berros a mãe se Sirius. — SAIAM DAQUI...

Então de repente e sem pronunciar palavra alguma, Minerva direcionou sua varinha a Sra. Black, e lançou um feitiço que a fez colar-lhe a boca.

— Professora, como a senhora fez isso? — Questionou Rony. — Na última vez que viemos a esta casa ninguém conseguia arrumar um feitiço para ela sossegar.

— Bom, Ronald, isso foi há dois anos, agora nós já descobriu um, o problema é que ele não é permanente, e se alguma coisa perturbar muito, ela vai recuperar a voz. Neste momento Rony havia entendido o que perturbara tanto a mãe de Sirius. Por toda parte daquela sala, havia um auror. Todos pareciam ansiosos pela aparição de Harry, agora como líder da sede.

— Harry! — Neste momento Tonks veio correndo em sua direção. — Como que vai? Tudo beleza? — Deu-lhe um sorriso. — Não lhe vi hoje no café nem no almoço... andou fugindo? — Riu.

O Mistério do Ueu Negro

– Annn... Tudo bem Tonks, é que estávamos o tempo todo no quarto... — Respondeu Harry. — O que todos esses aurores estão fazendo aqui? Nas outras reuniões não havia tantos. — Harry agora corria o olho por todos os cantos, e identificara Kim Shacklebolt, e Moody que também estavam presentes.

– É que agora com um novo líder, todos vieram saber o que devem fazer a partir de agora. Entende?

– Ah... claro. — Harry respondeu gaguejando, com o problema da mala ele não tinha elaborado um discurso para sua apresentação.

Houve uma grande pausa nas conversas dos aurores, todos olhavam para Harry, um garoto encantador de apenas dezessete anos os lideravam.

– Bem... er... boa tarde... — Disse Harry se espremendo no corrimão.

– Como a maioria aqui já está ciente, Dumbledore ou posteriormente o quadro dele, nos deu o grande prazer de substituí-lo por Harry Potter. — Nesse momento Minerva engoliu uma grande quantidade de saliva e completou. — A partir de hoje, Harry Potter será nosso Líder.

Aquelas palavras suavam muito pesadas para Harry, como podia comandar bruxos magníficos e muito mais espertos que ele? Será que Dumbledore estava certo? Ou mais uma vez havia se enganado com alguém?

– Vamos, Harry, creio eu que você preparou um belo discurso para os presentes, não?

– Bom... — Harry soltou de vez o corrimão e assumiu seu posto, com a coragem que havia tido em outros momentos passados, *“Convidar Cho Chag ao baile era mais constrangedor! Ou, quem sabe, decidir enfrentar Voldemort cara a cara naquele cemitério...”*, pensava ele enquanto suas entranhas se corroíam. — Então, sim... — Obrigado por

estarem todos aqui nessa minha primeira reunião, gostaria de chamar meus novos aliados e meus seguidores.

Por um momento ouvi sussurros que foram abafados quando Harry completara a frase.

– Ronald Weasley e Hermione Granger.

Mais sussurros invadiu toda a sala.

Rony e Hermione olharam espantados para Harry, assim como todos os membros da ordem, exceto aqueles que já sabiam de tudo...

Então um homem foi até a frente de Harry e se virou para todos falando:

– Vocês acham que um garoto de 17 anos junto com seus amigos podem comandar a todos nós? Eu sei que Dumbledore sabe o que faz, mas assim já é demais...

– Se não acredita no Harry nem em Granger ou Ronald, você está contra nós, Dawlish. — Surpreendeu Minerva falando, sobre os óculos. — E pode sair se quiser. Alguém mais concorda com o Dawlish?? — Perguntou Minerva.

Houve um grande zunzum na sala, porém ninguém mais se manifestou.

– Olhem... — Falou Harry. — Eu sei que é difícil seguir ordens de pessoas que nem mesmo completaram o colégio... Mas acho que se Dumbledore confia, eu também devo confiar em mim... E confio nos meus amigos Rony e Mione... Então queria que não só eles, como vocês me ajudassem nessa tarefa árdua... Me dando apoio, não só por ser o líder, e sim, porque precisamos uns dos outros agora...

Todos olharam para Harry espantados com tais palavras e a Sra. Weasley chegou ao ponto de chorar baixinho no ombro do Sr. Weasley.

– Tenho algumas idéias para lhes dizer... E quero pedir que se tiverem um jeito melhor me avisem. — Harry engolira uma das mesmas salivas de Minerva e continuou. — Quero muito que alguns de vocês fiquem por todo redor de Hogwarts,

O Mistério do Ueu Negro

sim sei que o ministério já providenciou isso, mas não confio o bastante... — Harry nesse momento pensara em Gina, “*Como estaria ela tentando entra na sala precisa*”. — Eu, Rony e Hermione estamos trabalhando em algo sério, sei que entre a ordem não há segredos, mas foi o próprio Dumbledore que pediu, então espero que vocês sejam compreensíveis e se dediquem o máximo em capturar comensais... talvez eu não possa participar de todas as reuniões, mas deixarei a diretora e professora McGonagall, para dar-lhes as orientações precisas...

— Harry... — Kim Shacklebolt acabara de chamar a atenção de todos para ele. — Creio que você não contaria o trabalho que Dumbledore pediu-lhe para fazer, mas com certeza estarei aqui para o que der e vier, Potter.

Nesse momento uma cara pálida e sombria de um garoto chamado Harry Potter se transformou em algo nítido e contagiante, seus sábios deram um breve sorriso, seu estomago não latejava tanto, quanto no início do seu comentário.

— É, Harry, conte com nós também. — Disse Lupin olhando para Tonks e Moody.

— Também estou com você, Harry! — Uma bruxa enfeitada acabara de levantar da poltrona, Elifas Doge.

Poucos minutos depois, só Dawlish não havia dado suas palavras de apoio a Harry.

— É, percebo que sou o único que não confia tanto em você, garoto! — Disse o Homem entrando entre dois aurores velhos, ao lado esquerdo de Harry. — Espero que não os decepcionem, Harry Potter.

— Não os decepcionarei! — Disse o garoto com uma voz voraz e áspera.

Ao ver que Harry não tinha mais nada a dizer, Minerva McGonagall se adiantou com uma palminha e capturou a atenção de todos novamente.

— Como de imaginar, nosso querido Harry me surpreende cada dia mais. — Disse Minerva sorrindo e

acariciando os cabelos despenteados do garoto. — Mas novamente tenho uma propostas a fazer em público, como não arranjamos um bom professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, eu convido novamente o Senhor Remo Lupin para ser o novo professor dessa matéria, que tem nós aterrorizado tanto nos últimos anos.

Neste momento todos se assustaram com aquele inesperado convite.

– E então Lupin? Aceita o meu convite? — Perguntou Minerva feliz.

– Bom, desde que os pais dos alunos não achem uma má idéia que um lobisomem assuma o cargo de professor... por mim tudo bem.

Neste momento, Harry se sentiu muito feliz por imaginar novamente Lupin dando aulas de DCAT, e principalmente agora, o que seria seu último ano na escola. Nesse momento, Harry lembrara de algo que não o deixava feliz, não assistiria mais as aula do que fora seu professor predileto. Isso porque ele agora se tornara um homem, cuja missão era derrotar Voldemort...

– Então com esse caso resolvido, podemos retomar à reunião... — Disse Minerva McGonagall.

Harry então tomou novamente o seu posto e prosseguiu a reunião. Aquela noite seguiu sem mais surpresas.

Harry, Rony e Hermione acordavam exaustos pela manhã, haviam ficado até as duas da madrugada na reunião, e Harry pensara a noite toda — *“Tenho que ir à casa de meus pais, ao começo de tudo, talvez possa ajudar até nas Horcruxes... por que Tom havia anotado o endereço da casa de seus pais...?”* — e não conseguiu adormecer.

— Hermione... Rony, preciso de vocês, agora mais do que nunca... — Disse Harry para os amigos, descendo o corredor de elfos e dando um belo bocejo. — ... estou ciente que é arriscado... mas é necessário... preciso de um de vocês comigo, e o outro para ficar aqui na Sede, examinando a mala.

— Vou com você, Harry. — Disse a voz meiga e gentil de Hermione.

Rony só sussurrou um vagaroso “ãhn”, ele não podia reclamar, — tinha ido com Harry ao hospital da última vez — não tinha direito algum de se impor.

— Certo então, Hermione, vamos a Godric’s Hollow onde eu nasce e meus... meus pais... foram... mortos pelo Vold...

— Mas, Harry? — Hermione se espantou e Rony nem abriu a boca.

— Sim... Hermione, vamos logo depois do café. — Disse Harry satisfeito. — Vou falar com o Sr. Weasley e ele ira entender, levarei a capa de invisibilidade e também a folha que encontramos escrito *“Godric’s Hollow”* na mala de Tom, deve ter alguma pista das Horcruxes. Enquanto isso, Rony... você olhara os detalhes de cada pedaço de pergaminho que se encontrar naquela mala.

De repente, sem perceber bateram de frente com a mãe de Rony.

– Garotos... que susto, vocês estão passando mal? — Perguntou a Sra. Weasley com ar de ironia.

– É que não estávamos com muito sono... mamãe. — Respondeu Rony com o mesmo ar de ironia no qual sua mãe lhe perguntara.

Então todos se dirigiram para a cozinha, na qual Harry encontrou o Sr. Weasley, mas achou prudente conversar após o café.

– Harry, querido, coma mais devagar, assim vai acabar tendo uma má digestão! — Disse a Sr. Weasley ao perceber que Harry comia com muita pressa, como se tivesse algum compromisso inadiável esperando-o.

– Desculpe Senhora... — Respondeu ele ainda com um pedaço de pão na boca.

Ao termino do café, Harry tomou pulso e então se dirigiu ao Sr. Weasley:

– Senhor Weasley, eu gostaria de conversar um assunto com o senhor a sós. — Disse Harry.

– Claro, Harry.

E então foram à sala na qual estava vazia.

– O que está acontecendo? — Perguntou o Sr. Weasley, esperando que Harry fosse lhe contar algum problema.

– Não é nenhum problema... não senhor, é que eu vim pedir pro senhor... uh... eu gostaria de sair... para... para visitar a casa dos meus pais...

– Harry... — Respondeu às pressas o Sr. Weasley. — Não sei se seria seguro...

– Não se preocupe, eu vou usar a minha capa de invisibilidade. Eu preciso muito ir até lá... senhor. — Disse Harry de uma maneira semelhante a quando Dumbledore suplicou a vida a Severo Snape no ano anterior.

O Mistério do Ueu Negro

– Então tudo bem Harry, se você acha prudente, eu não vou te proibir, só peço que tome muito cuidado.

– Tudo bem senhor e muito obrigado por tudo. — Agradeceu Harry.

– Por nada, Harry. — Respondeu o Sr. Weasley. — Mas você vai sozinho?

– Não. Hermione vai comigo.

– E quando vocês partirão? — Perguntou com ar de preocupação ao saber que Hermione iria junto com ele.

– Agora...

O Senhor Weasley espantou-se, mas logo levava Harry e Hermione até a porta da casa nº.12.

Os dois entreolharam-se e se foram em suas destinações. Agora suas vistas viam uma casa com a tinta velha e muito suja, árvores espalhadas ao redor dos muros e as montanhas altas ao longo dos campos.

Harry puxou a capa e saiu de seu tom invisível, depois agarrou o rabisco no bolso da jaqueta e mostrou a Hermione o exato local de onde fora desenhado aquelas figuras.

– Harry, por quê Tom desenharia um mapa de sua casa? — Perguntou Hermione assombrada.

– Inveja! — Harry imaginara o sofrimento de seu pai, a morrer por inveja de um bruxo das trevas. — Inveja, Hermione, ele tinha inveja da felicidade de minha família...

Os dois se olharam como se dissessem “*você entra primeiro*”, mas não demorou muito para Harry dar o primeiro passo em direção à porta velha e chuviscada de sangue endurecido. Nesse mesmo momento sua cicatriz começou a arder como da última vez que sonhara com Voldemort.

– Harry, Harry. — Chamava Hermione, o garoto ouvia sua voz bem lentamente no fim da sua mente, enquanto esfregava a mão sobre a testa.

Por um instante Harry não viu mais nada, tudo havia se apagado de sua mente e caía em algo profundo e negro.

– Ele desmaiou. — Disse Hermione para os aurores que estavam em volta de Harry, no quarto do Largo Grimaldd.

– O que houve Potter? — Perguntou Alastor vendo Harry abrir os olhos.

Harry respondeu com uma simples e sonora voz, “a cicatriz”, então a Sra.Weasley entrou no seu quarto trazendo baldes e papos com águas e o livro de curandeiro debaixo do braço.

– Saíam todos, eu cuido dele. — Disse ela voraz.

Ninguém relutou em sair, nem mesmo Rony que estava demasiado com a situação.

Quando a senhora Weasley abafou a cicatriz com um papo úmido quente, Harry começara a pensar, porque sua cicatriz doera tanto? Será que Lord Voldemort estava por perto, ou a sua casa tinha alguma coisa com aquilo? É isso, Harry chegara a uma conclusão, era um Horcrux, era uma alma de Voldemort que estava ali perto, ou até mesmo dentro da casa. Harry adormeceu com uma leve apalpada de Molly, com um líquido branco ao seu nariz.

Harry na manhã que seguia, acorda mais disposto, Rony e Hermione estavam do seu lado na cama, com o profeta diário em suas mãos:

– Algo de interessante no Profeta? — Perguntou o garoto angustiado.

“*Lucio Malfoy é morto por aquele-que-não-deve-ser-nomeado.*”

Hermione acabara de ler a manchete do profeta, enquanto o queixo de Harry espedaçava no chão.

– “*Nesta manhã o corpo de Lucio Malfoy foi encontrado nas redondezas de Azkaban, com uma marca negra flutuando naquele local, onde jazia um bilhete escrito: ‘Malfoy morreu pelo seus erros, o mesmo acontecerá com a sua família’*”.

O Mistério do Ueu Negro

– O que Lucio fez de tão grave para merecer morrer pelo próprio Lord? — Perguntou Rony perturbado.

– Não tenho idéia Rony, não tenho idéia! — Disse Harry se sentando na cabeceira da cama.

Harry releu esse jornal umas cinco vezes para entender o motivo pelo qual Voldemort matara Lucio.

Então eles desceram para tomar café e os membros da ordem estavam todos chocados com o que o profeta dissera.

– Lupin, temos que proteger Draco e Narcisa. — Disse Tonks socando a mesa.

– Bem, Arthur você poderia falar com o ministro para reforçar a segurança dos Malfoy? — Perguntou Moody girando os olhos para Harry e os amigos.

– Esta certo, falarei com o ministro. — Disse Arthur.

– Harry querido, como você esta? — Perguntou Molly apontando a varinha a um caldeirão que flutuava até a mesa.

– Estou, estou bem.

– Harry, você tem alguma idéia porque desmaiou. — Perguntou Tonks se sentando em uma das cadeiras. — A Hermione chegou aqui em pânico.

– Não sei, acho que foi a cicatriz. — Disse o garoto passando a mão na testa. — De repente ela começou a doer e eu não vi mais nada.

– Bem, Harry, eu não tenho certeza porque isso aconteceu, mas acho, que sua mãe morreu para salvar você, e graças a ela você esta vivo até hoje, só com essa pequena cicatriz na testa, a dor que ela sentiu e que Voldemort também sentiu, foi voltada toda no único sinal que marcou aquela noite, então acho que você e nem você-sabe-quem conseguiriam entrar naquela casa, por ela ser onde a vida de vocês dois mudaram eternamente.

Harry ficou pensando se ele nunca poderia conhecer a casa onde ele nasceu e os seus pais morreram, andando com isso pela casa, Rony e Hermione estavam ajudando a Sra^o

Weasley na cozinha e ele estava olhando a casa que era de seu padrinho, com mais interesse, estava olhando a sua propriedade, e então passando por um corredor, onde ficava a raiz Black, ele viu o quarto de Sirius e resolveu entrar.

Harry nunca aceitara a morte do seu padrinho, lembrou do espelho do maroto e resolveu procura-lo olhou de baixo da cama, não tinha nada, olhou o guarda-roupa procurou em todas as gavetas, viu as roupas de seu padrinho, sentou na cama e deitou a cabeça no travesseiro, começando a pensar em como Gina estaria sem ele, ficou pensando nela, no seu sorriso, no seu cabelo, ficou assim até dormir.

No seu sonho, ele se viu nos braços de sua mãe, ela estava com uma feição de horror no rosto, ele viu o seu pai morto caído no chão e então olhou para a frente e viu Lord Voldemort sorrindo e apontando a varinha para ela, que gritava e implorava que não matasse seu único filho.

Lord Voldemort olhou para cara de Harry e para Lílían, apontou a sua varinha para o peito de Lílían e disse:

– Avada Kedr...

Harry começou a gritar:

– Não! Não mate minha mãe... Não! Mãe...

Acordara gritando e com sua cicatriz ardendo em chamas, a Sra. Weasley entrou no quarto desesperada, vendo Harry sentado na cama.

– Harry, querido, o que aconteceu? — Sua voz estava afoita.

– Eu o vi... estava... ele estava... minha mãe...

– Aquele-que-não-deve-ser-nomeado, Harry?

– Sim, Voldemort matando minha mãe!

A Senhora Weasley fez uma careta de medo, e abraçou Harry com muita força.

– Calma... foi só um pesadelo.

O Mistério do Ueu Negro

Na manhã seguinte, bastante ensolarada, Harry vestia-se ainda lembrando-se do sonho.

Rony entrou no quarto:

– Lupin quer falar com você.

– Fala para ele que eu já vou. — Harry esqueceu sobre o pesadelo e ficara pensando o que Lupin queria com ele, vestiu suas roupas de trouxa e desceu até o salão de entrada, onde Lupin estava esperando.

– Bom dia, Harry. — Disse o professor alegre.

– Dia, Lupin.

– Bem, Harry, como você já sabe eu vou dar aula em Hogwarts, mas antes de ir eu quero te dizer que Olho-Tonto vai ter que lhe ensinar Oclumência e Legilimência.

– Para quê? — Perguntou Harry.

– Bem e não é só isso, vai te ensinar como conjurar as Maldições Imperdoáveis, e também a praticar feitiços não-verbais.

– Mas eu pensei que esses feitiços eram ilegais!

– E são, só que você vai ter que aprender quando for enfrentar o Lord das Trevas, ou até mesmo, os exigente NIME's.

– Ok....

Lupin saiu porta a fora sem dizer ao menos mais uma palavra. Harry ficara sem entender nada, aprender a conjurar feitiços ilegais, e se ele fosse preso em Azkaban e perdesse a sua varinha? Afastou esses pensamentos da cabeça e resolveu aprender tudo o que podia, pois Voldemort sabia muita magia e ele quase nada, ele não queria morrer sem nem ao menos duelar honrosamente com Voldemort ou o Príncipe Mestiço

– O quê? Você vai aprender conjurar feitiços ilegais?

— Perguntou Hermione quando Harry acabara de contar-lhes a conversa com Lupin.

– Legal, depois você me ensina? — Perguntou Rony puxando uma risada.

– Bem, quando eu for enfrentar Voldemort ele não vai querer me matar com cócegas, ele vai tentar com Avada Kedavra, como da última vez.

– Olhando por esse lado... mas é muito perigoso, Harry.

– Que nada Harry, é bom você me ensinar porque quando Fred e Jorge não quiserem me dar alguma coisa das Genialidades Weasley, eu lanço o feitiço Imperius e pronto, tenho tudo o que quero.

– Bem, não que vai ser tão fácil assim garoto, não se seu irmão for um bruxo como eu. — Disse uma foz atrás dele, era a voz de Olho-Tonto Moody.

– Eu tava só brincando. — Disse Rony se envergonhando.

– Bem, Potter, o pedido de Lupin era para eu ensinar só a você, mas com certeza vai ensinar para os dois depois, então, darei aula aos três.

– Mas onde vamos aprender esses feitiços, não da para sair na rua fazendo isso. — Disse Harry.

– Andei olhando a casa e tem um quarto ali atrás que não tem tantos móveis, e não estar em uso, dá para nós praticarmos alguns duelos! — Disse Moody.

– Certo então, quando começamos? — Perguntou Rony todo feliz pelas aulas.

– Quando vocês tirarem as coisas do quarto, eu posso ficar afastado da Ordem para ensinar a vocês, não é, Harry?

– Sim, claro... afinal precisamos treinar muito para ficarmos bons.

– Claro, então quando terminarem de tirar as coisas me chamem, ah... e afinal Harry, você me concederia um quarto para eu dormir aqui?

– Claro. — Disse Harry.

– Vou ficar naquele do lado do retrato da mãe de Sirius, e a propósito, o quarto de treinamento fica do lado do quarto de

O Mistério do Ueu Negro

Sírius, eu já lancei barreiras de proteção nas paredes, afinal não podemos destruir sua casa, Harry.

– Uh... — Falou o garoto vendo o sorriso dos amigos.

Hermione, Rony e Harry estavam muito contentes, embora Hermione estivesse resabiada com aprender feitiços abolidos pelo ministério, mas sabia que isso era para própria segurança deles.

Os garotos tiraram o dia para desocupar o quarto e guardar tudo em um depósito nos fundos. Estavam bastante ansiosos para sua primeira aula, desceram para tomar café, comeram uns sapos de chocolate que Lupin mandou para eles, um gole de suco de abóbora e uns biscoitos. Foram até o quarto de Moody e o chamaram.

– Moody, vamos temos que ir para as aulas. — Disse os garotos vendo a senhora Black que estava amordaçada no canto da porta.

– Potter, você já está atrasado, os garotos olharam para trás e lá viram Olho-Tonto.

– Bem, hoje é a primeira aula de vocês, vamos começar com os feitiços não verbais, Oclumência, Legilimência ou duelos, o que vocês quiserem.

– Duelos não verbais. — Disse Harry que lembrou-se das palavras de Snape “*aprenda a manter sua boca calada e sua mente fechada, Potter*”!

– Bem, para você aprender a lançar feitiços não verbais, vocês devem se concentrar, olhem:

Moody fez aparecer a luz, nítida e brilhante da ponta da sua varinha, ele acabara de realizar um “*lumus máxima*”.

– Vocês viram como que se faz? Agora façam vocês, é só pensar e querer muito que isso aconteça.

Harry lembrara da primeira vez que foi ao zoológico com os Dursleys.

Hermione conjurou o feitiço furúnculos em Harry, sua voz não cessara plenamente, o garoto protegeu-se com um protego.

Moody paralisou Rony com um *Petrificus*.

– Potter e Weasley, vocês dois não estão se concentrando como deveria ser, e senhorita Granger, lembre-se, é não-verbal, vamos tentar de novo.

Harry e Rony se concentram e começou mais um duelo, Hermione lança agora um Estupefaça, mais uma vez Harry se protegeu com o feitiço Protego, naquele momento Hermione foi lançada até a parede e bateu suas costas, Harry a desarmou com Expelliarmus e Hermione se tornou a levantar, enquanto Moody despetrificava Rony.

– Muito bom, Harry e Hermione, aprenderam bastante rápido.

Olho-Tonto lançara a maldição Imperius e Rony tentou se proteger com o Protego, mas não deu muito certo, Moody mandou Rony pular como um macaco e o garoto estava dando cambalhotas em cima da mesa.

– Depois do almoço continuamos. — Disse Moody. — E afinal Weasley, me desculpa, era feitiços simples e eu logo mandei um Imperius, desculpa, mandei pesado.

Rony saiu com as bochechas vermelhas de raiva.

– Ele me mandou um Imperius e o meu protego não adiantou nada.

– Calma Rony, hoje foi a primeira aula depois você pega ele.

– Harry, Rony e Hermione venham almoçar, pois vão treinar com o Moody de novo, meu macaquinho. — Riu a senhora Weasley encarando o filho.

Rony ficara ainda mais envergonhado com as palavras da mãe. Todos na mesa estavam conversando sobre a ordem e a próxima reunião que seria no sábado.

O Mistério do Ueu Negro

– Hei, olha é uma coruja. — Disse Hermione levantando o dedo e apontando a janela embargada de feitiços.

– É para você Harry, é da Gina. — A senhora Weasley acabara de pegar a carta e entregar a Harry. O garoto deu um sorriso sem graça e depois guardou a carta no seu bolso da calça.

– Depois eu leio. — Disse Harry sem graça.

Harry terminou de almoçar rápido, pois não parava de pensar o que Gina tinha escrito sobre ele, será que descobrira alguma coisa sobre algum comensal da morte ou sobre as HORCRUXES?

Harry foi para o seu quarto, ignorando as fitadas de olho de todos.

Tirara a carta do seu bolso:

“Harry:

Eu fui na sala de requisição que você me pediu não achei nada que possa ser uma Horcrux, eu reuni a AD de novo, estamos treinando na sala de requisição, já que não tem outro lugar, treinando feitiços e contra feitiços. Eu tomei o seu lugar de líder, espero que você não se importe. Ah.. e outra coisa, eu te amo muito, me manda respostas (eu não falei nada sobre Horcrux para os membros da AD)

Gina Weasley

PS: Manda beijo para a mamãe... ”

– Harry, o que a Gina falou? — Perguntou Rony entrando no quarto com Hermione.

– Que me amava!

– Só? — Perguntou Hermione intrigada.

– Foi... bom, vamos voltar a aula do Moody. Eles se levantaram da cama e foram para o quarto, onde ocorria as aulas.

Moody estava lá esperando pelos garotos, eles começaram a praticar novamente.

Já era quase noite quando todos estavam exaustos e pararam de treinar, se dirigiram para o jantar, que vinha mais recheado que nunca.

– E então Harry, o que a Gina queria? — Perguntou a Sra. Weasley quando Harry entrou na sala de jantar. — Se eu possa saber...

– Nada demais. — Respondeu Harry tímido. — Só disse que me ama, e lhe mandou um beijo...

– Ah.. Gininha... — Molly pensara alto.

Harry acabara seu jantar em silêncio, assim como Rony e Hermione que falavam apenas para perguntar algo sobre a escola ou sobre os acontecimentos.

Quando subiram e abriram novamente a mala de Riddle, voltaram a vasculhar, em busca de uma ajuda para a Horcrux. Passaram mais uma noite vasculhando cada detalhe e nada.

Harry foi dormi pensando nas coisas que tinham acontecido recentemente e se no momento certo ele seria capaz de matar Voldemort, ele lembrava das palavras de Dumbledore: "*Matar não é uma coisa fácil para os inocentes*".

Então começou a ver uma porta se abrir, o céu estava negro atrás dela e uma estranha luz verde parecia vir, entrou um homem muito pálido pela porta e Harry o reconheceu como Lord Voldemort. No mesmo instante um outro homem se jogou a frente dele gritando: '*Lílian fuja com o Harry!*', Harry o reconheceu imediatamente. Tinha cabelos muito negros e lançou um feitiço em direção a Voldemort, enquanto uma mulher que segurava um bebê corria para os andares da casa,

O Mistério do Ueu Negro

foi quando Harry viu uma luz verde e o corpo do homem caindo para trás.

– PAAAAAIIIIII!!!!

Harry acordou, ainda conseguia ver o corpo do pai estatelado ao chão e o filete de sangue saindo de sua boca. Harry estava com lágrimas, enquanto Rony já abrira os olhos e virava-se para Harry arrepiado.

Harry deitou novamente e pensou em seu pai. Nunca tinha sido tão nítido, nem tão horrível.

Harry não dormiu mais, pensando em sua família, em Sirius e em tudo que estava acontecendo por causa de “*Lord idiota*”. Ele sentia raiva a cada minuto. E prometia para si mesmo, que quando a hora chegasse ele estaria pronto.

Ele ficou pensando em tudo o que Gina escrevera sobre a A.D., e a sala de requisição.

Harry levantou-se bruscamente. “*Lumus máxima*”, ele já estava em frente a uma escrivaninha com uma pena na mão, pegou um tinteiro e começou a escrever para Gina, como estavam as aulas com Moody, o que acontecera quando foi visitar a sua antiga casa. Hesitou-se um pouco, mas escreveu “*eu também te amo*”. Pegou o pergaminho amarrou em Edwiges, que piava feliz no breu da janela.

– Leve para Gina em Hogwarts.

A coruja cortara o céu negro, Harry ficara observando o pingo branco sumir na imensidão da noite. E logo se deitou de novo.

Na manhã seguinte, Rony entrou no seu quarto seguido de Hermione.

– Harry, vamos para as aulas de Moody, estamos atrasados. — Disse Rony.

– Vamos depois de comer alguma coisa. — Sussurrou ele bocejando.

Foram até o quarto do Auror depois do café e o chamaram, Olho-Tonto abriu a porta e chamou eles para

entrarem, os garotos observaram os vários objetos de defesa contra as artes das trevas que Moody tinha. Ele pegou um objeto que nem Hermione, nem Rony conheciam pessoalmente, mas Harry a reconheceu imediatamente, era a antiga penseira de Dumbledore.

– Agora nós vamos aprender Oclumência.

Os três caminharam para o quarto de treinamento, enquanto Moody levava a penseira com uma levitação.

– Bem, primeiro todos vocês tentaram fechar a mente para mim, depois dividiremos em dupla, ah... outra coisa, todo dia a noite teremos duelo, vocês três, um de cada vez, contra mim... e quando evoluírem chamarei mais aurores, preciso treinar vocês para derrotarem quantos comensais da morte o possível.

Hermione e Rony olhavam o líquido pastoso e verde, hipnotizados.

– Primeiro você, Potter!

Harry não se sentia nem um pouco a vontade, pois se lembrara das aulas com Snape, onde o professor via tudo o que Harry estava pensando, e se Moody vise em seus pensamentos a mala de Tom Riddle, descobrisse sobre as Horcruxes, não... ele não podia deixar Moody ver isso.

– Potter, sente-se na minha frente.

Harry se sentou e Alastor pegou a sua varinha colocou a ponta de sua testa e puxou um fio branco, que com certeza era seus pensamentos.

– Vamos Potter, feche a sua mente.

Harry se concentrou, ele sentiu Moody em seus pensamentos. Se concentrou mais e gritou.

– Pare! — Disse Harry vendo seus pensamentos evaporar. — Vamos começar de novo.

Ele eliminou os pensamento e fechou a sua mente tão forte que começou a ver um jovem auror muito bonito, em um lugar escuro, mas Moody gritou:

O Mistério do Ueu Negro

– Potter, você já esta usando Legilimência.. uh... você já teve aulas de Oclumência?

– Já, foi com o pro... foi com o Snape, Dumbledore pediu para ele me ensinar para que eu pudesse me defender de Voldemort.

– Ah, está certo, mas até onde eu sei você não era tão bom assim.

– Nem eu sabia que eu era, Sn.. Snape sempre conseguia ver meus pensamentos...

– Pode ser, mas hoje no duelo contra vocês, irei usar legilimência, e quero vocês fechando a mente, e conjurando feitiços de boca fechada, certo?

– Certo, Moody. — Disse Hermione ansiosa a sua vez.
– È Potter, pratique com a Granger duelos, mas lembre-se com a boca fechada.

– Weasley, sua vez.

Rony, nunca teve essas experiências de fechar a mente, Moody viu Rony abraçado com uma menina, viu uma mala.

Rony gritou:

– Pare!

– O que era aquela mala, Weasley?

– Aquela mala é um assunto da reunião de sábado
Moody. — Disse Harry vendo a situação de Rony.

– Granger, podemos tentar?. — Perguntou Moody tentando disfarçar curiosidade.

– Ah, claro. — Disse Hermione sentando-se rapidamente no lugar de Rony.

– Hermione o segredo para isso é eliminar os seus pensamentos e pensar em fechar sua mente, lembre-se ele não pode saber sobre as Horcruxes. — Disse Harry falando no ouvido de Hermione.

Harry e Rony treinaram enquanto a garota enfrentava Moody.

– Muito bem Granger... você e o Potter fecharam a suas pensamentos otimamente, e você Weasley, pratique com os dois. Um descalço para os duelos de noite. — Disse Moody acabando os teste com Hermione.

Os garotos passaram todo o intervalo para os duelos tentando ajudar Rony a fechar sua mente, e não parecia ter passado meia hora quando Moody os chamaram.

– Potter, está na hora.

Harry se dirigiu ao quarto. Moody fechou a porta e se virou para ele. Olhou para o garoto e com muita velocidade puxou a varinha e disse: Expelliarmus!

Harry levou um susto, mas desviou a tempo. Puxou a varinha e disse: Reducio! E ao mesmo tempo Moody já estava gritando protego.

O auror começou a lançar vários feitiços (dentre os quais se encontravam o Imperius e o Crucius), Harry continuava desviando e devolvendo. Até que Moody com um grande golpe de velocidade apontou a varinha para Harry e disse: Petrificus Totalus. Harry se viu petrificado, sentira a mesma sensação do ano anterior. Moody ia até ele para dizer o contra feitiço, mas logo Harry voltou a se mover, graças aos feitiços não verbais que ele tinha dominado, e agora já lançara o Expelliarmus em Moody, que ficou muito surpreso. Harry sorriu assim como o professor:

– Por hoje chega... chame a Hermione, por favor...

– Tah... — E saiu com um sorriso gigante.

Os testes de Rony e Hermione foram logo após os de Harry e todos se saíram bem, a não ser por uma breve distração de Rony, com uma pequena aranha, o que fez ele recebesse o imperius e voltasse a agir como um macaquinho.

Eles subiram para o quarto com Rony ainda emburrado por causa do teste. Passaram parte do tempo treinando e examinando a mala, até que a Sra. Weasley chamasse-os para

O Mistério do Ueu Negro

o jantar. Os garotos desceram enquanto Hermione guardava a mala e os seguia.

Quando chegaram no térreo viram que haviam alguns aurores na sala esperando por Harry.

– Harry, pegamos dois comensais!! — Disse um auror auto e magro.

– Sério, Cruen? — Perguntou Harry energicamente. — Quem??

– Crabbe e Goyle! — Falou outro auror que era pouco mais alto que o primeiro. — Os dois estavam tentando entrar a força na casa de uma bruxa que poderia dar informações de onde os Malfoy estavam, já que eram da mesma família.

– Mas eles eram os pais dos melhores amigos de Draco.

Falou Harry pensando que esses seriam os últimos que tentariam algo contra os Malfoy.

– Bom, eles foram pegos no ato. — Falou o Cruen.

Obliviadores de JK
— 13º Capítulo —
A CAIXA NEGRA

— Será que os comensais estão brigando entre si?
— Perguntou Molly saindo da cozinha.
— Acho que não Molly, eles estão atrás dos Malfoy por alguma razão, mas acho que não por brigas. —
Falou Moody entrando na conversa.

— É pode ser!

Os aurores ficaram para o jantar daquela noite, e foram embora logo depois. Harry estava totalmente angustiado, “líder de uma Ordem”, “caçador de Horcruxes”, “teste com o Moody”, “Gina sozinha”, “mala de Riddle”, ele não sabia em que pensar naquela noite, tinha muitas preocupações e desafios a enfrentar.

Muito distante dali, em um castelo de pedras e torres espalhadas em seus redores, com luzes faiscantes pelas janelas e “pius” de corujas suaves que rondavam campos e gramados, uma linda menina andava com mais quatro amigos pelas escadarias do interior de Hogwarts, ruiva de pele clara, Gina Weasley com Neville, Simas e Luna caminhavam sorrateiramente nos corredores em direção ao sétimo andar.

— Simas, cuidado com isso. — Disse uma garota loira de pele limpa e olhos claros.

— Sim, foi mal Luna. — Se pronunciou o menino rabugento de cabelos castanhos.

— Vocês não vão discutir agora, né? — Perguntou Gina agarrando o vidro de Felix Felicis da mão de Simas. — Não foi fácil conseguir isso com o Slughorn.

Os garotos caminharam a um corredor cheio de pedregulhos, parecia que estava havendo uma reforma naquele local.

O Mistério do Ueu Negro

– Simas, fique naquele lado, Neville vá para a entrada do saguão, e Luna por favor vigie a porta. — Disse uma autoritária Gina Weasley.

A garota pegou o vidrinho e despejou na boca, uma maré de sorte estava caindo encima dela. Depois de imaginar por alguns minutos uma sala igual a da discrição de Harry e pensar alto *“me ajuda a encontra onde alguém esconderia algo, uma horcrux”*, depois de pronunciar três vezes a mesma frase uma porta grande e velha apareceu do lado esquerdo onde se encontrava uma parede muito empoeirada...

Então Gina encostou a mão naquela maçaneta cheia de teias de aranha, que parecia estar fora de uso há muitos anos, e a virou...

Surgiu então na sua frente uma sala enorme, extremamente escura, *“Lumus”*, e que por sinal estava muito suja, parecia que ninguém entrara ali a muito tempo. Gina não demorou muito para perceber que achara o que procurava, havia muitas coisas que claramente pertenciam as Trevas. A menina acabara de encontrar muitos recortes de jornais sobre assassinatos encima de uma velha mesa. Então rapidamente ela foi em direção a uma mezinha torta e pontiaguda que ficava ao centro da sala, vasculhou todas as gavetas, mas só encontrava rabiscos e algumas anotações. Depois de meia hora, assim parecia para Gina, ela olhou um armário encardido ao longo do local, uma das portas laterais do armário já se encontrava no chão, Gina rapidamente direcionou-se ao móvel e o vasculhou por inteiro, e nada. De repente outra das portas do armário se despedaçou no chão, fazendo um pequeno barulho. Gina já havia desistido quando o móvel inteiro desabou em destroços no chão. A garota ficou apavorada, estava no escuro apenas com um risco de luz em sua varinha. Uma apagada caixa negra brilhava no meio do entulho. A agonia de Gina virava prazer e satisfação, estaria encontrando o que procurava. Ela foi andando cautelosamente ao encontro da caixa, Gina estava com

uma das coisas em que nunca desejaria esta na mão. A garota apanhou a caixa pequena e enfiou dentro do bolso da sua capa de fardamento.

Ela nem relutou em abrir, saberia que Harry não ficaria satisfeito, ele dissera que era para ela encontrar, mas não poderia abri-la, seria muito perigoso.

– Vamos, vamos. — Disse Gina para Luna vendo a portar desaparecer do nada.

– Vamos!

Novamente os quatro garotos voltavam o mesmo caminho que fizeras para ir a sala precisa, Gina andava apresada, Neville caminha em passos largos e amedrontado.

– Gina, nos podemos saber o que você estava fazendo durante esse tempo todo naquela porta? — Perguntou Luna resgatando a atenção de Simas e Neville.

– Já falei, o Harry que pediu e falou para que eu não contasse nada para ninguém, ele confia em vocês e espera que vocês também confiem nele.

Nenhum dos outros colegas fez nenhuma pergunta a Gina até o salão comunal da Grifinória.

– Boa Noite gente, eu fico por aqui... — Disse Luna com um súbito desprezo do chapéu seletor em mandá-la para Corvinal.

– Obrigado, muito obrigado Luna... — Agradecia Gina entrando com os colegas pelo quadro da mulher-gorda, vendo Luna correr sozinha pelo corredor.

O salão comunal vinha recheado de cartazes de regras e baboseiras de Quadribol, os estofados estavam mais sujos que nunca, talvez fossem pela bagunça que os alunos faziam depois das seis hora, onde eles poderiam levar detenções se os vissem fora do salão.

– Noite, Longbotton.. Simas. — Disse Gina subindo a parte feminina do salão comunal.

– Boa noite!

O Mistério do Ueu Negro

Na manhã que se seguia um dia chuvoso e frio, Gina acordara bem cedo para retornar a carta de Harry, ela sentou-se de frente para a janela onde mostrava a neve cobrindo todo o campo de quadribol, e pegou sua capa, tirou de dentro dela a caixa tão negra que lhe vinha a curiosidade de abri-la.

“Querido...”

Harry, ontem à noite eu reuni alguns membros da A.D., para procurarmos a tal caixa negra que você me pediu. Trago boas notícias, estou com ela em minhas mãos, o que faço agora? Abro?

Por favor, amor, responda logo.

Gina Weasley”

Edwiges saltou pela neve e seguiu batendo suas enormes assa em direção de uma casa mais quente e aconchegante em Grimaldd. O pergaminho demorou pouco mais de duas horas para chegar às mãos de Harry, que lia hesitado no quarto, pela manhã. Ele ficou pensando em como seria esta caixa, se poderia deixar Gina abrir, poderia ser uma armadilha, ficou pensando o que poderia acontecer, ele também estava preocupado com a A.D., afinal graças a eles a profecia foi perdida e Voldemort nunca ficou sabendo o que ela falava “*um não poderá viver, enquanto o outro estiver vivo*”, precisava ver os membros da A.D., resolveu responder a Gina em uma carta.

“Gina, não abra a caixa de maneira nenhuma, a escondo muito bem, reúna o maior número possível dos membros da A.D. me mande a data de quando vai ser sua próxima visita a Hogsmeade... O mais rápido possível. Eu,

Hermione e Rony estaremos lá. No cabeça de Javali. Leve a caixa para mim.

Harry Potter.”

– Edwiges, eu sei que você esta cansada, mas eu preciso que leve essa carta de volta a Gina, em Hogwarts.

– Harry o que você esta fazendo. — Perguntou Hermione e Rony entrando sujos no quarto e vendo a coruja levantar vôo.

– Estou mandando uma Carta para Gina, ela achou a tal caixa que eu pedi para ela procurar, eu falei que nós íamos lá na próxima visita deles em Hogsmeade, vocês vão né ?

– Claro, que vamos... — Disse Rony sorrindo. — Afinal você é nosso chefe.

– E você Mione? Os membros da A.D. estarão lá!

– Claro, não é, Harry!?

– Gina vai me mandar respostas o mais rápido possível de quando forem a Hogsmeade.

– Harry já que você, nem agente estamos fazendo nada, o que você acha de treinarmos mais um pouco? Afinal nestes tempos difíceis nunca é tarde para treinar. — Falou Rony limpando-se, nas pernas.

– É Harry, vamos lá para a sala de treinamento... eu e Rony estávamos lá, agora pouco.

– Mas vai ser sem o Olho-Tonto, não é? Eu não quero virar macaquinho hoje. — Disse Rony sorrindo para eles. O trio treinara durante todo o restante da manhã, Rony e Harry já estavam dominando muito bem o Imperius, mas Hermione não estava dando conta de fazer uma maldição tal imperdoável.

– Harry, como é que você aprendeu o Crucios, ninguém até hoje te ensino fazer isso. — Pergunto Hermione encarando o colega com um pouco de inveja, depois de ver uma borboleta se retorcer na parede.

O Mistério do Ueu Negro

– Quando Sirius morreu, eu fui atrás de Belatrix, tentei jogar o Crucio nela, mas ela só deu um grito de dor, e me disse que era para praticar esses feitiços, a pessoa que conjurar tem que querer que a outra sofra e faça o que ela quiser, entendeu Mione?

– Ah, tipo assim... — Hermione lançou um Crucio em uma mosca que os atormentavam. Ela caiu no chão trepidando.

– Você aprendeu, Mione! — Disse Harry escutando a voz da senhora Weasley aras da porta.

– Garotos? Harry querido... vamos comer... depois vocês voltam a treinar...

– Ok, senhora, já estamos indo... — Disse o garoto colocando a varinha de volta ao casaco.

Os três desceram para a cozinha, onde Moody, Arthur e Tonks esperava-os.

– Harry, testemunhas viram Snape e Belatrix nas redondezas de Hogsmeade. — Vendo a cara de Harry, Tonks continuou. — Mas pode ficar tranquilo, estamos com cinco aurores naquela área.

– O QUÊ? Snape e Belatrix... eles estão afim mesmo de confusão! — Disse Harry com os nervos exaltados.

– Vamos comer, depois falamos disso. — Disse a Sra. Weasley com uma feição de preocupação no rosto.

– Olha Harry, a coruja da Gina com sua resposta já chegara. — Disse Rony desamarrando a carta do pé da coruja.

“Querido Harry,

Nossa visita a Hogsmeade será no sábado, eu levarei a caixa para você.

Beijos.

P.S.: Não mandei de volta por Edwiges, pois ela estava quase congelando e também podem estar sendo vigiada por comensais.

Gina”

– Harry o que ela disse? — Perguntou Sra. Weasley querendo entra mais uma vez na vida dos garotos.

– Que a próxima visita a Hogsmeade será no sábado, senhora... eu, Rony e Hermione iremos lá, temos que resolver alguns assuntos sobre a A.D., e outros que ficaram pendentes. Não posso assumir a reunião da Ordem sábado, então a McGonagall vai me substituir.

– Harry, mas é muito perigoso. — Disse a Sra. Weasley.

– Eu sei, eu quero que você Moody e você Tonks, var comigo para lá, pois se Snape estiver realmente lá, ele não vai escapar assim facilmente... posso contar com vocês?

– Claro. — Disse Tonks. — É Bom, que eu visito o Remo.

– Claro. — Rosnou Moody. — Se aquele cão imundo estiver lá, eu pego ele de jeito.

– Você não. — Disse Harry. — Eu vou fazer questão, eu devo isso a Dumbledore.

– A reunião da Ordem da Fênix será sábado as cinco horas da tarde, não é?

– Sim, Harry. — Disse Arthur e Molly.

– Talvez chegaremos a tempo.

Hermione enfeitiçou duas moedas e entregou para Moody e Tonks.

– Quando estivermos em Hogsmeade se acontecer alguma coisa avisaremos através da moeda, certo? — Disse a garota.

– Ok, eu vou ver Lupin e se acontecer alguma coisa vocês chamam a gente. — Disse Tonks sorrindo para Hermione.

Os dias foram passando sem mais novidades e os garotos cada vez mais aprendiam feitiços e azarações. Harry ainda continuava tendo pesadelos, o que estava deixando a Sra. Weasley pouco preocupada. Sábado parecia a Harry uma

O Mistério do Ueu Negro

eternidade a chegar, mas para Rony o dia chegou que ele nem havia sentido.

Pela manhã Harry estava apressado, acordou cedo com tanta ansiedade.

– Harry, me deixa dormir mais um pouco. — Disse Rony lutando para não sair da cama.

– Rony, se esqueceu que vamos para Hogsmeade?

– Ah... é verdade... mas ainda está cedo.

– Para de reclamar e levanta logo seu preguiçoso. — Disse Hermione colocando-se porta adentro.

Vinte minutos depois estavam todos trocados e tomados café. Quando o Sr. Weasley disse:

– Todos prontos?

– Sim. — Respondeu Harry, Rony e Hermione em coro.

– Ok! Molly está com maus pressentimentos, e me pediu para que eu fosse com vocês. Não se preocupem — disse o Sr. Weasley vendo a cara de espantados dos garotos. — Eu não irei ficar por perto para ouvir a conversa de vocês.

Todos aparataram logo após o banquinho da praça, em destinação a Hogsmeade, quando chegaram, Harry, Rony e Hermione foram direto para o cabeça de javali, onde tinham marcado para esperar os membros da A.D. Enquanto Sr. Weasley, Tonks e Moody ficavam no Três vassoura conversando com Madame Rosmerta.

— para que tanta pressa, Harry? — Perguntou Hermione correndo atrás do garoto.

— Quero ver logo os membros.

— Eles nem chegaram ainda, não tem ninguém com o uniforme de Hogwarts aqui. — Disse Rony alargando o passo para acompanhar Harry.

— Talvez Gina tenha saído mais cedo.

Quando os garotos passaram pela porta apertada e suja, só viram alguns bruxos encapuzados e golando wisks de truta.

— Eu avisei, Harry!

— Sim, Hermione, mas não custa nada esperar.

Os garotos passaram por duas mesas onde não haviam ninguém, mas logo encontraram duas Bruxas com aparência jovem, embora não pudesse ver todo seu rosto. Eles sentaram em uma mesa mais ao fundo do bar.

— Alguma coisa meninos? — Perguntou um bruxo alto e esquelético com vestias escarlates limpando os copos do balcão.

— Três cervejas amanteigadas, por favor.

O homem levantou-se do balcão e levou os vidros empoeirados das bebidas para Harry.

— Dois Galeões!

O Mistério do Ueu Negro

Harry levou a mão no bolso e retirou duas moedinhas douradas e deu ao bruxo...

Após pagar as cervejas amanteigadas Harry e os outros beberam em silêncio, comentando uma coisa ou outra. Harry estava muito nervoso, queria que os membros da A.D. viessem logo. Passou-se meia hora até a porta abrir novamente e a luz do sol invadir o bar. Gina adentrou, seguida de Luna, Neville e Simas. A garota ao ver Harry, abriu um grande sorriso e correu ao encontro dele, lhe dando um grande beijo, ao qual Rony e Dino viraram os rostos para não verem. Hermione sorriu e cumprimentou os outros membros da A.D.

– Bom, Harry. Acho que vamos ter que falar a sós. — Disse Gina depois do beijo.

– É, desculpem, eu sei que vocês querem muito saber, porque tanto mistério, e sei que vocês confiam em mim, então eu peço que continuem confiando. — Falou Harry para a A.D. baixinho, para ninguém mais escutar.

– Não esquentar Harry, nós entendemos. — Disse Neville.

– É, não tem com que se preocupar. — Falou Luna sonhadoramente.

– Rony e Mione venham conosco. — E com essas palavras Harry saiu em direção a um canto escuro mais pro fundo do bar, seguido de Gina e logo depois Rony e Hermione. Os quatro fizeram um círculo, um de frete pro outro.

– Bom, Gina, como você achou a caixa? — Perguntou Harry nervoso.

Gina começou a contar tudo detalhadamente.

–Então eu sai correndo. — A garota acabara de contar todo o ocorrido.

– O que mais me intriga é porque Voldemort deixaria seus pertences na sala Precisa, se não poderia voltar mais para Hogwarts... — Disse Harry boquiaberto.

– Também pensei nisso Harry, mas acho que quando ele deixou a caixa lá, ele esperava que fosse voltar e se não voltasse, saberia que estaria protegida e ninguém a acharia. — Replicou Hermione.

– Pode ser, Mione. — Pensou Harry.

– Vocês vão abrir a caixa ou não? — Perguntou Gina se roendo de curiosidade.

– Não é assim Gina, a caixa pode estar protegida por magia negra. — Disse Rony surpreendendo a todos.

– Rony, cada dia que passa você me impressiona mais. — Falou Hermione corando.

– Gina, você fez um grande trabalho, agora não precisa mais se preocupar, você ajudou de mais!

– Certo Harry, mas se tiver algo mais a fazer, eu faço questão.

– Não, não há. — Disse Harry segurando na mão da garota.

– Harry, nós não temos o dia toda... — Disse Hermione antes que os dois se beijassem novamente.

Os quatro voltaram a mesa onde estavam mais três dos membros da A.D., Parvati, lilá Brown e Dino Thomas. Gina fez questão de dar um belo abraço em Harry.

– Oi Harry. — Disse eles juntos.

– Parvati, e ai Lilá, fala Dino.

Depois de todos estarem corretamente cumprimentados e acomodados nas cadeiras duras e geladas do bar, Harry começou:

– É o seguinte, eu pedi para Gina convocar vocês hoje aqui, os membros da A.D. mais confiáveis, porque aqui perto viram Snape e Bellatrix, não apenas uma vez, mas varias. — Harry agora segurava a respiração. — Preciso da ajuda de vocês para uma vasculha nos arredores de Hogsmeade, não estaremos sozinhos. O Sr. Weasley, a Tonks e o Moody estão logo ali no Três vassouras.

O Mistério do Uku Negro

– Claro, Harry!

– Irei com maior prazer!

Ninguém havia negado o pedido de Harry, só Luna que ficou meio contrariada, mas logo aceitou.

– Vocês estão com as moedas? — Perguntou Hermione puxando a dela para sua mão.

– Estamos! — Disse Parvati olhando para a mão de todos.

– Os aurores também estão, qualquer coisa é só chamá-los.

– Bom, agora vamos da uma volta por Hogsmeade para ver si encontramos alguma coisa.

Ao sair do cabeça de Javali separou-se quatro grupos Harry e Gina estavam juntos e iam procurar pelos lados da casa dos gritos.

– Rony, Hermione e lilá, vocês olhem pelos campos, Dino, Neville e Simas vocês ficaram aqui para vigiarem essa área, Parvati vá com a lilá e os outros. — Dizia Harry. — Tudo bem, mas tome muito cuidado, Harry. — Disse Rony ainda meio constrangido por ver Gina saindo com seu melhor amigo.

– E se encontrarem algum comensal pelo caminho, já sabem, chamem os aurores.

Ao se dirigirem para as redondezas da casa dos Gritos, Harry aproveitou a oportunidade para conversar com Gina sobre como estava o clima na escola, agora que Dumbledore não estava mais no comando.

– Bom... — Disse Gina. — O que está salvando, são as aulas do Lupin, fora isso, há escola esta muito parada, todos estão com medo de que possam aparecer comensais dentro de Hogwarts mais uma vez.

– Isso é natural, depois do que aconteceu no ano passado, e com a morte de Dumbl...

Harry mudou sua expressão..

— Não fique assim, Harry. — Gina passara os dedos no rosto do garoto. — Você não pode ficar deste modo, lembre-se de que é a sua missão destruir Voldemort.

— Você tem razão, Gina...

Então retomaram sua caminhada, quando chegaram à casa dos gritos, e decidiram entrar.

A casa estava exatamente como da última vez que Harry a vira, quando estava no seu terceiro ano na escola, toda destruída, exatamente a figura de uma casa, supostamente, mal-assombrada.

— Vamos, Gina. — Disse Harry subindo o primeiro degrau da escada. — Vamos ao quarto onde encontrei Sirius pela primeira vez.

Gina concordou apenas balançando a cabeça positivamente.

Então ao se aproximar do quarto, Harry observou que havia algumas coisas que estavam diferentes naquela casa, ele não sabia explicar exatamente o que era, mas certamente alguma coisa não estava certa, alguns móveis haviam sido destruídos, parecia-se que alguém habitava o local. Não demorou muito para Harry e Gina descobrirem o que estava acontecendo. No último degrau da escada, Harry se deparou com um homem branco e de cabelos negros bem oleosos, com uma pequena varinha na mão, Severo Snape.

— Olha quem esta aqui Bela. — Disse Snape apontando a varinha em direção a Harry. — Weasley e Potter? De mãos dadas? Me parece que temos um casal aqui Belatrix. — Snape estava mais desdenhoso que nunca.

Harry congelara com Gina de tanto medo e irritação. Quando o garoto ia abrindo a boca, a figura de uma mulher morena de cabelos longos e vestis de Comensal, saiu do quarto e igualou Snape com a varinha apontada para Gina.

— E seu Padrinho, Harry?

O Mistério do Ueu Negro

– Não ouse a falar de Sirius! — Harry acabara de arrastar a varinha rapidamente do bolso e sem mencionar nenhuma palavra, um fio vermelho saía pela ponta de sua varinha. — Cora Gina, chame os Aurores e os outros.

Harry estava defronte a dois dos comensais que ele gostaria muito de se vingar, um responsável pela morte do padrinho e outro pela morte do conselheiro.

– Horas... Potter, lançando Crucios não verbal?

Harry outra vez soltou um feitiço, mas agora gritara bem alto “*Avada Kedavra*”, raios verdes nítidos se espalhavam pela ante-sala da casa, Gina já via fechos de luz por fora da janela, enquanto apertava sua moeda.

– Tem que ser melhor que isso, Potter!

– “*Expelliarmus*”. — Gritou Hermione do primeiro degrau da escada, enquanto Rony subia rapidamente.

– Granger? Estou vendo que hoje esta tendo uma festinha de sangues-ruins.

– Príncipe Mestiço! Ou será Snape não sangue puro? — Harry foi sarcástico lançando um olhar voraz para Snape.

– Não ouse, Potter! — Falou Snape se irritando. — Imperiu...

“*Sectusempra*”

Harry fora rápido o bastante para ler o pensamento de Snape e ainda lançar um feitiço antes dele.

Aquele jato de luz passou por Severus, acertando em cheio o peito de Belatrix. Rajadas de sangue saíam da Bruxa que rodopiava no chão como se estivesse levando chicotadas.

Snape correu em direção ao corpo de Belatrix ao ver Moody, Tonks e Sr. Weasley entrando pela porta.

– até a próxima, Potter!

Snape sumiu no ar levando o corpo ensangüentado de Belatrix.

Harry via o sangue da comensal no chão, “*Eu tive ela nas minhas mãos assim como Snape e os deixei escapar*”.

Harry tremia de raiva enquanto os outros chegavam. Moody, Tonks e o Sr. Weasley revistavam o lugar. Encontraram um estranho objeto, um globo preto com feixes de luz verde saindo de dentro dele.

– O que é isso? — Perguntou Harry.

– Algo importante e está repleto de magia Negra. Só de olhar dá para saber. — Falou Moody.

– Eu fico com isso. — Disse Harry.

– Tem certeza, Harry? — Perguntou o Sr. Weasley.

– Sim, acho que isso pode me ajudar no que estou tentando achar.

Harry pegou o globo negro com cuidado e o enrolou em um pano, colocando então dentro da capa junto da caixa. E de repente Harry sentiu uma dor terrível na cicatriz e sabia o que era. Snape e Belatrix já estavam com Voldemort e ao que parecia, o Lord tinha tido tanta raiva que não conseguira esconder esse sentimento de Harry. Ele fechou a mente e a dor cessou.

– O que foi, Harry? — Perguntou Hermione.

– Voldemort está tendo um excesso de raiva nesse momento, e não conseguiu me esconder isso. Seja lá o que for esse globo, parece importante para ele.

E com essas palavras Harry seguiu os demais pela rua que levava há Hogsmeade.

Os garotos não voltaram ao Cabeça de Javali, porém seguiram em direção do Três Vassouras na qual tomaram uma cerveja amanteigada, paga pelo Sr. Weasley.

– Bom, acho que já fizemos o que tínhamos de fazer aqui. Vamos voltar a sede e vocês voltem para o colégio logo entenderam? — Falou Harry para os Membros da A.D. e Gina.

– Ok, Então vamos logo. — Dino e os outros levantaram e foram em direção até a saída.

– Tchau, Harry. — Disse Gina beijando ele logo em seguida, e depois com um aceno para Gina e os outros Harry,

O Mistério do Uku Negro

Rony, Hermione, Moody, Tonks e o Sr. Weasley apararam e retornaram a sede da Ordem da Fênix.

Obliviadores de JK
— 15º Capítulo —
∞ EVIDÊNCIAS ∞

Quando chegaram, Harry, Rony e Hermione correram para o quarto e ficaram horas discutindo sobre o que seria aquele globo e porque ele era tão importante para Lord Voldemort.

Varias horas se passaram até a Sra. Weasley chama-los para o jantar.

Os garotos desceram discutindo até a cozinha. Ao chegarem um silêncio se abateu sobre o cômodo e pelo que Harry pôde perceber, estavam todos os aurores, haviam vários, pois esperavam uma refeição pré-reunião.

Estavam comentado minuciosamente sobre o ocorrido em Hogsmeade e inevitável, sobre como o líder da ordem poderia ter deixado ninguém menos que Severus Snape e Bellatrix Lestrange escapar por entre os dedos. Uma sensação de ódio e decepção se apoderou de Harry, não por aqueles que falavam dele, mas por si próprio, pois teve duas das três pessoas que mais odiava a sua mercê e permitiu que escapassem.

Harry não conseguiu aproveitar a refeição, mal mastigava... engolia os bolinhos forçado, então disse a Sra. Weasley que ainda não havia terminado a pauta da reunião.

unto com Rony e Hermione, ele voltou ao quarto.

— Rony! Mione... eu não sei o que dizer... não sei. Eu deixei que eles escapassem, como vou poder encarar aurores como Moody e Shackelbolt, ambos nunca teriam permitido isso. — O olhar frustrante de Harry fixava as frestas do guarda roupa.

— Mas Harry, o importante é que o próprio Dumbledore confia em você, nós confiamos em você e eles terão...

O Mistério do Ueu Negro

– Rony, a melhor maneira de provar a eles que Dumbledore não estava enganado ao passar o cargo ao Harry é colocá-los a par do que está realmente acontecendo, pelo menos de uma parte. — Disse Hermione.

– Contar a eles sobre as Horcruxes??? — Harry acabara de desviar seu olhar ao alcance da amiga.

– Não, não tudo, mas pelo menos o que você achar que deve. E eles devem se contentar com isso, Harry!

– Harry, saiba que não importa o que você disser ou fizer nós estaremos com você, cara. Mas seria uma boa idéia colocar um quadro do prof. Dumbledore na casa, assim ele estaria por dentro do que descobríssemos e até poderia ajudar nas reuniões, também com as Horcruxes. — Disse Rony dando um tapa sincero nas costas do amigo.

– Rony, eu... er..., quero dizer... você... — Começou Hermione antes de ser interrompida por uma voraz batida na porta.

A figura de Arthur fez com que Harry suspirasse fundo.

– Harry, estão todos esperando por você.

O garoto engoliu em seco, encarou os amigos:

– Certo, estou indo. — Disse ele nervoso ao Sr. Weasley que já fechava a porta e escutava-se seus passos se distanciando pelo corredor.

– E então Harry? — Perguntou Hermione aflita. — O que vamos fazer?

– Eu... eu acho que vou contar sobre Voldemort... ter dividido sua alma. Sobre a mala... RAB... acho melhor continuar em segredo!

– Então vamos descer, Harry. Todos estão nos esperando. — Disse Rony já otimista.

– Certo. — Harry falou desgostoso.

– Vai dar tudo certo, Harry. Vamos lá. — Disse Hermione sorridente.

Harry abriu a porta e desceu seguido pelos amigos. Sentiu o corpo pesado e cada passo parecia custar um esforço crucial. A caixa e o globo ainda se encontravam em seu bolso.

Ainda não haviam tido oportunidade de saber se a caixa teria alguma magia negra. Ao chegarem aos pés da escada a maioria dos aurores já havia entrado na sala de reuniões e o zumbido das conversas enchia o local. Harry empurrou a porta vagarosamente, entrou e o barulho dos zumbidos aumentaram ainda mais. Harry dirigiu-se a frente da sala de modo que todos pudessem vê-lo. A Prof. Minerva pigarreou ligeiramente e o zumbido das conversas cessou.

– Bom... Eu queria começar essa reunião com um pedido de desculpas pelo que houve na casa dos Gritos, deixei dois comensais da morte escaparem e prometo que da próxima vez isso não se repetira. — Nesse momento ninguém mais dava uma palavra, estavam todos ligados no pronunciamento do garoto. — Vou contar a vocês parte do que estive fazendo com Dumbledore no ano que se passou.

Novamente os zumbidos encheram a sala inteira e até mesmo a Prof. Minerva conversava com alguns que estavam ao seu lado. Então logo Harry continuou.

– Bom... Vou lhes fazer uma pergunta. — Tossiu. — Alguém aqui já ouviu falar de Horcruxes?

– Eu, Potter! Já ouvi alguém falar sobre o assunto. — Moody espantava-se de não saber detalhes de tal palavra.

Nenhum deles sabia exatamente o que era uma Horcrux, apenas haviam ouvido falar conversas pelo ar.

– Bom, uma Horcrux é um feitiço horrível no qual se divide sua alma e aloja parte dela em alguma coisa viva ou morta. — Sussurros. — Foi o que Voldemort fez e por isso que não morreu totalmente quando me atacou.

Todos fitaram Harry espantados como se ele tivesse contado uma grande mentira.

O Mistério do Ueu Negro

– Como você sabe disso, Potter, ou melhor, como Dumbledore descobriu isso. — Perguntou um bruxo velho que Harry não conhecia.

– Dumbledore me mostrou evidências, entre elas memórias que retirariam qualquer dúvida que você, ou qualquer outro aqui nessa sala ainda tivesse. Mas como não possuo essas provas, mas uma vez, peço a vocês que confiem em mim. — Respondeu Harry confiante.

Após alguns murmurinhos de concordância Harry continuou:

– Também posso dizer a vocês que de acordo com as mesmas provas que não possuo, posso afirmar que Voldemort... — Harry ignorou as exclamações e continuou: — sentiu-se muito atraído pela idéia de fazer sete Horcruxes, dois desses porém já foram destruídos. — Disse ele antes de ser interrompido pelo mesmo bruxo que o interrompera anteriormente.

– Se de acordo com você tenha essas sete Horcruxes, e supondo que essa informação não seja do conhecer popular, quem saberia deles a ponto de encontrá-los e destruí-los?

Harry respirou fundo, olhou nos olhos de seus amigos buscando coragem e ao encontrá-la, respondeu:

– O Prof. Dumbledore destruiu uma e eu destruí a segunda.

– Então de acordo com o que você disse, querido, estão restando ainda cinco almas de você-sabe-quem? — Perguntou Molly totalmente assustada.

– Sim, mas só preciso procurar quatro, uma é o próprio Voldemort!

– Harry, você não quer nossa ajuda para encontra essas tal Horcruxes? — Perguntou Tonks ainda mais espantada que os outros aurores.

— Não, Dumbledore confiou essa tarefa para mim e meus amigos. — Harry deu uma pequena olhada para Hermione e Rony.

— Mas, você... como encontrará? — Tonks estava indignada. Ela se amparava a um canto da parede.

— Tenho varias formas e pistas para encontrá-las. — Harry pensou um pouco e logo completou. — Creio eu, que já podem ficar tranqüilos com menos uma Horcrux solta por aí!

— Como assim, Harry? Você já encontrou mais alguma? — Vários aurores se manifestavam.

— Não, não tenho certeza, mas possivelmente sim! — Harry respirou um momento antes de falar novamente. — E a respeito de Snape e Lestrang eu realmente não pude segurá-los, eles me pegaram de surpresa, mas com certeza se Snape não tivesse aparatado eu o pegaria. — Harry acabara de socar em vão.

— Sim, Harry, realmente eu e muitos aurores aqui presentes não teria enfrentado sozinhos dois dos melhores comensais! — Disse Tonks olhando em volta. — Você fez um belo trabalho, até arrancou sangue daquela... daquele demônio.

— Brigado Tonks, naturalmente muitos bruxos estão insatisfeitos com a minha liderança, mas faço o meu melhor!

Nesse momento Minerva e Molly puxaram uma palma apertada e todos os presentes repetiram sucessivamente.

— Estamos sim! Acho que foi a melhor escolha de Dumbledore! — Disse Moody sendo apoiado pelos demais.

Depois desse momento de felicidade em Harry a noite seguiu sem mais angustias, mas cheia de idéias para capturar Horcruxes e comensais. Aurores como Moody e Tonks faziam mais perguntas a Harry, que apenas dizia que não podia comentar sobre o assunto.

Rony e Hermione estavam exaustos de repetir a mesma coisa “não podemos falar nada por enquanto”

O Mistério do Ueu Negro

– Harry, não seria um bom momento para você pedir um quadro do Dumbledore? — Sussurrou Rony feliz com a idéia.

– Ah, claro! — Harry e os garotos foram ao encontro de Arthur que conversava com Molly. — Senhor eu gostaria de pedir ao ministério, um quadro do professor Dumbledore, para instalá-lo aqui, seria melhor para nós...

– Claro, Harry, você é um gênio, como não pensei isso antes!? — Alegrou-se o Sr. Weasley olhando contente para Molly.

– Na verdade quem teve a idéia foi o Rony. — Rony abriu um grande sorriso junto ao de Hermione.

– Rony, querido, você é o meu macaquinho predileto.

Todos riram, menos o garoto que irritou-se com o ‘elogio’ da mãe.

– Da para senhora parar de me chamar assim?

Mais risos saía de Arthur, Hermione, Harry e da própria Molly.

– Acho que já está na Hora de encerrar a reunião!? — McGonagall chegava ao lado de Molly . — O que me diz Harry?

– Claro, claro, fique a vontade.

Minerva subiu o primeiro degrau da escada e deu seu pronunciamento de despedida, não demorou muito para a sala esta totalmente fazia, Harry, Rony e Hermione tinha ido para os quartos, Molly e Arthur haviam ido se repousar, Moody estava arrumando a sala de treinamento para o próximo aula.

Passou-se alguns minutos quando Moody socou a porta do quarto chamando os garotos para o treinamento. Harry, Hermione e Rony, porém, disseram que nesta noite não iriam treinar, tinham outros assuntos pendentes.

— O que ele quer é me fazer de macaco de novo! — Exclamou Rony fazendo um gesto com os dedos para a porta fechada, surpreendendo Hermione.

— Eu vi isso, meu macaquinho Weasley. — Respondeu Moody por detrás da porta risonho.

— Meninos, o Moody... — Começou Hermione até ser interrompida por Rony.

— Ah, não começa você também Mione!

— Não, Rony, o Moody pode nos ajudar, ele vê através das portas... — Rony deixara cair o queixo. — ... ele pode ver através da caixa. — Concluiu a garota vendo a cara de arrependido de Rony.

— Ótima idéia Hermione. — Harry ficara rapidamente de pé com seu suéter marfim.

Os garotos encontraram Moody descendo a escada alguns segundos depois.

— Resolveram treinar agora?

— Não... precisamos da sua ajuda. — Disse Harry ao indicar o bolso em que se encontrava a caixa. Moody apenas olhou para o casaco do garoto.

— Vamos ver o que você tem aí, Potter. — Disse ele quando todos já estavam dentro do quarto de treinamento.

— É por isso que precisamos de você. — Começou Rony como um pedido de desculpas.

O Mistério do Ueu Negro

— Precisamos que você descubra o que esta dentro da caixa e se há algum perigo em abri-la. — Harry completara. Olho-Tonto fitou por alguns segundos a caixa.

— Há uma taça aí dentro e... — Fitou por mais algum tempo. — Não há perigo em abri-la, mas não posso dizer o mesmo em relação a taça.

Ao ouvir sobre o objeto, Harry lembrou de uma memória que não era sua, seu coração bateu mais rápido ao lembra que a última vez que estivera tão próximo de um possível horcruxe, seu mentor morrera. Então todos aqueles sentimentos que passaram por ele na hora da morte de Dumbledore, voltavam a se apoderar nele e sem ao menos pensar, ele abriu a pequena caixa. Para sua sorte, Moody estava certo, não havia perigo em abri-la.

Harry fitou seu interior e a viu, idêntica aquela que Dumbledore havia lhe mostrado, a taça. Seus dedos quase que instintivamente se aproximaram do objeto brilhoso, ele não sabia o que iria acontecer se ele a tocasse, mas não havia como se segurar, não podia controlar a si mesmo, a poucos centímetros, Harry sentiu seu pulso ser segurado por uma mão firme e objetiva, assim, ele despertou daquele transe.

— Melhor tomar cuidado com os seus dedos, Potter. — Disse Moody segurando ainda o braço do garoto.

— Você já sabe se há algum perigo em tocá-la? - Perguntou Hermione atenciosa ao objeto brilhoso.

— A magia deixa traços e eu aprendi a discerni-la com o melhor. — Respondeu Moody convicto.

E um silêncio se abateu sobre a sala, até que o professor continuou.

— Isso claramente não é uma alma, isso é uma chave de portal...

Harry encarou os amigos em silêncio e se lembrou da conversa após o enterro de Dumbledore, eles não permitiriam que ele fosse sozinho. Ao aproximar a mão da taça, outras três

mãos seguiram a sua. E Harry percebeu que não estava só naquela jornada. Juntos, os quatro, incluindo Moody tocaram a taca. Harry sentiu o chão sumir e depois ao cair nele, sentiu um gosto de terra e poeira ao olhar para cima viu uma grande, velha e precária placa, dizendo: "Orphanage Cole's".

Harry logo lembrou da sua terceira aula com Dumbledore no ano anterior na qual entrou na memória do mentor e fora ao orfanato onde Tom Servolo Riddle passava seus dias antes de ir a Hogwarts.

— Onde estamos? — Perguntou Rony assustado ao ver uma pequena arranha passando pelos portões enferrujados.

— Um orfanato, ao qual Tom ficava quando criança. — Disse Harry hesitando-se em abri o quebradiço portão.

— Não há nada de perigoso e não há ninguém lá dentro, esta vazia. — Moody revirando os olhos em todas as direções. — Depois do corredor, dentro de um pilar em um quarto secreto!

— O quê? — Perguntou Hermione nervosa olhando para ele.

— A taça de Ruffepuffe, pelo menos é o que diz o símbolo. — Moody olhava mais firme para o local. — Esta infestada de magia negra.

— Como eu queria um olho desses! — Rony incrédulo com a facilidade de Moody.

— Vamos. — Pigarreou, Harry.

Todos entraram pelo portão, passando por um jardim mal cuidado e foram em direção a uma porta grande e quebradiça. “Alorromora” a porta se escancarou com o feitiço de Hermione, todos viram um salão empoeirado e sem moveis algum, a não ser um tapete velho e furado no centro da sala.

Eles passaram por uma escada muito ruída e perigosa, estava preste a desabar de tão castigada pelos ratos.

— É logo depois desse corredor.

Moody tomara à dianteira, deixando Harry atrás.

O Mistério do Ueu Negro

– É aqui, dêm distância. — Os meninos se afastaram um pouco. “Deletrius”.

Uma luz amarela saiu de dentro da parede, formando uma porta intacta.

– “Alorromora”... Esta porta, Harry, estava repleta de feitiço ante invasão. Moody adentrou. — Vamos.

Os garotos se moveram até um lugar escuro e sem nenhum tipo de janelas ou aberturas. “Lumus”. Nada tinha naquele quarto, a não ser um belo pilar prateado mais ao centro.

– O que será isso? — Perguntou Rony se escoando em Hermione.

– Ele esta oco. — Moody analisava o pilar.

– Tem uma abertura logo em cima... — Mostrou Harry com os dedos rodeando em torno. — ...e cabe certinho o globo negro. — Disse ele sorridente retirando o objeto do casaco.

– É Harry, tem espaços como se fossem caminhos que levam a taça de Ruffepuffe. — Disse Moody olhando mais de perto.

– Poe, Harry, vamos ver no que vai dá. — Falou Rony dando mais um passo para trás.

Harry levantou a esfera e jogou dentro da abertura.

Luzes douradas iam seguido o globo por dentro do pilar e formavam cobras minúsculas saltitando em direção da taça, assim podia ver Moody. Uma explosão de luzes entrou nos olho de todos. E alguns milésimos de segundos depois, no lugar onde era uma pilastra virou uma bela taça chamejante e dourada, nada que eles virá até hoje era tão luminoso como aquela taça.

A cicatriz de Harry acendeu e ardia cada vez mais, era algo inexplicável o poder de um horcruxe.

– Harry, o que houve?

– CICATRIZ, Mione!

— Potter, como você destruirá esse Horcrux? — Perguntou Moody indo em direção a Harry que deitava-se de dor no chão.

Rony correrá até o amigo e tentava levantá-lo pelos braços, enquanto Hermione soprava sua cicatriz. Harry agora gemia de dor.

— Harry, não podemos ficar aqui, com certeza o Lord sabe da nossa vinda para cá. — Disse Moody ajudando Rony a segurar Harry.

— Verdade a única... maneira é levar a taça para Sede. — Gemia. — Afinal Voldemort não pode entrar lá... — Harry se esforçava o máximo para ficar de pé.

— Mais como? Será que podemos tocá-la? — Hermione agora lembrava da mão ferida de Dumbledore.

— Não há outro meio, porque assim falarei com Dumbledore quando o quadro dele chegar na Sede. — Disse Harry se acostumando com a presença tão próxima da Horcrux.

— Sim, Harry, você tem razão, mas como levaremos a taça? — Insistiu Hermione segurando ele enquanto se recuperava da tontura.

— Mas você não terá condições de conviver com isso lá, Harry.

— Terei, sim, não se... preocupem...

— Então, Moody você terá que escondê-la onde o Harry não possa se aproximar — Hermione olhara para o amigo.

— Entendo perfeitamente. — Disse Moody voltando ao alcance da taça.

— Mas você tem certeza disso, Harry? — Perguntou Rony pasmo.

— Claro! Se Voldemort descobrir que sabemos onde está essa taça ele com certeza vai tirá-la daqui. Então temos que agir rápido. — Harry deu um passo, e sua visão rodopiou.

— Rápido, peguem a taça! — Gritou Hermione vendo o ardor de Harry.

O Mistério do Ueu Negro

– Mas como? Ela esta repleta de feitiço... — disse Rony, e imediatamente lembrou do colar de Draco para Dumbledore do ano anterior.

Ele pegou o casaco e jogou encima da taça, enrolou-a enfiando debaixo dos braços.

– Vamos.

Que garoto corajoso!, pensou Moody imóvel.

– Rápido, Moody, me ajude a levar o Harry até a chave de portal. — Disse Hermione apoiando Harry.

Moody mancou um pouco até chegar ao portão velho e encardido na porta do orfanato.

– Vamos! Todos de vez!

Todos encostaram na taça simultaneamente, uma espécie de aspirador puxou os de volta ao quarto equipado para um combate.

– Rony acho melhor chamar sua mãe. — Disse Moody pondo o corpo desmaiado de Harry sobre as plumas brancas do chão que acabara de conjurar.

– Acho melhor você esconder essa taça antes, Moody. — Falou Hermione direcionando-se ao corpo do garoto demasiado no chão.

– Certo, garota!

Moody tomou o embrulho dos braços de Rony e levou em direção a mesa pontiaguda, no canto do quarto.

– Moody acho melhor nós guardarmos isso. — Disse Rony olhando a cara de espanto de Hermione. — Em uma mesa de centro não vai esta seguro, nós temos lugares mais adequados.

– Mas, mas...

– Moody, tenho que concordar com o Rony. — Falou Hermione acariciando as mãos de Harry.

– Então esta certo, mas cuidado com o Harry, com a cicatriz do Potter.

Rony retomou o casaco embrulhado e subiu correndo o corredor até seu quarto. Lá estava uma caixa negra, jogada na cama entre aberta, Rony desembulhou com cuidado a tampa para que o objeto não tocasse nele e o jogou rapidamente na caixa, tapando fortemente. O garoto arrastou uma mala transparente que estava debaixo da cama de Harry, abriu a, depois tirou a capa de invisibilidade sobre ela, meteu a caixa negra dentro e a embrulhou novamente, botando no mesmo lugar.

– Mamãe, mamãe! — Gritava Rony na porta do quarto dos pais.

– Que foi Rony? — Perguntou Molly com os cabelos avulsos e desesperada ao abrir a porta.

– O Harry, ele está muito mal. — Disse Rony impaciente. — Está com a Mione e o Moody na sala de treinamentos.

O Sr. e Sra. Weasleys com Rony saíram aos pulos pelos quadros de elfos e passaram um pouco mais do quadro da Sra. Black que estava dormindo, até chegar ao quarto de treinamento.

Ao entrar a Sra. Weasley conteve seu grito, Harry estava muito pálido...

Molly, ao conseguir se controlar pediu que Moody e Arthur levassem Harry para seu quarto em que ela e marido dormiam.

Ao chegar ao quarto, Moody e Arthur colocaram Harry cuidadosamente na cama de casal. Harry, além de muito pálido, também estava suando frio. Nenhum deles, porém, era especialista em cicatrizes geradas por maldições fatais que doíam vários anos após ter sido feita. Molly colocou um pano molhado com água morna na testa de Harry e ouviu ele soltar uma exclamação de alívio no seu interior.

Passado algum tempo Harry já recuperara o calor corporal, porém ainda estava muito pálido. No quarto

O Mistério do Ueu Negro

encontravam-se apenas Molly, Rony e Hermione, pois Arthur e Moody discutiam o que havia ocorrido no quarto ao lado. Hermione ao olhar mais uma vez para Harry, abraçou Rony e começou a chorar, pois ela, a garota mais esperta do colégio, não sabia como ajudar o amigo.

Rony se surpreenderá com a reação da amiga, mas ao olhar para Harry sentiu um sentimento parecido. Como poderia ajudá-lo??? Rony que estava prestando atenção nas cartas em cima no criado mudo de seus pais, conseguiu ler um nome: "Remo Lupin". Ele lembrou-se da primeira vez que viu o prof. no trem, após um encontro com dementadores, no qual Harry ficara pálido e ... era isso... como ele não tinha percebido?!

Rony saiu correndo escada a baixo, deixando tanto Hermione, quanto a Sra. Weasley confusas.

Após poucos minutos, voltava ele segurando uma xícara com um líquido de aroma ótimo e aparência nojenta.

Rony sentou-se ao lado de Harry e ignorando as perguntas da mãe e de Hermione, abriu a boca do amigo e virou todo o conteúdo da xícara.

Rony viu Harry engolir, e após alguns segundos começar a recuperar as cores no rosto, depois no peito, até que parecesse que ele estava apenas dormindo.

Harry já não corria qualquer perigo, dormia num sono profundo.

Molly avisou o tal milagre a Arthur e Moody impacientes e foi se deitar com o marido em um quatinho vazio no sótão, enquanto Hermione e Rony ficara com o amigo.

Obliviadores de JK
— 16º Capítulo —
❧ *NOVO HÓSPEDE* ❧

Ensolarada e calma estava à manha seguinte, sem gritos de vizinhos nem estresse de carros barulhentos. Era uma manhã de domingo esplêndida para qualquer pessoa. Harry dormia no colchão macio, do Sr. e Sra. Weasley. O cabelo sujo surrava a testa passando por sua cicatriz que não tinha nem sinal de dor nem agonia, estava até mais apagada que nos últimos dias.

- Aí não!
- Aqui fica melhor!
- Desce ele mais um pouco!
- Calma com isso aí!

Harry não escutava a confusão na sala central, estava muito cansado e dormia profundamente.

– Harry! — Exclamou Hermione sentada na ponta da cama com rony ao seu lado.

Harry acabara de abrir os olhos chamejantes.

– Você esta bem cara? Deu-nos um belo susto ontem à noite!

– Estou, Rony, mas o que houve? — Perguntou Harry olhando ao redor do quarto e procurando seus óculos costumeiros na cabeceira da cama.

– Esta aqui, tome. — Disse Hermione se inclinando para entregar lhe os óculos.

– Obrigado. — Harry dera um suspiro. — O que houve no orfanato, ontem?

– Você desmaiou! E nós o trouxemos de volta. — Não precisou Harry terminar de abrir a boca para Hermione completar. — Esta dentro da mala de Tom Riddle!

– Destruído?

O Mistério do Ueu Negro

— Não! Nem tocamos nela. — Disse Hermione levantando-se. — Agora vista-se, quer dizer, você já está vestido, então vamos logo porque tem uma pessoa querendo muito te ver.

— Vamos logo, Harry! — Rony falara ao ver Harry se espreguiçar.

O garoto saiu do quarto não muito ansioso, ele não saberia quem ia encontra, com certeza seria mais um auror reclamando de algo ou dizendo que capturara um Comensal, pensava ele.

Harry, Rony e Hermione viraram o corredor que direcionava-se para escada, na qual desceram lentamente e deram de cara com a Sra. Black provocando.

— QUE DIABOS, porque trouxeram essa coisa imunda para cá?

— Harry querido... — Hesitou-se Molly ao pé da escadaria. — ...olhe quem está aqui.

A Sra. Weasley levantara o dedo fino e pequeno em direção a uma moldura dourada com desenhos de leões e símbolos da Grifinória, uma tela chamuscada mostrava-se a silhueta de um velho barbudo de vestes pretas acenando para Harry. Dumbledore estava mais jovem, sim estava mais jovem, animado, mas continha um pouco de palidez em seu rosto e continuava com a mão cicatrizada.

— Professor, professor Dumbledore. — Harry deu um belo sorriso e se prendeu ao chão, estava nervoso, lembrava da última vez que Dumbledore falara com ele, “Você jurou me obedecer”. Será que Dumbledore pensara que ele foi uma besta em não ter feito nada? Porque não reagiu? Era apenas um petrificus, ele poderia conjurar mentalmente um feitiço contra Snape ou Draco, mas não, ficou ali vendo toda a cena, como poderia? Harry continuava seu pensamento vendo os acenos do diretor.

– Não foi sua culpa Harry! Estou muito orgulhoso de você! — Disse Dumbledore preso ao quadro, coçando a testa. — Você precisa treinar mais Oclumência, Harry. — Dumbledore deu um belo sorriso, fazendo com que Harry voltasse à realidade.

– Professor, mas eu podia ter...

– Não podia nada garoto, você fez o certo, eu estou orgulhoso de você, Harry.

– Garotos, vamos deixar eles a sós. — Disse Molly chamando Rony e Hermione para cozinha.

Então Harry subitamente teve uma pergunta que nunca ninguém poderia dizer, apenas Snape e o próprio Dumbledore:

– Professor tem uma coisa que pensei agora...

– Não, Harry, não poderei lhe dizer o que aconteceu.

– Mas por quê?

– Porque não é a hora de você compreender os pensamentos de um pobre velho.

– Mas...

– Por favor, Harry, não me faça mais perguntas como esta. — A face de Dumbledore mudara. — Então Moody me falou que você o surpreendeu com as aulas, mas precisa praticar mais, soube que você encontrou a taça. Mas o que quero saber é porque você ficou daquele jeito, só se Voldemort colocou uns simpáticos dementadores para guardarem o bem precioso dele, mas creio que não foram eles.

– Bom... não foram os dementadores, mas quando a taça apareceu minha... minha cicatriz começou a doer, então quando já tinha visto estava aqui na sede... — Disse Harry com desprezo.

– Isto está me parecendo alguma magia... — Ouve uma rápida pausa na conversa. — Oho! Como fui ser tão... tão estúpido? Claro, claro Harry, você esta sendo atraído pelas almas de Voldemort, do mesmo jeito que você ficava quando ele estava próximo, você fica quando esta perto de um Horcrux

também, isso nós deixa na vantagem Harry! — Disse Dumbledore desta vez sorrindo.

– Como assim professor? — Perguntou Harry coçando a nuca.

– Quando você estiver perto de um Horcrux, sua cicatriz ira dar algum sinal, doer ou arder, Harry!

Harry pensou um pouco e logo chegou a uma ótima conclusão, ele não conseguira entra na casa dos pais, pois sua cicatriz doía muito.

– Professor eu já sei onde está outra Horcrux! — Disse Harry hesitando-se.

– Onde, Harry?

– Em Godric's Hollow, na casa dos meus pais!

– Porque chegou a essa conclusão? — Perguntou Dumbledore sem muito movimento dentro de seu quadro.

– Quando cheguei perto da casa em Godric Hollow, minha cicatriz doeu muito e até cheguei a cair no chão de tanta dor! — Disse Harry apertando a mão que chegou a vermelhar.

– Não tenho certeza que seja um Horcrux, pois seus pais morreram lá... Harry, Voldemort lhe transmitiu alguns poderes e creio que seja algo sentimental. — Disse Dumbledore pensativo.

– Então o que você acha que devemos fazer por enquanto professor?

– Perguntou Harry ainda pensando na casa de seus pais e em Voldemort.

– Ah, nada em específico, apenas estude aquela Horcrux. E procure um meio de agüentar a dor na cicatriz.

Foi então que Harry pensou e disse:

– Professor. Eu tive sonhos que me mostraram exatamente o dia em que Voldemort atacou meus pais. Por que isso agora? — Perguntou Harry esperando uma resposta que lhe dissesse o que fazer.

– Estava esperando você falar dos sonhos. Lupin falou-me sobre eles antes de eu vir para cá. Harry, acho que apenas por estar nessa frenética busca as coisas vão se juntando na sua cabeça e os sonhos vem a tona. Não se preocupe com eles. Se preocupe em destruir mais uma Horcrux. — Falou Dumbledore por cima dos seus oclinhos meia lua.

Harry apesar de estar acostumado com quadros falantes achava estranho estar de frente para um quadro discutindo coisas tão sérias assim.

– Harry, escute, é fácil sentirmos medo do que desconhecemos. É como ter medo do escuro. Na realidade você tem medo do que o escuro pode te mostrar. Não tenha medo de falhar Harry. Porque se fizer o melhor que puder pelo menos alguns, lembrarão de você como um grande homem que lutou contra a maldade.

Lute com todas as forças. Treine, fortaleça-se, aprenda tudo o que puder, entendeu Harry?

– Sim, professor.

– Então pode ir Harry e por favor chame Molly quando sair.

– Certo. — Harry se levantou e de repente se lembrou de uma coisa, ele voltou novamente:

– Professor, o senhor não poderia voltar a comandar a Ordem?

– Não, Harry, desculpe, este é mais um fardo que tenho que lhe passar. — Respondeu Dumbledore com os olhos cansados. — E vejo que esta fazendo um belo trabalho.

– Então o que devo fazer com todos eles?
– No momento certo você próprio descobrirá, Harry.

E Harry entendeu que agora deveria ir, mesmo tendo tantas outras perguntas.

– Harry sei que o fardo é pesado, porém eu confio que você possa sustentá-lo.

O Mistério do Ueu Negro

E com estas palavras Harry deu um passo olhando para o quadro e saiu da sala. Pediu a Molly que entrasse, e junto com Rony e Hermione foi para o quarto.

— Sim, Dumbledore, o Harry me falou que queria falar comigo!? — Molly trazia uma toalha na mão, enxugando alguns pratos.

— Molly querida, eu pedi para ele lhe chamar, sim! — Dumbledore olhou desconfiado para a mão de Molly. — Não esta fazendo mais feitiço domésticos, Molly?

— Ah, não, é que não tenho muita coisa para fazer nessa casa, ai, eu me sinto uma trouxa. — Disse ela levitando a loca para cozinha.

— Sim, Molly, eu pedi para que lhe chamasse para conversarmos um assunto sério.

— Qual, Alvo?

— A respeito da herança de Harry, o garoto mal sabe que o pai era dono do Gringotes, temos que contar toda a verdade a ele Molly... — Dumbledore respirou e continuou. — Ele já alcançou a maior idade, não precisamos esconder isso do Potter.

— Claro, você esta certo, eu sempre pensei eu contar-lhe, mas nunca tive coragem suficiente.

— Molly, então amanhã ou hoje a noite mesmo, vamos tirar ou dar mais uma preocupação ao Harry.

— Dumbledore, eu confio no Harry, mas não acho que ele vá conseguir sozinho derrotar as almas e o próprio você-sabe-quem. — Molly suspirara um pouco ao trocar repentinamente de assunto.

— Você não sabe do que esse garoto é capaz, Molly, ele talvez possa ser o Bruxo mais famoso e experiente de todos os tempos, confio muito no Harry!

— Eu também, eu também... — Disse Moody saindo do quartinho escuro. — Harry é o menino que qualquer professor queria ter, ele é genial para sua idade.

– Com certeza Moody! — Exclamou Molly tentando achar um lugar para parar suas mãos.

– Harry esta sendo muito procurado em Hogwarts, toda a semana, mesmo com os problemas que o ministério tem que enfrentar no mundo Trouxa, Rufo vem ao meu quadro perguntar sobre o garoto e ainda tem os alunos, não estão deixando a McGonagall um minuto quieta com perguntas do “eleito”. — Disse Dumbledore com um sorriso sincero.

– Ah, Dumbledore... Eu estou tão preocupada com o Harry, desde que o conheci, vi que ele era especial. Para mim ele é como mais um filho. — Disse Molly com algumas lágrimas nos olhos e com o rosto cansado. — Temo por ele, Dumbledore.

– Minha cara Molly, eu entendo você, tem sido difícil para muitos, mas para você deve ser um pouco pior. Temos de suportar a dor Molly. E temos de lutar.

– Sim, Dumbledore. — Moody aproximava-se ainda mais. — Temos de lutar a favor do garoto.

O quadro estava pendurado na sala de reuniões. Harry agora passava praticamente todo o tempo tentando se aproximar do Horcrux e se manter acordado perante a dor que sentia diante dela. Passara agora a dedicar todo o seu tempo ao combate as artes das trevas. Rony e Hermione entendiam e passara a se dedicar tanto quanto Harry.

– Mione, eu estava pensando, será que tem mesmo problema segurar a Horcrux? Eu segurei o diário não segurei? — Indagou Harry quando estava treinando Oclumência.

– É uma possibilidade, Harry. Porém você tem que se lembrar, a magia que predomina na taça é mais poderosa que a do diário.

– É... — Disse Rony que de repente começou a gritar: — MIONE quer parar de trazer essa lembrança a tona? Quando mais uma vez Hermione penetrara a mente de Rony e fizera ele se lembrar de Lilá Brown e dos seus amassos com ela.

O Mistério do Ueu Negro

Hermione e Harry riram a vontade enquanto Rony ganhava a cor de uma pitanga.

As tardes passavam, agora cada vez mais frias, todos pareciam mais alegres, todos pareciam confiar mais em Harry. Haviam passado oito dias desde a sua conversa com Dumbledore quando uma grande coruja de igreja adentrou a casa e voou diretamente para Harry. Era uma carta de Gina e lá estava escrito:

“Harry, Querido!

Amor estou muito ansiosa para as férias de Natal. para mim esse mês será uma eternidade, mas não é isso que tenho urgência em te falar, Minerva suspendeu todos os passeios em Hogmeasd depois do seu ato heróico com Snape e Belatrix, minhas colegas estão enchendo o saco com broches de “Harry salvara o mundo”, eu até gosto. Outra coisa, Lupin mandou lhe dizer que a respeito daquela-voce-a-qual, não podemos ficar falando via correio. As corujas todas estão sendo lidas pelo ministério a parti desse mês. Então não mande corujas muito específicas.

Beijos da sua amada.

Gina Weasley”.

— A Gina está certa. — Hermione lia a carta pela segunda vez.

— Eu sei!

— Hermione e Rony, eu quero vocês comigo para irmos a casa de meus pais novamente. — Os amigos plasmarão repentinamente. — Acho que existe uma Horcrux lá, de acordo com Dumbledore, só restam três Horcrux e se minha sensação estiver certa, nós encontraremos mais outra!

— Claro que vamos, Harry. — Não era de muita coragem que saiam essas palavras dos amigo.

Na manhã seguinte, a neve sutilmente caía ao exterior da Sede enquanto Harry dirigia-se a mesa de café!

– Bom dia Sra Weasley! — Harry puxara uma das cadeiras desgastadas e sentou.

– Bom dia Harry, querido, como passou a noite?

– Bem melhor do que as outras... — Deu um belo sorriso para a mãe de Rony e logo aproveitou. — Senhora... er... eu gostaria de pedir permissão para que Rony, Mione e eu pudéssemos ir novamente à casa de meus pais...

– Harry, não sei se devo... Da última vez que estive lá voltou com... — Harry não deixara Molly terminar sua exclamação e logo interrompeu.

– Não, senhora. Andei treinando e acho que estou melhor preparado do que aquele dia!

– Não sei bem, mas se você realmente quer ir, Boa sorte querido!

– Obrigada. — Harry não encostara nem mesmo os dedos nos deliciosos biscoitos caseiros, sairá correndo para encontra os amigos, derrubando até os cobertores de Moody.

– Mais cuidado meu jovem.

– Desculpe Moody. — Gritava ele dobrando o corredor. Após alguns minutos estavam prontos e nervosos.

– Harry mais tarde eu e o Alvo queremos falar algo sério com você, não se preocupe. Só não procure passar mal. — Molly abençoara os garotos que em seguida aparataram.

Estava tudo vazio e assombroso como da última vez á frente da antiga casa de Harry.

– Harry você está bem? — Perguntou Hermione nostálgica olhando o garoto estremecer.

O Mistério do Uku Negro

– Sim, estou. Vamos entrar.

Passaram pelo portão enferrujado e entraram em uma casa de olhar redutível. Quase que instantaneamente a cicatriz de Harry começou a arder. Passaram por uma sala onde quase não batia luz do sol, cada passo que o garoto dava dentro daquela casa, era como se estivesse revivendo o dia em que seus pais morreram ali dentro.

– Harry...

– Sim, Mione.

– Isso não está certo. — Disse a garota olhando alguns lustre quebrados no chão.

– Ah, Mione, você sempre faz isso nas horas mais inoportunas. — Falou Rony desviando de dois pedaços de vidros.

– É sério. Acho que estamos correndo perigo. — Hermione estava cada vez mais pálida.

– Por que acha isso, Mione? Não tem ninguém aqui. — Harry havia pronunciado essas palavras, mas ele mesmo não estava confiante de que ali era seguro. — Mas por via das dúvidas apanhem suas varinhas.

Harry chegou no lugar onde pelo que se lembrava era seu quarto.

– Devíamos ter trazido o Moody com a gente aqui. — Disse Rony olhando uma porta trancada.

– Ai!

– O que foi, Harry?

– Seja o que for está cada vez mais perto, minha cicatriz dói cada vez mais. Vamos logo por aqui. — O garoto cruzara uma parede castigada pelo tempo.

– Harry...

– Hermione, agora não! -Rony já estava impaciente.

– Rony, cala a boca! Harry, eu não acho que seja uma boa idéia. Como iremos saber se esse lugar não está cheio de magia negra?

— Isso é verdade, Mione, você está certa. — Falavam praticamente em códigos.

Harry até pensava desistir, mas foi tomado quando encontrou um feche de Luz vindo de uma parede que aparentemente não tinha nada por trás.

— "Revelus". — Nada aconteceu com o feitiço revelador de Harry.

— Harry, por favor... — Hermione já se escorava em Rony. — Já sabemos que pode ter algo aí. É melhor irmos e voltar com o Olho-Tonto Moody. Teremos mais êxito.

— Ok! Vamos buscar Moody. — Harry queria encarar o que fosse, mas não iria contrariar os amigos. — Agora que eu sei que a minha cicatriz dói quando eu chego perto de uma Horcrux acho que dessa vez estamos em vantagem.

Harry, Rony e Hermione voltaram logo em seguida para o Largo Grimalld 12

— Ah garotos ainda bem que chegaram, eu já estava ficando preocupada. E como foi? Alguma surpresa? — Molly parecia ainda mais velha.

— Nenhuma surpresa, mamãe!

— Voltaremos outro dia lá, senhora.

— Harry, depois quero que desça, você já sabe o porque! — Harry acenou com a cabeça, enquanto subia as escadas com Rony e Hermione.

— O que será que ela quer? — Murmurou Hermione curiosa.

— Sei lá, deve ser sobre alguma coisa a respeito da Ordem, eu espero.

Após o almoço forçado pela Sra Weasley, Harry meio que desconfiado adentrou a sala, dando de cara com o imenso quadro de Alvo Dumbledore.

— Com licença senhor, a senhora Weasley disse que o senhor deseja falar comigo.

O Mistério do Ueu Negro

– Oh, sim, sim, Harry, precisamos ter uma conversa de esclarecimentos, meu jovem.

Harry sentiu-se gelar. A última vez que Dumbledore chamou o, para um tipo de conversa assim foi para contar tudo sobre Voldemort em seu quarto ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

– Ah, Harry. Eu gostaria de começar a lhe contar coisas que lhe omite. Por achar que você não tinha idade para entendê-las. — Disse Dumbledore numa voz lenta e arrastada, porém fina, que deu a Harry uma sensação de calma.

– Harry, para muitos bruxos isso seria a melhor notícia do mundo, mas creio que não para você. — Dumbledore abriu um sorriso enganador e respirou. — Harry, você é o herdeiro do banco Grin... — Mas o Prof. não terminara de falar, pois Harry já o interrompia.

– Eu já sei disso, Prof. — Disse ele, que ao ver a expressão indagadora que tomou conta da face velha e cansada de Dumbledore explicou. — Há uma maleta Professor, o Brieida me deu... ele disse que era um grande amigo seu.

– Ah... Quer dizer que você conheceu o velho Brieida. E como está Resfine? — Perguntou Dumbledore com uma cara mais animada, vendo Harry fazer uma careta ao se lembrar do bicho, Dumbledore soltou uma risada rápida e continuou.

– Bom Harry, Não quero que pense que nós não confiamos em você. Apenas achamos que você deveria saber disso quando fosse mais responsável...

– Tudo Bem, no começo eu fiquei chateado, mas depois entendi. — Falou Harry sorrindo para Dumbledore que retribuía serenamente.

– Sabe Harry, por muitas coisas nós ainda iremos passar. E ficara mais fácil se confiarmos uns nos outros... — Dumbledore deu uma breve respiração e antes que Harry interrompesse, ele continuou. — Você já teve algum progresso com as Horcruxes?

— Acho, tem uma dentro da casa dos meus pais. — Harry deu uma breve pensada. — Professor, quando chegamos lá minha cicatriz ardeu, mas mesmo agora que consigo agüentar mais a dor, tem algo detrás de uma parede que faz minha cicatriz arder muito. Ah, voltamos para cá para tentar levar o Moody mas... — Dessa vez quem interrompera foi Dumbledore.

— Harry, você tem que descobrir um jeito de fazer isso sozinho, Moody Não vai poder te ajudar sempre. Você tem que aprender como fazer. A magia sempre deixa vestígios Harry. E lembre-se quando em mais nada puder confiar, só confie em si mesmo e continue tentando!

E com aquelas palavras Harry entendeu que estava dispensado.

— Mas como, Harry? — Perguntou Rony quando estavam sozinhos no quarto com Hermione. — Como ele quer que você ache os Horcruxes sozinho? Não temos tanto tempo de aprendizado como ele.

— Bom Rony, eu não sei como ele quer que façamos isso. Ele disse que Moody não poderia estar por perto o tempo todo. O que me deixa a desejar. Temos que arranjar um jeito.

— Harry por que você não vem dar uma olhada nisso? — Hermione estava lendo o Profeta Diário. — Olha, Bellatrix foi vista novamente nos arredores de Hogwarts, mas desta vez estava sozinha, nem sinal do Snape. O que será que ele anda aprontando em?

— Não sei Mione, mas tenho certeza que não é coisa boa.

O mês foi passando sem muitas novidades. Harry continuava treinando com Moody, Rony e Hermione e tentava arranjar um jeito de destruir a taça e entra na sua própria casa.

O natal estava chegando com cada vez mais frio. Natal chegou e com ele veio Gina Weasley.

O Mistério do Ueu Negro

— Harry, meu amor, estava morrendo de saudades. —
Falou Gina dando-lhe um beijo logo ao entrar, ignorando a todos. — Temos tanto para conversar.

— Bom Gina, acho que isso pode esperar um pouco não é?

— Claro.

Hermione havia ido para casa dos pais onde passaria o natal depois voltaria para a Sede. Mas Rony mudara seu humor totalmente, Harry não entendia muito bem por que, mas sabia que Rony e Hermione estavam caidinhos, pelo simples fato de um ficar implicando com o outro.

— Harry, venha cá, quero que conheça alguém, esse é Rodrig Alamedas Bodric um grande amigo de seu pai e sua mãe. — Disse o Sr. Weasley com as malas de Gina ainda nas mãos.

Harry achou estranho o nome desse bruxo mas nem pensava em possibilidades dele ser o mesmo R.A.B. do medalhão.

— Muito prazer Harry Potter. Há muito tempo sonhei com esse momento, você é igualzinho seu pai, exceto... exceto pelos olhos que são iguais aos da sua mãe!

— Obrigado!

Harry já ouvia isso há muito tempo, mas o que na realidade tinha demais com seus olhos? Isso ele descobriria mais tarde?

Harry não imaginara que haviam tantos com iniciais R.A.B. Ele ficou ali na sala, bastante tempo conversando coisas sobre o ministério da magia e como havia abandonado o colégio assim sem mais nem menos. Depois de bons papos e admirações, o homem de nome Rodrig Alamedas, colega de Arthur, foi posto como o mais novo membro da Ordem da Fênix para vigiar os trouxas em Londres.

– Harry, como você pode admitir aquele homem mesquinho, na Ordem? -Rony perguntou para tentar puxar assunto com Harry, que não parava de beijar Gina.

– Do mesmo jeito que pois você, Rony! — Gina respondera.

– Ah... — Rony olhou assombroso com cara de ingênuo diretamente para o colega. — Eu sou muito mais útil que esse tal de Bodric, espera até a Mione saber disso! Não se pode ficar acrescentando membros assim Harry!

– Rony, cala sua boca! — Disse Gina jogando um travesseiro em cima do irmão.

Os dias de férias de Natal foram passando lentamente para Hermione, que não agüentava mais ficar indo pro consultório dos pais e para Rony que não suportava ficar de vela, mas para Harry e Gina o tempo voava, eles foram visitar A Toca no Natal. Muitas corujas sobrevoavam os campos enevoados e brancos das vilas, A Toca estava cada vez mais mal tratada, parecia-se que ninguém habitava a casa há anos, o quarto de Rony não estava pior do que ele havia deixado, mas ao contrario, a cozinha encontrava-se intacta, só com alguns vestígios de poeira.

– Quanto tempo! — Rony falava sozinho com a coleção de Martin Miggs que se localizava pendurada em uma parede coberta por recortes.

– GAROTOS, desçam para o jantar. — Gritava a Sra Weasley depois de arrumar toda a casa e preparar a comida.

Aquela primeira noite depois de algum tempo fora da Toca, era tensa e ao mesmo tempo alegre para Harry. Molly não parava de paparicá-lo, Gina só pensava em seu amor, mas Rony implica de alguma maneira no relacionamento da irmã com o amigo.

Harry sabia que a implicância do amigo com o seu namoro era por causa de Hermione, então ele decidiu ter uma longa conversa a sós com o amigo:

O Mistério do Ueu Negro

– Rony precisamos conversar. — Disse Harry entrando no quarto onde estavam dormindo.

– Agora que conversar? onde está a Gina em? — Perguntou Rony folheando O Pasquim que ganhara de Luna de Natal.

– Rony para com esse ciúmes bobo.

– Ciúmes bobo? Você parece que vai engolir ela inteira, Harry.

– Olha se você quer saber, você ta com inveja, por que não admite que gosta da Mione?

– Eu gostando da Mione? Ficou louco?

– Não, não estou louco, não. Desde que ela foi para casa dos pais passar o Natal, você está rabugento e mal humorado, o que será? Uma dor de dente? — Perguntou Harry ironicamente. — Abre logo o jogo, Rony, você não tem nada a perder!

– Ah Harry, na verdade não sei se gosto da Mione. Ela quer ser sempre a espertinha e tudo mais.

– Rony, por que você não conversa com ela?

– Mas por outro lado ela é tão bonita e me ajudava sempre que eu precisava nos deveres semanais. É acho que tenho que tomar coragem e falar com ela. — Rony tomara fôlego. — Obrigada, Harry.

– Os amigos são para essas coisas.

E assim Rony ficou mais contente e ficou totalmente a favor com Harry e Gina. No sábado à noite, Fred e Jorge foram jantar N'Toca e trouxeram presentes para todos. Suas gemialidades estavam crescendo e eles estavam tendo muitas idéias. O que era bom para o comercio deles.

Harry ganhou um Mega-olho, o objeto era uma bala de todos os sabores, como feijõesinhos, mas aumentava o tamanho do seu olho excessivamente.

– Harry, cuidado com as verdes, elas são de vomito e aumentam em duas vezes o tamanho do seu olho!

– Fred, como você está magro, vocês não andam comendo, não? — Perguntou a Sra Weasley analisando a silhueta de George.

– Harry, Mamãe, vocês não sabem da nova?! — Fred falou puxando uma caixa enrolada de presentes.

– Não, não fala Fred! — Gritava George do lado direito da mesa ao lado de Gina e Harry.

– O que houve? — Perguntou Molly e Harry juntos.

– O George está namorando a Cho Chang, aquela gatinha que estudava lá em Hogwarts ano retrasado, lembra Harry? — Gina dera uma engasgada e Rony soltou um riso.

– Harry era afim dela! — Disse Rony, deixando todos na mesa com um tom avermelhado na cara.

– Era mesmo, Harry?

– Eles foram até aquele barzinho de casais, em Hogmeasd, ano retrasado.

– Cala a boca Rony. — Agora era Gina que tentava entra debaixo da mesa de vergonha.

– Isso foi há dois anos atrás, ela é muito bonita, mas eu prefiro a Gina!

Nesse instante os olhos de Molly arregalaram e a boca da garota abriu em um berro de agradecimento.

– E quando vai ser o casamento dos pombinhos?

– Não temos planos para isso!

– Agora só falta vocês... — Molly deu uma direcionada de olhar para Fred e Rony, que ficaram brancos. — ...e o Carlinhos!

– Senhora, e o Percy? Ele está namorando com alguém?

– É, ele está até dormindo na casa da Mamila, ela é uma jovem que trabalha no ministério, junto com o Arthur!

Aquele papo de casamento e namoros deixava Rony ainda mais decidido a se declarar para Hermione.

Os dois últimos dias de férias de Gina, fora bem aproveitado na Toca, não parava de jogar com o passa-tempo-

O Mistério do Uku Negro

bruxo que Fred havia lhe dado e de beijar Harry, quando ele não estava a sós com Rony.

Obliviadores de JK
— 19º Capítulo —
GRANGER WEALEY

Uma manhã chuvosa e nublada deu início as aulas de Gina e a chegada de todos no Largo Grimald, inclusive Hermione que foi levada por Bodric até a entrada do Largo.

– Você esta bem, Mione? — Perguntou Rony recolhendo a mala da garota.

– Claro, claro, por que não estaria? — Harry ria minuciosamente.

– É, é... que não gosto dele, o Bodric... — Disse ele com uma desculpa não tão mentirosa.

– Algo sobre a taça ou as Horcruxes, Harry? — Hermione perguntou cortando Rony do assunto.

– Eu nem me preocupei muito com isso, Mione! — Disse Harry lembrando dos momentos de caricias com Gina.

– E como foi o Natal? O meu foi um saco!

– Nós fomos para Toca. — Rony suspirava ao entra no quarto, onde Harry, Hermione e Bichento já haviam chegado.

– O que você trás aqui, Hermione? — Rony arrastava a mala com toda a força, tornando sua face afetada. — Um cadáver de hipogrifo?

– São meus livros, é para começar estudar para os NIEM's, afinal, vocês também vão fazer, não é?

– Ah, sim, claro. — Disse Rony pensativo encostando a mala a um canto. — Mas ainda falta muito, você não acha não?

– Claro que não Rony, as únicas matérias que estamos bem é Defesa contra as artes das trevas, graças ao Moody e Poções, se o Horace Slughorn der as aulas particulares no final do semestre, como ele prometeu. — Disse a menina, acariciando o gato.

O Mistério do Ueu Negro

– A McGonagall disse que ia nos ajudar em Transfiguração também. — Falou Harry sentando na cama um pouco empoeirada.

– Viu? Não estamos tão mal assim!

– Ah Rony, não começa! — Hermione segurava Bichento nos braços.

Nesse mesmo momento Rony olhou nervosamente para Harry, que entendeu que deveria sair e deixá-los a sós. Harry segurando-se para não rir, deu uma desculpa esfarrapada para Hermione, dizendo que iria ajudar a preparar o almoço, o garoto levantou-se da cama e um pouco depois de colocar um dos pés entre a porta, ele escutava Rony falar vagarosamente.

– Mione...er.. eu tenho uma coisa pra... te falar... — Soletrava Rony com a voz nervosa e tremula, mas ao que parecia a Harry, Rony perdera a voz, e de repente ouviu-se um suave baque macio, com que parecia ser Bichento caindo levemente ao chão. E Harry sabia que Rony por falta de palavras, beijara Hermione. Um silêncio reinava em torno da porta entre aberta e os miados suaves de Bichento, toques de lábios eram ouvidos bruscamente por Harry atrás da porta, o garoto ficara impressionado com a coragem do amigo e com um sorriso maroto no rosto pôs-se à descer o corredor de elfos, que ele nunca achara tão lindo.

Alguns minutos depois, Rony e Hermione juntavam-se a Harry e a Sra. weasley ajudando no almoço, como se nada tivesse acontecido. Rony ainda estava muito vermelho e Hermione trazia um encantador sorriso entre os dentes.

Aquele dia parecia passar rapidamente e feliz. Rony e Hermione andavam sussurrando para todo lado, fazendo com que Harry ficasse com um pouco de inveja por não ter Gina por perto.

A noite Harry, Rony e Hermione desceram para voltar a treinar com Moody. Harry tivera um grande progresso desde que começara a treinar com afinco, depois de sua última

conversa com Dumbledore. Harry ainda sonhava com o dia da morte dos pais. E sua cicatriz não doera mais.

Foi numa tarde em que, Harry e Rony treinavam feitiços escudos dentro do quartinho de treinamento que aparecera Hermione gritando com grossas lágrimas nos olhos e com o Profeta Diário apertado com toda a força na mão esquerda. Harry e Rony correram velozmente até onde ela estava. Não conseguia falar nada. Tentava falar algo como "Belatrix!" e "atacou!".

Chorava desesperada e quando os meninos fizeram cara de quem não entendiam, ela estendeu o Profeta Diário e o enfiou aberto, na primeira página, nas mãos de Harry. Rony lia por cima dos ombros do garoto.

Havia uma foto de Belatrix e um bruxo melequento gritando algo e na legenda havia "Foto amadora" e ao lado da foto a manchete que dizia.

“Funcionário do ministério da Magia, Arthur Weasley, foi atacado hoje pela manhã.”

– Quê? Papai, que aconteceu?

– Calma, deixa que eu leio. — Disse Harry postando o jornal diante dos óculos. — “Essa foto foi tirada essa manhã por um bruxo que não podemos identificar, a meados dos campos de Rimes Male, o Sr. Arthur Weasley foi brutalmente atacado por dois Comensais, como revela a foto, Mudungus... — Harry deu uma respirada e acrescentou afastando um pouco o jornal. — O Mudungus não era da Ordem?

– Continua, HARRY!! — Gritava Rony aos prantos, abraçado com Hermione.

– “...e Belatrix. Mas felizmente a Aurora Tonks foi chamada por uma espécie de código secreto, e assim conseguiu salvar o amigo, mas deixando os Comensais fugirem. Arthur já está passando bem em repouso no ST. Mungus, e não ocorreu nenhum tipo de ferida grave, graças a sua experiência nos casos.”

O Mistério do Ueu Negro

– Temos que ir ao Hospital. — Rony berrava.

– Garotos, venham comer as torradas que fiz especialmente para vocês. — Gritava Molly da cozinha.

– Ela ainda não sabe? — Perguntava Harry, o único que não estatelava em lágrimas. — Vou contar a ela, afinal ele já esta bem.

Harry abrira a porta em menção de segundos e passara rapidamente pelo quadro (que agora se encontrava negro) de Dumbledore.

– Quê? Mas... — Harry sacudia o profeta de uma mão para outra e suava frio lendo o parágrafo novamente. — Mas você, você... o que...?

– Algum problema Harry? — Perguntara Arthur sentado em uma das cadeiras da mesa da cozinha.

– O profeta, é que... é melhor o senhor ler. — Harry acabara de entregar o jornal no lugar exato da noticia.

– Esses mesquinhos, mesmo em tempos de guerra eles querem lucra. — Dizia Sr. Weasley indignado. — Harry, isso é só mais uma mentira imunda dos jornais, quando eles vão parar com isso? O Rufo não faz mais nada, só fica enfurnado no mundo Trouxa e esqueci que tem coisas a resolver.

– Meu Deus, o Rufo tem que interceptar esse jornal mentiroso. — Molly acabara de tomar o Jornal, e dividir em quatro partes rasgadas. — Isso me irrita!

Harry saiu correndo pela cozinha e voltou gritando para Rony e Hermione.

– É MENTIRA! É mentira do profeta, é mais uma noticia falsa.

– O que, Harry? Mentira de quem? — Perguntava Hermione e Rony meio controlados.

– Seu pai, Rony, esta ai na cozinha comendo torradas. — Harry abrira um belo e encantador sorriso junto com os pingos grandes de lacrimas de felicidade que desciam de seus olhos. — O Profeta foi que inventou essa historia idiota!

Sem noção e com a ajuda da felicidade, Rony e Hermione entreolharam, e mesmo na vista de Harry, eles encontraram os lábios, um do outro, devassas e úmidas as bocas se tocaram em um ato de plena paixão, algo que deu início a um beijo chamuscante e quente. “Eles foram feitos para ficarem juntos, já estava na hora” pensava Harry arregalando ainda mais o sorriso ao ver o beijo ardente do casal.

Alguns segundos depois o rosto de Hermione se encontrava vermelho e ativo, algo com que fez Harry sair do quartinho de treinamento e deixar os amigos a sós.

“Ruffepuffe” era o que Harry lia ao abrir a caixa negra e dá de cara com a taça brilhante. Sua cicatriz apenas beliscava nada que o fizesse desmaiar.

“Está na hora”. Harry pensava em destruir a Horcrux naquele momento, ele queria se arriscar sozinho, e não gostava muito de saber que um pedaço do seu inimigo estivesse com ele e não pudesse fazer nada.

Harry pegara a varinha, a capa da invisibilidade junto com a caixa negra e a Firebolt que estava empoeirada em um canto. Descera o corredor e quando ia passando pela sala, a imagem de Dumbledore apareceu rapidamente e desapareceu na mesma hora, mas deixando uma palavra presa à cabeça de Harry “Destroni”. Harry não pediu permissão nem dissera aos amigos que ia á Godric’s Hollow, ele matutava o que Dumbledore havia dito, se realmente havia dito, o que significava destroni? Era algum feitiço? Era uma cidade? Harry não tinha a mínima idéia do que era. Ele aparatou, em fração de segundos via aquela imagem que ele já havia visto, a casa dos pais.

O Mistério do Ueu Negro
— 20º Capítulo —
❧ *A MÃE DO ELEITO* ❧

Harry agora se encontrava na frente do portão enferrujado do Godric's Hollow pensando "Destroni, Destroni, o que pode ser?". Harry abriu o portão facilmente e entrou com passos leves e sutis no rol da casa velha.

Ele não entrou justamente pela porta principal, Harry agarrou a Firebolt entre os braços e sobrevoou a casa de telhado afastado e quebradiço. O garoto escutava vozes na sua cabeça, como se estivesse fazendo legilimência em alguém, vozes que dizia palavra de conforto, vozes meigas, parecia-se as vozes de Lillian Evans.

Em um rodopio no ar, Harry entrou em uma janela esfarelada que dava acesso ao seu antigo quarto, a mesma parede que emergia luz da última vez, agora estava fortemente amarelo ouro, "algo tem que esta atrás dessa parede", pensava Harry saindo da Firebolt e puxando a varinha com a outra mão.

— Destroni. — Disse ele com clareza mirando a varinha para a parede.

Nada aconteceu.

— Destroni, Destroni. — Mas nada acontecia.

Harry por um minuto ficou olhando os retos de mobílias e lembrou um ótimo jeito de como destruir a parede.

"Deletrius" foi o que o garoto falou vendo o fecho de luz amarelo sumir da parede.

"Alorromora", ele se sentiu no Caldeirão Furado ao ver os tijolos da parede se alinharem em uma forma de portal escuro e sombrio.

"Lumus", Harry agora adentrava o portal. Em seu primeiro passo no escuro, ele foi sugado por uma espécie de prisma enevoadado.

Um tobogã gigante levou Harry para uma caverna subterrânea, algo que parecia a Câmara secreta.

Pedras pontiagudas davam origem a faíscas de fogo ao caírem, gotas de águas eram despencadas do alto da caverna formando possas d'água. Harry rodou seu olhar em trezentos e sessenta graus e encontrou algo brilhante um pouco distante dele, parecia-se uma abertura ou uma lanterna.

Ele recuou alguns passos para pegar sua vassoura que cairá mais afastado e começou a sofrer de dor na cicatriz, a alma de Voldemort devia estar muito perto para sua cicatriz doer tanto. Harry caminhava lentamente em direção a luz no fim da caverna escura, sua mão tremia bruscamente, seus olhos faiscavam de agonia, as vozes que haviam penetrado sua mente do lado de fora da casa, agora já era mais sonoras e penetrantes, “cuidado meu amor” “siga em frente Harry”, vozes que Harry sentia vir de seus pais.

Próximo ao objeto chamejante, Harry definira como um talismã pequeno e brilhante, acima de um banquinho velho e encardido que tinha como referencia “Lílian Evans”, esculpido de preto, em uma das pernas do móvel. Harry olhara assustado para o nome da mãe cravado em tal lugar, ele correria em direção do talismã, mas foi impedido por uma barreira transparente, semelhante a do ano anterior na bacia de poções.

Harry rodara a menção do círculo impenetrável e deu de cara com mais um nome da mãe exposto ao chão junto ao do seu pai, mas agora trazia-se o sobrenome Potter. Parecia uma espécie de tumulto secreto.

— Quê? — Perguntava Harry a si mesmo. — Será que meus pais... estão... enterrados aqui?

“Sim, Harry, meu filho, aí jaz nossos corpos”, parecia-se a voz de Thiago.

Harry não agüentava mais de tanta dor em sua cicatriz, não conseguia ao menos se mover.

O Mistério do Ueu Negro

“Seja firme, querido, estamos do seu lado”, agora a voz de Lillian que tomava conta.

Outra voz entrou claramente na mente de Harry “Destroni”, ele lembrava da breve aparição de Dumbledore e levantara a varinha em direção ao círculo imaginário.

– Destroni! — Mas uma vez nada acontecera.

“O amor, Harry, o amor faz penetrar até em barreiras mágicas”.

No mesmo instante que Harry escutou a voz da mãe, ele levantou-se e tentava pensar nas coisas que ele mais amava, nada vinha a sua cabeça, há não ser Horcruxes e Voldemort, mas em um vestígio de imaginação ele lembrou da primeira vez na Toca, do primeiro beijo em Gina, da alegria dos amigos, das conversas com Dumbledore, das assistências de Molly. O amor reinava naquele momento, no corpo e na alma do garoto.

Harry dera alguns passos para perceber que adentrara o círculo da magia, um talismã azul ofuscante, brilhava no centro do baquinho, em vez do símbolo de Ruffepuffe esta posto como na taça, agora estava o pequeno nome bordado a ouro “Grinffindor”, mesmo com a cicatriz no auge da ardência, Harry retirou a taça de dentro da caixa negra e exibiu-a para o talismã. Ele se aproximou o máximo do baquinho até poder colocar a taça ao lado do outro objeto, feito aquilo, Harry se afastou, mirou a varinha com força para a taça e o talismã.

– DESTRONI! — Sua força ira toda embora com tais palavras.

Em segundos, Harry fora jogado pela explosão para cima do tumulto dos pais. Cacos de brilhantes rodeavam todo o local, parecia-se uma mina de diamantes. Os ecos da explosão chateavam os ouvidos de Harry, mas sua cicatriz instantaneamente parara de doer.

Harry estremeceu. A dor em sua cicatriz cessará quase que por completo. Seu coração batia acelerado. Olhou para o chão repleto de cacos brilhantes e de repente lembranças

invadiram-no. Lembrou-se de Dumbledore sendo jogado pelo Avada Kedavra de Snape e logo depois invadiu-o uma outra lembrança e agora era a do ataque de Voldemort ao ministério. Lembrou-se dos sonhos que tivera de seus pais. Viu mais uma vez o Lord se levantar do caldeirão no seu quarto ano

Lembrou de Sirius e de seus amigos, e de Gina. Grossas lágrimas caíram e rolaram por sobre seu rosto refletindo o brilho dos cacos espalhados pelo chão. E então a voz de seu pai retrucava:

“Harry, volte para os outros. Não há mais nada a se fazer aqui.”

— Pai. Eu vou poder falar com vocês e ouvi-los agora?
— Perguntou Harry ajoelhado no tumulto.

“Harry, querido, você terá sempre nossa ajuda seja lá onde estiver. Falar não poderemos mas estaremos com você.”, dissera a voz de Lílían.

Mais lágrimas rolaram pelo rosto de Harry.

“Harry, nunca se esqueça que amamos muito você e que sempre estaremos contigo!”.

As vozes sumiram por completo depois do suave “adeus” de Lílían.

Harry sentiu um vento de leve lhe tocar a bochecha lhe lembrando um beijo e sentiu uma mão lhe apertar de leve o ombro e então a paz dominou o lugar que antes era repleto de magia negra. Harry com o coração pesado catara suas coisas e aparatou para a Sede.

Molly e Arthur com umas caras de preocupação, assim como Rony e Hermione, aguardavam o menino na sala. Ao verem Harry todos o encheram de perguntas.

“Aonde você foi? Você está bem? O que aconteceu?”

— Antes preciso dar uma palavra com o Dumbledore. — Disse ele tremendamente sujo.

Entrou com o rosto pesado e antes mesmo que se direcionasse ao retrato a imagem de Dumbledore apareceu.

O Mistério do Ueu Negro

– Acho que dessa primeira parte da conversa a Srta. Granger e o Sr. Ronald deveriam participar.

Harry concordou com um simples balançar positivo. E quando Molly e Arthur se retiraram da sala, Rony e Hermione passaram um tempo em silêncio e então Harry contara sua ida à casa de seus pais e o que havia acontecido (omitindo o fato de seus pais falarem com ele). E então Dumbledore olhou para eles assustado.

– Harry preciso que se retire, por favor, tenho que falar com a srta. Granger e o Sr. Weasley a sós.

Harry não entendeu o pedido de Dumbledore, porque ele não poderia ouvir essa conversa? Seria tão seria? Ele acabara de destruir duas Horcruxes e uma simples conversa não poderia escutar?

Harry pensou no que era tão importante ao ponto de ser retirado dele, e quando fez menção de falar, Dumbledore interrompeu pelo olhar sereno de seu professor que dizia para ele se retirar.

Harry começou a caminhar em direção a porta sem entender nada.

– Harry não se preocupe com essa conversa e não tente entendê-la, depois mandarei chamá-lo para falarmos sobre o seu feito heróico hoje e sobre o que ouviu.

Harry então abriu a porta menos pensativo e saiu fechando devagar para tentar ouvir o que Dumbledore estava dizendo, e sem conseguir êxito fechou-a por completo.

Harry caminhou até a cozinha onde se encontrava a Sra. Weasley sentada fazendo a sua torta de abóbora.

Quando o garoto se aproximou ela olhou para ele franzindo a testa, seus olhos lacrimejavam.

Molly com um tom de preocupação, perguntou:

– Harry querido, onde você estava? Fiquei bastante desgostosa!

– Ah... — Disse ele se lembrando de tudo que tinha passado no dia. — Estava na casa dos meus pais. Molly agora estava perplexa, não acreditava que ele tinha se arriscado a esse ponto sem avisar a ninguém.

– Harry, você não pode sair assim...

Ele não estava mais escutando o que Molly dizia, ele estava longe dali imaginando o que Dumbledore falava com Rony e Hermione, que ele não poderia saber.

Quando percebeu a falta de mais alguém lhe dando sermão.

– Senhora, onde está o senhor Arthur?

– Ah sim... problemas com o trabalho, nada que se preocupar Harry. — Disse ela voltando-se para terminar a sua torta de abóbora, enquanto Harry se roía de ansiedade.

O Mistério do Ueu Negro
— 21º Capítulo —
❧ *DUPLO MÁGICO* ❧

Harry não suportava mais ter que ficar olhando Molly jogar glacê no bolo enquanto seus amigos tinham uma conversa misteriosa com Dumbledore. Ele levantou-se rapidamente da cadeira no momento em que escutou Moody gritar da sala.

– Potter!

Harry corria desesperado em direção a porta que já estava aberta ao entrarem Rony e Hermione pela cozinha.

– O que Dumbledore disse para vocês? Em? — Perguntava ele agoniado.

– Potter! Por favor!

– É melhor você ir, o Moody não gosta de esperar.

Harry ultrapassou os amigos com um olhar rude e mesquinho algo que Hermione entendia muito bem o que significava.

– Sim, Senhor?

– O Lupin esta lhe esperando no quarto de treinamento. — Disse Moody ao ver a cara de insatisfação de Harry, que olhava em vão para a imagem negra do quadro de Dumbledore.

– Ah...

Harry deu alguns passos apressados ao quarto que se encontrava com a porta entreaberta.

– Entre, e feche a porta, Harry! — Disse Lupin com um embrulho mal enrolado em sua mão e com algumas cicatrizes no rosto.

O garoto trancou a porta e direcionou-se a poltrona que Lupin acabara de conjurar.

– Senti-se. — Disse Lupin rapidamente. — Estou sabendo do seu feito heróico, parabéns, não é qualquer um que

destrói dois Horcruxes em um dia... — O olho de Harry, arregalou-se. — ...sim, sei tudo sobre as Horcruxes!

— Mas...

— Harry, antes que eu lhe diga qualquer coisa queria lhe mostrar isso. — Disse ele agora desembulhando o objeto.

Harry reconheceu logo o que era, até por que ele tinha um igual que agora estava dentro da mala de Tom Riddle, ele mal podia acreditar um igualzinho na sua frente, agindo sem pensar ele subitamente se levantou e abaixou-se ao lado de Lupin, que estava sentado em uma poltrona, sorridente.

— Então... isso é... o espelho... — Harry falava engolindo as palavras de tanta emoção. — Significa que eu vou enfim encontrar Sirius? Como você conseguiu isso? aonde...

— Calma Harry. — Disse Lupin lentamente. — Esse é realmente o duplo-mágico seu e de Sirius. Eu e moody suspeitamos onde ele se encontrara, mas infelizmente atraímos comensais e eu tive que duelar... com um deles.

Harry parou e observou o estado em que Lupin se encontrava, estava com varias feridas no rosto, algumas ainda sangravam.

— E... não consegui muito êxito nessa... luta, mas graças a Moody estou aqui com o espelho, são e salvo.

— Quem? — Perguntou Harry suspeitando pelo tom de voz de Lupin, num súbito pensamento Harry se levantou. — Quem o atacou?

— É... foi o Severus, infelizmente não conseguimos pegá-lo, realmente ele é muito ágil, um bom bruxo.

Aquelas palavras penetraram na cabeça de Harry, provocando muita raiva, como poderia Snape ser um bom bruxo? Harry se perguntava fechando os punhos e serrando os dentes de tanto ódio.

— Harry... precisa manter a calma... — Disse Lupin percebendo o estado de espírito do garoto. — Não vim aqui para discutirmos sobre Snape, vim para lhe falar algo muito

O Mistério do Ueu Negro

mais importante, Harry, vim lhe falar do seu padrinho. Lupin agora entregou as mãos de Harry o espelho de Sirius.

Harry já não pensava mais no que Dumbledore dissera a Rony e Hermione, ele se concentrava cada vez mais nas palavras de Lupin.

– Harry realmente não podemos afirmar que seu padrinho esteja vivo, aquele véu guarda muitos segredos, e um deles é a vida ou a morte de quem cai nele... — Lupin dera uma suspirada. — Esse espelho Harry, revela o pedaço que esta faltando no seu, você já esta pronto para escutar mesmo sendo uma decepção? Eu ainda não ouvi, esperei para escutarmos juntos.

– Claro, claro! — Harry penetrava seu ouvido o máximo que podia depois das palavras de Lupin.

– “Bem feito, feito”.

“Harry, eu sabia que você conseguiria usar o espelho, Harry preste atenção no que vou lhe dizer. — A silhueta de Sirius se estendia novamente. — Quando você estiver escutando meu recado o ministério já vai ter dado um jeito de me esconder para protegê-lo, Harry você tem que arrumar um jeito de abrir a porta lacrada da sala das portas no ministério na magia, lá esta a coisa essencial que você necessita para a destruição daquele-que-não-deve-ser-nomeado. Não posso dizer-lhe onde vou estar, pois nem eu mesmo sei. Você vai conseguir, eu sei que você conseguira Harry, estarei sempre do seu lado mesmo você não me vendo nem sentindo, tchau e siga meu combinado.”

Harry olhara para o espelho e ficara pensando no que teria no ministério? Neste momento ele lembrava de dois anos atrás, quando não conseguia abrir a porta.

– Você saberia o que tem no ministério? — Harry perguntou hasteando a cabeça para Lupin.

– Não, não sei, Harry, sinto muito.

Harry agora deixava sua mente só no ministério...

“Tenho que ir ao ministério.”, pensava Harry no quarto depois de Lupin voltar para Hogwarts.

– Ali! Ali está, oi, Harry. — Disse Hermione chegando ao quarto com Rony.

– E como foi com Dumbledore? — Perguntou ele não muito ansioso.

– Humm... não podemos contar ainda, Dumbledore nos pediu.

Harry ficara meio nervoso, mas se conteve.

– Escutem, preciso ir ao Ministério da Magia. — Disse Harry eletrizante com a possibilidade de desvendar um jeito de destruir o Lord e talvez ver o próprio padrinho.

– Por quê? — Perguntou Hermione.

– Poderei descobrir como destruir Voldemort.

– Claro, nos iremos com você, Harry. — Rony sentara na cama ao lado do amigo.

– Acho que não pode ser tão perigoso...

– Mas nos vamos. — Disse Hermione fortemente. — Nos vamos te acompanhar para o que der e vier...

– Não deixaremos que você se divirta sozinho como vez hoje. — Disse Rony dando um tapinha nas costas de Harry.

– Ok.

– Então que dia iremos?

– Amanhã mesmo, só preciso pedi autorização ao seu pai para que possamos entra sem problemas no Ministério. — Harry falou ainda imaginando as palavras de Sirius, “arrumar um jeito de abrir a porta lacrada da sala das portas no ministério na magia”.

– Pensei que íamos escondido, Harry!

– Acho melhor não, Rony, assim se tornaria perigoso. — Harry deu um sorriso e completou. — E ser líder da Ordem da Fênix influência muito na minha entrada no ministério.

Aquele resto de dia ia passando lentamente, Harry só pensava no ministério. Molly sempre ia ao quarto ver se ele

O Mistério do Ueu Negro

estava bem, o jantar não foi diferente do que Harry pensara, broncas do Sr. Weasleys e olhares excitantes de Rony e Hermione.

– Senhor, é que... é que eu o Rony e a Mione precisamos ir ao ministério amanhã. — Harry disse escondendo o olhar no prato de batatas douradas.

– Para que, Harry? — Perguntou Arthur enquanto Molly encolhia a sobancelha.

– Preciso arrumar um jeito de abrir a porta lacrada... que fica na sala das portas no ministério...

– Harry, aquela porta é impossível ser aberta....

– Mas, mas senhor, eu tenho que tentar. — O garoto coçou a testa. — Talvez seja o único modo de matar Vold...

– Harry, o Scrimgeour já más deixaria três adolescentes tentarem, sem experiência nenhuma, entra em uma porta secreta do ministério.

– Papai, esse é Harry Potter... — Disse Rony dando o costumeiro tapa nas costas do amigo. — ...Rufo adoraria ter o “escolhido” perto dele.

– É mesmo senhor! Rufo faz um tempo que me manipulava para trabalhar com ele.

– Harry, eu consigo sua permissão para entra no Ministério, mas não para tentar entra na porta lacrada ou até mesmo na sala das portas.

– Esta bem!

Sr. Weasleys depois do jantar, escreveu um pergaminho para o ministério, pedindo a entrada de Harry na manha seguinte no local. Algo que foi respondido imediatamente por uma coruja madrugueira do próprio Scrimgeour:

“Terei o imenso prazer de acompanhar o Senhor Potter na expedição pelo ministério, eu espero ansioso sua chegada”.

Rufo Scrimgeour”

Amanhã seguinte estava quente e ensolarada, os pássaros cantavam alegres nas árvores do jardim do Largo Grimaldd quando Harry, Rony, Hermione e Arthur passavam. Eles caminharam pelo jardim principal, onde tinham trouxas brincando com cachorros e crianças com os pais.

Rony e Hermione entreolharam-se ao ver um casal se beijando em um banco a direita da fonte d'água. Em um beco escuro e sombrio onde as paredes eram pinchadas e as latas de lixos reviradas, eles aparataram para perto de uma cabine vermelha e pequena no vão de uma rua sem movimento.

— Aqui estamos... — Disse o Sr. Weasley andando em direção da cabine. — Vamos, vamos, Rufo deve estar esperando na recepção.

Eles entraram na cabine pequena e apertada, apertaram o botão, escutaram a voz da recepcionista depois pegaram os crachás automáticos da cabine e desceram até a recepção, onde um homem feio e gorducho esperava.

— Olá, Harry, vejo que trouxe seus amigos!/? — Disse Rufo apertando a mão de Arthur. — ...então você pensou e vai aceitar trabalhar para o ministério? — Perguntou Rufos para Harry que ficara quieto por alguns segundos pensando o que iria disser.

— Ora! Vamos fazer uma expedição antes pelo ministério com os garotos, depois que acabarmos você poderá conversar com Harry a sós, o que acha Rufo? — Sr. Weasley acabara de aliviar Harry por alguns momentos.

— Tudo bem, por onde querem começar? A já sei, vamos pela sala dos aurores vocês poderiam conhecer alguns deles.

O Mistério do Ueu Negro

– Claro, claro... — Disse Harry olhando desconfiado para os colegas.

O grupo passeava pelos corredores imensos e olhavam os quadros imaginários que ficavam nas salas de espera.

– Esse é Ramon Cooper, curandeiro e administrador das poções do ministério. — Harry lembrava claramente daquele rosto da última vez que vira um julgamento. — Ultimamente ele esta participando das condenações de vários comensais.

– Harry Potter, prazer! — Disse Harry estendendo a mão para o bruxo.

– Nossa você é como dizem mesmo, a cara do pai e os...

– E os olhos da mãe. _Interromperá Rony sarcástico.

– Rufo preciso falar em particular com você e o Ramon. — Disse Arthur arrumando um jeito que Harry e os colegas fossem a porta lacrada. — Garotos, porque vocês não vão ver a nova fonte mágica, esta muito bonita, foi inaugurada ano passado.

– Claro, vamos Rony... Mione?! — Harry entendera os sinais do Sr. Weasley para que aproveitasse o momento.

Murmurinhos e sussurros eram cautelosamente soltos por bruxos aurores quando Harry passava e esteava sua cicatriz que crescia cada vez mais.

Harry ao ver a fonte mais brilhante e agora com sereianos e testrálhos esculpidos, ele lembrou do dia em que ficara atrás dos elfos e centauros escondido para se proteger da luta entre Voldemort e Dumbledore.

– As moedas ainda estão aqui. — Disse Rony passando a mão por uma sereiana que soltava jorros de águas pelo cajado.

– Em baixo da capa vocês dois... — Disse Harry puxando a capa da invisibilidade de dentro do casaco ao ver que ninguém olhava.

Rony e Hermione hesitaram e entraram rapidamente para que ficassem completamente invisíveis até mesmo os calcanhares.

Dirigiram-se cautelosos e lentamente até um dos elevadores que os levaria ao andar mais baixo.

Estranhamente, não havia muita movimentação nos andares seguintes, exceto por alguns memorandos voadores. Poucas pessoas circulavam nos átrios onde o elevador parou, e ninguém pareceu notar o lugar vazio quando a porta abriu novamente, e Harry avisou baixinho apesar de não aparecer ninguém:

– É aqui, me sigam e não façam barulho. Não saiam da capa ainda.

– Ainda lembro como se fosse hoje, Harry. E ainda tenho a marca dos cérebros. — Acrescentou Rony, sem sentido. Hermione riu.

– Harry, não seria seguro que desta vez ficasse um de nós vigiando a entrada do corredor? — Perguntou a garota.

– Fica você, então, já que deu a idéia. — Rony parecia ter voltado ao seu cavalheirismo natural.

– Nunca! Eu também quero saber o que tem lá, e eu sou mais... mais...

– Mais o quê? — Hermione não conseguiu continuar.

Era verdade que no passado sempre fora melhor que Rony em quase tudo, excetuando, talvez, xadrez de bruxos e quadribol. "Quadribol nem tanto assim", pensou sorrindo, marotamente. Mas Rony agora estava se superando, e demonstrou um temperamento racional e lógico que chocaria até os gêmeos Fred e Jorge.

– Rony, me desculpe, eu... eu não quis dizer...

– Tudo bem, Mione. A gente tira na sorte.

Harry achou melhor não interromper.

Quando estavam chegando ao corredor que dava para a Sala de Mistérios, Harry teve uma idéia.

O Mistério do Ueu Negro

– Esperem! — Sussurrou. E saía sob a capa quando Hermione lhe segurou pelo braço:

– Mas Harry, o que...

– Confiem em mim. Sei de alguém que pode nos ajudar. — Parou em frente ao quadro vazio, exceto pela poltrona e o console com detalhes em ouro. Engoliu em seco, e chamou:

– Sr. Dippet! Prof. Dippet! — Nada. — Prof. Armando Dippet, ex-diretor de Hogwarts, precedente de Alvo Dumbledore! — E então a figura do velho, parecendo confuso e ofegante, apareceu, apoiando-se no console.

– Mas quem, no Minist... Oh! Você!?

– Prof. Dippet . — Harry reverenciou. — Sei que o senhor somente tem o compromisso de cumprir as solicitações do atual diretor de Hogwarts. Por isso eu lhe peço, um favor, digamos. — O velho diretor o fita por um momento, mais curioso que desconfiado.

– Diga, meu jovem, que favor você precisa de um diretor de Hogwarts, aqui, no depto de mistérios? O que faz aqui?

– Não posso lhe dizer, Senhor. — Acrescentou. — Preciso que o senhor leve um recado à atual diretora de Hogwarts, Professora McGonagall.

– Ah, meu rapaz. Pode falar! — Harry pensou que estivesse tendo alucinações, mas por outro lado, entendeu que as coisas deviam estar mais "monótonas" sem Dumbledore. Harry pigarreou, torcendo para que o humor do ex-diretor se conservasse.

– Prof. Dippet, o recado é que “Harry Potter pede à professora Minerva McGonagall para que a diretora solicite ao senhor para vigiar o corredor do Departamento de Mistérios para mim, Rony e Hermione.” — Harry esperava ser xingado de insolente a qualquer minuto, mas o velho diretor apenas suspirou, e saiu pelo canto do quadro balançando a cabeça e murmurando: “Ah, Dumbledore, Dumbledore...”

Harry, Rony e Hermione esperaram por mais ou menos cinco minutos. Todos muito nervosos esperando que o professor Dippet voltasse logo. Quando o ex diretor apareceu novamente Harry soltara um alegre suspiro:

– A Diretora McGonagall manda dizer a Harry Potter que “O Professor Dippet pode vigiar o corredor.” Portanto siga em frente meu jovem!

Harry olhou para o quadro, depois para Rony e Hermione e os três se enfiaram novamente na capa da invisibilidade e desembestaram em direção a porta que levava ao círculo em que uma das portas era a porta lacrada. Quando chegaram à enorme placa de madeira esculpida Harry tirou a capa e enfiou-a no bolso e disse nervoso:

– Todos de varinha em punho. Acho melhor.

Os três retiraram as varinhas do bolso. Harry pos a mão sobre aquela maçaneta fria e girou-a vagarosamente e abriu a porta. Uma lufada de ar frio o atingiu e uma luz azulada saiu da sala redonda. Harry adentrou a porta seguido de Hermione e Rony que fechava a fila. Rony deixou a porta aberta, porém ela se fechou sozinha e assim que se fechou Hermione apontou a varinha para ela e disse: "Flagrate" e um X em fogo apareceu na porta e no mesmo momento a sala girou como da última vez em que estiveram lá. Assim que ela parou os garotos viram que a porta marcada estava à frente na diagonal direta de Harry.

Os garotos hesitaram um pouco e depois Harry se dirigiu a porta que estava a frente deles, segurou a maçaneta e para seu desapontamento ela abriu e dentro dela ouviam-se vozes muito longe. Harry escancarou a porta e viu o arco de pedra e neste balançando mesmo não existindo vento na sala, o véu negro e estonteante. Harry olhou fixamente para o véu e se lembrou do Padrinho. Então se dirigiu para o arco como que em um transe.

Hermione e Rony o seguraram e o arrastaram dali. E assim que fecharam a porta Harry voltara ao normal. Haviam

O Mistério do Véu Negro

lágrimas em seus olhos mas ele nada falou. Hermione repetiu o feitiço e novamente a sala girou. Harry continuava olhando para o X que marcava a porta do véu e quando ela parou foi a garota quem escolheu uma outra porta. Ela tocou a maçaneta fria e tentou girá-la. Porém a maçaneta não movia.

– Harry, achamos a porta!! — Gritou Hermione.

– Bom... — Disse ele. — O que vamos tentar primeiro?

– Alorromora....! — Nada. — Nunca se sabe, não é, talvez funcionasse... — Falou Rony sorrindo sem graça.

– Antes que algum de nós tente de novo, deixem eu lhes dizer o que Dumbledore falou sobre essa porta. Harry tentou lembrar o que Dumbledore havia dito, em sua sala, mas seus pensamentos fugiam para o véu. Talvez conseguisse ouvir a voz de Sirius, talvez conseguisse falar com ele...

– Harry! — Interrompeu Rony. — O que Dumbledore disse, afinal?

– Estamos ficando sem tempo, Harry, eu e Rony podíamos ir tentando...

– Ele disse... Ele disse que a sala trancada contém uma força que é a um só tempo mais maravilhosa e mais terrível do que a morte, do que a inteligência humana, do que as forças da natureza. E disse também que o poder que existe aqui é o que tenho em tamanha quantidade e o qual Voldemort não possui nada. Que este poder me salvou de ser possuído pelo Lord, porque ele não conseguiria permanecer em um corpo tão cheio da força que detesta e despreza.

– Amor?. — Os olhos de Hermione brilhavam, e ela mal conseguia falar. — Tem amor nessa sala?

– Amor derrete canivetes?! — Acrescentou Rony, com uma careta.

– Vamos tentar os feitiços conhecidos. Eu começo depois você, Hermione, e depois Rony. — Harry pigarreou. — Deletrius!

A luz se apagou por completo antes mesmo de chegar à porta.

– Reducto!

– Ah, Mione, eu ia usar esse!

Mas Rony não precisou usar nem pensar em outro feitiço. Nada aconteceu à porta, mas agora faziam silêncio, pois parecia haver barulho em uma das salas marcadas.

Harry, com um impulso, segurou a maçaneta, e apontou a varinha para a mão que a segurava. Hermione então saltou à frente, e pôs sua mão sobre a de Harry, dizendo para que ele não fizesse. Então a maçaneta começou a vibrar, e sua temperatura ficou morna, mas não abriu. Eles se olharam chocados, Rony com uma expressão desconfiada, e Hermione se desconcertou. Antes que pudessem se refazer, perceberam passos muito próximos de uma das outras portas.

– Dippet estaria vigiando!!!

– Sim, mas não há quadros nessa sala, Harry.

– Francamente! Ele não tinha como nos avisar. Foi tolice!

– Shhhh! Varinhas em punho, eu vou para a porta!

Rony se posicionou ao lado da porta de onde se podia ouvir os passos cada vez mais próximos. Ele acenou a cabeça, e Harry e Hermione retribuíram afirmativamente.

A porta escancarou, Harry e Hermione gritaram ao mesmo tempo:

– Expelliarmus!

Rony agarrou no ar a varinha lançada para cima. Kim Schackebolt estava meio ofegante, fora pego de surpresa.

Rony a ofereceu de volta, charmoso, vendo o auror levantar:

– Sua varinha, Schackebolt.

Ao que este virou num salto, pois nem havia reparado em Rony atrás dele, mas rapidamente começou:

O Mistério do Ueu Negro

– Harry, Srta. Granger, Rony Weasley, eu vim avisá-los, temos que ir agora se não quisermos despertar suspeitas.

Vocês irão comigo, explico enquanto... Vamos!

– Eu havia pedido ao Sr. Dippet...

– Sim, Harry, e foi o que ele fez. McGonagall nos avisou. — Estavam passando agora pelo corredor principal e Harry acenara agradecendo ao velho diretor.

Quando os três viraram à direita, para o elevador, Schackebolt os interrompeu:

– Não, vamos por aqui, estão procurando vocês por aí.

E entrou numa saleta estreita, com uma mesa, cadeiras e um grande mural com o que parecia uma planta do edifício, com pontos com símbolos e iniciais que piscavam intermitentes e outros que se locomoviam. Era uma espécie de mapa do maroto gigante.

– Sala da segurança. Há algumas no edifício, e elas têm comunicação com o Depto dos Aurores. Venha, Rony, sente-se aqui.

O "aqui" era um armário de capas que Schackebolt abriu e que continha um banco. Ele mexeu algumas argolas do cabineiro, como se fosse um ábaco, e disse:

– Quando ver luz na fresta, abra e saia. Sente-se no chão ao lado do armário, não faça barulho e não mexa em nada. Rony parecia apavorado, mas obedeceu. Kim fechou a porta e abriu novamente. Estava vazia.

– Sua vez, Srta. Granger. E, Harry. Os vejo em segundos. Vocês se perderam e os encontrei tomando chá com o velho Ornie. Trouxe-lhes comigo, ok?

Os garotos responderam positivamente com as cabeças.

Em uma sala limpa, confortável e minúscula estava Rony, Harry e Hermione abaixados a um canto quando Kim saiu pelo armário velho e obscuro.

— Aconselho vocês levantarem e se sentarem nessas poltronas enquanto o Scrimgeour não chega. — Disse Kim apontando para quatro cadeiras pequenas e frágeis que rodeavam uma mesa bamba sem cor.

— Chá? Café? Gim? — Perguntou o auror inclinando a varinha para a mesa. — Chá! — O próprio Schackebolt respondeu conjurando cálices de prata e um bule branco perolada ao ouvir a maçaneta da porta girar.

— Graças a Deus, vocês estavam onde? — Perguntou Arthur encarando Harry com curiosidade enquanto Rufo adentrava a porta.

— Tomando chá com o Orneios... Orneio...

— Ornie. — Kim acabara de salvar Hermione de um belo sufoco.

— É, é isso aí! — Agradecerá a menina.

— Arthur Weasley... — Uma mulher mesquinha chegava até a porta com um envelope amarelado e entregara a Arthur. — Harry, meu querido Harry... — Irônica.

Harry olhara com desprezo e ingratidão para a mulher.

— Obrigado Dolores, você é realmente adorável. — Disse Sr. Weasley fazendo Rony, Hermione e Harry olharem assustados para ele.

— Como podem admitir essa bruxa... aqui no minis...

— Pode falar mais alto Ronald? — Pigarreou um Sr. Weasley admirado.

— Não, nada!

O Mistério do Ueu Negro

Arthur abriu o pergaminho rapidamente ao ver um letra fina e delicada:

“Senhor Arthur, perdoe estar lhe escrevendo para o trabalho, mas não queria assustar a pobre Molly. O seu filho, Gui Weasley, ontem à noite teve ataques estranhos, cresceram nele alguns pêlos e as unhas, além de pré-notar alguns sintomas de agressividade e nervosismo nos últimos dias. Na minha opinião, creio que seja as feridas causadas na última batalha dele com o Greyback. Espero que você possa ajudar a controlá-lo ou mande até mesmo um Auror.”

“Grata Fleur Delacour”

— Papai isso quer dizer que o Gui é um vampiro agora?
— Perguntou Rony acabando de escutar a leitura de Arthur e deixando o rosto ainda mais desajeitado.

Harry não vira o bruxo assim nem mesmo no dia do seu ataque por Nagine.

— É, Rony. Seu irmão virou um vampiro, já que expulsamos o que vivia no sótão no último natal para vocês dormirem, a casa ficou meio sem-graça sem vampiros, não é?
— Falou uma impaciente Hermione.

— Vamp... Gui... o quê eu falei? — Perguntou Rony, desconfiado e confuso, sem se dar conta do que havia dito.

— A descrição parece mais com de um lobisom... como é mesmo seu nome, querido? — Perguntou Umbridge faiscando a cara ao lembrar da cena que os irmão de Rony, os Weasleys gêmeos aprontara há dois anos atrás.

Rony dera uma olhada agressiva para Dolores que olhava impaciente para Harry.

— É, é sim, um lobisomem! Maldito Greyback! — Disse o Sr. Weasley quase às lágrimas.

– Nada que uma boa poção mata-cão para resolver. — Disse Rufo intrometendo-se na conversa. — Mandarei Ramon fazer um estoque para ele Arthur, não precisa se preocupar.

– Ornie me avisou que seu filho estava com ele, junto com seus amigos, e os busquei, Arthur. Estava lhes mostrando a minha sala.

– Mas eu não disse a nenhum Ornie que eu era um Weasley! — Exclamou Rony, ao ver que Rufo estava muito sério, observando Harry, assim como Dolores.

Todos olharam para Rony, em seguida para Arthur, e Rufo mais relaxado acrescentou:

– Como se isso fosse necessário, meu jovem! Mas Arthur, que lástima, nem tive tempo de conversar com os rapazes!

– Creio que não faltarão oportunidades, Ministro. — Disse oportunamente Sr. Weasley. — Mas agora Molly já deve estar praguejando que chegaremos atrasados para o jantar... panquecas! — E deu uma olhada significativa para Kim, cujos olhos brilharam ao som daquela palavra.

– Vamos então, garotos?

Estavam no saguão principal quando Rony mais uma vez perguntou:

– Papai, o Sr. acha mesmo que o Gui vai virar, bem, você sabe...

– Agora não, filho. Não aqui no ministério, no caminho conversamos sobre isso. — Sr. Weasley tinha razão, lobisomens era realmente um assunto delicado na comunidade bruxa. Quando chegaram na rua deserta Sr. Weasley retomou o assunto. — Lupin irá jantar conosco hoje. McGonagall o enviou. — Olhou para Harry ao dizer isso. — E então creio que seja conveniente conversarmos sobre todos os acontecimentos de hoje, incluindo a carta da encantadora e gentil, Fleur. Aparatemos daqui para a praça.

Quando chegaram ao largo, Hermione disse cansada:

O Mistério do Ueu Negro

– Puxa, arriscamos o Sr. Arthur, Kim e o tal velho Ornie que nem conhecemos, para nada, não conseguimos abrir a porta. O ministro já estava desconfiado...

– Esse Ornie é da Ordem, Sr. Weasley? — Perguntou Harry, interessado.

– Oh, não. É um velho funcionário do ministério, ele me devia um favor. — Sr. Weasley acabara de fazer as magias necessárias para que o numero 12 aparecesse sem que ninguém a visse. — Ele tinha uma queda para jogos, você entende. Uma vez o peguei com uma caixa-tíquel trouxa, e tentando enfeitiçar para soltar galeões.

– Caça-níquel?! — Harry e Hermione exclamaram.

– Sim, isso mesmo. Ele havia prometido à mulher que faria uma reforma na casa, há alguns anos atrás, mas resolveu apostar o ouro destinado à reforma e perdeu no jogo de xadrez-bruxo. Ornie estava desesperado para dar um jeito que a esposa não descobrisse. Ele é uma boa pessoa, sabe. Mas tem defeitos como todo o mundo. Confisquei a caixa, mas não o indiquei. Ele não conseguiu levantar o valor perdido, as economias, e como não era a primeira vez que perdia em jogos, sua família acabou-o deixando. Mas vocês não conseguiram o que queriam lá embaixo?

– Não, nada. — Tristemente suspirou Hermione.

– Vamos lá em cima, antes do jantar. — Sussurrou Harry para seus amigos quando entraram vagarosamente na sala e iam subindo as escadas. — Eu sei como abrir a porta.

– Hei, vocês, mocinhos! Venham cá e me ajudem com isso, o jantar está pronto e Lupin já os aguarda!!! E temos visitas hoje. Oh, claro que você também é visita, Lupin, querido. Mas estou falando de Fred e Jorge! Eles têm uma surpresa para nós, estão com um novo Departamento na loja, e queriam que fôssemos os primeiros, a saber.

– Bem, nossa conversa fica para mais tarde. Vamos. — Disse Harry vendo o estomago roncar.

Rony e Hermione os acompanharam para em seguida ajudar com a louça.

– Bom dia Harry. — Disse Lupin mais disposto e tolerante que nunca. — Fiquei sabendo da sua aventura, McGonagall estava temerosa com sua arriscada busca, Harry.

– É de imaginar... — Disse Molly levando gomas enrustidas de caramelo para mesa.

– Molly, querida quero que leia isso... — Arthur levava a carta amassada para esposa. — ...ele esta bem, não se desespere.

Lupin arregalara o olho ao ver o grito ameaçador da Sra. Weasley ao terminar de ler a carta.

– Que de tão grave esta aí? — Perguntou Moody entrando pela cozinha.

– O Gui esta tendo sintomas de lobisomem. — Arthur agora consolava a esposa com abraços.

– Mais sedo ou tarde sabíamos que isso ia acontecer. — Aliviou-se Lupin com um suspiro.

– Pelo menos ele esta do nosso lado, né?! — Moody acabara de roubar uma panqueca do pratinho que Hermione segurava. — Ah, Molly, seus filhos estão lá fora tentando entra.

– Ah, sim, como pude esquecer?!

Molly saiu correndo com os olhos imensamente aguados de lágrimas.

– Ela aceitou melhor que a minha mãe! — Disse Lupin olhando para cara de espanto de Arthur.

– Isso esta bem melhor!

– É, muito melhor mesmo! — Disse Fred concordando com o irmão que adentravam a cozinha com pergaminhos gigantescos. — ...e sem aquele Monstro então.

Hermione soltara o prato com mais força do que o devido na mesa, ela não suportava que falassem mal dos elfos,

O Mistério do Ueu Negro

sua campanha não dera certo, mas a F.A.L.E. iria continuar firme e forte no seu coração.

– Mamãe porque a senhora esta assim? — Pela primeira vez Fred vira a cara chorosa da mãe.

– O Gui é um lobisomem! — Disse Rony sarcástico.

– E ela fica assim? Deveria soltar bombinhas-fumaças para comemorar. — Fred agora se sentava ao lado de Lupin.

– Queria eu ser um Lobisomem.

– Jorge Weasley! Nunca mais diga isso, seu insolente, agradeça ao senhor por não ser um lobisomem.

Lupin olhou ignorado para a Sra. Weasley.

– Molly, eu até posso pedir pro Slughorn prepara mais poções mata-cão, assim eu e o Gui poderemos desfrutar da vida de bruxos.

– Não é necessário Lupin, muito obrigado... — Sr. Weasley acabara de puxa uma cadeira para Hermione se sentar. — ...Ramon esta fazendo isso para me.

– Ramon o cara do ministério? — Perguntou Fred escarlate.

– Sim, ele mesmo. Como conhece o Cooper? — Perguntou Arthur agora se sentando ao lado da esposa.

Harry e Rony assistiam a conversa com verdadeira intenção de discuti-la, mas os dois não sabiam o que dizer.

– O que trás nesse pergaminho, Fred? — Agora Rony tomara assunto para entra na conversa deixando Harry aterrorizado e a pergunta do Sr. Weasley sem resposta.

– Rony, isso é a planta do nosso novo “Departamento de Artiguarias e Ervas Weasleys”.

– Que? — Perguntou Harry agora entrando na conversa sem querer.

– Ervas? Artiguarias? — Rony encabulou-se. — Isso dá Galeões?

Obliviadores de JK

– Muitos, meu jovem inexperiente! — Fred enchera a boca para dizer as próximas palavras. — Na sua idade irmãozinho, éramos famoso por nossos artefatos.

– ãH... — Rony realmente ficara sem palavras, até agora já tinha 17 anos e não havia feito nada de útil na sua vida, nada que pudesse falar com tanta exatidão.

Ploch!

Era uma cena grotesca que Harry já havia presenciado uma vez. Em meio a uma confusão de caçarolas, conchas e tachos de bronze, estavam dois elfos se engalfinhando, um deles era velho conhecido de todos, Monstro. O outro, parecia um palhaço vestido como um goleiro de Hóquei no gelo.

– Dobby! Como você chegou até aqui? — Perguntou Harry, perplexo.

– Vocês conhecem esse... esse... Elfo ricamente vestido? — Perguntou Fred, mal contendo o riso.

– Sr. Harry Potter! Sai para lá, seu ingrato! Não toque em Dobby ou Dobby irá... Oh, Sr. Potter, Dobby viu Monstro se ausentar de Hogwarts, Dobby sabia que Monstro não ia fazer boa coisa, Dobby tinha que segui-lo para o seu mestre!

– Esse verme traidor do sangue não é mestre de Monstro!

Monstro parecia estar guinchando preso à Dobby, de alguma forma. Pela confusão lanosa, não dava para ter certeza se por magia ou se estava amarrado por uma meia.

– Cale-se por hora, Monstro!

Como Monstro pareceu calar-se, apesar de não demonstrar a mesma fúria com que fez isso na sala dos Dursleys, Harry tranquilizou-se.

– Agora nos conte o que está acontecendo, Dobby. — Disse gentilmente Hermione.

– Dobby viu esse verme ingrato fugindo de Hogwarts. — Começou Dobby guinchando.

– Como? Elfos não podem fazer coisas do tipo sem permissão do dono! — Ergueu-se Arthur confuso.

– Senhor esse elfo é um pouquinho detalhista no que concerne interpretar ordens de seu mestre. — Disse Hermione querendo defender Monstro, que nesse momento dará um soco em Dobby.

– Pouquinho detalhista? — Exclamou Rony rindo.

– Sim, Dobby, continue. — Lupin já estava ansioso.

– Então, Dobby seguiu Monstro, ele foi para aquela casa terrível em Hogsmeade, aquela...

– A casa dos gritos? — Perguntou Molly assustada.

– Essa mesmo! Então Dobby viu Monstro falar com aquela comensal Lestrang, ela tava dando alguma ordem para Monstro...

Nessa momento Monstro começou a se debater e a guinchar feito um louco.

– A Sra. Black, ela sim é a verdadeira Sra. de Monstro, Belatrix Lestrang, não esse... traidor do próprio sangue. Rony tentou segurar Monstro e Harry gritou rapidamente.

– Quietos Monstro! — Ele estava se enfurecendo cada vez mais com o Elfo, se ele estivesse seguindo ordens de Belatrix... — Vamos, diga Dobby, o que foi que Belatrix disse para o Monstro?

– Dobby não conseguiu ouvir tudo muito bem, Sr. Harry Potter, mas ela queria que Monstro vasculhasse a casa dos Black e levasse algo para ela... Aquela bruxa má, sim, muito má é o que ela é! — Dobby chacoalhava-se enquanto Monstro guinchava tentando se desvencilhar, enfurecido.

Harry olhou a parede de pedra, pensativo. Lupin o observava, com certa ternura e emoção no olhar. Já não era o garoto que lhe pedira para ensinar a conjurar o patrono, a maturidade estava o alcançando e a responsabilidade de suas decisões já começavam a lhe pesar as têmporas, definindo suas feições. Lupin suspirou e se entregou às próprias lembranças, olhando o chão.

O Mistério do Ueu Negro

– Monstro, ordeno que diga o que Belatrix quer que você entregue para ela. — Disse Harry calmamente, se afastando para a sombra sob o arco de viga da cozinha, e sussurrando algo à Hermione, que saiu depressa. Harry virou-se e encarou Monstro. O reflexo do fogo da lareira brilhava em seus óculos. Harry sabia que agora teria que ser muito cuidadoso e para conquistar o respeito e a temeridade de Monstro, não bastaria ser rabugento como seu padrinho nem simpático como Dumbledore. Ele já sabia o que fazer.

– Um retrato, um retrato dos Black que não traíram o próprio sangue. Uma recordação da tia...

O rosto rugoso de Monstro esboçou um sorriso maldoso, enquanto os demais observavam. McGonagall acabara de entrar na cozinha, seguida de Hermione, saudando a todos e retirando sua capa, ela parou repentinamente ao ver os dois elfos emaranhados. Molly fez sinal, oferecendo uma cadeira e pedindo a capa de viagem enquanto Hermione estendeu o objeto secretamente na mão de Harry.

Harry, ainda sob a sombra, sorriu e repetiu a última frase de Monstro. Ele abriu lentamente a mão e deixou escorregar um camafeu que brilhava ao fogo da lareira, balançando.

– Não seria esta a recordação, Monstro? — Disse ele suavemente.

Os olhos de Monstro arregalaram-se e este pareceu engasgar. Harry guardou a Horcrux falsa no bolso e caminhou até Monstro. Todos observavam em silêncio, quando Harry se abaixou na frente do elfo, que agora estava tremendo:

– Monstro... — Continuou calmamente. — Eu lhe ordeno que vá encontrar com Belatrix. — Ouviu-se murmúrios pela sala, McGonagall se empertigou na cadeira, mas ninguém interrompeu. — E lhe diga que você não cumpriu o seu pedido.

Diga-lhe somente isso, e nem mais uma palavra, guincho, gemido ou... ou qualquer outra comunicação com ela.

E volte para cá imediatamente, isso eu não precisaria nem ordenar, você não iria gostar do que ela tentará fazer com você, mas me desobedeça e enviarei a sua cabeça como lembrança da família Black àquela doce e gentil senhora a quem você sempre quis servir, satisfazendo o seu desejo e o dela.

Hermione levou a mão à boca, chocada, enquanto Rony estava de boca aberta e Moody exibia satisfação no rosto, compartilhada pelos gêmeos. Os demais estavam atentos e perplexos. Dobby então, que parecia triste e chocado, desamarrou uma das meias do tornozelo do Monstro, que aparatou, ainda trêmulo.

— Dobby... — Interrompeu Harry, às vozes que perguntavam agora o que tinham presenciado. — Você tem certeza que ele se foi? — Dobby apenas balançou a cabeça, olhando para o chão, então Harry continuou: — Eu já mas farei nada disso, Dobby. Eu agi assim para Monstro ficar com medo, eu precisava ter certeza do que ele estava procurando. Você está nervoso, sente-se perto do fogo e tome um... um... bem...

Harry esfregava os cabelos. Nunca oferecera nada a um elfo, não tinha a menor idéia do que eles gostavam de beber.

— Chá, senhor, Dobby toma chá. — Hermione se adiantou e foi preparar o chá para Dobby, ainda abatido.

Harry cumprimentou a professora Minerva, e fez sinal para que sentassem à mesa, que ainda estava posta.

— O que é esse colar que Belatrix quer? — Perguntou Molly.

— Não é esse colar. Esse é parecido. Quando ele falou lembrança, eu entendi, e pedi à Mione que o buscasse. Eu queria uma confirmação, mas já que Monstro não o escondeu, temos que achar Mudungus.

— Ele não deve ser tocado! — Exclamou Hermione.

— Exatamente. Estejam preparados para isso. Esse colar não deve cair em mãos erradas, ele é um... uma alma. — Disse Harry pensando no esforço em vão na caverna.

O Mistério do Uku Negro

– Mas Mudungus passou para o outro lado! Se ele roubou o colar, Bela não pediria a Monstro.

– Eu não teria tanta certeza, Remo, é capaz dele nem saber que guarda algo tão valioso. — Informou Minerva.

Uma figura adentrou a silenciosa cozinha.
— Kim, achei que você não viesse mais! —
Arthur adiantou-se sorrindo.

— Eu tinha que vir, Arthur... — Disse Schackebolt em tom urgente. — Precisava vir.

Arthur olhou instintivamente para a travessa com algumas panquecas que ainda estava pairando na mesa, e devolveu um olhar espantado ao auro.

— Sim, por isso também, Arthur. Senhora Molly... — E fez-lhe uma reverência, ao que Molly enrubesceu e apressadamente retirou as travessas para aquecer novamente.

— E qual seria o outro motivo, Kim? Trouxas? — Perguntou Minerva retirando uma broa envelhecida com passas aladas da panela e pondo no prato.

— Bom, creio que este seja um dos motivos da minha visita, Molly. Temos um problema em alguns antiquários na Silverwood com a Praça dos Álamos, alguns feitiços foram detectados na área.

— Mas isso é Londres! Arthur, querido, você não cuida mais disso! E Perkins?

— E exatamente esse o problema, Molly. Perkins está no St. Mungus, intoxicado por um emplastro de zinalorium e mortício que na realidade eram vísceras de caranguejo de fogo. Ainda não descobriram o veneno, mas encontraram felpas que acreditam serem de chifre de erumpente. Se for verdade...

— Estamos lidando com falsários de luxo... — Comentou Arthur pensativo.

— É um verdadeiro “especialista”... — McGonagall adicionou e levantou-se, contrita. — ...como enganam assim um Auror como o Perkins?!

O Mistério do Ueu Negro

— É uma armadilha, papai. E... — Advertiu Fred.

— Vocês irão precisar da gente! — Concluiu Jorge cutucando o irmão com o ombro.

Os gêmeos Weasley eram realmente fantásticos tratando-se de sabotagem. Inegável o conhecimento e competência que tinham, mesmo não sendo muito adeptos aos métodos de aprendizado tradicionais. Harry e Sr. Weasley concordaram com um aceno, e Harry continuou:

— Aproveitando que alguns dos membros da Ordem estão aqui. — Harry animara. — Bem, eu tenho um assunto sério para discutir antes de tomarmos qualquer atitude, venho pensando nisso há algum tempo e é necessário tomarmos uma decisão. Mione, Rony e eu já tivemos experiência disso no passado e vocês também. Tanto na AD, quanto na Ordem, há dezessete anos e mais recentemente, existiu um traidor no grupo. Sabemos os meios de Voldemort, sim, de Voldemort! — Harry repetiu, lançando um olhar à Molly que gemeu com a palavra. — Para conseguir o que quer. Ninguém aqui está a salvo de ser vítima destes meios. Conhecemo-nos cada um e confiamos hoje como confiamos no passado. E como desconfiamos, também. — Encarava Lupin nos olhos, ambos estavam emocionados. Harry não esqueceu que Lupin fora alvo de desconfiança por preconceito, e se não tivesse sido, talvez seus pais não tivessem morrido. Poucos sabiam disso. Todos estavam constrangidos, inclusive Harry; era uma questão delicada, porém necessária.

McGonagall assentiu:

— Potter tem razão. — O constrangimento não foi abalado com a afirmação. Olhando para cada um, buscando apoio, acrescentou. — Não se trata de desconfiança pessoal, mas de precaução em relação à segurança de todos na Ordem! Temos que nós precaver de...

— Sugiro... — Harry interrompera a diretora. — ... que escrevam seus nomes em um pergaminho e Mione faça uma

azaração, deu certo com a AD. Depois faremos uma reunião com todos os membros. Eu confio em Mione (a garota corou com o "confio" enfático), mas isso não quer dizer que os outros não sejam confiáveis, não seria justo. Se todos estiverem de acordo.

— Harry, não acho que a azaração anti-acne da Heloísa seja o suficiente nesse caso... — Todos riram da simplicidade da garota. — ...e, devo admitir... — Fez uma pausa e olhou para os gêmeos, sorridente. — Que eu sou realmente confiável, mas em matéria de azarações, eu confio mais nesses rapazes aqui.

— Estávamos nos perguntando quanto tempo você ia demorar...

— Para admitir que somos confiáveis em alguma coisa. — Brincaram os gêmeos, levantando e beijando o rosto de Hermione, que estava sorrindo completamente vermelha entre os dois!

— Ora, francamente, vocês dois...

— Todos de acordo? — Perguntou Minerva, levantando a mão, seguida dos demais, que estavam rindo. Todos assinaram o pergaminho e os gêmeos se afastaram com o embrulhado de pergaminho, do grupo.

— Bem, como faremos com você então, Arthur? Você ira a Londres? — Perguntou Kim confuso.

— Shackebolt, você pode "oficialmente" acompanhar Arthur? — Harry decidira reagir. — Ótimo. Vocês... ah... chamem o Bodric e vão com cuidado, e eu, Remo e Moody acompanharemos na surdina. Fred e Jorge irão conosco. Rony e Mione, preciso que vocês fiquem com a Sra Weasley e Dobby, esperando Monstro. Lestrang, vocês sabem. Dobby, eu posso pedir a você que o detenha se ele tentar escapar? — Dobby já estava animado, e concordou com entusiasmo. — Minerva, é ah... Professora McGonagall, a senhora poderia voltar para Hogwarts e pedir à Tonks para observar Percy no

O Mistério do Ueu Negro

Ministério..? — Arthur inspirou e olhou para o alto, claramente se controlando, ao invés de Molly, que caiu em lágrimas, grata.

— ...ele pode correr perigo, Mione lhe dará o galeão com o Proteus, e devo lhe pedir que contate a AD e peça ajuda à Neville para pesquisar sobre o ferimento de Perkins. Hagrid também poderá ajudar com isso. Por favor... Professora, e também cuide da Gina. — Seu estômago estava nos pés. Ele tinha que liderar a diretora de Hogwarts, sem nem um NIEM's, e na excitação não deu por conta disso, agora não sabia o que dizer para atenuar a forma como dirigiu-se à ela.

— Imediatamente, Harry — McGonagall disse com determinação.

Ela terminou a frase com um sorriso e um brilho de orgulho no olhar. Não estava zangada. Harry entendeu. Ela sempre o tratou pelo sobrenome. Ser chamado de Harry significava muito. Ele viu a enérgica professora recolhendo sua capa para saudar a todos e ir embora com aquela determinação que lhe fazia jus nos momentos mais decisivos. A admiração de uma bruxa como Minerva, Harry bem sabia, era uma coisa que não se conquista assim. Seu estômago voltou confortavelmente ao lugar de sempre, e saíram.

Na mesma rua escura e sombria que Harry desaparecera há poucos instantes, Lupin, os gêmeos, Moody e Harry apararam, mas não em direção a cabine minúscula do ministério e sim para uma praça esverdeada e repleta de árvores e poste de luzes, parecia-se um bairro de classe rica, no qual carros estavam estacionados na frete de duas únicas casas que rodeavam o parquinho deserto e iluminado mais a esquerda do jardim que segurava uma placa branca e ainda mais iluminada, néons circulavam o nome "Alados".

Harry, Remo, Olho-tonto, Fred e Jorge entraram atrás de um sujo amontoado de lixeiras que estavam próximos a eles, ao ver Arthur, Kim e Bodric passando pelo início da rua Silverwood.

– Acho que está tudo tranqüilo por aqui! — Afirmou Harry abaixando a varinha que havia hasteado poucos minutos antes.

– Está enganado Harry... — Falou Moody apontando com os olhos para algo que saía de trás de uma árvore grande e grasnada a poucos metros dali.

– Mundugus?! — Harry assustou-se ao ver o ex integrante da ordem com uma capa que pudesse dizer que era melhor que suas roupas anteriores. — O que ele faz aqui?

– Silêncio, Harry! — Moody arregalara ainda mais seu olho de vidro que remexia ainda mais na órbita.

O silêncio pairou por alguns minutos, nem o vento faziam as árvores balançarem.

E o Bacck chamou atenção dos escondidos para o escuro das árvores!

Mais três homem encapuzados e encapados de preto com mascaras de crânios desceram as copas das árvores. Por questão de piscadelas de Harry a rua ficara um breu total, as luzes que tanto iluminavam a praça foram apagadas repentinamente...

– Acho que ta na hora da gente agir. — Disse Fred levantando a cabeça e se esforçado para ver os reflexos dos comensais.

– Esperem... — Moody arrastara Fred para baixo. — Deixem eles andaram mais a ponto que os peguemos de surpresa.

– Mas e o papai?! — Exclamara Jorge assustado.
– Ele esta bem... — Moody girou novamente o olho. — Acabou de chegar a porta de uma lojinha de antiquários com Bodric e Kim ao fim da rua.

Os Comensais estavam caminhando rapidamente como se tivessem a procura de alguma caça.

– Acho que já esta na hora... — Lupin levantou de trás das latas embargadas de lixo. — Vamos, vamos...

O Mistério do Ueu Negro

Uma luz verde fluorescente veio em sua direção, algum comensal havia visto eles.

Harry correu para trás de um banco feito de concreto e brilhoso que ficava ali perto, depois que as latas de lixo voaram fazendo um barulho eletrizante.

– Avada Kedavra...

– Petrificus...

– Crucios...

Jorros de luzes ecoavam por toda escuridão acertando árvores, muros, latas e tudo que vinha pela frente.

Harry viu rapidamente uma janela escura da casa branca e grande da esquina se ascender e alguém mirar pela silhueta da cortina.

– Espectro Patrono!!! — Harry acabara de liquidar um Dementador que aproximava-se de Fred.

– Valeu, Harry!

Mudungus apareceu pela entrada da rua escura e aparatou na mesma hora que um Crucio de Arthur passou pelo mesmo lugar que ele estava.

Bodric acabara de ser arremessado por um comensal corpulento que Harry identificou, Aleto, um dos comensais que presenciou a morte de Dumbledore.

Por um instante Harry viu a luz da janela de um outro quarto ascender e novas imagens resguardarem nas janelas.

– Wigardium Leviosam. — Harry acabara de arremessar uma pedra que vinha em sua direção para longe.

Arthur adentrou o jardim esverdeado atrás de Amico, outro comensal que estava na morte de Dumbledore, o irmão de Aleto.

Fred e Jorge correram para trás de um murro quando a árvore que faziam de escudo foi arrancada do chão. A lua era a única fonte de Luz agora no local além dos jatos de feitiços.

Algo peludo e quadrúpede apareceu no horizonte escuro e fumaçado...

– Greyback!!! — Moody sairá correndo em direção ao lobisomem enquanto Lupin ia resgatar Bodric que ainda estava caído sobre pedaços de vidro das lâmpadas quebradas dos portes.

– Aguamenti!!! — Jorge apagara um incêndio perto da porta de entrada de uma das casas que já estavam com as lâmpadas todas acesas dentro...

Um homem alto, magro de pele branca e cabelos castanhos, abriu a porta de entrada da casa vizinha, o rapaz bonito trajava pijama de bolinhas brancas e tinha pantufas nos pés.

– Entre! — Gritou Kim aproximando-se do homem. Harry nunca imaginara lutar com comensais da morte em ruas trouxas em plena noite. Moody e Greyback trajavam uma luta corpo a corpo, socos, pontapés, feitiço pairavam por todo lado fazendo a linda rua trouxa se transformar em um verdadeiro destroço de árvores, postes, carros, não restava nada inteiro quando Tonks, Hermione e Rony desaparatarem ao lado de Harry.

– Nossa! — Exclamou Rony hasteando a varinha rapidamente.

– Avada Kedavra! — Harry acertou em cheio as costas da comensal alta e loira que se aproximou de Lupin por trás.

Haviam seis comensais vivos e um Lobisomem contra onze duelistas da Ordem, aparentemente os aurores comandavam a batalha.

Mais um trouxa apareceu na porta, era uma mulher baixinha e gorducha, com aparência velha e de óculos, sua feição não era tão espantada quanto a do homem.

– ENTREM, entrem!!! — Gritava Kim escondido em uma pilastra dourada na entrada da casa...

A senhora parada na porta exclamou:

O Mistério do Ueu Negro

– Arruaceiros! A polícia dará um jeito nisso!

Mas, no momento em que ela virou-se para entrar, Kingsley a estuporou! O homem, chocado, estava paralisado à porta. Kingsley correu em direção à casa, empurrou o homem para dentro, no momento em que um jato de luz vermelha passou ao seu lado e acabou com as begônias da janela.

Estuperfaça!

E um corpo caiu próximo às árvores de onde havia partido o raio. Hermione e Lupin lançaram um imobilus em Fenrir, que ainda lutava com Moody, e o Lobo flutuava, mas ainda se debatendo. Fred e Jorge conjuravam correias anti-aparatamento no comensal que Kim havia derrubado.

– Se este aqui tentar aparatar...

– Sentirá falta de algumas partes importantes. — Riu Jorge.

Da varinha de Moody, saía um fio dourado que foi envolvendo Fenrir. Ele já não podia escapar, e o largaram no chão. Arthur estava caído mais ao longe, apoiado em seus cotovelos, vomitando na grama. Harry e os demais correram para lá, enquanto Moody ficara com Fenrir.

– O que aconteceu, Sr. Weasley? — Perguntou o garoto ajoelhando-se para ajudar.

– Tentaram me lançar um Imperius, eu já não estava conseguindo mais resistir quando alguém estuporou o comensal.

Bodric que os acompanhou estava visivelmente abalado e assustado com tais atos.

– Bem, então é... é assim que se combate Voldemort, é... perigoso, não?

– Assim combatemos a sua corja, seus macaquinhos de estimação. Talvez você conheça alguns. Aquele ali preso por...

O que vocês colocaram nele?!

– Rockwood! Oh, pelas barbas de Merlin! E pelas estrelas do seu chapéu! O cumprimentei na semana passada!

– Arthur, temos que sair daqui. Irei conversar com Kingsley, está naquela casa de trouxas. Precisamos trazer uma equipe de obliviadores, e combinar o que vamos relatar, e vamos levar esses aqui para Azkaban. — Lupin apontou para os comensais que debatia-se no chão.

– Este está morto. Eu...

– Ele foi atingido por outro comensal que estava tentando acertar o Harry. — Tonks dera uma piscadela para o garoto.

O olhar grave do Sr. Weasley era claro, ninguém mais além dos três oficiais devia estar ali. Tonks e Rony se juntaram ao grupo, correndo:

– Tudo limpo no parque!

– Na rua também! — Acrescentou Rony fazendo a rua, com ajuda de Hermione, se tornar linda novamente.

– Tem alguém alto se aproximando pelo bosque, atrás de mim! — Sussurrou Moody.

Tonks e Lupin correram ao encontro de Moody, que havia ficado com Fenrir alguns metros atrás. Conseguiram identificar uma figura de capa se movendo entre as árvores, e apontaram as varinhas. Mas um clarão os cegou. Era um patrono, mas impossível identificar sua forma, a luz feria os olhos e mexia com a mente. O bruxo se aproximou, e com uma varinha prateada, comprida e com uma ondulação na base, que mais parecia uma adaga sem fio, tocou a testa de Greyback, que urrava e se contorcia, ainda transformado. Com um toque de varinha, Fenrir escancarou a boca, e dava para ver o reflexo da luz em seus dentes sujos e pontiagudos.

O Bruxo derramou um líquido violeta viscoso, e Greyback soltou um grito horrendo, e seus dentes, pêlos e unhas caíram. Assim como veio, o clarão se extinguiu, e o Bruxo havia sumido. Onde ele estava, um pequeno pergaminho, pairando, acabava de tocar o chão. Todos estavam perplexos e sem movimento.

O Mistério do Uku Negro

Foi Moody quem quebrou o silêncio:

– Eu ia soltar... queria impedi-lo, mas não consegui...

– Ninguém conseguiu. E isso não era um petrificus, nem nada assim. Senti um pouco de medo, por, bem, ele me atacar também, mas algo fez com que eu me tranquilizasse. — Disse Lupin pensativo.

– Foi o patrono. — Falou Harry atento. — O patrono dele nos segurou, a todos, não podíamos nos mexer! Accio pergaminho. Lumus.

– O que diz, Harry?

"Este comensal poderá ser resgatado, e recuperar sua forma e o que lhe retirei novamente. Mas este pequeno recado, neste comensal que vocês estão vendo, faço questão de dar a Voldemort pessoalmente."

– Sem assinatura. — Todos olharam para Fenrir, preso nos fios dourados de Moody. Parecia um feto de lobo gigante, desacordado, gemendo e se retorcendo. Harry lembrou da aparência de Voldemort quando Rabicho o carregou nos braços, no cemitério. Olhou novamente para o pergaminho, havia algo familiar nele. Uma escrita fina e inclinada, muito parecida com a que Harry conhecia. Mas havia algo diferente: Era inclinada em direção contrária e melancólica. Guardou o pergaminho no bolso.

– Tragam os comensais para cá, Fiquem em grupo aqui, acompanharei o Sr. Weasley ao antiquário dos trouxas com Rony e Hermione. — Disse Harry ganhando fôlego.

Fred e Jorge fizeram seu comensal rolar em cambalhotas e piruetas até Moody. Tonks levitou o comensal morto suavemente. Seu cabelo agora estava violeta, lisos e quase aos tornozelos, seus olhos estavam verde-esmeralda, brilhantes. Sem dúvida, todos haviam se impressionado, demonstrando cada um à sua maneira. Fred e Jorge estavam impressionados também, mas com o novo visual de Tonks.

Era o momento de aguardar o grupo voltar da loja, e esperar escondidos os obliviadores chegarem. Todos tinham muitas coisas a conversar, mas estavam também muito esgotados, exceto os gêmeos, para os quais não havia confusão que merecesse sua recusa.

— Harry, acho que isso eu resolvo. — Arthur e os meninos seguiram em direção a portinha curvilínea e preta que desenhava-se “Antiquário Rosilen” em nomes mal compostos na saída da rua.

Arthur nem precisou bater muitas vezes na porta, pois uma gentil senhora aparentando ter uns 60 anos mostro-se diante da calçada.

— Boa Noite Senhora.

— Boa, que devo a honra? — A mulher parecia-se desapontada, ela deixou por um minuto a porta entre aberta e Harry pode ver alguns moveis antigos com estampas delineadas de cores neutras.

— Loja encantadora a sua. — Exclamou o garoto.

— Obrigada, cavalheiro, perdão, está chovendo?

— Não, não, mas há uma neblina forte. Melhor nos proteger, não é mesmo? — Harry vira que Arthur acabava de perceber o feitiço lançado por Hermione. — Não queremos

O Mistério do Ueu Negro

pegar um resfri... hum! hum. Resfriado, veja só. Acho que acabei de pegar um... — Disse Arthur ainda gentilmente encenando um espiro.

— Em que posso ajudá-los, senhores? Buscam alguma peça em especial? Temos bengalas e guarda-chuvas com cabos em ágata, prata, marfim e até em ouro! Charuteiros lindíssimos em marchetaria antiga deixem-me apresentar aos senhores Rosilen, prazer. — Sr. Weasley dera um sonoro beijo na bochecha da mulher e o mesmo fez Harry, Rony e Hermione.

— Harry Potter!

— Arthur, Arthur Weasley.

— Hermione Granger, prazer!

— Rony Weasley!

— Ah entrem, entrem, eu estava tecendo crochê na minha cadeira não pensava em dormi tão sedo, ainda mais com esses arruaceiros, não deixam ninguém dormir sossegado e o Evans não é boa companhia como antes.

O olhar de Harry foi dominado por um embrulho meio machucado, parecia-se muito especial, tinha até uma fita dourada feita-se um laço.

— Aceitariam um chá, enquanto observam? Fiquem à vontade. — A Mulher tocou um cininho amarelado e minúsculo causando uma admirável alegria. Um jovem de pulôver e calças bege apareceu pela porta lateral ao balcão.

— Evans, querido, traga-nos um pouco de chá, por favor...

Sr. Weasley olhava atento para a mulher, mas ele não prestava atenção nas vestes rosadas e cintilantes dela, ele penetrava seu cérebro.

— Por favor senhora é que recebi uma ordem de... comprar um artigo da sua loja. — Um rapaz de pele suja, mas de vestes limpas, estava na mesma porta que Arthur entrara a pouco, mas a rua estava clareada por uma luz solar e a porta esta aberta aos clientes. — Algo de prata... ah sim, bom dia.

– Bom dia, senhor, creio que temos varias coisas em prata... — A mulher estava ainda mais simpática. — Evans, sirva um café para o rapaz enquanto mostro os objetos...

– Especificamente é algo... um conjunto... um conjunto de facas, recipientes de prata, isso, se não me engano é um conjunto de prata sim! — Disse o rapaz se alegrando.

– A sim, esse conjunto esta em Dialetos alguns quilômetros daqui, é minha irmã, ela se encantou pelo conjunto ai “emprestei” a ela, mas posso pegá-lo de volta para vender-lhe. Isso lhe custaria apenas 300 dólares!

– Ahn, sim, sei, ouvi falar em dólares...

– Certo... — A mulher estava felicíssima com a venda, parecia-se que havia séculos que ninguém comprava nem mesmo uma almofada da loja. — Então agora mesmo mando Evans ir buscar e embrulhar para o senhor...

– Mundugus!

– O senhor poderá vim buscá-lo a noite?

– Claro, à noite buscarei sem dúvidas. — E o homem sujo e bem vestido saiu pela porta tomando distancia da lojinha.”

– E o resto vocês já sabem. A noite Mundugus veio buscar a encomenda e nós o salvamos... Kim está vindo, vocês podem ir com Lupin e Tonks. Os obliviadores irão alterar a memória dos trouxas, não se preocupem. — Disse Arthur aflito.

– Arthur estou preocupado com esse alarme falso. Fred e Jorge tinham razão, era uma armadilha. — Disse Kim pensativo.

Moody acabara de aparatar com os comensais para Azkaban.

– Mas deu tudo certo, apesar de tudo. Pegamos três comensais.

O Mistério do Ueu Negro

– Bem, Kim, estou começando a acreditar que está era uma emboscada sim, mas para o Mundugus. — Disse Hermione corando ao pegar na mão de Rony.

– Seria para o pai de Rony se não tivéssemos vindo, Mione.

– Não, não Harry. Os comensais não queriam a mim, queriam Mundugus. Nós aparecemos do nada. Talvez quem envenenou Perkins quisesse me ver em perigo ou até tentar proteger o pobre Mundugus, mas o fato é que os comensais não sabiam de nada. É melhor vocês irem, agora. Conversaremos no café.

– Ok, Arthur. Devo voltar para Hogwarts, mas pode ser pela manhã. Creio que Harry não se importaria de nos ceder uma cama?

– Claro, claro.

Quando chegaram ao Largo Grimald nº. 12, Molly os esperavam com um caldo de abobrinha e ervas-cidreiras.

– Mamãe, mamãe... desse jeito a senhora vai nos fazer voltar para casa!!!

– Bem feito pro Percy. — Sussurrou Rony para os irmãos, piscando.

– Mas saímos logo após o jantar, senhora! — Exclamou Harry vendo a mesa posta novamente.

– Sim, e não comeram direito e demoraram horas! Pelo estado de vocês, devem no mínimo estar com fome. Quem quiser um caldo quentinho antes de dormir, favor se lavar primeiro.

Depois do caldo Fred, Jorge e Rony subiram aflitos para os quartos. Hermione balançou a cabeça e foi andando seguida pelos demais. Lançou um olhar a Harry e subiram as escadas. Lupin e Tonks ficaram para trás.

– Você viu o jeito que ele olha para ela?

– Também, você viu o cabelo?

– Oh, Harry! Estou falando de ultimamente!...

– Sei, sei, estava brincando... Eu fico feliz, sabe...

– Eu também, eles merecem. E o que você queria dizer sobre a porta?

– Melhor quando Rony estiver presente. Vocês dois. É um assunto sério.

– Falando em assunto sério, nossos testes estão chegando. Temos que ir bem, se quisermos chegar aos NIEM's.

– É verdade. Estive pensando nisso, por incrível que pareça (ao ver a cara descrente de sua amiga) e tive a idéia de irmos em alguns fins de semana a Hogsmeade para termos aulas extras de poções, feitiços e Transfiguração.

– É uma ótima idéia. Estou com algumas dúvidas em aritmância.

– Tenho que falar com o prof. Dumbledore, também. Digo, o quadro. (Harry lembrou-se da torre de astronomia. Da série de incidentes terríveis que já havia presenciado lá. Hagrid sendo atacado, Profa. Minerva sendo estuporada covardemente, prof. Dumbledore sendo lançado pela maldição mortal...)

– Harry, temos que ir, senão não dormimos hoje.

– É.

Aquele resto de noite Harry não ficara nem cinco minutos acordado, caíra no sono assim que deitou no colchão macio.

O Mistério do Ueu Negro
— 27º Capítulo —
❧ *O REFÚGIO DOS MALFOY* ❧

Depas de luzes atraíam os cobertores de Harry e Rony naquela manhã. Os garotos se quer pensavam em acordar quando uma voz fria e aguda percorreram seus ouvidos.

– Harry, Rony!!! — Gritava Molly da cozinha para o café.

– Que saco! — Exclamou Rony fechando ainda mais os olhos.

Os garotos não tiveram muita escolha, havia uma grande movimentação no corredor e a Sra. Weasley não parava de gritar os habitantes ou hospedes.

Ainda de pijama Harry e Rony se sentaram a mesa repleta de torradinhas douradas, mel de taturana fresca e bolinhos de caju emagrecido.

– Bom dia? — Disse Rony coçando o olho com as duas mãos.

– Dia agressivo ontem, não? — Exclamara Tonks ao lado de Lupin, seu cabelo já voltara ao normal, e se servia de uma torrada.

– É, muito agressivo! — Bocejou Fred entrando na cozinha com Jorge.

– Estou pronto, pronto para outra! — Disse Jorge arrastando a pesada cadeira do lado esquerdo do pai.

– E os comensais? Estão presos? — Perguntou Harry a Moody levando seu olhar ao outro lado da mesa espaçosa.

– A Mulciber foi enterrada no mesmo cemitério dos outros prisioneiros mortos. GreyBack não nos atormenta mais, ele ta enjaulado em Azkaban junto com Rockwood, eles estão na mesma sela de Lucio Malfoy.

– Esqueci, havia esquecido!

- De que Harry?
 - Tenho que ver o Draco, sabe, ele quer falar...
 - Sei... mas você vai mesmo? — Perguntou Hermione lembrando das desculpas do garoto.
 - Claro, ele deve ter algo muito importante a dizer, ele era um comensal lembram?!
 - Ele não era um comensal, Harry, ele estava sendo manipulado, você sabe disso.
 - Pode ser Mione, mas acho que pessoas assim não se arrependem facilmente...
 - Já discutimos esse assunto... — Interrompeu Lupin pegando o mel e despejando em seu prato. — Acho que os comensais não tem a confiança leal de Mudungus, se não para que queriam matá-lo ou...
 - Forcá-lo a dizer onde fica a Ordem ou onde esta o objeto, isso, o objeto que Bela... Monstro!
- Plock!
- Monstro apareceu repentinamente junto a lareira com brasas ao lado de Harry.
- Sim, Senhor Potter?! — O elfo estava muito mais obediente.
 - Monstro o que a Lestrang falou ou não esperou ela falar?
 - Monstro não esperou ela falar, ela estava... minha senhora... estava tão triste com aquele homem, aí eu disse “não cumpri o pedido” e aparatei de volta e vi essa sangue ruim aqui com esse traidor do san... — Hermione ficara vermelha com o garfo na boca.
- Rony fez menção de se levantar bruscamente, mas Hermione o segurou pelo braço — Tudo bem, Rony...
- Se essa coisa... falar assim com você novamente, Mione...
 - Se chamar Hermione de sangue-ruim novamente, Monstro, deixarei que Rony o use como pá de lareira.

O Mistério do Ueu Negro

Entendido? Não quero que a chame de sangue-ruim. — Sim, senhor. — Monstro arregalou os olhos. A idéia de Harry havia dado certo, não duvidaria que Monstro já estivesse até gostando dele.

— Agora pode voltar, Monstro. — Ele aparatou no mesmo instante. — Sr. pode arranjar o encontro com Malfoy para mim, Sr. Weasley? — E, olhando para Hermione: — Outra, não podemos permitir que Monstro nós veja conversando assuntos da Ordem.

— Verei isso com Rufus, Harry. Ele tem perguntado de você, inclusive, você sabe.

— Ok, tudo bem, eu converso com ele, se ele insistir. Ele ainda ta com essa história de eu me aliar ao Ministério?

— Ele tem sido mais sério nos últimos tempos. Mas ele pode tentar novamente. Falarei com ele hoje mesmo e darei a resposta no almoço. Molly, querida, o que teremos?

Molly sorriu e fez uma careta de mistério. Arthur levantou-se.

— Sairemos com o Sr. papai. — Disseram os gêmeos beijando Molly. — E claro, voltaremos também! — Acrescentaram abraçados à mãe sorridente e acariciando as próprias barrigas. — Tchau, Harry! Rony! Mione! Depois conversamos.

O resto da Manhã foi tranqüila. Monstro não apareceu, e Dobby voltara à Hogwarts. Os garotos discutiam se deviam mostrar a mala de Tom à Moody e Molly talvez ajuda-se em algo, Hermione estava preocupada. Molly andava quieta, esses dias turbulentos acabaram ela. Sugeriu que os gêmeos talvez pudessem levá-la para passear, vez ou outra.

— Não é só isso, é... é o Percy. Ela sente falta dele. — Disse Rony cochichando junto a Hermione e Harry descascando as batatas.

— Entendo isso, garoto, mas não podemos trazer o moleque aqui. — Disse Moody se aproximando dos garotos.

– O que tanto cochicham aí? Que tal ajudar com as batatas? Moody!!! Você já ouviu falar em água?!

– para quê? Eu não vou encostar nas malditas batatas! Sou um homem asseado, só não gosto de frescuras!!!

De fato, Alastor era já um tanto ranzinza, mas estava longe de ser sujo. Eram suas cicatrizes que lhe conferiam um aspecto estranho. Depois de muito barulho e risos, restou somente o ruído das tampas de ferro sacudindo sobre o fogão, quando Arthur chegou.

– Boas notícias, Harry! Podemos ir hoje mesmo, Rony e Hermione podem ir com você!

– O Sr. irá nos levar?

– Oh, não, os acompanharei ao Ministério. De lá vocês irão.

Harry e o grupo almoçaram rapidamente. Estavam ansiosos para ver Malfoy, mais curiosos, na verdade. Correram escadas acima para se aprontarem. Não queriam aparecer mal na frente de Draco, sempre engomado. Não sabiam o que iam encontrar, mas lembravam bem o tipo dele. Desceram e Arthur já os aguardava na porta.

Ao passar, Harry instintivamente olhou para o quadro de Dumbledore. Para sua surpresa, o diretor estava ali, como quem o aguardando.

– Fique tranqüilo, Harry. Tudo dará certo. Lembre-se da penseira e das aulas de oclumência.

Harry não poderia estar menos tranqüilo quando saiu à rua, para aparatarem ao Ministério. Suas lembranças da penseira não foram o que se pode chamar de agradáveis, e as aulas de oclumência com o prof. Snape, então, estavam ainda mais longe disso. "Será que Malfoy vai tentar ler minha mente?" Lembrava Harry, com um pouco de inveja e preocupação, quando ouviu Snape admitindo que Malfoy era um bom oclumente. E ele era incapaz de esconder algo importante. Desaparataram perto da minúscula cabine,

O Mistério do Ueu Negro

dirigiram-se ao balcão, para identificação e entraram numa sala ampla e tranqüila.

– Rufus nos encontrará na sala dos Aurores, venham. Na sala haviam dois aurores desconhecidos e Tonks. Tonks fingiu não os reconhecer, mas demonstrou entusiasmo quando foi "apresentada". O que deu certo, os garotos ficaram tímidos com o entusiasmo de Tonks, enquanto os aurores, balançavam a cabeça, olhando um para o outro.

– Olá, Arthur! Harry, meu garoto! Bom vê-lo novamente! Este é Dawlish, como vão?

– Já nos conhecemos, não é, Potter?

Harry gelou.

– Já se conhecem? — Exclamou Rufus, espantado. — Sim, há dois anos, na sala de Dumbledore! Você teria sido escalado para ir, mas estava fora no momento!

A animação espontânea de Dawlish por ter conhecido Harry antes de Rufus fez Harry respirar novamente.

– Ah, sim, lembro, lembro... Dumbledore deu um jeito em vocês... (a satisfação sumiu do rosto de Dawlish) Não fique chateado, Dawlish, ele teria dado um jeito em mim, também! — Acrescentou, animado. — Dawlish e Nibbs acompanharão vocês. Nibbs, estes são Harry Potter, Ronald Weasley e...

– Hermione Granger, prazer em conhecê-los. — Adiantou-se a garota.

– Granger! — Exclamou Rufus. — Slughorn me falou de você. Não sabia que era você a amiga de Harry que Horace comentou (a garota corou, sorrindo) Boa tarde à todos, vamos logo, tenho que resolver uns assuntos sobre dragões ainda está tarde.

– Até logo! Até mais, Arthur, Assim que voltarmos lhe chamo. — Disse Dawlish.

Os três estavam ansiosos, iriam ver o esconderijo dos Malfoy.

Nibbs pegou uma espécie de troféu em uma estante coberta de cadeados e azarações, o pôs sobre a mesa. — Prontos?

– Sim...

– Todos de vez toquem no troféu, ele é uma chave de portal que nós levava para a casa secreta dos Malfoy! — Exclamou Tonks adiantando-se alguns passos para junto de Harry.

“Um, Dois, Três...”

Não era uma espécie de Mansão que eles moravam antes, mas a fachada da casa estava coberta de magias que Harry podia identificar, na porta de aço na entrada tinham dois aurores corpulentos e mal encarados, que se adiantaram a se prontificar.

– Estão conosco Grifem... — Disse Rufus olhando para Harry.

– Senha? — Perguntou o outro auror que parecia mais simpático.

– Guerras não combate mal algum! — Exclamou o ministro novamente.

– Podem entrar!

– A porta se escancarou vagarosamente o que dera para ver uns amontoados de livros em uma prateleira a frete da parede central.

Uma mulher que Harry reconhecia do ano anterior na loja de vestis no Beco estava sentada em uma poltrona grande e elegante, lendo *Mentiras Opacas de Dragões*, as paredes eram uma cor alegre apesar da cara de angustia que a mulher fazia a repassar o olho pela porta.

– Narcisa, como você está? — Rufo estenderá a mão a mulher que logo levantou-se e cumprimentou os outros aurores.

– Potter!?

O Mistério do Ueu Negro

– Sim Narcisa, seu filho se não me engano queria falar com o menino Potter! — Rufo acabara de sentar em um sofá espaçoso que ficava mais ao canto da sala que seguia-se de uma escada de mármore branco com corrimões azulados e uma tapeçaria colorida sobre os degraus.

– Draco, amor, Draco seus amigos... — Essa palavra suou muito desconfortável a Rony que ainda olhava cintilante para os quadros e desenhos de pinturas arrestas nas paredes. — ...estão aqui!

– E como vai indo aquele lindo bordado de lã que você tem feito, Cisa? — Era impressionante a intimidade de Rufo com Narcisa.

– Acabei, terminei ontem a noite, realmente ficou lindo! Os garotos mais Tonks não suportavam a conversa amigável de Rufo e “Cisa”.

– Acho que o garoto Malfoy não escutou seu chamado!? — Disse Rufo tilintando um sino idêntico ao de Rosilen à mulher do Antiquário.

Harry sabia que Malfoy havia escutado muito bem os gritos da mãe, mas estava se fazendo de difícil como sempre.

Uma elfo trajando uma saca de Arroz saía pela entrada de uma porta mais a direita quando Rufo mandou todos sentarem nos sofás.

– Aruda traga um chá para os convidados. — Disse Rufo, parecia-se que ele era o dono da casa e não a Sra. Malfoy.

A elfo aparatou rapidamente e antes que Malfoy desse sinal de vida, ela retornou com xícaras negras e fumaçadas e um bule redondo preso à bandeja que mirava entre seu braço minúsculo.

– Obrigado! — Disse Hermione para a elfo, causando espanto da parte de Narcisa, Rufo e da própria Aruda ao servi a garota.

– Aruda, vá chamar o Draco! — Disse a mulher sacudindo os cabelos loiros com a mão.

– Sim senhora!

E do mesmo jeito que ela tinha ido buscar o chá ela fez para chamar Malfoy, mas sua demora foi algo irrelevante.

– Deixem que eu mesmo vou chamá-lo! — Disse Narcisa impaciente ao ver a cara de nojo de Rony ao olhá-la.

Alguns minutos depois de Harry lançar olhares para Tonks e seus colegas a miragem de Draco com sua mãe apareceu sobre o topo da escada.

– Draco, estava no banho? — Perguntou Rufo querendo ser gentil.

– Não lhe devo satisfações! — Exclamou o garoto trajando roupas de magas negras que lembravam muito as vestis dos comensais.

– Oi, Draco, tudo bem. — Arriscou-se Hermione fazendo com o que a testa e os olhos de Rony saltassem de sena.

– Só porque eu fui obrigad... — O garoto olhou amedrontado para mãe. — Só porque lhe pedi desculpa não significa que queira sua amizade, certo?

A garota ficou vermelha plenamente fazendo com que Rony ficasse ainda mais irritado.

– O que é isso filho? Ela só esta perguntando se você...

– Não preciso que sintam pena de mim por esta trancafiado nessa espelunca de casa.

– Draco! — Exclamou Narcisa envergonhando-se pela presença de Rufo.

– Não se preocupe Cisa, entendo os jovens de hoje! — Rufo acabara de levantar. — Draco ai esta o garoto Potter que você queria tanto ver.

– Pelo visto seus amiguinhos não perdem nenhuma oportunidade, pedi para o Harry, não para o... a... eles virem.

O Mistério do Ueu Negro

– Eles são meus amigos, Draco, e se você tem algo a dizer não esconderei deles, e outra, não estou com um pingo de pena de você, estou satisfeito por se arrepender, mas... mas isso não quer dizer que você seja uma das pessoas que eu mais goste na vida, pelo contrario... o que você quer comigo mesmo?

– Isso é algo particular. — Draco não aumentara a voz para Harry, ele até havia diminuído de insultos. — Vamos à sala de reuniões! — Draco apontou com o dedo longo para uma porta branca e repugnante que estava perto da escada. Seu olhar era penetrante, cara a cara com o de Harry.

Ninguém a não ser Harry moveu-se em direção a porta, o garoto estava firme e confiante no que estava fazendo, não ficando por baixo de Draco.

Harry adentrou a porta da sala de reuniões logo após de Malfoy que fechara a porta quando ele passou.

– Vamos direto ao assunto... — Exclamou Harry reparando nas longas cortinas de cetim amarelo ouro que circulava a sua volta e a duas cadeiras rígidas que estavam mais ao centro.

– Senti-se Potter! — Disse Malfoy sendo gentil e arrastando a outra cadeira com rigidez e debruçando-se em cima do recosto.

– Vamos, o que quer comigo, sei que nunca foi com minha cara e...

– Nunca fui com sua cara mesmo, receio que é muito humilhante dizer isso, mas você... quero dizer... é, você é o único que pode destruir... aquele capataz, demônio que fez eu... meu pai...

– O que? — Perguntou Harry não entendendo nada do que Draco falava.

– Não lhe interessa saber da minha vida pessoal... — Malfoy estava ranzinzo como sempre. — Acho... quer dizer...

tenho certeza que aquela cobra desgraçada tem algo... é algo bem útil para o Lord das Trevas.

— Ela é a seguidora mais assídua dele, claro que Voldemort não livraria-se assim de Nagine... se é que estamos falando dela.

— É dela sim! — Malfoy dera um soco no recosto. — Aquela cobra maldita... na noite que escapei com minha mãe... ela... ela deu-me uma mordida na perna... mas isso não lhe interessa Potter!

— E o que naturalmente que venha de você vá me interessar? — Perguntou Harry agora aceitando o acento.

— O Lord guarda... quero dizer... na noite em que Snape matou você-sabe-quem eu fiquei escondido com Snape, GreyBack, uns comensais e o Lord em uma... — Malfoy levantara a cabeça e olhara direto para Harry. — ...isso não posso dizer...

— Por que não?

— Sem perguntas Potter! — Draco tomara a frente da conversa enquanto Harry esperava aflito o desfecho. — Snape e o Lord conversavam sobre Horcruxes... — Ele notou o espanto no olhar de Harry e logo completou. — Não me pergunte, não tenho a mínima idéia do que seja... sei que é algo de alma... morte... estavam falando muito baixo. Não deu para ouvi-los direito, eu estava ao lado da tapeçaria e ainda... tinham ratos a todo lado...

— Vocês estavam...

— Já falei, Potter, cale-se! — Harry fez menção de revidar, mas achou melhor ficar escutando. — Eles diziam que o Dumb... Dumbledore poderia saber da existência dessas Horcruxes e que poderia destruí-las e causar a... a morte dele, do Lord.

Harry novamente abriu a boca para falar mais foi interrompido pelo olhar fulminante de Malfoy.

O Mistério do Ueu Negro

– E escutei eles falarem algo de Nagine... maldita cobra, disseram que Nagine já mas seria assassinada... que ele o Lord, não se extinguiria de novo tão fácil.

Harry começava ligar sua conversa com Dumbledore e a de Draco, Nagine com certeza era uma Horcrux, Dumbledore mais uma vez estava certo... Nagine era uma das sete Horcruxes de Voldemort, restava ela e o colar, que por sinal Harry não tinha certeza que já estaria destruído.

– Não deu para ouvi mais nada, uma mulher idiota, a Belatrix chegou e me viu, mas jurei não ter escutado nada...

– Mas e como Snape...

– Creio que já possa falar, mas não terá minha companhia para escutá-lo, Potter! — Malfoy levantou-se e dirigiu-se até a porta. — Acredito que você vá querer se vingar de seu ilustre Diretor, não Potter?

Malfoy não falou mais nada, subiu bruscamente escada a cima.

– Creio eu que nós já temos que ir, Cisa. — Rufo levantou-se seguido de Rony, Hermione, Tonks e os outros dois comensais. — até mais!

– Espero que volte logo, Rufo!

O Homem deu um sonoro sorriso ao abraçar Narcisa. Hermione cutucava assiduamente os cotovelos de Harry a procura de informações.

– Em casa, em casa eu conto! — Exclamou o garoto o mais baixo possível e muito perplexo.

Todos passaram pelos comensais postos a porta da casa e foram em direção a o troféu brilhante no chão.

“Um, dois, Três...”

A imagem fresca e liberal da casa secreta tinha se extinguido, agora o péssimo clima do ministério dominava.

– Acho que posso levar os meninos, não precisa chamar o Arthur. — Disse Tonks vendo Rufo cochichar com Dawlish.

Obliviadores de JK

– Certo, certo... Harry foi muito bom, espero que possamos sair mais vezes.

– Claro... — Respondeu o garoto pensando apenas nas palavras de Malfoy.

O Mistério do Ueu Negro
— 28º Capítulo —
❧ *A BÓCINA WEASLEY* ❧

Ventos fortes e frios batiam nas copas das árvores da Praça do Largo Grimald quando Harry, Rony, Hermione e Tonks adentraram a casa de numero 12. Já era quase noite, mas Molly ainda não havia acabado de preparar o jantar.

– Vocês... — Os garotos subiram a escada correndo deixando a Sra. Weasley com meias palavras na boca.

– Eles devem ter muito o que conversar! — Disse Tonks indo até a cozinha ajudar Molly.

Hermione e Rony já estavam alucinados de curiosidade pela conversa de Malfoy com Harry.

– Anda Harry, o que o Malfoy queria? — Perguntou Rony preso a mão de Hermione, ambos sentados na cama.

– Vejamos, o que Dumbledore falou a vocês naquele dia? — Perguntou Harry num ar mesquinho.

– Ah Harry, não me diga que isso é chantagem? — Perguntou Hermione plasma com o colega.

– Não é chantagem, só quero saber!

– Mas... mas isso não podemos te contar agora. — Disse Hermione encarando o colega com cara de piedade.

– Foi o próprio Dumbledore quem pediu para não falarmos... assim, temos que esperar a hora certa, cara!

– Mas vocês poderiam adiantar alguma coisa que seja...

– Não, não podemos, trairíamos a confiança de Dumbledore. — Com essas palavras de Hermione, Harry ficou meio corado e se sentiu uma criança de seis anos chorando por um doce.

– É, ta... — Harry agora havia se sentado a cama ao lado da dos colegas. — Nagine, como Dumbledore suspeitava, é mesmo a sexta Horcrux!

– Que? — Perguntaram Rony e Hermione juntos.

– Sim, Malfoy ouviu uma conversa de Snape e Voldemort, ele disse que Voldemort estava desconfiado que Dumbledore sabia das Horcrux, que poderia ser um risco. Ele falou que Nagine já mais seria destruída, que ele não ia se extinguir de novo...

– Então só resta destruir Nagine... e o próprio você-sabe-quem? — Perguntou Hermione menos perplexa que Rony.

– Pode ser, mas não sabemos que o colar esta destruído mesmo.

– O tal do cara com... com aquele bicho imundo num disse que R.A.B. havia destruído uma alma e que tinha enterrado com ele.

– Brieida não deu certeza que a Horcrux já estava destruída, temos que ter certeza!

– Claro, não adiantaria matar Aquele-que-não-deve-ser-nomeado ainda tendo uma Horcrux existente. — Disse Hermione apertando a mão do namorado.

– Harry, porque Malfoy lhe contou isso sem mais nem menos? Você não acha que possa ser uma armadilha dele ou sei lá o que? — Rony agora acariciava os dedos de Hermione e encarava Harry.

– Acho que não, ele foi muito sincero, acho que Voldemort fez algo de ruim a ele, ou ao pai, ele disse que Voldemort era um “capataz demoníaco” e também teve a mordida de Nagine...

– Que mordida?

– Nagine mordeu Malfoy?

– É, ele falou que quando estava fulgindo com a mãe a cobra havia lhe mordido na perna, ele deve der ficado com raiva...

– Mas o veneno de uma serpente como a Nagine mataria Malfoy instantaneamente!

O Mistério do Ueu Negro

– É pode ser Hermione, mas ele foi amparado pelo Ministério da Magia e Rufo já mas deixaria o filho de “Cisa” morrer assim!

– Com certeza! — Afirmou Rony lembrando da conversa antipática que Narcisa e Rufo levavam.

Aquela noite se passou sem mais supressas a não ser o ensopado de amora de Molly que havia torrado no forno restando apenas fumaça pela cozinha que foi extinta por um feitiço rápido.

No café da manhã as amoras estavam cruas, boiadas a uma calda de limão quando quatro belas corujas de igreja cruzou a janela.

– São para vocês garotos! — Exclamou Molly retirando o profeta diário de uma coruja mais preta que estava no meio e lendo o remetente dos outros pergaminhos presos ao bico das corujas esbranquiçadas.

Os garotos levantaram rapidamente da mesa deixando alguns pedaços de torrada caírem no chão.

Harry retirou o pergaminho tão bruscamente do bico da coruja que a fez derrapar do vão da janela.

Harry Potter

De acordo com o combinado, você precisará vir esta semana à Hogwarts para as aulas complementares e para os testes dos NIEM's que serão realizados neste sábado, neste domingo e em parte da segunda. Nós professores aguardamos sua visita.

Minerva McGonagall

– No meu não tem “Aguardamos ansiosos sua visita”?!
— Disse Rony lendo agora o pergaminho de Harry.

Todos na mesa riam até Molly pronunciar-se:

– O Hagrid ganhará um Unsauro extinto de herança. — Molly lia o Profeta afetuosa.

– Que? Deixa eu ver isso. — Pediu Hermione para a Sra. Weasley.

“Hoje de madrugada faleceu no Hospital St. Mungus o velho Ritrius Aenton Brieida, ainda não se sabe o motivo da morte do Bruxo muito conceituado em magia, não suspeitam de assassinato. Mas quem ganhou uma boa herança foi Rubio Hagrid, professor de Hogwarts, foi deixado o Unsauro extinto de nome Resfine para Hagrid que foi recolhê-lo hoje pela manhã”

Hermione quando acabou a leitura olhou imediatamente para Harry que se segurava na prateleira para não desmaiar.

– O Hagrid vai adorar ter um Unsauro. — Hermione tentou soltar um risinho sem êxito.

– É, com certeza ele vai achar que aquela criatura horrenda é um ótimo animalzinho de estimação. — Disse Rony entregando o pergaminho de Hogwarts para a mãe e Harry estava neutralizado.

– Harry? — Exclamou Hermione ao ver o amigo meio abalado.

– Brieida morreu, e agora? Como vamos saber se o medalhão foi destruído?

– Harry, sinto lhe dizer, mas nós três vamos ter que esquecer um pouco os Horcruxes por um tempo, porque os NIEM'S estão em cima, temos que estudar e ir para Hogwarts ter aulas complementares. — Disse Hermione meio aborrecida.

– Pelo menos, vamos poder ir para Hogsmeade e tentar saber algo sobre o medalhão. — Falou Rony. — Depois das provas, claro! — Disse ele ao olhar para a cara de Hermione.

A semana foi passando silencioso, exceto pelas aulas extras de DCAT e Porções, que Moody e Molly auxiliaram os garotos. Fred e Jorge os levaram para sua bécina, como

O Mistério do Uku Negro

chamavam uma espécie de laboratório e estufa, andar a cima das gemialidades.

– Mas o quê vocês desenvolvem aqui?

– Tudo o que sua cabecinha ortodoxa for capaz de imaginar, Hermione. — Disse Fred.

– E muito mais do que ela for incapaz de imaginar. — Acrescentou Jorge com uma piscadela. — Mas, vocês estão aqui hoje...

– Para estudarem os requisitos de seus NIEM's.

– Achei que vocês não tivessem chegado à exaustão em Poções...

– Ah, maninho, nós surpreenderia, igualmente as coisas que você acha... — Disse Fred destampando um caldeirão fumaçado.

E apressadamente dirigiram-se à uma espécie de tanque, com um líquido verde escuro, viscoso.

– Aqui, cheguem perto. — Com um bastão, fizeram um movimento em forma de oito no líquido, vertical, depois horizontal. O líquido começou a borbulhar e fazer espuma. — Aqui, peguem um, cada um de vocês.

Era uma espécie de cachimbo de vidro invertido, com a ponta em forma de colher. — Façam como eu e Jorge, sem tocar a superfície. Isso mesmo, Hermione!

Hermione tentou e ao passar pela espuma, foi subindo, como um sifão, um líquido transparente e cristalino que enchia o bojo mais acima. Ela depositou o líquido na bacia de cristal, como os gêmeos fizeram, e perguntou:

– O que são esses fiapos verdes aí em cima da espuma?

– Ah Hermione, isso é licor de Bambu-Dinamarquês, você não queria que aí estivesse bagaço de Mandrágora, não é?! — Exclamou Jorge meio hesitado pro ser um professor e deixando Hermione avermelhada.

– E para que serve este licor? — Rony mexia em oitavos varias vezes vendo cada vez mais a espuma nojenta aumentar.

– Para adicionar poderes às pessoas, deixar a mente de um bruxo mais rápida... — disse displicente.

– Chama-se poção Trono! — Completou Fred. — Está quase pronta para ser destilada!

– Por favor Harry, pegue esse estojo de prata ai ao seu lado... — Pedeu Jorge apontando para uma faca afiada de cabo preto e um vasilha meio funda que brilhava claramente.

Harry apanhou o estojo e deu a Jorge.

– Temos que cortar a Galhienta em furos para sair mais liquido e não podemos esquecer que a faca tem que ser de prata, deixa a planta mais generosa sabe. — Agora Jorge furava a Galhienta e deixava todo o liquido verde escorrer para dentro do caldeirão que Fred mexia.

– E isso? Para que serve? — Perguntou Harry olhando para o recipiente de prata que estava ao lado do fogo.

– Para destilá-la, destilar a poção. — Agora os gêmeos agiam juntos para tirar com uma colher de prata, as ervas que flutuavam na espuma esbranquiçada. — Esse é o momento crucial, não podemos nos deixar levar pela pressa...

– Estragaria tudo em segundos, o segredo é ser paciente, colocando colher por colher dentro na vasilha de prata.

– Por que tudo tem que ser de prata?

– Não me pergunte Rony... — Disse Jorge. — Pergunte a quem inventou essa poção.

– E quem inventou essa poção..?

– A Rony, não seja lerdo, não existe um criador próprio para uma poção, elas vão surgindo com o tempo... com experiências... — informou Hermione.

O Mistério do Ueu Negro

– Desculpa contrariá-la, minha cara Mione, mas essa porção foi inventada por um dos bruxos mais sábios dos últimos tempos...

– Aberforth! — Fred acabara de completar o irmão.

– Aberforth? — Os três garotos perguntaram juntos.

– Sim, ele era irmão... irmão de Alvo Dumbledore, Aberforth Dumbledore!

Hermione ficou muito vermelha por ter errado algo. E Fred percebeu isso.

– Ora, ele é irmão de Dumbledore! Ninguém é obrigado saber o que o irmão de Dumbledore inventa ou deixa de inventar. — Falou Jorge tentando animar a garota.

Fred e Jorge continuaram ensinando aos garotos e continuaram assim por algum tempo. Quando acabaram a poção do Trono Hermione sugeriu animada:

– Por que não aproveitamos e vamos em Hogwarts agora? Podemos falar com os professores e tirar um pouco de nossas dúvidas.

– É, sim! Vamos! Vou aproveitar e falar com Gina... — Disse um Harry carismático e sujo de licor.

Os três deixaram a bécina limpando-se em flanelas amareladas e aparatando para Hogsmeade. Não demorou muito a caminhada de Rony, Harry e Hermione para os portões de Hogwarts, aquela visão de um murro alto de pedra repleto de janelas e portões, encantava Harry que sentia-se extremamente feliz... Voltava ao lugar em que fora mais feliz em sua vida!

Passaram pelas estatuas de javalis e encontraram Hagrid na sua cabana, parecia-se maior e mais nova, a imagem da cabana se queimando não vinha mais na mente de Harry como antes. O meio-gigante jogava uns ratos para Resfine e Bicuço que se debatiam feito um loucos por um pequeno e indefeso rato.

– Ah! Harry, Harry! Ron! Her-mione! Quanto tempo! Achei que haviam esquecido o caminho para Hogwarts! —

Veio como sempre bambeando e sujo em direção as grades de ferro que rodeava o colégio.

– Hagrid! Que saudade! — Gritou Hermione quando Hagrid já abria um dos cadeados.

Hagrid abriu os portões para os garotos passarem e os fechou rapidamente com seu guarda chuva rosa. Logo após envolveu os três ex-alunos num abraço de quebrar as costelas.

Depois de muito conversar até a porta de mármore, Harry, Hermione e Rony se despediram de Hagrid prometendo encontrá-lo antes de irem embora, Rony não gostava muito da idéia, porque lembrou-se de seu último encontro com Resfine.

– Acho que vou falar com a professora Minerva antes que a Luna ou a Gina nos veja! — Disse Hermione subindo direto a escada que se movia a cada passo.

– Espera, eu vou com você, Mione! — Acrescentou Rony afoito.

– Eu vou com vocês... — Disse Harry subindo alguns degraus para acompanhar os colegas. — Tenho que pedir a professora Minerva para chamar a Gina já que não sei a senha de lá!

– Não se preocupe! A senha é, Visgo do Diabo! — Falou Hermione tranquilamente.

Harry olhou para ela espantado e perguntou rapidamente:

– Como você sabe?

– Ah, Harry. É que mesmo não estando na escola a professora Minerva disse que somos alunos e temos que saber qual a senha da nossa casa... então na última vez que ela esteve lá na sede ela me disse a senha!

– Valeu, Mione. Bom... até mais!

Harry correu em direção do atalho que levava ao sétimo andar enquanto os amigos dirigiam-se a gárgula de pedra que guardava a sala da diretora substituta de Dumbledore.

Quando Harry chegou no quadro a mulher gorda tirava um cochilo prévio e ficou realmente chateada por terem acordado-a, mas quando viu aquele jovem menino cintilante de informação com uma cicatriz que brilhava em sua testa logo disse exaltada.

— Harry Potter, o “escolhido”! — Disse ela fazendo todos os quadros remexerem e sussurrarem elogios. — Você não sabe o quanto isso aqui está parado desde que você saiu! Fiquei até com saudades do “ESCOLHIDO” me acordar de madrugada!

— Ah.... Fico feliz, mas preciso falar com uma pessoa... Visgo...

— Certamente! — Disse a mulher gorda com um sorriso abrindo a porta sem mesmo Harry terminar de dizer a senha.

Assim que o quadro girou Harry pulou para dentro do salão comunal. Tudo estava como sempre estivera. A lareira, as poltronas, a mesa com livros, as escadas para os dormitórios, tudo como antes. Muitos alunos olharam para Harry com espanto, mas rapidamente todos correram para falar com ele, animados e surpresos com a visita, os Grifinórianos faziam perguntas e exclamações previas.

— Oi, Harry! — Gritou Denis Creevey.

— Harry! — Neville se levantou de uma das poltronas.

— Oi, pessoal, calma. — Dizia Harry sendo simpático com todos, parecia até um integrante das Esquisitonas. — Neville, onde está Gina?

— Ali! — Disse ele apontando para um cabelo corado de vermelho que cintilava na mesa pequena no fundo da sala. — Ela ta ali na mesa, Harry! Acho que não te viu chegar!

Harry correu para a mesa deixando os fãs afoitos.

— Harry! — Gritou Gina abrindo um sorriso e levantando-se o mais rápido possível, ela correu ao encontro dele, lhe dando um abraço apertado e depois um molhado beijo. — Sentir tanto... tanto a sua falta!

— Eu também. — Disse ele meio envergonhado beijando Gina novamente.

O dia passara rápido. Harry, Gina, Neville e Luna, procuravam Rony e Hermione por todo o colégio. Quando se encontraram passaram o resto do dia tirando algumas dúvidas e depois ficaram no jardim junto com Hagrid. Tomaram um chá na cabana mais ampla do professor e depois se despediram dos outros. Com um beijo caloroso Harry deixou Gina no portão e partiu em direção a Hogsmeade ao chegar foi logo aparatando para o Largo Grimmauld, 12 e chegando na hora de ajudar a Sra. Weasley para o jantar.

Neste dia Harry tivera uma de suas melhores noites de sono.

O garoto acordou com o brilho do sol que entrava pela janela. Olhou para o lado e viu Rony roncando, abriu um sorriso, fazia um tempo que seu melhor amigo não dormia desse jeito, feliz e tranqüilo.

Levantou-se e foi para cozinha tomar o café da manhã gostoso e sadio de Molly.

Vazia e deserta estava a cozinha, era estranho, Molly não estava lá. Foi aí que Harry notou um bilhete em cima da mesa.

*“Queridos filhos (incluindo Harry e Hermione);
Fui visitar o Percy, fiquei preocupada por causa daquela briga
entre vocês e os comensais, não sei quando voltarei.*

O Mistério do Ueu Negro

Avisem ao Moody.

Atenciosamente, Molly Weasley.

P.S. Fred e Jorge, não aprontem nada enquanto isso.”

Quando Harry acabou de ler, Rony e Hermione apareceram ao pé da escada com Fred e Jorge que agora dormiam na Sede.

Harry passou o bilhete para Fred que lera em voz alta.

– Típico da mamãe. — Falou ele com cara de desdém.

– Se assustou com aquela briga e correu para ver o Percy? — Jorge repetia a frase olhando de canto de olho para o irmão.

Mas Harry percebeu pelo tom de voz de Jorge e pelo olhar trocado entre eles que os gêmeos ainda não haviam perdoado o irmão.

E Harry sentiu um aperto no coração, havia feito Percy brigar com os pais e havia bancado o negocio dos gêmeos com o premio do tri bruxo que ele havia ganho três anos antes. Mas esses pensamentos foram varridos de sua mente com a entrada de Moody na cozinha.

Depois que Moody leu o bilhete o ex-auror fez o “café da manha”.

Quando Moody acabava de mexer o ensopado que mais parecia gomas chamou Rony, Hermione e Harry ao canto. — Hoje teremos uma aula diferente já que Potter nos mostrou que sabe usar a maldição da morte, vocês aprenderam a fazê-la em silêncio.

Harry achou que seria impossível enfeitiçar novamente algo com o Avada Kedavra, mas concordou assim como Hermione e Rony.

Depois do café da manhã nada agradável que Moody preparou (que por sinal os garotos acharam pior que a comida de Hagrid), Harry, Rony, Hermione e Moody foram para a sala

de duelos para ter a aula para aperfeiçoar azarações e maldições, enquanto Fred e Jorge iriam para o Beco Diagonal.

– Bom, vamos começar logo, eu trouxe alguns ratos para praticarmos. Pensei em aranhas, mas um dia Molly já mencionou que o Ronald não gosta delas. — Disse Olho-tonto enquanto pegava um grande vidro com pequenos ratos. — Claro que é bem mais fácil matar um rato do que matar uma pessoa, um comensal, mas digamos que não seria conveniente matar uma pessoa bem aqui em Londres.

Moody pegou um rato de dentro do vidro colocou-o sobre uma mesinha que havia na sala e lançou um petrificus para que ele ficasse paralisado. Hermione fez uma careta ao ver o rato se contorcer antes que o feitiço de Moody o atingisse completamente.

– Que tal você começar Harry? — Perguntou Moody com ar de empolgação.

– Está bem. — Disse Harry se precipitando para o rato paralisado. — Avada Kedavra!

Instantaneamente apareceu um clarão, o rato continuou ali duro, mas morto.

– Muito bem, Harry, mas você lembra que eu havia dito que hoje íamos tentar fazer a maldição sem pronunciar? — Falou Moody tenso. — Ronald tente você, vamos ver como se sai.

Moody tirou outro rato do vidro, mas dessa vez ficou segurando-o pelo rabo para deixar que Rony o petrificasse. — Tente não pronunciar, e sinta mesmo vontade de matar esse rato nojento.

Rony fez uma cara de quem estava se concentrado, mas parecia que ele estava fazendo força para não rir.

Alguns segundos passaram e nada aconteceu, Rony que estava antes de olhos fechados abriu os olhos e ficou olhando o rato se contorcer pendurado pelo rabo.

– Bom, eu tentei. — Disse o garoto meio sem graça.

O Mistério do Ueu Negro

O resto da aula se passou com os garotos fazendo força para matar os ratos sem pronunciar, a pior foi Hermione que às vezes nem quando pronunciava a maldição conseguia matar o animal, Moody dizia que era normal as pessoas que não tinham caráter assassino e que Hermione devia ter mais vontade de matar o inimigo. No final, nenhum deles conseguiu matar um rato sem dizer o feitiço.

— Como o Moody queria que a gente lançasse um Avada Kedavra sem pronunciar? — Disse Harry a Rony e Hermione quando estavam subindo as escadas para seus quartos, apesar de ser muito cedo eles já iam tirar um cochilo porque estavam muito cansados da aula, Moody realmente haviam pegado no pé deles a manhã e a tarde inteira, nenhum deles quis jantar naquele dia, já bastava o almoço nada agradável e nem faziam questão da comida rabugenta de Moody, Molly não havia voltado e os garotos encararam novamente o ensopado.

— Nem mesmo o Voldemort mata sem falar o feitiço, me lembro muito bem de quando duelei com ele. E Snape também pronunciou quando matou Dumbledore. — Ao falar isso Harry se lembrou de como foi horrível a morte de Dumbledore e de todas as mortes que ele já havia presenciado.

— Harry... — Começou Hermione naquele tom de quem estava mudando de assunto. — Você já se perguntou porque nós estamos aqui no Largo Grimald? E podemos entrar e sair sem problema?

— Oh, Hermione, que pergunta mais besta, essa casa é do Harry, claro que a gente pode entrar e sair a vontade. — Disse Rony.

— Claro que é do Harry, mas o que eu quero dizer é que antes quando a gente vinha para cá, tínhamos que ler o endereço num papel escrito pelo Dumbledore, porque ele era o fiel do segredo da ordem, e agora nem precisamos de nada disso.

– Ah, mamãe já me falou sobre isso, um pouco antes de Dumbledore morrer ele desfez o feitiço, ele disse era pro bem da Ordem, e que mesmo sem esse feitiço os comensais não iam encontrar, pois ele pedira para Lupin fazer outros feitiços ante invasão e rastreamento.

– Pro bem da ordem? — Indagou Harry. — Vocês sabem o que é que acontece quando o fiel do segredo de algum lugar morre?

– Nunca mais se encontra esse lugar, a não ser que a pessoa vire um fantasma. — Falou Rony meio duvidoso.

– Ai, gente até parece que Dumbledore sabia que algo de ruim ia acontecer a ele. — Disse Hermione, mas ao olhar para a cara de Harry apressou-se em dizer: — Bom, é melhor eu ir me deitar e vocês também deveriam ir.

Aquilo encerrou a conversa, Hermione foi pro seu quarto, Harry e Rony se deitaram e dormiram profundamente. No dia seguinte pela manhã, Rony recebeu uma coruja da Sra.Weasley dizendo que ela ia passar mais uns dias com Percy, pelo visto eles haviam se reconciliado definitivamente.

– Ai, não! Vamos ter que passar mais um monte de dias agüentando as comidas do Moody. — Exclamou Rony tristemente. — Se realmente aquilo for comida. O que me alivia é saber que vamos para Hogwarts logo mais, melhor fazer testes que ficar aqui com o Moody tendo aulas e sem comer direito. — Disse Rony. — Afinal nós temos os teste hoje, não é?

– Claro, podemos aparatar depois do café da manhã (Harry fez uma careta ao imaginar o que olho-tonto havia preparado), e eu também gostaria de voar um pouquinho nós campos de Hogwarts.

– Creio não estar tão bem preparada para um NIME's. — Disse Hermione recebendo um beijo roubado de Rony, que correspondeu e ficou super vermelha ao olhar para Harry.

– Agora vamos pro café, hoje vai ser um dia longo.

O Mistério do Ueu Negro

Todos acenaram com a cabeça positivamente e se dirigiram a cozinha, Fred e Jorge não havia voltado naquele dia, e a mesa já estava quase “posta”.

– Como que você acha que Moody vai se comportar quando dissermos a ele que a comida dele é ruim? — Perguntou Rony levantando um assado de peru pelo garfo.

– Não sei... talvez ele mesmo saiba. — Hermione e Rony riram junto a Harry, aproveitando que Moody estava no fogão mexendo os ovos.

Um cheiro impregnante de ovos queimados inundava a cozinha. Os garotos tossiram um pouco e viu que Moody ainda mexia os ovos tranqüilamente sem apagar o fogo. Harry se levantou:

– Rony! Hermione! Temos que ajudar com o café! O Moody acaba de queimar os ovos. E pelo cheiro as torradas vão estar bem torradinhas, e não queremos um café queimado para um dia que com certeza será agitado.

– Ok, ok... Nossa! O cheiro está forte mesmo! — Disse Rony sorrindo para namorada.

Os dois se levantaram e foram em direção ao fogão mais ao canto da cozinha. Agora a fumaça lhes tocou o rosto.

Depois de refazerem os ovos e as salsichas, todos tomaram o café tranqüilos e conversando muito. Harry, Rony e Hermione estavam excitados. Mal viam à hora de ir para Hogwarts.

Terminaram o café e logo subiram para ir arrumar as malas.

– Harry, você viu meu livro de Poções?

– Não, Rony, já olhou debaixo da cama?

Passara-se meia hora e eles ainda continuavam lá arrumando. Hermione chegou ao quarto e quando viu que eles ainda não estavam prontos disse hesitada:

– Meu deus! Vocês são bruxos! Usem a varinha!

Mas sem esperar resposta pegou a varinha e deu uma sacudidela em direção a mala de Harry. As roupas suspenderam no ar e se dobraram indo parar dentro do malão.

As meias se enrolaram e voaram em direção do malão assim como voaram a vassoura, os ingredientes para poções, a balança, o estojo de manutenção de vassouras, os livros e muitos outros pertences de Harry que se encaixaram perfeitamente no malão.

Hermione fez o mesmo com a mala de Rony e em alguns minutos estava todos prontos. Harry pegou a mala de Riddle e colocou a gaiola de Edwiges debaixo do braço.

– Espera Harry, vamos usar Edwiges para enviar uma carta a Sra. Weasley avisando para onde vamos! — Falou Hermione impaciente.

– Certo! — Harry abriu a gaiola de Edwiges e pegou o pergaminho embrulhado que Hermione lhe estendia dizendo: "Harry, Rony e Hermione".

Edwiges voou alegre pelo Largo enquanto Harry pegara a mala e o malão, desceu junto com Rony e Hermione as escadas. Deram tchau a Moody e saíram para a praça do Largo Grimald.

– Bom, tchau! — Disse Harry acenando para Moody e aparatando logo em seguida. O mesmo fizeram Rony e Hermione, em segundos estavam todos em Hogsmeade, precisamente em frente ao três vassouras.

Adentraram com os malões no Bar e sentaram-se numa das mesas mais ao canto direito. Madame Rosmerta direcionou-se a mesa deles:

– Olá Harry! Querem alguma bebida?

– Três cervejas amanteigadas, por favor! — Respondeu Harry com um sorriso. Madame Rosmerta devolveu o sorriso e se voltou para o balcão. Nesse momento Hermione deu um belo pontapé em Rony...

O Mistério do Ueu Negro

– O que foi?! — Perguntou Rony passando a mão na canela onde havia levado o pontapé.

– Pare de olhar para ela assim! — Respondeu Hermione imitando a cara que Rony estava fazendo antes. Harry começou a rir.

Madame Rosmerta trouxe-lhes as cervejas e Harry pagou. Os três tomaram a bebida conversando e depois se despedindo de Madame Rosmerta, saíram do bar e se dirigiram para Hogwarts.

Quando chegaram perto do trecho em que ficavam as carruagens durante a chegada dos alunos viram uma carruagem atrelada á um Trestrálio. Ao lado dela estava a Prof. Minerva e Dobby.

– Harry Potter, Meu senhor! Dobby sentiu saudades! — Disse Dobby correndo em direção de Harry e lhe abraçando os joelhos.

– Também senti Dobby! — Disse Harry alegre.

– Moody nos avisou da chegada de vocês. E para facilitar trouxe uma carruagem, os testes irão começar em uma hora. Dobby levará a mala de vocês para os quartos, a maioria dos alunos estão nos jardins. — Dizendo isso a Prof. Minerva olhou para Harry e com um sorriso no rosto disse: — Gina está lhe esperando lá.

Harry enrubesceu e junto com os outros embarcou na carruagem e vendo Dobby sumir no ar eles partiram para Hogwarts. E Harry se sentiu feliz.

Quando a carruagem parou e os garotos desceram, o garoto foi rapidamente ao encontro de Gina.

– Harry! Querido! — Disse Gina abraçando e beijando Harry.

– Oi, Luna! — Disse Harry, depois do beijo para a amiga de Gina.

– Oi, Gina, Luna é... Harry, eu e o Rony vamos revisar a matéria na biblioteca, tchau! — Disse Hermione puxando Rony e Luna, deixando Harry e Gina à sós.

Então o casal recém encontrado resolveram aproveitar o tempo que tinham nos jardins de Hogwarts.

Restavam apenas cinco minutos para a hora marcada pros exames. Harry deixou Gina e seguiu com os outros alunos do sétimo ano para o salão principal.

Quando Harry chegou ao salão, viu as carteiras enfileiradas. Lembrou-se de quando estivera na penseira e vira seu pai, naquele mesmo salão, onde estavam os Marotos alguns anos atrás. Harry sentiu uma pontada de raiva de Rabicho, mas tentou se concentrar no exame. Sentou-se numa carteira logo atrás de Rony e Hermione que pareciam estar ali fazia séculos esperando a hora do teste.

Flitwick apareceu por uma porta detrás da mesa dos professores e anunciou:

– O exame dos NIEM's de vocês irá começar! Vamos começar com o exame de Transfiguração e logo após será distribuído o de DCAT e Runas Antigas, a tarde farão os testes práticos dos mesmos.

Flitwick, com alguns outros professores e ajudantes, distribuíram os testes com apenas um tilintar de varinhas e quando todos tinham os testes em mãos o professor retornou a falar:

– Todos prontos? Podem começar!

Imediatamente o ranger de penas arranhando o papel tomou posse do salão. Harry já respondera até a quita pergunta nos primeiros vinte minutos, alguns dos supervisores distribuíram os testes de Defesa Contra as Artes das Trevas e Runas Antigas. Eles iam perguntando quem iria fazer o que, Harry é claro só pegou o de DCAT e balançou a cabeça ao olhar Hermione pegando o seu de Runas Antigas.

Que desperdício..., pensou.

Passado pouco mais de uma hora, Harry acabara seu teste de Transfiguração e, meio nervoso, mas muito confiante, começara a fazer o teste que achava sua melhor área de disciplinas, DCAT. Olhou para a primeira questão:

"Diferencie um lobo de um lobisomem. Citando pelo menos cinco características."

Harry riu consigo mesmo lembrando mais uma vez de seu pai e seus verdadeiros amigos. E respondeu a questão.

Passou-se mais ou menos três horas até Harry terminar de responder a prova que ele tanto sabia. Antes de entregar ele revisou as duas folhas de pergaminho. Entregou a prova para o supervisor fazendo com que Rony suasse, e esperou tocar o sinal. Todos saíram discutindo sobre os testes, Hermione não parava de perguntar a Harry o que ele tinha respondido na sexta, nona ou vigésima questão de DCAT. Harry passou o restinho do tempo no almoço (que estava montado agora ao ar livre) com Rony, Hermione (que não parava de ler o seu exemplar de curas nas ruas de Londres) e Gina.

– Nossa, já é amanhã o teste de poções e não tenho a mínima idéia sobre o que vai cair... — Harry olhou envergonhado para Hermione.

– A não ser como preparar O Trono ou se melar com Licor de Bambu! — Exclamou Rony.

– Não, Harry. Por favor não, você pode sem ele... você não vai se arriscar, não é? — Indagava Hermione percebendo a malícia no olhar de Harry.

– Vou, eu quero muito passar nesse NIEM's e você sabe que preciso disso, Hermione... — Gina e Rony flutuavam na conversa. — ...Eu sei que ele não fez muita coisa boa todo esse tempo, mas é minha única chance.

– Mas...

– Lembra que foi ele que salvou o Rony e fez com que eu conseguisse a memória do Horace, ele pode me ajudar muito nesses testes.

– Harry, pensei que você não usaria mais...

– De que vocês estão falando? — Perguntou Gina satisfazendo a curiosidade de Rony pela mesma pergunta.

– Do livro do príncipe!

O Mistério do Ueu Negro

— Ah, é mesmo Harry, você vai me emprestar, não vai?
— Disse Rony fazendo com que a cara de Hermione ficasse mais espantada que a de Gina que não entendia nada da conversa.

— HORA DOS TESTES PRÁTICOS DE TRANSFIGURAÇÃO! — Exclamou McGonagall com a varinha encostada no pescoço, levantando-se da cadeira antiga de Alvo Dumbledore posta no jardim. — Todos para o jardim. Perto da cabana de Rubio está localizado-se a plataforma de granizo, onde será realizado as transfigurações diante dos julgadores.

Um número não tão grande de pessoas, saíram das mesas e foram em direção ao jardim mais ao lado, deixando seus amigos de casas ainda comendo os deliciosos enrolados de galinha.

Um túnel fora montado, onde havia árvores e pedras que rodeava um enorme vagão de concreto, o cenário dava essência ao verde próprio da grama que cobria o comprimento do túnel. Uma imagem escura e sombria era o que Harry via na entrada.

— Entrarão um por vez, e o aluno devera transfigurar os objetos, animais, todas as coisas que forem pedidas pelos supervisores. — McGonagall engoliu um seco e continuou. — Vamos começar com Draco Malfoy!

Um grupinho de Sonserinos espantou-se junto a Hermione, Rony e Harry que agora se perguntava ter visto Malfoy nos testes teóricos.

Draco vestido com suas vestis antiga da Sonserina, ficava mais baixo que Rony na roupa minúscula dele da Grifinória. Draco adentrou a espécie de cabana e desapareceu de vista.

“Nevile, Comarco, Zabine, Belby, Liane...”

— Harry Potter, sua vez. — Disse a diretora afável.

Harry suava frio ao ver as velas que flutuavam à “cabana” e os cinco julgadores ali olhando atendo para ele atrás de um balcão que havia apenas um cálice, uma bota-couro de dragão dinamarquês e um sapo que pulava feliz em uma gaiola.

– Aproxime-se, Potter. — Falou uma mulher gorda e abatida de colares pelo pescoço. — É simples, apenas transfigure esse indefeso sapo, em um... um príncipe, talvez...

Harry olhou para mulher espantado e franziu a testa fazendo os companheiros mais obscuros ao balcão rirem.

– É só uma piada, Potter. — Falou rispidamente um magricelo na última cadeira.

– Agora é sério... — Continuou a mulher encolarada. — Preciso que esse rato vire uma taça de cristal francês.

Harry agora tinha certeza que não era brincadeira. Concentrou-se, ergueu a varinha e com um sonoro “Raeur” a única coisa que restava na gaiola era uma miúda taça brilhante ao escuro.

– Bom, realmente muito bom. — A outra mulher mais jovem levantou-se. — Agora você precisara que esta bota vire uma borboleta Argentina de fícus azuis.

Novamente Harry concentrou-se e ali estava a belíssima borboleta sobrevoando a sala.

Harry acertou em cheio todos as transfigurações pedidas, e saiu feliz pela porta final que dava ao lado do campo de quadribol.

Hermione e Rony não demoraram para encontrá-lo vangloriando a estrutura mais pálida dos aros e arquibancadas.

– É lindo, não é? — Perguntou aos colegas que aproximavam-se esquecendo completamente dos teste.

– Muito lindo, mas agora você... quer dizer, nos temos um teste de Defesa contras artes das trevas para fazer, e depois que você acabar, poderá jogar nesse campo “lindo”! — Harry olhou espantado para Hermione que se comportava como uma

dona do colégio. — Afinal eu ainda assumo o cargo de monitora.

— É Harry, mas como você se saiu nas Transfigurações? Fizeram uma piada de príncipe comigo... — Exclamou Rony virando-se para ver a cara de desentendida de Hermione. — Você caiu na piada, Harry?

— É, fiquei imaginando que feitiço usaria para transformar um sapo em príncipe. — Disse Harry fazendo Rony rir e deixando Hermione ainda mais vermelha a caminho das torres, onde seria os testes práticos de DCAT.

— Você não tentou, tentou Hermione? — Rony fazia uma cara de quem esperava um “não”.

— Tentei, não foi bem um príncipe no que aquele sapo se transformou, mas tentei.

Harry e Rony riram até chegar perto do dormitório da Grifinória e entrarem a um corredor que levava a sala do teste.

— Por aqui pessoal. — Dizia Remo Lupin aos alunos que entravam ansiosos na sala. — Harry, Hermione, ah Rony creio que precisara lavar o cabelo quando terminar os testes.

Rony olhou espantado para o professor e passou a mão pelo cabelo ruivo encontrando algo gelatinoso.

— Fezes de pombo. — Disse o garoto fazendo seu rosto mostrar uma face amedrontada. — Não consegui transfigurar uma borboleta de fícus azuis.

Nesse momento quem ria era Hermione, mas foi calada pela multidão que sentados a cadeiras enfileiradas faziam a maior zoadá.

— Esperaremos apenas o julgador Renan Malquis chegar, para dar início as provas praticas de Defesa Contra as Artes das Trevas. — Harry, assim como outros alunos acabara de reparar um lugar vazio ao meio dos quatro julgadores que ansiavam por informação.

Poucos minutos depois um homem alto e roliço adentrou a porta e a sala foi calando-se pouco a pouco.

– Faremos da mesma forma que os teste de Transfiguração, um de cada vez, mas DCAT será feito exposto para todos os alunos, serão feitiços diferentes. — Continuou Lupin encostando-se ao canto da sala, onde Horace, Minerva, Sprout e Flitwick estavam. — Por favor comecemos com a senhorita Granger e assim sucessivamente por cadeiras.

Hermione levantou-se confiante e atenta, apressou-se a cumprimentar os julgadores.

– Como poderemos matar essa inocente arranha em apenas um golpe de feitiço?

Hermione não pensou muito e logo disparou um “Petrificus Totalis” na aranha que manteve ali nítida e intacta, Rony não agüentou olhar o erro de Hermione e logo fechou o olho junto a Minerva no fundo da sala.

– Avada Kedavra! — Agora sim, a aranha esta ali, mais morta como nunca.

O teste de Hermione poderia ter sido melhor, se não fosse o deslize do primeiro pedido, fora isso, se sairá perfeita.

– Harry Potter, por favor. — Disse Lupin fazendo Harry levantar-se e fazer o mesmo percurso de Hermione.

– Não quero ler sua mente Potter! — Harry, Hermione e Rony congelaram, como os julgadores poderiam saber que a Oclumência era a arma que Harry não sabia usar? — Potter, não quero ler sua mente. — O riso de desdém de Draco foi abafado ao fundo da sala por um “shi” de Minerva.

Era a hora de Harry mostra que poderia muito bem defender seus pensamentos, concentrou-se vasculhou a mente e por alguns minutos que pareciam ser uma eternidade, Harry conseguiu evacuar todos seus pensamentos, recebendo um parabéns de Malquis e um sorriso contagioso de Hermione.

A “ufa” aliviada de Rony não durou muito ao escutar seu nome por Lupin.

O garoto passou entre as cadeiras e se dirigiu a frente dos julgadores.

O Mistério do Ueu Negro

– Weasley, não quero escutar nenhuma palavra ao ver você comandar esse lagarto.

O imperius não verbal de Rony não poderia ter saído melhor na terceira tentativa, realmente Rony estava se surpreendendo com os seus feitos.

O teste de Malfoy foi pouco melhor que o de Rony, mas não chegou aos pés do de Harry. Gina já esperava as notícias no jardim, Hermione havia ido aos campos junto a seis meninas para os testes de Runas antigas.

– Realmente só ela e essas... essas meninas podem fazer uma matéria tão desnecessária. — Disse Rony tentando interromper o beijo caloroso de Harry e da irmã no jardim.

A água do lago calma e tranqüila trazia uma paz de espírito para o trio que conversava alegremente debaixo de uma árvore a espera do fim do teste de Hermione.

– Será que ela vai se sair bem? — Perguntou Gina deitada ao colo de Harry admirando o horizonte que ficava negro.

– Você tem alguma duvida? — Exclamou Rony sorrindo encostado a uma pedra mais a direita do casal.

– Ultimamente notei que Hermione anda meio, meio sei lá, desatenta! — Disse Harry sorrindo.

– Eu desatenta? — Perguntou a menina atrás dos colegas com uns dois livros na mão e com uma cara de satisfação.

– Não foi bem isso que quis dizer...

– Deixa para lá Harry, procurei vocês até no salão comunal, não poderiam se esconder em um lugar mais visível?!

– Vamos, já esta ficando tarde, estou farto de fome. — Rony agora levantara e abraçara Hermione. — E como se saiu Mione? — Perguntou o garoto lhe socando um beijo.

– Mais ou menos, mas acho que vou passar.

Os garotos caminharam pelos campos verdes de Hogwarts conversando sobre os teste até chegarem a entrada

do salão principal, onde as cadeiras enfileiradas foram trocadas novamente por quatro gigantescas mesas.

Alunos de todas as casas quando viram Harry agarrado à menina de cabelos ruivos olhavam e sussurravam entre se, inclusive Romilda Vance e as gemias Parvati e Padma.

Harry, Gina, Hermione e Rony com orgulho estampado na cara entraram o salão principal e sentaram-se ao lado de Neville e Simas na mesa da Grifinória.

– Harry Potter, quanto tempo meu garoto. — Algo saiu detrás das panelas brilhantes fazendo uma aluna que parecia ser do primeiro ano jogar-se contra o chão. — Magali, quantas vezes vou lhe dizer que sou inofensivo?

Harry como muitos alunos na mesa riam da situação da menina não acostumada com o fantasma de Nick quase– sem–cabeça.

Depois daquela cena nada de mais inovador aconteceu, nem mesmo os risinhos de Draco na outra mesa, fazia Harry se irritar, estava super feliz naquele dia. Gina, Hogwarts, Hagrid, Lupin todos estavam ali, para sua satisfação ser melhor só faltava Dumbledore e um bom jogo de quadribol.

O sinal para o recolhimento dos alunos pras salas comunais não demorou muito depois da sobremesa.

– Acho que irei dormir, esses testes me massacraram, estou morta! — Disse Hermione dando um “ate logo” aos amigos e esperando o beijo de despedida de Harry e Gina que subiu as escadas do dormitório feminino pouco depois.

– Vamos, também to acabado! — Exclamou Rony para Harry que falava com um grupinho de alunos que conversavam como se tivesse diante a um astro de quadribol.

Os dois foram aos antigos dormitórios onde Simas, Dino e Neville já dormiam, seus malões estavam sobre a cama e a mala de Riddle encostava-se a mesa de cabeceira junto à gaiola de Edwiges, que ainda não havia chegado.

O Mistério do Uku Negro

Rony e Harry colocaram os pijamas e deitaram felizes nas suas antigas camas, agora mais macias e cheirosas que nunca. Em questão de minutos os dois adormeceram.

Ar frio e penetrante batia nas janelas de Hogwarts quando Harry acordou por uma espécie de despertador mental. O garoto pulou da cama cuidadosamente para que seus colegas não o visse, vestiu o uniforme do colégio e saiu do dormitório com a varinha na mão e a capa da invisibilidade no bolso, ali estava o fundo do quadro da mulher gorda mirando o vazio do local.

Harry chegou perto da porta, que foi aberta instantaneamente fazendo Harry por a capa.

Harry entrou o corredor olhando todos os lados para não encontrar pirraça nem madame Nora, que tem uma pequena impressão do que está debaixo de uma capa da invisibilidade. Chegando no corredor do sétimo andar onde existia uma parede lisa de pedras, Harry retirou a capa e disse “preciso pegar meu livro que escondi aqui ano passado” andou alguns passos de olhos fechados e novamente falou “preciso pegar meu livro que escondi aqui ano passado” as entranhas de Harry pulavam aflitas dentro do seu corpo, “preciso pegar meu livro que escondi aqui ano passado” e abriu o olho, ali estava a porta imensa e velha, que Harry queria tanto ver quando Malfoy estava dentro.

Entrando, ele estava em um quarto do tamanho de uma catedral grande, cujas janelas eram altas e enviavam feixes de luz para baixo, o que parecia uma cidade com paredes imponentes, construídas, pelo que Harry soube, por objetos de gerações antepassadas de Hogwarts.

Haviam becos e estradas limitadas por pilhas de mobílias estragadas e quebradas, guardadas ali, talvez, para esconder magias mal-feitas, ou então por elfos domésticos orgulhosos. Havia milhares e milhares de livros, que sem

O Mistério do Ueu Negro

duvida eram roubados, rabiscados ou proibidos. Havia catapultas aladas e Frisbees Dentados, alguns, com vida o suficiente para pairar sobre as montanhas de outras coisas proibidas; Haviãr garrafas de poções congeladas, chapéus, jóias, capas; algo que parecia cascas de ovo de dragão, garrafas arrolhadas cujos conteúdos ainda brilhavam, várias espadas enferrujadas e um machado pesado, manchado de sangue. Tudo estava do mesmo jeito que ele vira alguns meses antes.

Harry se apressou adiante de um dos becos entre todos esses tesouros escondidos. Ele virou a direita após um enorme duende gigante, correu por um curto caminho, tomou a esquerda no armário de Desaparecimento quebrado, parando finalmente ao lado de um armário grande que parecia ter ácido jogado sobre a superfície embolorada. Ele abriu o armário, rangendo as portas: e retirou o livro com aparecia velha e rabugenta, colocou dentro das vestis e saiu dali correndo.

Harry continuou correndo com muita dificuldade, pois ainda estava coberto pela capa, quando entrou pelo corredor encontrou pirraça, ele estava cantando algo que Harry não podia decifra, ele estava dançando no meio do corredor, algo como valsa ou merengue.

Harry quis rir com a situação horrenda do poltergeistmas, mas a coisa que ele não queria era que alguém descobrisse que a essa hora da manhã ele estava fora da sua cama. Ainda o retrato da mulher gorda estava bem atrás de pirraça, com o seu coração na boca ele se agachou, tomando cuidado para que não tropeçasse à própria capa, agachou-se e encostou a sua costa na parede, deslizando e andando de lado, não demorou muito para ele ultrapassar pirraça que continuava dançando e cantarolando, para sair daquela posição horrível, e se levantar, aproximou-se da mulher gorda e cochichou quase inaudível "bolo de abóbora com ameixa " a mulher gorda meio que sonâmbula:

— Quem é que me acorda agora? — Perguntou ela ainda de olhos fechados e abrindo a porta.

Harry entrou e rapidamente subiu para o dormitório, ainda estava ofegante ao ver todos roncando ou respirando fundo.

Já na cama ele olhou para seus colegas e para sua sorte, estavam todos dormindo ainda. Com muita calma ele abriu o livro do príncipe para tentar decorar as mais fáceis, as mais difíceis e as mais rápidas poções, pois ele sabia que uma poção que demorasse três meses para ficar pronta não cairia no teste. Ele parou de repente ao chegar numa poção que havia lhe ajudado no ano passado a recuperar uma lembrança de Slughorn, lembrou-se da sensação que sentiu ao tomar pela primeira vez a Felix Felics.

Rony mexia-se minutos a minutos na cama, fazendo Harry fechar e esconder o livro no travesseiro. Harry não achava certo deixar o colega de fora, mas por um lado se o pegassem Rony estaria livre, não teria nada.

Os minutos foram passando e Harry estava ali preso de braços lendo o exemplar de estudo avançado no preparo de poções e encaixando na sua mente o máximo de coisa que podia. A réstia de sol já entrava pela janela quando ele fingia dormir ao ver Simas e Dino acordarem.

Não demorou muito para os amigos já estarem trajados e saírem do dormitório, deixando Neville e Rony ainda adormecidos.

Harry puxou novamente o livro de debaixo do travesseiro e começou de onde havia parado, ali estava sectusempra, com letrinhas miúdas a um canto da folha. Rapidamente Harry decorou a poção da contra-folha e folheou o exemplar.

— Hum! Já acordou? Harry?! — Harry ficou por um momento em silêncio, mas não deu para disfarçar a agitação que fez ao esconder o livro.

O Mistério do Ueu Negro

— É, acordei agora pouco! Estou pensando no teste! —
Exclamou o garoto meio culpado por esconder o livro de Rony.

— Ah, sim, você vai mesmo pegar o livro do Snape? —
Rony acabara de se jogar da cama e encarou Harry. — Cara,
por que você já está de uniforme?

Harry hesitou um pouco antes de responder, mas não
teve dúvidas do que estava fazendo. Arrancou o livro do
travesseiro e mostrou para o amigo.

— Nossa! Como você conseguiu? — Rony agora estava
com os cabelos estilhados pela testa.

— Fui pegar! Quase o pirraça me viu! — Exclamou
Harry pulando da cama e entregando o livro a Rony, que
procurava uma poção pequena e fácil para decorar.

— Hermione vai ficar uma fera quando descobrir!

— Ela não precisa saber! — Disse Harry certificando-se
que Neville estivesse dormindo.

— Não sei não, do jeito que ela é esperta!

— Rony, nem pense em contar a ela, viu!?

— Claro, claro que não vou contar! Afinal também vou
usar!

Passaram-se meia hora até o sol tomar conta de toda
janela e Neville espreguiçar-se, fazendo Harry e Rony caírem
nas camas enfiando os travesseiros no livro.

— Algum problema? — Perguntou o garoto bocejando.

— Não, não... — Rony e Harry uniram-se na resposta.

Neville franziu a testa, mas logo, como Harry e Rony, já
estavam vestidos com os uniformes da Grifinória.

Barulhento, cheio e com um recado pendurado na
parede estava o salão comunal da Grifinória.

— Não vi isso quando entrei! — Exclamou Harry para
Rony, ao ver o cartaz enorme informando o lugar dos testes
teóricos de poções e herbologia, que seria enfrente as estufas
de mandrágoras ao ar livre.

Harry, Rony, Hermione e Gina desceram juntos para o café da manhã no salão principal, onde estava farto de sequilhos e biscoitos dourados.

Harry deu o ardente beijo em Gina e saiu com Rony e Hermione para os gramados de Hogwarts.

Os números das famosas cadeiras enfileiradas eram menor naquela manhã. Pouca gente estava cursando poções e Herbologia.

Horace, McGonagall, Sprout e mais quatros julgadores estavam em pé esperando os alunos que ainda estavam chegando. Harry sentou a frete de Hermione e ao lado de Rony, onde tinha uma folha de pergaminho, um tinteiro e uma pena.

Depois de alguns minutos, com que fez as cadeiras se completarem, Slughorn pronunciou-se:

– Alunos e alunas, vocês passarão por um simples teste de poções... — Nesse momento ele cumprimentou Harry e Hermione com um sorriso. — ...e de Herbologia, creio que serão todos aprovados, meus métodos de ensino abrangeram um bom progresso, modéstia parte.

Os professores incluindo Slug começaram a entregar os questionários dos testes, algo que desesperou Cormaco McLaggen ao lado de Draco, que ficou tranqüilo e ansioso, parecia que ele estava tendo aula complementares na casa dos segredos.

Harry olhou nervoso para primeira pergunta e leu.

“Quais ingredientes é preciso para uma poção do Trono?” Harry riu olhou para os colegas que também alegava felicidade e começou a escrever, mas a segunda pergunta o perturbava muito “Quais as leis para alcançar a perfeição do Anacrônico” ele havia lido as instruções do príncipe e tinha certeza que os julgadores não iriam aceitar a resposta. Suava frio ao olhar Draco descrevendo a pergunta como se fosse a mais fácil do teste. Harry pulou a segunda e leu a terceira “Como podemos plagiar uma Linquider?” não tinha certeza se

O Mistério do Ueu Negro

Snape havia trocado a resposta real por uma feita por ele, mas logo escreveu o que lembrava do canto rabiscado do livro.

“1/2gm de banha, 2kg de corante e 6m de torvos, é usado em que poção?” essa Harry sabia inteiramente. “Quais precauções para fazer uma Bohemia?” para o príncipe essa era moleza. Assim Harry continuou suas ultimas sete questões, com a ajuda nada favorável do príncipe, a segunda foi respondida de acordo com o que ele havia decorado. Harry estava tão nervoso que demorou duas horas para responder as questões de Herbologia, sendo o ultimo a entregar o questionário.

– Não passo em poções, nem sob milagre! — Exclamou Harry fazendo Rony arregalar os olhos.

– Nem com a ajuda do... — Rony foi cortado pelo olhar horrorizando de Hermione ao sentar na biblioteca com os colegas.

– Nem com a ajuda do Slughorn! — Harry aliviou-se com sua exclamação.

– Ah, por um momento pensei que vocês haviam usado o livro do Snape. — Falou Hermione retirando “Plantas de curandeiros” da mochila.

Os garotos passaram o intervalo entre os testes práticos e teóricos comentando sobre o fracasso em poções e estudando para a pratica, pelo menos nisso Harry pensava em se sair bem.

O almoço foi à mesma algazarra de sempre, depois seguiram um número ainda menor de pessoas para as masmorras onde caldeirões, balanças e vidros estavam montados em fila.

Os julgadores junto com alguns professores estavam postos ali lado á lado encarando os alunos que haviam tomado seus lugares.

– Espero que estejam prontos para mais um teste pratico, agora precisarão de mais técnica e certeza das suas opiniões sobre as poções que vão ser realizadas. — Disse

Minerva passando entre os garotos e os caldeirões. — Não será tolerável nem um pequeno erro de quantidade, afinal a poção não terá resultado preciso!

Rony linchava o dedo na borda do caldeirão e batia as unhas no vidrinho a seu lado.

Os cinco julgadores deram um passo a frete, e com uma prancheta na mão um deles ordenou:

— Vocês terão vinte e cinco minutos para preparar a Juventril, poção da juventude! — O julgador olhou para um pendulo pendurado na parede, marcou as horas na prancheta e: — Podem começar!

Harry adiantou-se a uma bisnaga alaranjada e derramou no caldeirão, adicionou um litro de lágrimas de gnomos e dois pedaços de cacto, mexeu com a colher em movimento horário e circular, depois colocou vinagre latino e vinho tinto fazendo a poção subir um aroma agradável. Harry suava frio, olhava para todos os lados e via Rony tentando cortar uma mandioca alada com os dentes, Hermione como sempre estava penetrada a sua tarefa. Ele voltou para seu caldeirão que borbulhava e fazia Slughorn sacudir a cabeça positivamente.

Os minutos foram passando até o julgador imobilizar a mão dos alunos.

— Não façam mais nada, não mexam mais nada, não adicionem mais nada!

Os garotos estavam ali imobilizados até uma mulher elegante de vestido de cor prata recolher uma amostra de cada caldeirão.

— Podem esvaziar os caldeirões... — Agora todos já se moviam naturalmente. — Eu quero um antídoto para mordida de Lobisomem, que seja realmente eficaz!

O teste prático de poções foi moleza para Harry, Rony e Hermione que cumpriam perfeitamente os pedidos, mas Malfoy errou feio na poção Martírio, fazendo com que Minerva usasse a varinha para levitar o caldeirão dele.

O Mistério do Ueu Negro

Já nas estufas os garotos usavam luvas e óculos de proteção para por a mão no teste pratico de Herbologia. Os julgadores estavam sentados em algumas poltronas enferrujadas enquanto a professora Sprout usava um megafone para dar as instruções e os incentivos aos seus alunos.

– Não sejam tão brutos com as plantas, nem se assustem com os galhos vivos e lutadores, sejam decididos e confiantes no que fazem! — O chapéu furado e remendado da professora soltava da cabeça minuto a minuto, fazendo ela colocá-lo bruscamente.

Um dos julgadores ao lado de McGonagall levantou-se:

– Retirem o máximo possível de líquido das vagens que ai estão!

Rony olho para bacia e viu uma coisa verde se contorcer, meteu a mão em um deles e enfiou a faca em uma das pontas da planta, fazendo um liquido meio esverdeado voar em seu rosto e depois ser mirado em uma vasilha.

A tarde passou voando, Harry nem notou quando as luzes da estufa se acenderam deixando o céu escurecido ao redor de Hogwarts. Os testes deram-se encerrado no domingo fazendo Harry, Rony e Hermione irem jantar exaustos, não comentaram nada com Gina nem com Luna que os perturbaram no curto tempo do jantar. Alguns minutos depois os garotos dormiam cansados em suas camas.

Harry acordou naquela manhã ensolarada com toda a disposição e uma tremenda fome. Olhou em volta, viu que Dino estava dormindo, Simas não estava na cama, Neville acabara de descer pelas escadas e Rony também acabava de acordar.

– Harry? Você está aí? — Perguntou Rony bocejando.

– Estou! — Disse Harry remexendo de um lado para o outro.

– Harry, ontem à noite tava pensando, o que você vai fazer com o livro do príncipe? — Rony agora pulara da cama.

– Vou levar para sede.

Harry arrumou as malas, colocou as vestes e desceu para o café da manhã com Rony para encontrar Hermione e Gina, que já haviam descido ao salão principal.

Chegando na mesa da Grifinória, Harry encontrou a namorada e a amiga comendo vagarosamente e papeando, logo sentou ao lado de Gina que lhe deu um beijo, algo que se repetiu com Rony e Hermione.

– Harry, quando você for embora eu vou ficar com saudade. — Disse Gina pondo a cabeça no ombro do garoto.

– Eu também, eu também, Gina. — Disse ele que logo deu outro beijo nela.

Com o pronunciar de McGonagall, Hermione saiu correndo para os campos para o teste de aritmância, enquanto Rony e Harry dispararam para feitiço.

Eram os últimos testes do trio, algo que passou rapidamente, fazendo com que a tarde ficasse livre para os alunos dos NIEM's.

O Mistério do Ueu Negro

– Silêncio, por favor! — Minerva levantou-se da antiga cadeira de Dumbledore e se pronunciou para todos os alunos que estavam reunidos no almoço.

Os ruídos foram diminuindo até que não restava nem mesmo um sussurro.

– Está tarde, em homenagem ao nosso querido aluno Harry Potter, e também uma maneira de se divertirem depois dos cansativos testes dos NIEM's e NOM's, realizaremos um jogo de Quadribol, Grifinória versus Sonserina, um jogo para divertir aos alunos que assistem e jogam.

Harry encarou e apurou ainda mais os ouvidos para a diretora, e logo abriu um sorriso junto a Rony. — Então técnicos da Grifinória e técnicos da Sonserina, por favor, arrumem seus times, ah Harry será o técnico da Grifinória, substituindo temporariamente o Douglas Wisner.

Um garoto moreno de cabelos pretos ao canto da mesa se espantou com a declaração de Minerva e abaixou a cabeça mirando para Harry com raiva.

– Ele é o Douglas. — Disse Gina ao ver o olhar de assustado que Harry trazia no rosto. — Ele é o goleiro!

– Outra coisa, Ronald Weasley, também ira jogar, desculpe-me o senhor Wisner! — Minerva deixava Wisner ainda mais desconcertado fazendo Rony abrir um sorriso ainda maior. — Agora já estão todos dispensados para irem arrumar-se para o jogo!

Umás turmas de alunas de todas as quatro casas saíram correndo pelo corredor, e o time de quadribol, que Harry assumia como técnico teve uma pequena reunião no salão comunal antes da partida começar.

O sol ricocheteava as nuvens alcançadas nos aros do campo. Uma multidão de alunas da Corvinal, Lufa-Lufa e Grifinória estavam com faixas improvisadas nas testas dizendo “Harry Potter nosso rei” ou “O eleito já ganhou” e todos com fitas Vermelhas e douradas, menos uma turminha da Sonserina

mais a esquerda do palco dos professores onde Padma estava sentada pronta para narração.

Desmelza Robim, Jaquinto Peakes, Cadu Coote, Dino Thomas, Gina weasley, Rony e Harry formavam o time da Grifinória que entrou no campo com uma geração de aplausos, assobios e gritos, enquanto a Sonserina foi vaiada até por Hagrid, pelo que Hermione pôde ver.

– Vocês já sabem as regras, apanhadores aos seus lugares e... — Hooch suou o apito e as goles, balaços e pomo já estavam no ar, fazendo os jogadores voarem e Padma roncicar no microfone algo como “dar por começada a partida, Grifinória contra Sonserina”.

Rony estava pronto para defender todas, mesmo ficando muito tempo sem treinar.

– Gina arranca a Gole de Fleits e manda direto para Dino, que... DEZ, Dez pontos para Grifinória. — Toda a arquibancada da Sonserina olhou frustrada para Padma, que parecia super alegre pelo gol.

Harry voou para cima do campo junto com Uilson, ambos atrás do pomo de ouro que disparava rapidamente em torno das arquibancadas.

– Vinte pontos para Grifinória!

Harry sorria a todo o momento, no gol de Gina ao erro tremendo de Coote.

– Marco adianta o passo e contraria Peakes, que se confunde e deixa o espaço aberto, deixando Rony demasiado... gol!

O balaço de Denis passou ralando nos cabelos ruivos e acesos de Gina, deixando o coração da garota palpitando.

– Harry e Uilson brigam com a velocidade das duas Firebolt para alcançar o minúsculo pomo.

Minerva e Slughorn riam ansiosos com a partida bem disputada. Cinco minutos depois Padma estava em pé eufórica

O Mistério do Ueu Negro

gritando no microfone, deixando alguns alunos com uns dedos tapados no ouvido.

– Sessenta a cinquenta para Grifinória.... eeeeeeeeeee..... Denis empata, sessenta a sessenta, essa partida vai ficar para historia!!

Harry agora avistava o pomo e logo percebeu que estava numa disputa incrível para pegá-lo.

– Gina Weasley marca para Grifinória!."Setenta a sessenta!"

Harry estava esticando a mão para pegar o pomo, mas Denis deu um empurrão nele que quase cai da vassoura.

– Harold Blomb marca para a Sonserina!

Harry encostou seus dedos no pomo, mas um balaço acertou em cheio seu peito fazendo com que desviasse alguns centímetros de Denis.

Já se passava meia hora do início da partida.

– Harry se recuperou com força total, passando adiante de Denis e seguido atrás da bolinha... digo... do pomo de ouro.

O vento forte sussurrava no ouvido de Harry, que estava nas alturas, cortando nuvens após nuvens.

– Cento e vinte á cem para Sonserina! Mas parece que... que Harry encostou... fechou a mão e.... será que Harry pegou o pomo?

Harry descia vagarosamente alguns metros com a mão extremamente fechada.

– GRIFINÓRIA VENCE!!!!!! — Disse Padma pulando e gritando ao ver Harry abri a mão com a bolinha amarela se contorcendo dentro.

Uma multidão gritava e aplaudia refrões de elogios e animação.

Harry voltou ao chão em meio aos sorrisos da equipe. Foi um jogo rápido, mas deu para amenizar a saudade. Com muito ruído, entre aplausos e vaias, encontraram Hagrid, Hermione e outros colegas em meio à multidão. Hagrid pegou

Harry e o levou aos ombros, abandonando o campo junto com os alunos que vibravam. Harry gritou para os colegas:

– Neville! Mione! Vamos para o salão comunal! Quero falar com vocês antes do jantar!

– Certo! Nos encontramos lá! — Gritaram os dois, sendo empurrados pela massa de alunos.

– Hagrid, pode me colocar no chão, agora! — Harry sentia-se como um bebê de colo nos ombros do professor.

– Oh, ho... Certo, Harry, esqueci que você ainda estava aí em cima.

– Você vai fazer algo mais tarde, Hagrid? Podemos nos encontrar com você? — Perguntou Harry descendo dos ombros de Hagrid e passando por alunas que faziam piadinhas de elogio.

– Claro! Eu estava esperando para lhe ver! Vou preparar uns biscoitos e...

– Não! Er... Não se incomode, Hagrid! Não queremos lhe dar trabalho... — Harry lembrou que quase partiu os dentes ao meio com os últimos biscoitos do seu amigo — Estava pensando em dar um pulo em Hogsmeade antes de anoitecer, para tomar uma cerveja quem sabe. Queria que você nos acompanhasse. É caminho, passaremos na sua cabana quando estivermos indo.

Hagrid concordou com a cabeça, positivamente. Harry correu para o salão comunal para se juntar aos colegas. Ao chegar, viu Rony assediado por uma roda de garotas, incluindo Romilda Vance, que no ano anterior tentara oferecer bolos de caldeirão com Amortentia para Harry.

“Espero que ele não tenha aceitado nada delas.” , pensou.

Então viu uma fúria de cabelos crespos descendo a escadaria das meninas que cortou o grupo de garotas como uma adaga. Parou em frente á Rony, que estava tão perplexo quanto as garotas:

O Mistério do Ueu Negro

– Demorei muito? Estou pronta! — Ao que Rony continuava paralisado de boca aberta não acreditando no que via, Hermione sorriu. Harry olhava divertido Rony sair do transe e beijar Hermione no meio do grupo de garotas, quando duas mãos quentes taparam seus olhos. Ele não precisava adivinhar. Virou-se e beijou Gina longamente. Depois disse, com um sussurro constrangido.

– Temos que dar um jeito de separar aqueles dois e nos aprontar. — Somente Neville e Hermione estavam prontos...

– Neville! Neville, por favor, venha cá... — O garoto trajando roupas de trouxa aproximou-se. — Pode convidar Luna e profa. Minerva para nos acompanhar à Hogsmeade? Seja discreto, não queremos ser vistos.

Neville olhou para o casal e virou-se para Rony e Hermione, que continuavam atracados, ignorando os olhares de desgosto do grupo de meninas ao canto. Virou-se para Harry e Gina novamente respondeu, numa ironia divertida:

– Não se preocupem.

Os alunos estavam comemorando em uma multidão deixando Douglas Wisner abatido a um canto com dois meninos capatazes que pareciam muito com Crabbe e Goyle.

Em todos os lados garotos gritavam “Grifinória” “Harry é de mais” fazendo com que Harry se sentisse cada vez melhor e mais agradável, gostava muito de estar em Hogwarts e esquecer por alguns dias das Horcruxes e de Voldemort.

Obliviadores de JK
— 33º Capítulo —
o O OUTRO o

O céu estava meio escuro, mas o sol ainda brilhava no horizonte quando Neville, Gina, Hermione, Luna, Rony e Harry se dirigiam à cabana nova de Hagrid, onde Bicuço brigava ríspido com Resfina na horta de abóboras.

Harry adiantou a bater na porta da cabana.

— Oi, Harry... — Hagrid levou um susto ao ver a quantidade de jovens que estavam a sua porta. — Entrem, entrem!

— Não... temos que ir, a Mc... Profa. Minerva vai nós encontra no cabeça de Javali! — Exclamou Harry fazendo um “tour” com o olho na veste nova de Hagrid.

— Ah, Harry, é só uma capa que ganhei da... da Maxine, você sabe, hem!?

— Certo, certo. — Todos riam. — Mas vamos!

Rony abraçava Hermione, o mesmo fazia Harry e Gina, deixando Neville e Luna conversando constrangidos com Hagrid no caminho.

Não foi difícil passar dos portões de entrada com Hagrid acompanhando-os. Uma caminhada fresca e suave da tarde os levava em direção a Hogsmeade ao cabeça de Javali, onde as portas estavam abertas e empoeiradas.

Três únicas pessoas além do barman alto, magro e eficaz no balcão, estavam sentados a uma mesa mais ao lado do bar, fazendo com que o grupinho que acabava de chegar fossem para mais aos fundos.

— Por favor... — O barman limpando uma bela faca prateada olhou para Harry e perguntou o que queriam usando um sinal. — Uma, duas, três... sete cervejas amanteigadas.

O Mistério do Ueu Negro

– Não, não! Prefiro Whisky caramelado! — Disse Hagrid sentando em duas cadeiras ao mesmo tempo.

O rapaz com aparência muito velha e de capa preta, levou as bebidas até a mesa deixando escapar um corte em um dos dedos e tapando rapidamente.

– Mas alguma coisa? — Perguntou com sua voz aguda e suave.

– Não obrigado!

– Que cara mais estranho, não?! — Exclamou Rony quando o barman entrou atrás do balcão e voltou a limpar sua faca.

– Ele parece com alguém, mas não consigo lembra quem! — Exclamou Hermione olhando novamente para o rapaz!

Hagrid deu um arroteo estrondoso ao engoli um gole de Whisky, o bafo do meio-gigante fez com que os garotos tapassem o nariz.

– Cada vez melhor, hein, Rubio!? — McGonagall se aproximava da mesinha rodeada de pessoas.

– Que nada, Minerva!

– Sim, Harry qual a urgência em me chamar para uma conversa? Creio que seja uma reunião. — Minerva com seu chapéu cúbico cumprimentou todos na mesa.

O silêncio se pairou, nem mesmo Hermione sabia por que Harry queria fazer uma reunião em Hogsmeade em plena segunda.

– É... é sobre algo que me chateia muito... — Harry mirou a garrafa na boca e continuou. — ...Voldemort... creio que já sabe de minha procura a suas almas.

Rony e Hermione franziram a testa enquanto Luna e Neville abriram à boca.

– Como você pode saber disso Harry? — Perguntou Minerva se acomodando em uma das cadeiras de madeira.

– Draco, Malfoy me contou que Voldemort estava conversando com Snape... que o Lord estava desconfiado... desconfiado que Dumbledore estivesse procurando as Horcruxes dele.

– Mas, mas Dumbledore faleceu e Você — sabe — quem...

– É, mais Snape agora sabe que eu procuro as Horcruxes, ele sabe do globo negro que peguei na casa dos gritos, e com certeza já deve saber também que estive no orfanato e já destruir a Horcrux.

Luna estava pálida, Neville pasmo e Hagrid dera outro arroto.

– Pelas minhas contas e de Dumbledore, só resta uma alma, que pelo que Draco me falou, é Nagine, a cobra de Voldemort...

– Mais como poderemos destruir...

– Eu destruirei esta Horcrux como qualquer outra. — A primeira palavra de Harry saiu com maior ênfase, deixando Minerva ainda mais enrugada.

– Suponho que sim!

– Voldemort não esperará mais para atacar, isso eu sei! — Harry deixava-os ainda mais pasmo.

– Harry você tem que se cuidar, não quero que... que... se vá para sempre! — Disse Gina chorando.

– Não, acho que não morrei antes de matar VOLDEMORT!

A feição de mais ninguém estava firme, só a do Barman que agora limpava uma bacia brilhante muito bonita.

– Neville, acho que não é o momento certo para dizer-lhe isso, mas não gostaria que alguém escondesse algo assim de me...

– O que... — Perguntou o garoto prendendo-se debaixo da mesa, esperando algo que o eliminasse de vista.

O Mistério do Ueu Negro

– Você seria a segunda opção, a profecia, você poderia esta com essa cicatriz... — Harry levantou o cabelo sujo com a mão e deixou a cicatriz exposta. — ...você poderia ser o “escolhido”.

McGonagall surpreendeu-se com a afirmação deixando um lenço preto a sua mão cair.

– Que...? — Neville não entendia nada do que Harry dizia, assim também aparentava Gina e Luna.

– Você... Voldemort não escutou a profecia inteira e foi logo procurando um menino que tivesse nascido naquela noite... — Harry pensou um pouco. — ... e os únicos bruxos que nasceram naquela noite... fui eu e você.

Neville deixava o olho ainda mais arregalado e sua mão estava tremula.

– Você quer dizer, se não fosse... você o escolhido... seria eu?

– Isso.

– Não exatamente se fosse o Harry... — Disse Hermione chamando a atenção da conversa para ela. — ...Aquele-que-não-deve-ser-nomeado tinha uma inveja tremenda de Tiago, por ser rico e ter tudo que queria, ai com certeza juntou sua sina por Thiago e a profecia, deu no que deu...

Harry pensou no recorte de jornal e figuras e confirmou com a cabeça.

– Com licença, eu estava escutando a conversa de vocês... — O barman puxou uma orelha-extensível do bolso.

– Como ousa... será comunicado ao ministério da magia... — McGonagall não deu mais uma palavra quando o bruxo olhou fixamente para ela. — ...Ähn, e quem é você?

– Vamos lá em cima ao quartinho que lhes conto tudo, tem muita gente aqui. — Agora o Barman passava o olho na mesa onde havia três bruxos com capuz.

Todos se hesitaram, mas logo Minerva e Hagrid levantaram fazendo com que os garotos repetissem o mesmo.

– Hagrid, creio que poderá dar uma olhadinha no bar enquanto converso com seus amigos, não?

Hagrid um pouco nervoso aceitou com um gesto e se sentou novamente.

Todos andaram o centro do bar até subirem à velha escada que dava a uma porta ainda mais velha.

– Aqui! Entrem. — O bruxo abriu a porta e trancou depois que todos haviam entrado. — Sentem! — Havia várias cadeiras do lado de uma cama bem cuidada e cheirosa.

Depois que todos estavam devidamente acomodados o rapaz começou a andar pelo quarto deixando todos ainda mais ansiosos.

– Sou Aberforth Dumbledore, irmão de Alvo Dumbledore...

– Quê? — Minerva não se controlou na pergunta, enquanto os outros ficaram imóveis, congelados pela surpresa.

– É, sou o irmão de Alvo, e trabalhava para o ministério, mas me aposentei e resolvi ajudar o Régulos Black, irmão do seu padrinho, Harry, ele era um comensal e se arrependeu por descobrir que Voldemort havia feito Horcruxes, creio que você saiba muito bem o que é uma Horcrux, não é mesmo? — Aberforth continuou com o sinal positivo de Harry. — Então antes que Voldemort conseguisse matar Régulos, ele me contou que existiam as Horcruxes e que até já havia destruído uma, o colar de Slytherin.

O bruxo direcionou-se a um armário quebrado e obscuro ao canto do quarto e retirou uma caixa repleta de feitiço.

– Essa caixa... essa caixa não é aquela que... estava — Harry tentara falar mais gaguejava.

– É sim, Mundugus pegou para me, afinal ele quem vem conseguindo artefatos e objetos que podem me ajudar,

O Mistério do Ueu Negro

lembra do ano passado em que você o encontrou com várias coisas da casa de Sirius.

– Lembro sim!

– Eu que pedi a ele que me trouxesse essa caixa, mas ele não soube distinguir e trouxe vários objetos que não precisava.

– Mundugus está trabalhando para você?

– Não exatamente, Mundugus não é confiável, eu dou alguns galeões a ele a cada tarefa que eu preciso da sua ajuda, até mesmo naquela luta desnecessária na rua dos trouxas, eu que mandei Mundugus comprar o conjunto de prata, e causou toda aquela confusão. Aquele homem que apareceu rapidamente depois da luta fui eu, precisava do conjunto que Mundugus não conseguiu pegar, e aproveitei para obter unha e pelo de Lobisomem, algo que é muito raro e necessário em algumas poções de defesa.

– Então o bilhete foi você quem deixou?!

– Foi, Harry!

Minerva e os outros só escutavam atentos à conversa. Aberforth dizendo algo mentalmente abriu a caixa que brilhou.

– Aqui está o colar, mas não contém alma alguma. — O bruxo retirou a peça que deixava os olhos de Luna e Neville hipnotizados. — Régulos fez o favor de destruí-la.

– Nossa! — Exclamou Rony segurando a mão de Gina e Hermione.

– Do jeito que escutei vocês lá em baixo, só resta aquela cobra né? — Perguntou o Bruxo mexendo o bolso da capa com a mão.

– É sim, eu destruí o diário de Riddle há cinco anos atrás e Alvo destruiu o anel de Slytherin. — Harry olhou para Rony e Hermione. — E nesse ano eu o Rony a Hermione e com a ajuda da Gina destruímos a taça de Ruffepuffe, o talismã de minha mãe... — Ele pensou um pouco. — ... descendente de Grinffindor, e agora esse colar que já está destruído.

– Muito, muito bom! — Disse Aberforth retirando a varinha prateada, comprida e com uma ondulação na base, que mais parecia uma adaga sem fio de dentro da capa.

– Nossa! — Agora quem exclamava era Neville ao olhar a varinha.

– Mundugus que lhe arrumou a varinha também? — Minerva estava pálida ao perguntar.

– Não, não, isso é outra historia interessante. — O Bruxo lacrou a caixa novamente guardando o colar no armário. — Sabe o Olivaras, dono da loja de varinhas no Beco Diagonal?

Harry e os outros balançaram a cabeça positivamente.

– Esse sim esta trabalhando para me, ano passado fui ao Beco Diagonal procurá-lo e oferecer segurança em troca de uma varinha de prata e muito eficiente.

– Por isso pensamos que ele tinha fugido. — Disse Rony perplexo.

– Quem fugiu foi o floreal estava com medo que Voldemort fizesse uma visitinha a sua sorveteria, mas Olivaras ficou e aceitou na mesma hora minha proposta, hoje ele esta trabalhando em Londres em uma loja de brinquedos, ninguém sabe, a não ser eu e vocês agora. — O barman descansou sua mão na cabeceira da cadeira e continuou. — Imagino que nenhum de vocês tenha ouvido falar de mim, exceto Minerva, digo, profa. McGonagall.

– Pode me chamar de Minerva. Era o tratamento que recebia de Alvo... — Minerva pensou e decidiu não completar o nome do diretor. — Bem, eu já ouvi, já vi, para falar a verdade... Moody mostrou-me uma foto da antiga Ordem da Fênix.

– Ah, o aurore jovem, aquele sujeito esquisito. Harry se esforçou para não rir. Fora exatamente o que Moody dissera sobre o irmão de Dumbledore. Harry teve vontade de

O Mistério do Ueu Negro

perguntar sobre o incidente com o bode, mas achou melhor ficar quieto. Aberforth, com um sorriso, continuou:

– Temo que este incidente tenha sido o meu feito mais famoso, acrescentou num sorriso olhando diretamente para Harry, que estava pálido. Mas em outro momento dou a explicação que ele merece. Foi uma história interessante, essa do bode.

– Mas então foi o senhor quem envenenou o sujeito no ministério? Estivemos pesquisando, com a ajuda da professora Sprout e de Longbotton... — E o olhar de Aberforth saiu de Harry e caiu severamente sobre Neville.

– Sim, fui eu. Nada sério. Oh, sim, sim, chifres de Erumpente é sério, mas enviei um antídoto para o homem, que é dado a tratamentos alternativos. Pesquisaram, foi? E o que encontraram? (o bruxo parecia curioso em saber)

– Bem, não muita coisa, sabe... Não há muitos registros acerca destas substâncias... — Explicava-se McGonagall.

– Com licença, professora Minerva... — O tímido Neville a interrompeu. — Eu juntei alguns artigos antigos de bruxos não licenciados, e neles havia muitas menções ao sangue de dragão, chifres de erumpente, e outros animais combinados a ervas e plantas. Pedi a ajuda do professor Slughorn e consegui descobrir que existe um meio indetectável para fechar a mente, se acrescentarmos à poção raspas de casco de caranguejo, aplicadas a feitiços obliviadores. E outras coisas também, como escudo império, poção Morphulatenum e uma tal de... poção trono... — essa última ele acrescentou baixinho.

Minerva não disse nada. Somente olhava estupefata para o rapaz, que não era capaz de transfigurar uma lesma e havia aprendido coisas que ela julgava impossível a um garoto de dezessete anos.

– O que diabos é isso que você falou, Neville?! — Perguntou Rony.

– Bem, o escudo Império é um contra-feitiço complexo para algumas maldições. Imperius e Cruciatus, por exemplo. A Morphilatenum, a que eu mais gostei. — Acrescentou corando. — É uma poção de autotransfiguração. Semelhante a polissuco, mas com a diferença que você pode se transformar como quiser e dura mais que 24 horas. Para pessoas que não são metamorfos ou animagos, como Tonks e professora Minerva, ou que não conseguem transfigurar direito, como eu. A de fechar a mente eu consegui reproduzir com o prof. Slughorn, mas não testamos. E a trono, eu não entendi muito bem para quê serve...

– A Trono? A trono permite que você lance feitiços simultâneos não-verbais. É uma poção que confere muito poder a um bruxo experiente, mas poderia ser desastrosa e muito perigosa se usada por um bruxo iniciante, principalmente para ele mesmo! De qualquer forma, pouco importa, porque até hoje ninguém conseguiu o ingrediente principal, um licor. Ninguém nunca conseguiu extrair licor do tal bambu dinamarquês, aquilo é mais seco do que pedra! — Exclamou McGonagall, empertigando-se.

– Professora, Fred e Jorge conseguiram. Eu... Digo, nós vimos.

– Vocês?... — McGonagall e Aberforth exclamaram juntos, Aberforth já não sorrindo mais, perplexo.

– Estou impressionado. Bruxos renomados não conseguiram, e minha poção não foi licenciada, por julgarem-na impossível, embora tivessem visto seus efeitos. Longbotton, lamento sinceramente por seus pais. Você herdou o brilhantismo deles, pelo que estou vendo. — Neville estava roxo. — Você disse que conseguiu reproduzir a Memória, mas não chegou a testá-la. Entendo o porquê. Se ainda tiver um frasco com ela, saberei se está certa pela coloração, é cristalina com reflexo lilás, e forma uma névoa na superfície do líquido.

O Mistério do Ueu Negro

– Eu acertei!!! — Gritou Neville. — Eu acertei a poção! É assim mesmo, não falava de névoa e eu achei que estava estragada, mas guardei assim mesmo!

– Parabéns, Neville! — Todos assentiram animados.

– E a jovem Weasley e essa outra moça, não nos apresentamos...

– Gina achou um Horcrux para mim, e Luna... no ministério...

– Luna conseguiu os artigos não-licenciados. — Interrompeu Neville. — Ela é da Corvinal, nós da Grifinória.

– Éramos da mesma casa, então Luna. Eu também fui da Corvinal, e Alvo foi da Grifinória. Não sei por que mamãe pôs o nome dele de Alvo. Ele era ruivo, e o branco era eu. — Comentou animado.

– Neville... — Interpelou Hermione. — Como você conseguiu as raspas do casco de Caranguejo-de-fogo? É um artigo não-comercializável.

Neville se desconcertou, mas achou melhor dizer a verdade. Com remorso, disse baixinho:

– O professor Slughorn tinha uma caixinha... Era um pouco de poeira que não cobriria um galeão...

– Ah, eu posso explicar isso, meu estoque de rabo de unicórnio havia acabado e meu fornecedor o havia "cedido" à Slughorn, pelo que soube, então troquei essa "especiaria" por algumas mechas. — Harry se ajeitou na cadeira. Lembrava bem do ocorrido, na noite em que conseguiu a memória de Slug para Dumbledore. Havia tanto que perguntar sobre o Diretor, agora ele entendia o que ele quisera dizer sobre ter um bom-relacionamento com os donos de bares locais... Mas havia assuntos da Ordem mais urgentes, e o tempo estava passando.

– Sr. Aberforth... — Indagou Harry movendo-se mais para frete da cadeira. — O Olivaras... creio que eu precisasse trocar minha varinha. E você disse que trabalhava no Ministério? Moody dissera que lhe viu uma única vez...

– Ah, Priori Incantatem! Creio que não precisará trocar sua varinha. Depois falaremos disso. E o auror nunca me viu porque eu era um Inominável. Eu estava preste a desvendar um mistério insondável, quando decidi abandonar. Não havia ninguém apto a dar continuidade, então não divulguei meus estudos. Até ouvir falar de sua mãe, Potter. Mas, infelizmente, não deu tempo. Agora creio que já ficamos tempo demais aqui em cima. Entraremos em contato logo, eu presumo. Foi um prazer conversar com vocês. — E sem mais palavras o Barman irmão de Alvo, saiu encostando de leve a porta.

– Pelo visto, terei que ficar por aqui um tempo, professora Minerva...

Os olhos de Gina brilharam felizes ao saber que seu namora ficaria por perto mais alguns dias.

Depois de alguns minutos todos saíram do transe que Aberforth havia deixado com suas palavras e voltaram para o térreo onde a atmosfera fria e sombria continuava junto aos três homens de capuz e ao Barman que já estava lavando os copos.

– onde está o Hagrid. — Perguntou Luna ainda um pouco desconcertada.

– Deve ser aquele enorme poste ali na frente do bar. — Rony apontou com o dedo para uma figura enorme que estava escorada do lado de fora do bar conversando com uma moça.

Ao passar pelo balcão Harry deixou uma piscadela para o barman juntamente com alguns galeões para pagar as cervejas e o whisky que haviam consumido.

Harry! Olá, pessoal, como vão todos? — Tonks estava linda, penteada e carregava uma flor no bolso esquerdo da veste.

— Estamos bem, ah, Tonks acabamos de descobrir algo que nem mesmo toda a ordem pode saber! — McGonagall falava em sussurros na porta do Cabeça de Javali.

— Então acho melhor irmos a um lugar mais seguro! — Exclamou a bela moça pegando a mão de Gina, Luna e Hermione e cumprimentando-as.

— Vamos para Hogwarts, afinal já esta noite! — Minerva saiu andando na companhia de Tonks e Hagrid, enquanto Gina e Harry beijavam-se na brisa da noite em direção a Hogwarts. Rony e Hermione estavam abraçados deixando Neville e Luna em uma situação de constrangimento.

— Anda, vai, vai... — Disse Rony baixinho perto de Neville, Hermione riu delicadamente.

Nevile olhou pensativo e tímido para Luna e voltou o olhar para Rony e Hermione que não se desgrudavam.

— Você esta perdendo tempo, anda... — Agora quem aconselhava Neville era Hermione que deu um pequeno beijo em Rony e riu.

Nevile olhou novamente para Luna que estava se contorcendo de frio e com um olhar tímido, aproximou-se mais um pouco, enfiou a mão entre os dedos da garota e não á olhou, deixando ela ainda mais desconcertada. Essa façanha fez com que Gina e Harry parassem de se beijar e olhasse o constrangimento de Luna e Neville dados à mão.

As entranhas de Neville se debatiam mais que o bicho preso no corpo de Harry no ano anterior quando Gina passava por ele.

– Você ta... ta... está com frio? — Perguntou um Neville tímido e sem graça.

– Muito!

Passaram-se alguns minutos onde já dava para ver os portões enferrujados de Hogwarts para que Neville abrisse novamente a boca:

– Acho que... é que... Estamos chegando!

– É!

Eles ainda não haviam se encarado, olhavam para o chão como se procurassem algo muito valioso.

– Como você... se saiu no NOM's ano passado? — Neville retorcia sua mente atrás de perguntas úteis, mas não achava.

– Bem!

As respostas rápidas e diretas de Luna deixavam o garoto ainda mais constrangido, fazendo os outros dois casais rirem em silêncio.

Uma tomada de ar frio fez Luna e Neville se abraçarem sem perceber, pela primeira vez os olhos verdes se encontravam em meio à escuridão, algo que fez o casal parar de andar e ficar imóvel.

– É... que...

Neville não conseguiu falar mais nada, sua boca foi calada pelos lábios secos e gelado de Luna que tomara a iniciativa.

– Vamos! — Gritou Harry para o casal ali parado a uns dez metros de distancia, fazendo o trio que andava conversando na frente olhar para trás e logo continuar a andar novamente.

O resto do caminho foi tranquilo, Neville abraçava Luna ainda meio constrangido, Gina beijava Harry a cada dez segundos e Hermione sussurrava coisas no ouvido de Rony.

– Creio que queiram dormi em garotos? — Perguntou Minerva ao topo da escada de mármore. — Pode ir Harry, eu conto tudo para Tonks não se preocupe.

O Mistério do Ueu Negro

– Certo, Boa noite a todos.

– Boa noite para vocês também! — Disseram Tonks e Minerva — Hagrid já havia ficado em sua nova cabana.

Todos os garotos subiram sem pressa a escada da torre e Luna se separou de Neville e dos outros no corredor que levava ao salão comunal da Corvinal.

O constrangimento de Neville aumentara até o movimentado salão comunal, onde pessoas ainda comemoravam a partida de Quadribol.

Estavam tão esgotados que foram direto para os dormitórios — Harry atrasado por garotos dando lhe parabéns.

Quando conseguiu subir, Rony já estava atirado sobre a cama e Neville olhava petrificado para o teto, nem se mexia. Harry não o interrompeu, e vestiu seu pijama silenciosamente.

Crack!

– Dobby! Que susto!

– Te... tem alguém com você aí, Harry? — Neville saíra do transe e fora dormir.

Harry afastou de leve a cortina e o acalmou:

– Sim, é só o Dobby. Sim... a que devo a visita? — Perguntou animado.

– A Diretora Minerva pediu que eu avisasse Harry Potter, senhor. Ela gostaria de encontrar com Harry Potter e seus amigos na sala dela para o café da manhã.

– Ah, certo. Pode avisar que iremos, mas eu não tenho como avisar Luna Lovegood, da Corvinal...

– Certo, Senhor deixei antes uma carta da Diretora para a Srta. Lovegood na sala comunal da Corvinal. O Senhor vai ficar em Hogwarts?

– Por alguns dias, Dobby... Algum tempo. Boa Noite...

– Boa noite, Senhor Potter! Se precisar de Dobby, é só chamar.

Harry agradeceu com um sorriso, deitou-se, mas mesmo cansado ficou ali pensativo.

A noite passava-se estranhamente calma. Harry não conseguia adormecer e, por isso, levantou-se sorrateiramente em direção ao peitoril da janela.

"O que será que a professora McGonagall quer falar?", pensou.

Respirou o ar puro da noite e tentou esvaziar a mente. Trabalho árduo, principalmente depois de ter avistado alguma coisa de tamanho enorme caminhando entre as folhagens da Floresta Proibida.

"Besteiras... deve ser o Grope...", consolou-se. Por fim, resolveu voltar para sua cama e refletir sobre suas próximas ações para o dia seguinte.

Em uma menção de segundos Harry encontrou-se em uma sala com várias portas que começaram a girar rapidamente, as enormes e velhas portas que aparentavam ser a sala do ministério pararam, ele um pouco nervoso e com medo tentou abrir a porta que ficou a sua frente e que emanava uma luz brilhante. A maçaneta estava firme e gelada.

Sem conseguir de alguma forma abri-la, Harry sentiu que algumas mãos foram postas em seu ombro e quando ele se virou para ver seus donos ele acordou e viu Rony de pé ao lado de sua cama com a mão posta em seu ombro lhe chamando:

– Harry você está bem cara? O que aconteceu você parecia estar tento alucinações?

– Rony que horas são?

– Não sei cara, por quê?

– Temos que chamar a Mione e a Gina e ir para sala da Prof. McGonagall.

– Para quê?

– Não sei, também estou curioso. Onde está o Neville?

– Ele desceu agora pouco, estava dançando feito louco.

– Dançando?! — Harry riu junto a Rony, Neville adorava dançar em seus momentos românticos.

O Mistério do Ueu Negro

Harry e Rony puseram as vestis da Grifinória e foram para o salão calmo e vazio, exceto por Romilda Vance e três colegas que Harry só vira de vista.

– Justo agora a Hermione demora no dormitório?! — Exclamou Harry olhando para Romilda. — Fique aqui, Rony.

Harry deu alguns passos em direção à menina que havia lhe dado poção do amor, estava pronto para pedir que a menina fosse chamar Gina e Hermione.

– Harry meu amor! Bom dia! — Gritou Gina ainda em cima da escada fazendo o grupinho de meninas olharem com nojo.

– Estava mesmo querendo ver você, onde está a Mione... — Harry calou-se a ver Hermione aparecer atrás de Gina descendo a escada. — McGonagall pediu para que forcemos tomar café da manhã com ela hoje, o Dobby que me disse. — Harry adiantou-se ao olhar de Hermione.

– Ah, então vamos logo estou morta de fome! — Disse Gina envergonhando Harry diante das admiradoras.

Os garotos passaram pelo quadro da mulher gorda e saíram caminhando em direção ao salão principal, onde havia poucas pessoas nas mesas das casas.

– Harry, Minerva mandou buscá-lo... — O Filch magro e velho estava ainda mais magro e mais velho carregava madame nora em um dos braços e uma bengala castanho chumaço na outra mão.

– Onde ela esta? — Perguntou Harry animado.

– Na sala reservada de reuniões, junto ao Longbotton e a Lovegood... — Filch deixou sua feição ainda mais deprimente ao falar o nome dos alunos. — ...acho que estão tendo um caso!

Hermione e Rony quiseram rir mais disfarçaram e foram andando com Filch a uma sala que ficava atrás da mesa dos professores onde só Bins e Trelawney estavam sentados. Harry já havia entrado naquele lugar no seu quarto ano quando

tinha sido sorteado pelo cálice, mas a sala estava super limpa e havia uma mesa parecida com a da casa dos Weasleys bem ao centro com três pessoas ocupando a ponta do móvel, quadros de bruxos consagrados movia-se nas paredes, o que mais chamava a atenção de Harry era a fartura de comida que estava sobre a mesa.

– Estão aqui, Senhora!

– Obrigado, Filch!

– Mais alguma coisa, Senhora?

– Não, obrigado. — Filch saiu arrastando uma das pernas pela sala e desapareceu. — Sentem-se!

Os garotos se acomodaram nas cadeiras acolchoadas e macias satisfazendo já o olhar com o banquete.

– E a Tonks Senhora? — Perguntou Harry lembrando que Tonks havia ficado em Hogwarts naquela noite.

– Ah, Lupin foi levá-la ontem à noite ao Três Vassouras, não podemos vacilar deixando a retaguarda de Hogwarts sem proteção!

– Sei, sei...

– Mais chamei vocês aqui essa manha para comemorarmos o feito inédito de ontem. — Minerva deixou seu sorriso amarelo se esvaír pelo rosto. — Ontem à noite quando estava contando a Tonks e ao Lupin, o quadro de Dumbledore também estava presente, ele falou que Aberforth era uma grande pessoa, que podíamos confiar absurdos nele.

– Dumbledore sabia que o irmão estava vivo? — Perguntou Hermione bebendo um gole de suco amanteigado.

– Sim, sabia...

– Mais porque Dumbledore não contou ao Harry...

– Ah, Hermione, Dumbledore não ia contar assim o segredo do irmão, não é?

– Isso mesmo Ronald, ele não contou a ninguém, queria absoluto segredo, até porque ele tinha uma rixa com o irmão, eram de opiniões diferentes e só conversavam raramente...

O Mistério do Ueu Negro

– E a respeito das Horcruxes, por que então Dumbledore foi atrás do medalhão se sabia que...

– É, Harry, Aberforth não confiava todos os seus segredos ao irmão, ele já mas contou a Alvo que estava atrás das Horcruxes, e que sabia que uma já fora destruída, e assim também fez Alvo, ele não contou que estava procurando as Horcruxes com você, queria achá-las secretamente.

– Então Dumbledore e Aberforth não se gostam? — Perguntou Luna desconcertada olhando para Neville sorridente.

– Não que seja isso, mas Alvo não era pleno de certeza que Aberforth era totalmente do bem, Aberforth já fez muitas coisas que beneficia as Trevas que Alvo discordava...

– As trevas? — Perguntou Neville espantado. — Ele me parecia super do bem...

– Não julgamos uma pessoa pela aparência Longbortton, você deveria saber! — Exclamou Minerva olhando de Luna para Neville. — Chega de comentários, viemos aqui para comemorar e tomar esse belo café da manhã, então sirva-se.

Rony já se encontrava com uma costela de galinha entre os dentes, Hermione e Luna bebiam delicadamente o suco, enquanto Minerva e Neville deliciavam-se nos macarrões enrolados.

Harry achava ridículo receber bolinhos de chuva na boca por Gina, mas aceitava para não á magoar.

Aquele início de manhã estava perfeito, alegria, amigos, amor, tudo que Harry precisava para esquecer Snape, Bellatrix ou Voldemort por alguns minutos. Brindes eram dados em homenagens especiais e normais, os quadros nas paredes aplaudiam e sussurravam a cada declaração feita por Harry.

– Meninos... — McGonagall dirigiu o olhar para Neville, Luna e Gina. — Seus horários... não podem...

– Ah, sim! — Exclamou Luna levantando-se da mesa puxando Neville. — Vamos Gina, Poções agora!

Nevile saiu tropeçando no tapete correndo atrás de Luna e Gina que iam de pressa para seu primeiro horário que seria com Slughorn.

– Acho que já vamos também Professora... — Disse Harry levantando-se. O mesmo fizeram Hermione e Rony que ainda segurava um bolinho na mão. — Temos que resolver uns assuntos.

– Sim, Harry, foi uma ótima manha! — Exclamou Minerva apertando a mão dos garotos fortemente.

– Até mais!

Harry, Rony e Hermione saíram da sala da prof. Minerva e foram para o salão da Grifinória onde poderiam conversar com mais privacidade, pois todos agora deveriam estar em aula.

Ao continuarem o caminho Harry percebeu uma coruja piando no assoalho da janela com um pergaminho pendurado na perna.

– De quem será isso? — Questionou Hermione.

– Kim. — Leu Harry.

Harry,

Rufo está nesse momento em Londres, aproveite essa oportunidade para poder ir ao ministério... Tente descobrir como abrir aquela porta.

Atenciosamente,

Kim Shacklebolt

P.S.: Cuide-se, estou esperando na cabine.

– Então é isso. — Disse Harry. — Chegou a hora!

– É, Harry. — Rony encarou Hermione. — Mas como iremos abrir aquela porta?

– Isso está resolvido Rony, preciso de vocês dois comigo, certo?

– Claro, claro!!! — Responderam os amigos excitados.

O Mistério do Ueu Negro

– Vamos agora mesmo!

Harry, Rony e Hermione voltaram correndo ao salão principal e pediu que Minerva abrisse o portão para eles pudessem resolver um assunto em Hogsmeade, à diretora rapidamente chamou Hagrid que seguiu os garotos até a entrada do castelo e destrancou o portão deixando o trio sair afoito e aparatar logo em seguida.

Ali estava o auror magro e de feições alegres na porta da cabine, ansioso, esperando os garotos.

– As corujas de hoje são bem mais eficazes? — Riu Kim cumprimentando eles.

– É, mas vamos logo...

– Ah sim, Harry... vamos!

Entraram na cabine tiraram as fichas da máquina e desceram o elevador até o andar onde ficava a sala das portas.

Passaram por alguns aurores, mas com a presença de Shackbolt ninguém os interrogava. A fonte estava ainda mais brilhosa e linda que nunca. Entraram em um corredor e viram Dippet tirando um cochilo na cadeira de repouso do quadro e caminharam lentamente.

– Aqui, Harry! — Kim parou e abriu a porta que dava de frente a sala redonda e repleta de portas. — Entrem, ficarei aqui vigiando.

– Certo... e obrigado.

– Disponha, Harry, seja rápido!

– Certo!

Harry, Rony e Hermione entraram na porta que foi logo fechada, sedo marcada com um “x” de fogo vindo da varinha de Hermione.

Os garotos chegaram ao meio do salão e viram-se rodeados por portas. Analisaram cada uma minuciosamente, deixando seus olhos pularem a que já estava marcada com um "X". Todas eram absolutamente iguais, e neste instante começaram a rodar.

– Ah, droga, será como da última vez, arriscaremos uma a uma até encontrar a porta certa.

– Não, Rony... — Elucidou Hermione.

– Tem algum plano, Hermione? — Indagou Harry, e ao fitar a expressão da garota sentiu-se como se tivesse dado um gole na Felix Felicis.

– Já viemos aqui antes, certo? — Começou ela.

– Sim, e daí? — Foi a vez de Rony interrogar.

– Já marcamos as portas que não nos servem mais...

– Exatamente, Harry. — Disse Hermione. — Tudo o que precisamos fazer, é lançar um feitiço parecido com o Prior Incatatem nas portas, para elas revelarem os mais recentes feitiços lançados. E cá entre nós, não é todo dia que chega um bruxo aqui e marca um "X" nelas...

– Genial... mas você conhece algum feitiço do tipo, Mione? — Perguntou Harry.

– Oras, vocês deveriam visitar mais vezes a biblioteca... é claro que conheço um feitiço.

Hermione olhou para os colegas hasteou a varinha:

– Divulguios...

A flama verde saiu pairando os reflexos sobre as portas que rapidamente apareceram X's em duas na esquerda e uma à sua frente.

– Agora nos resta essas quatro... — Disse Rony olhando pras portas não marcadas.

Harry, sem palavras, adiantou-se para a porta a seu lado e tentou girar a fechadura sem êxito.

– Xeque-mate! — Disse Harry percebendo que aquela era a porta.

– Então abre, Harry! — Disse Rony olhando para o amigo. — Você disse que sabia!

– Realmente sei, e são vocês dois que vão fazer isso!

– Quê? — Perguntou Hermione e Rony deixando a testa e os olhos faiscando de medo.

O Mistério do Ueu Negro

– São vocês que irão abrir... devem apenas usar o amor... o amor de vocês abrirá a porta. — Harry deu um riso ao olhar a cara de Hermione vermelha e suada. — Andem!

Os garotos se olharam e andaram vagarosamente ao alcance da porta tocaram a fechadura, um de cada vez. Nada.

– Claro que assim não irá abrir! Vocês têm que usar o amor... o amor de dentro de vocês... o amor que um sente pelo outro!

Hermione encarou Rony e começou a chorar, ele não entendeu nada da situação e logo ficou nervoso e trêmulo, era a chance deles mostrarem para Harry que podiam ajudá-lo.

– Hermione, não considere tudo o que nos aconteceu apenas curtição... Eu te amo, sempre te amei, mas não conseguia admitir... — Rony falou sem mesmo perceber que sua boca se mexia.

– Eu também, Ronald, você não imagina o quanto foi doloroso deixar meu orgulho falar mais alto...

– E você com... com aquele Vitor... só falava nele... e no baile, você foi com ele...

– Claro, você não me notava como uma menina...

– Você gostou dele mesmo, Hermione?

– Claro que não! Eu sempre gostei de você... seu bobo... Ano passado eu não suportava ver você com a... a Lilá, eu chorava toda noite... e você ainda fazia questão de beijá-la na minha frente... — Uma lágrima correu no olho de Hermione deixando os olhos de Rony encharcado d'água.

– Não gostava da Lilá e o importante é que eu te amo e sempre vou te amar... — O braço de Hermione soltou-se da fechadura e atingiu os ombros de Rony dando-lhe um beijo demorado, o que fez Harry ficar sem graça.

O semblante da mão de Hermione encontrou a mão de Rony em cima da fechadura, brilhos prateados expandiram-se por todo local deixando um ar leve e agradável.

A mão dos amados girava de acordo com o feixe da porta fazendo um sorriso aparecer em todos os rotos.

Fulgores dourados apareceram quando Rony e Hermione abriram a porta deixando a sala submersa de claridade.

Os garotos entraram na sala, Rony e Hermione estavam de mãos dadas. A claridade era intensa, mas estranhamente suas pupilas não se sentiram incomodadas. Aos poucos a sala foi ganhando forma, a luz diminuiu por completo e os garotos assustaram-se com o que viu.

Rony deixou escapar um assobio de intriga.

A sala era pequena e ao contrário do que imaginavam, as paredes, o chão e o teto eram de terra batida. Não havia nada na sala, exceto uma pequena banquetta no centro, feita de madeira.

Harry aproximou-se da banquetta e, de mais perto, percebeu que havia um pequeno frasco com um líquido alaranjado.

Hermione e Rony também se aproximaram.

– O que é esse líquido? — Perguntou Rony apertando a mão da garota.

– Como vamos saber? — A voz de Hermione perdera aquele tom de impaciência que adquiria toda vez que falava com Rony. E ele percebera isso.

– Vamos tirar isso daqui, rápido. — Disse Harry. Por um momento ele hesitou, mas, no fim, tocou no frasco.

– Cuidado, Harry. — Rony falou assustado.

– Pode ser perigoso. — Disse Hermione.

O líquido adquiriu uma luminosidade estranha e fraca. Mas nada aconteceu. Ele arrebatou o frasco para dentro de seu bolso, e correu junto com os outros para fora daquele lugar. Chegaram ao salão circular com as portas marcadas com um "X".

Imediatamente, Hermione ordenou:

O Mistério do Ueu Negro

– Finelus!

No instante seguinte, os "X" desapareceram, restando apenas aquele que fora conjurado por Hermione minutos antes. Os garotos encaminharam-se para esta porta, abrindo-a. Deram de cara com um Shacklebout nervoso e atordoado:

– Conseguiram? — Indagou afoito.

– Sim, mas precisamos sair daqui, temos que ver o Aberforth depressa. — Disse Harry.

– Quem é Aberforth? — Perguntou Kim pensativo. — E para que vê-lo?

– Eu explico no caminho.

– E então, Kim, faz alguma idéia do que seja? — Perguntou Harry, já sabendo a resposta.

– Sinceramente, não, nenhuma... Você tem razão, talvez esse Aberforth possa nos ajudar. — Harry havia explicado a Kim que Aberforth era um bruxo curandeiro que morava no Cabeça de Javali.

– Pessoal, isto é só um líquido laranja, o que o Aberforth poderá dizer? — Perguntou Hermione. — Deve existir milhões de poção de cor laranja por aí! Ele terá de decantar todos os ingredientes para saber do que é feita...

– Mione, ele não é o professor Slughorn. — Disse Harry. — Estamos contando com seus conhecimentos sobre o passado, talvez Aberforth já tenha visto esta poção...

– Mas, Harry... o ministério guardava esta poção num local inacessível... — Começou Hermione, mas foi interrompida por Harry:

– Não foi tão inacessível para você e o Rony...

A face de Rony mudou para escarlate. Hermione sorriu antes de continuar:

– Descobrir o que tem aí dentro pode ser perigoso...

– Este é um risco que temos de correr. — Disse Kim.

– A menos que você queira beber a poção e testá-la, Hermione. — Ironizou Harry.

– Não, obrigado, não tenho sede. — Retrucou contrafeita.

Estavam andando pelas ruas, quando conseguiram encontrar um beco vazio. Olharam ao redor, mas ninguém parecia estar observando-os. Entraram ali e, num gesto simples, giraram cada um em torno do próprio eixo.

O Três Vassouras estava vazio, mas ninguém prestará atenção nisso. Correram em direção ao Cabeça de Javali, para falar com o barman. Quando chegaram na entrada, Kim informou-lhes que ficaria ali de vigília.

– Certo, se descobrirmos algo, voltamos para lhe contar. — Harry o consolou.

– Ok, agora andem!

“O Boeing que transportava 157 pessoas havia decolado há apenas alguns minutos antes de cair, não deixando sobreviventes. Oficiais divulgaram uma nota esta manhã avisando que a caixa preta estava completamente danificada, e que fora impossível detectar a causa do acidente...” — Informou o âncora da CNN.

– Válter, eu não estou gostando nada disso, esse mês vem acontecendo muitas coisas estranhas nestes arredores e agora esse avião caiu a menos de 10 km daqui! Não acha melhor nos mudarmos?

– Não precisa se preocupar, Petúnia, estamos protegidos nessa casa, e além do mais...

Antes que ele pudesse concluir o que dizia, um Duda esbaforido entrou pela sala anunciando:

– Mamãe... tem... vários... delimitares.. lá fora — Disse parando a cada palavra para respirar.

Petúnia empalideceu.

– Que asneiras é essa que está dizendo, Dudinha? — Perguntou tio Valter com um sorriso amarelo.

– Eu vi.. e eles estão vindo... para cá...

Petúnia postou-se de pé, dizendo:

– Deve estar enganado... Dudinha... você não...

– Vamos sair daqui, precisamos sair, depressa! — Disse Duda pegando seus pais pelos braços e conduzindo-os para fora de casa.

– Pare já com isso! — Exaltou-se o tio Valter.

Uma gritaria foi ouvida lá fora, e o tio Válter voltou a atenção para a janela.

– Vou lá fora ver o que está acontecendo.

– Não, Válter não faça isso! — Disse Petúnia ainda pálida.

Ele não deu atenção a ela e caminhou-se para a porta.

Antes que pudesse abri-la, um jorro de luz amarelada saiu de dentro da fechadura, e ela se escancarou.

Um homem encapuzado entrou na casa dos Dursley.

– Q-quem.. quem é você? — Indagou Tio Válter engasgando-se.

– Vamos dar um passeio. — Disse Aleto tirando seu capuz negro. Duda tinha confundido os Comensais por Dementadores.

Os garotos entraram no bar, à procura de Aberforth. Ele estava na cozinha, lançando um feitiço na pia de blocos.

– Odeio quando os canos entopem! Malditas encanações...

Os garotos entreolharam-se.

– Por favor, uma cerveja...

– Ah, não, Harry, você vai tomar cerveja...

– Não, Rony! Ele só não quer chamar atenção dos bruxos... — Disse Hermione olhando para as mesas, mas não havia ninguém, estava vazio.

– Não viram a placa de “fechado” lá fora...? — Disse o rapaz sem menos olhar para trás. — Oh, são vocês...

– Sim, queremos sua ajuda.

– Ah, sim, Harry! Claro, em que posso ser útil a você?

– Temos um problema... — Harry retirou o vidro do bolso e mostrou para Aberforth. — ...queremos saber para que serve esta poção.

Aberforth estendeu a mão e recebeu o frasco de vidro, analisou meio espantado.

– Onde vocês conseguiram isso?

– Realmente não podemos dizer...

– No Ministério da Magia! Não foi?!

O Mistério do Ueu Negro

– É... como sabe...?

– Ah, garota, eu trabalhei lá, e esse tipo de poção é raríssima, é uma arma muito forte do ministério... como conseguiram tirar de lá?

– Não podemos dizer... mas para que serve? — Hermione estava mais afoita que Harry.

– Para muita coisa! Cura, destrói, manipula, elimina, mata, ressuscita, adiciona, pode fazer o que você quiser... realmente ela é a poção mais rara...

– Cura, destrói...?

– Sim, Harry... a Gerllintaserum é a poção que tudo faz, que tudo obtém... existiam apenas dois fracos dela, e um deles o Rufo, pelo que vi dizer, usou na mordida... do menino Malfoy...

– Quê!? — Exclamaram todos juntos.

– O Draco Malfoy, filho do... acho que conhecem muito bem... — Balançaram positivamente a cabeça. — ...foi mordido pela cobra mais temida do mundo Bruxo, a Nagine... Rufo curou a ferida de Malfoy, que qualquer outra poção, magia ou antídoto não podem curar, com o outro frasco...

– Gastaram um frasco de poção... com o Malfoy? — Rony ficara indignado e Harry pensava na conversa que teve com Draco.

– Lembro que Draco me contou da mordida...

– Mas por que não fazem mais? — Perguntou Rony ainda deliberado.

– Nem todos os bruxos saberiam fazer... e o pior de tudo... o principal ingrediente já não existe... o testículo feminino de um mamute virgem... os mamutes já se extinguiram há anos... e creio que esse seja o último frasco de Gerllintaserum.

– Você disse que isso mata não é? — Perguntou Harry fazendo os colegas olharem para ele.

– Mata...

– Então por que não jogam no Voldemort? — Disse Harry pensativo.

– Harry, creio que você já teve vários encontros com Voldemort, mas ele não aparece para todos, você acha que já não pensaram nisso?

“*Ressuscita, destrói*”... “*ressuscita, destrói*” pensava Harry, saindo da conversa e entrando em sua mente.

– Sirius! Ela pode trazer Sirius de volta...

– Ela é capaz de tudo, e creio que é capaz de trazer o Sirius de volta, acho... Mas eu não saberia dizer *como*.

Harry suspirou.

– Aberforth, por que o véu negro...

– Sabia que ia me perguntar isso, Harry... o véu foi criado há centenas de anos atrás por Bruxos do Conselho da Magia para deter malfeitores e foras-da-lei como se fosse celas para prendê-los, pois não havia ainda a magia de Azkaban.

– E por que eles deixaram essa cadeia dentro do Ministério? Por que não a destruíram?

– Porque se acredita que os que foram, não retornarão jamais, no entanto, houve a dúvida e o medo de libertar todos os prisioneiros com a destruição do Véu...

– Então isso quer dizer que posso ver o Sirius novamente...

– Não o aconselho a fazer isso. A destruição poderá matar todos lá dentro, ou pior, você libertaria todos os criminosos, e não precisamos de mais inimigos. Há magia antiga ali, e poucos bruxos conhecem sobre como aquilo funciona, e eu não sou um deles. Há prisioneiros de várias gerações, e não há como saber se envelhecem lá dentro.

Harry olhou no fundo dos olhos de Aberforth, em seguida não se conteve, chutando uma cadeia.

Kim assustou-se com a cena ao entrar, mas não comentou:

O Mistério do Ueu Negro

– Harry, tenho que ir... o Rufo esta querendo meu apoio no ministério, acabou de mandar uma coruja.

– Ah, muito obrigado, você foi de grande ajuda...

Kim saiu pela porta e aparatou.

– Harry, acho que também temos que ir, estou faminto... — Disse Rony olhando para uns suflês empoeirados ao canto do balcão.

– É mesmo, Harry, já está na hora do almoço e a Professora Minerva quer nossa presença.

– Ah sim... — Harry encarou a mão de Aberforth velha e enrugada que segurava o frasco com a poção e não precisou de mais nada para o bruxo devolvê-la.

– Não faça besteira com isso, Harry e espero que o ministro não descubra tão cedo...

– Está bem... obrigado. — Disse Harry repondo a poção no casaco e encontrando Rony e Hermione que já estavam na porta de saída.

– Você vai fazer o quê com isso? — Perguntou Rony em passos longos até o castelo.

– Não faço a mínima idéia...

Hermione pensava numa idéia, mas nada fluía.

– O pior de tudo é quando Rufo descobrir que a poção foi roubada, ele não vai demorar muito para saber que fomos nós. — Disse Harry, sua caminhada era rápida e tensa.

– Ele vai saber como? — Perguntou Rony nervoso.

– Fizemos magia lá dentro e isso é capaz de ser detectado...

– Harry, não, não pode, eles podem saber os feitiços que usamos, mas não sabem quem os realizou...

– É claro, Hermione... e Harry, Rufo jamais pensaria que foi você... — Disse Rony olhando fixo para as estátuas de javali que desenhavam os portões de Hogwarts.

Hermione levantou a varinha e soltou um jato vermelho pro ar, algo que ela havia combinado com Hagrid quando eles saíram.

Alguns segundos depois a figura grande de Hagrid apareceu na mira da iluminação solar entre as árvores.

– Meninos, vocês demoraram...

– Ah, Hagrid, nós esquecemos da vida, tomamos umas cervejas no Cabeça de Javali e não vimos o tempo passar...

Hagrid, de fato, não acreditou, mas notou o sigilo. Abriu o portão e os meninos adentraram seguindo o professor até o salão principal onde estava o banquete do almoço.

Harry, Rony e Hermione sentaram-se ao lado de Luna (que agora freqüentava a mesa da Grifinória assiduamente) e Neville que faziam aviãozinho com músculos de jabuti um na boca do outro.

Gina passou mal de tanto que comeu e, à tarde, foi internada na ala hospitalar.

Harry ficou com a garota toda a tarde na qual poderia discutir o que fazer com a poção com Hermione e Rony que se divertiam no jardim.

A noite chegou junto a uma neve repentina, ondas de vento surravam a janela do salão comunal da Grifinória onde Harry dividiu a busca pela poção com Gina e Neville que ficaram espantados com os poderes que um pequeno frasco de poção poderia fazer.

– Puxa, daria tudo por um desse aí! — Disse Neville admirando o frasquinho.

– Você vai fazer o que com ela, amor? — Perguntou Gina fixando o olhar no namorado.

– Não sei, têm a Nagine, o Snape, a Belatrix, o próprio Lord e o... o Sirius, realmente não sei!

– Sirius?

– É, queria jogar a poção no véu, mas acho que não dá!

O Mistério do Ueu Negro

Hermione e Rony entravam na sala, mas pareceu lembrar-se de algo:

– Pessoal, eu vou aqui e já volto.

– Mas para onde você...

– Eu disse que já volto. — Disse apressada, saindo da sala Comunal.

Harry e Rony entreolharam-se:

– Eu acho que tem haver com a biblioteca, Harry. — Disse Rony, antes que o amigo pudesse perguntar.

– Como assim? — Perguntou Gina, tentando se entreter.

– Ela passou lá mais cedo, para procurar algo mais sobre a Gerllintaserum, mas não achou muita coisa. Tudo o que sei é que ela encomendou um livro para Pince...

– Espero que ela consiga.

Após alguns minutos, Hermione retornou, com um pesado livro nas mãos. Estava marcado com um pedaço de pergaminho, que ela usou para abrir a página correta:

– Agora que sabemos de qual poção se trata, eu pesquisei muito na biblioteca, e encontrei isso aqui...

Harry leu em voz alta ao recebê-lo de Hermione:

“Gerllintaserum:

A poção mais usada no século IV a.C., dado a este o motivo pela extinção dos Mamutes Femininos dotadas de testículos, cujo qual tratava-se do ingrediente principal desta poção cabalística. A poção age de certa maneira que apenas uma palavra poderia defini-la: Milagrosa. Ela é capaz de tornar qualquer coisa real. No entanto, tem o limite de estocamento de até 500 anos. Após este tempo, a poção perde suas propriedades, conseqüenciando na transformação de suas ações. Ela passará a ter a função de apenas desfazer encantamentos. Não se tem registro de que ainda exista a poção Gerllintaserum (...)”

Harry parou por alguns instantes, atordoado.

– Isso quer dizer que não há possibilidade alguma de trazer o Dumbledore de volta... e nem o Sirius, já que eles... — Hermione não pôde concluir.

– Ele não está morto... Sirius... NÃO... ESTÁ... MORTO!

Por muito tempo Harry sofreu com a morte do padrinho, mas agora havia uma esperança de regozijar o passado. A probabilidade de isso dar errado angustiava Harry: era como se Sirius morresse novamente, e Dumbledore, por mais duro que fosse, poderia vê-lo pelo quadro.

– Tudo bem, Harry, fique calmo... — Disse Hermione sem palavras.

– Harry, meu anjo, não vamos começar tudo isso novamente, não é mesmo? — Disse Gina tocando a sua face.

Harry fitou Gina com uma expressão indecifrável. E sem dizer uma palavra, retirou-se do salão, levando a poção.

Não queria separar-se dela nem por um minuto. Já que Dumbledore era caso perdido, era o seu futuro com Sirius que dependia daquele maldito frasco.

Hermione foi atrás dele:

– Harry, por favor... seja razoável...

Harry parou de andar e após alguns segundos, já na escada do dormitório, virou-se para Hermione:

– Tudo o que eu quero é fazer a coisa certa...

– Eu não queria ter que lhe dizer isso... mas conforme-se, esqueça o Sirius... Não tem como trazê-lo de volta... tudo o que esta poção pode fazer é anular encantamentos e isto ainda é uma ótima arma para as maldades dos Comensais e de Você-sabe-quem...

Harry olhou para os lados, torcendo a face. Hermione aproximou-se e segurou seu ombro:

– Não se martirize mais, não reabra esta ferida que tem dentro de você...

Harry deu uma olhada na poção:

O Mistério do Ueu Negro

– E se nos voltássemos no Ministério e...

– Harry, não! Não adiantaria nada... — E se calou, não havia mais o que falar.

Harry fitou-a. Seus olhos estavam úmidos.

– Eu vou me deitar. Até amanhã... preciso ficar sozinho...

Harry subiu as escadas e entrou no dormitório, deixando Gina, Neville, Rony e Hermione pensativos.

Edwiges piava na janela do quarto um som penetrante e melancólico, o que lembrou a Harry Fawkes na noite da morte de Dumbledore. Mesmo sem colocar o pijama, jogou-se na cama macia e admirou a poção que rodava em seus dedos...

“Preciso encontrar alguém que saiba usá-la da maneira correta...”, pensava ele sem ter a menor idéia do que fazer com aquele bem tão grande. Ele levantou seu braço ao alcance da cabeceira e pois o frasquinho junto a seus óculos, repousando ambos a sua beira.

Harry produziu uma ótima Oclumência naquela noite, deixando seus pensamentos fora de sua mente e adormecendo.

Edwiges piava na guarita da janela ao som dos pássaros nas copas das árvores e a luz solar penetrava pela janela desenhando a sombra delicada da coruja no chão do quarto na manhã seguinte.

Não havia mais ninguém no quarto quando Harry pois os óculos e checkou o local, voltou seu olhar para a poção cintilante no frasco ali em cima da escrivaninha.

Foi quando Harry guardou a poção no malão que percebeu que já estava trajando o uniforme: não o havia tirado.

Harry pegou alguns alpendres e seguiu em rumo à janela, onde a coruja piava de alegria ao ver seu dono com comida.

Ele admirou o oriente distante e serviu, pensativo, os primeiros grãos.

— Por que tenho que passar por tudo isso, Edwiges..? — Disse Harry como se a coruja estivesse ali para escutá-lo.

Harry deixou os grãos ali na janela e foi tentar encontrar os amigos para explicar o seu mau comportamento da noite anterior.

— Padma... você viu a Hermione, Rony ou Gina?

— Sim! Estão lá embaixo tomando café.

— Obrigado. — Disse ele indo até a porta do salão comunal.

Harry passou por um grupo de alunos da Grifinória e dobrou o corredor, descendo as escadas.

PLAT!

Tombou com Hermione fazendo o jornal que a garota carregava cair.

— Desculpa... ah, e... ontem...

O Mistério do Ueu Negro

– Harry esqueça aquilo... — Disse Hermione assustada pegando a folha do Profeta e dando a Harry. — ...leia isso aqui, por favor.

Harry tomou o jornal da amiga e leu mentalmente a matéria que estava em destaque com uma foto de casas que ele julgava familiar.

“Ontem, no início da tarde, um grupo de Comensais invadiram as ruas de Londres, promovendo o caos em Alfeneiros, fazendo com que os trouxas ficassem apavorados. Capturaram, inclusive, uma família de sobrenome Dursley.

Rufo Scrimgeour esta sem saber o que fazer...”

Harry leu a notícia umas três vezes.

– O que você acha? — Indagou Hermione bestificada.

– Que as coisas não podiam ficar piores... — E arregalou os olhos.

Tudo bem que os tios não eram nem um pouco bonzinhos com Harry, mas daí a ficar feliz com a probabilidade de nunca mais revê-los era algo desumano.

– Eu preciso fazer alguma coisa...

– Fazer o quê? Ir até lá e dar uma lição nos Comensais!? Ah, Harry, você não...

– Apesar de tudo, eles são do meu sangue, Hermione!

– Harry, eu sei... por que não falamos com o Aberforth ou a Minerva?

– O Aberforth não é nosso procurador social, Hermione...

– E o que pretende fazer? Aliás, o Ministério já deve estar tentando solucionar isto, Harry, você não precisa se preocupar. E até pode ser uma armadilha... para você.

– Claro. Afinal, havia tantas famílias naquele lugar, por que decidiram levar logo a minha?

Harry parou por alguns segundos. Reconhecer que os Dursley era a sua família tornava-se algo decididamente estranho.

– Deve haver um motivo, eles sabem que são os seus tios e querem te atingir com isso... sabem que você irá atrás deles e será nessa hora que Você-sabe-quem irá te pegar... isto é uma armadilha, Harry!

– Se você se esqueceu, é na casa dos meus tios que o encanto de proteção de minha mãe fica mais forte e tudo o que Voldemort quer é acabar com isso... destruindo os últimos do meu próprio sangue!

– Tudo bem, então, vamos falar com o Kim, acho que ele pode nos ajudar, ok?

– Ok, mas eu não posso esperar, eu...

– Certo, Harry, vá falar com a professora McGonagall.

— Interrompeu-o. — Eu vou buscar o Rony.

– Obrigado, Mione. — E disparou para a sala de Minerva. Antes, porém, voltou correndo ao seu dormitório e mandou que Edwiges entregasse uma carta ao Kim, escrita rapidamente.

– Eu compreendo que você está preocupado com seus tios, Potter, mas tem que entender que não podemos fazer nada.

— Elucidou McGonagall.

– Eu só preciso de sua permissão para ter um encontro com o Kim, professora...

Minerva olhou-o por cima dos seus óculos:

– Harry Potter? Pedindo permissão?

– Talvez eu passe muito tempo fora, professora...

– Você já é maior de idade e tem a cabeça no lugar, Potter. Eu não posso compactuar com tamanha irresponsabilidade.

Harry tentou retrucar, mas antes disso Minerva interveio:

O Mistério do Ueu Negro

– É bom que ninguém saiba que veio me procurar... eu não quero que venham reclamar que dou maiores liberdades a alguns... — E piscou-lhe um olho.

Harry abaixou a cabeça, sem jeito.

– C-certo, professora.

Kim aguardava Harry no saguão principal, junto com Rony e Hermione. Após alguns minutos, Harry descia as escadas.

– Por que demorou tanto, Harry? — Quis saber Rony.

– A Gina perguntou aonde eu ia, tive de inventar uma história...

Rony deu uma risadinha.

– Os garotos já me contaram o que aconteceu, Harry — disse Kim —, mas eu já tinha lido a notícia esta manhã, por que não falou na carta que o assunto urgente era esse?

– Porque eu sabia que você não viria.

– E você acertou. O que está querendo que eu faça?

– Nada demais, eu pensei um pouco e acho que o senhor realmente não pode me ajudar a achar meus tios... mas vou precisar da ajuda do senhor em outra coisa.

– Em quê, por exemplo?

– Rony, Hermione, eu sei que pode parecer egoísmo, mas prefiro que vocês fiquem aqui....

– Harry, não! — Interveio Hermione. — No que está pensando? Nós vamos com você!

– Sim, Harry, juramos que ia te acompanhar em tudo e é o que vamos fazer.

– Eu agradeço, mas desta vez, prefiro realmente ir só. Prometo que não vou criar confusão.

– Harry Potter, não adianta... — Hermione tentou discutir.

– Sem discussões, por favor. — Os dois perceberam que Harry não estava querendo protegê-los, mas que precisava

estar realmente sozinho nisso. — Vamos, Kim, eu te explico tudo no caminho.

Por mais que Harry desejasse a companhia dos amigos, não queria que eles escutassem a conversa que teria com o Sr. Weasley.

Saíram do castelo deixando os amigos ainda mais decepcionados.

— Ministério, Harry? Está maluco? O que pretende fazer lá?

— Eu preciso falar com o senhor Weasley.

— Tudo isso apenas para falar com o senhor Weasley?

— Por favor, Kim, é muito importante! Tem que ser imediatamente e só você pode fazer isso...

— Tudo bem, Harry, não vejo nada demais em falar com o pai do Rony e já que estou aqui mesmo... eu levo você.

Harry agradeceu e, então, giraram juntos, cada um no seu próprio eixo, desparatando.

Aparataram no mesmo beco do dia anterior. Em silêncio, seguiram para a cabine telefônica. Harry estava nervoso.

Chegaram no Átrio e ao passarem pela fonte, Harry fez Kim parar e disse:

— Kim, eu enviei uma coruja para o senhor Weasley e ele já está me esperando em sua sala. — Harry recuperou a voz antes de Kim retorquir. — Por favor, Kim, fique aqui e me espere voltar, eu sei onde é a sala dele, não precisa me levar... isto é sigiloso...

— Depois irei querer uma boa explicação, Harry. Vá andando e não demore.

— Certo, obrigado, vou tentar não demorar.

Harry sabia que ele poderia nunca mais voltar.

Atravessou o hall. Kim fez sinal para que os bruxos não o intercedessem. Harry pegou o elevador, apertando o botão para descer.

O Mistério do Ueu Negro

“*Departamento de Mistérios*”, foi a voz feminina do elevador.

Harry saiu e caminhou pelo corredor, seu coração batia aceleradamente. Sentiu um frio na espinha ao encarar mais uma vez aquela porta preta.

“*O senhor Weasley com certeza não iria gostar de trabalhar por aqui...*” pensou ele.

Harry empurrou a porta e caminhou para dentro da câmara circular.

– Flagrate! — Apontou para a porta que acabara de sair.

Em seguida e sem pestanejar, utilizou o feitiço de Hermione e mais outros X’s apareceram nas portas. Elas giraram por alguns instantes e pararam em seguida.

Harry suava frio.

Tentou uma porta qualquer, marcada com o “X” flamejante. Dera de cara com o corredor das profecias.

– Não é você que eu quero. — Disse fechando-a.

Novamente as portas giraram e Harry sentiu-se tonto.

Tentou outra porta marcada com um “X”. Seu coração pareceu parar de bater. Engoliu em seco, e entrou.

Em flashes, lembrou-se da luta que ocorrera ali tempos antes, da gargalhada triunfante de Belatrix após ter jogado seu padrinho dentro daquele véu.

Harry desceu a escadaria daquilo que parecia uma arquibancada. Estagnou-se diante daquele maldito arco.

– Espero que eu não precise do plano B... — Disse tirando o frasco do bolso, com um líquido alaranjado. — Está certo que eu nem vi a Gina hoje... — Suspirou fundo, destapou o frasco e fechou os olhos. Estava rezando.

Aproximou-se do véu, podia ouvir vozes vindas de lá de dentro. Pingou uma gota da poção no arco esperançoso. Esperava que a maldição que supostamente prendera o seu padrinho ali dentro se quebrasse e o Sirius saísse daquele arco sorrindo.

Nada aconteceu, a estranha brisa ainda continuava a balançar o véu.

– Droga! Você não serve de nada. — E, antes que pudesse arremessar a poção para longe, Harry, enlouquecido de raiva e decepção, deixou-se se hipnotizar pelas vozes que agora murmuravam:

– Harry... Harry...

Kim apareceu no topo da escada.

Sem ordenar seus passos, Harry caminhou para dentro do véu.

– Harry, saia daí! — Disse descendo rapidamente as escadarias, mas fora tarde demais. Harry perdera-se dentro do arco.

Kim petrificou.

Harry sentiu como se estivesse passando por uma barreira de água gelada. Era como se agulhas lhe perfurassem o corpo inteiro.

– Harry, você está doido? Não faça isso! Parem de chamá-lo seus idiotas! Parem de chamá-lo! — Harry atravessou completamente o véu, saindo do outro lado. — Ah, não! Olhem só o que vocês fizeram, mas que grande idiotice!

Harry não estava acreditando. Ficou com medo de virar-se para conferir aquela voz e descobrir que havia enlouquecido. Mas mesmo assim, o fez.

– Sirius! — Exclamou sem acreditar.

– Ah, Harry, grande bobagem, grande bobagem! Você não podia ter feito isso, não podia! — Reclamava Sirius.

– O que será que eu vou dizer a todo mundo? — Murmurou Kim para si mesmo.

Harry não conseguiu se conter, em um só pulo agarrou-se ao pescoço de seu padrinho. Não conteve o choro.

– Eu sabia, eu sabia que não estava morto!

– Claro que não, só estou amaldiçoado. Culpa deste maldito véu, quem passa através dele fica assim! E agora você!

O Mistério do Ueu Negro

– E-eu não ligo, o que importa é que você não está morto! — Disse bestialmente feliz.

– Você não compreende... — Sirius tentava explicar, enquanto Harry se encaminhava para Kim.

– Kim, eu estou aqui, que cara é essa? — Perguntou Harry.

– Ele não pode ouvi-lo, seu besta, ninguém mais pode te ouvir. — Sirius estava realmente irritado.

– Como assim?

– Você agora é como um espírito, sua matéria está amaldiçoada, para sempre!

Harry ouviu aquilo sem acreditar. Olhou em volta e percebeu vários outros “*espíritos*” rindo de sua condição. Em seguida, todos saíram da sala, junto com Kim, que julgava estar sozinho.

– Mais um para a coleção, lamento por ele ser seu afilhado, Sirius! — Ironizou um corpulento bruxo enquanto saía.

– Você vai pagar por isso, Koles! — Rosnou Sirius como um cachorro.

– S-Sirius, pode me explicar melhor o que está acontecendo?

– Ainda não entendeu? Você está amaldiçoado com a magia deste véu, agora ninguém mais pode enxergar você, nem mesmo os espíritos de verdade... não pode tocar em mais nada... você deixou de existir para sempre, assim como eu!

– Não pode ser... eu achei que... poderia trazer você de volta... eu preciso de ajuda para resgatar meus tios... não sei o que me deu na cabeça...

– Exatamente como seu pai! Faz besteiras para depois se arrepender. Oras, Harry, agora você jogou todo o trabalho de seus pais fora!

– Não... ainda tenho essa poção.. ela desfaz qualquer maldição...

– Receio que não, meu rapaz... Isto não irá servir para nada!

Harry parou pensativo.

– A propósito, eu sei onde seus tios estão, eu vi quando os Comensais os levaram...

– E você irá me ajudar a...

– Não, Harry! Não dá! Acabou para nós dois, acabou para os seus tios!

– Escute aqui, Sirius, eu não vim até aqui para falhar, eu vim até aqui para salvar a pessoa que mais preciso neste mundo... — Terminou esta frase quase que num sussurro.

– Ah, Harry, eu já havia me acostumado com isso... agora veja só o que você fez?

– Não, Sirius, talvez se você beber a poção...

– Aí só tem quantidade para uma pessoa, e você, como fica? Sabe, não custa nada tentar, beba logo isso e volte para a realidade, Harry, talvez funcione...

– Não, você será mais útil do que eu!

– Deixe de asneiras e beba logo isso!

– Não!

– Harry...

Harry parou de discutir. Uma idéia surgiu-lhe na mente.

– Olha... se não funcionou daquele lado... talvez funcione deste...

– Do que está falando, garoto?

– Disto... — Harry caminhou para o véu e deixou algumas gotas cair sobre o arco. Incrivelmente, o véu adquiriu uma luminosidade estranha. Harry sorriu.

– Moleque mais sortudo! Joga logo tudo isto aí! Harry despejou a poção inteira no arco e este refulgiu intensamente.

– Vamos lá, Sirius, atravesse, rápido!

– Vamos juntos. — Disse pegando a mão de Harry.

– Um, dois... TRÊS! — E se jogaram.

O Mistério do Ueu Negro
— 37º Capítulo —
✧ MAIS UM ALIADO ✧

Rony, olhe! — Apontou Hermione. — Ali, Rony! Não é Pichitinho?
— É sim... — A corujinha trazia uma carta. — De quem será?

— Talvez seja do Harry, já faz mais de cinco horas que ele saiu e ainda não retornou. Onde será que ele foi?

— Não sei, mas devíamos ter ido atrás dele. — Resmungou Rony, enquanto desamarrava a carta das patas de Píchi e desdobrava o papel.

— E aí? De quem é?

Rony leu a carta até o fim em voz baixa.

— É do Kim...

“Estou indo para Hogwarts agora, me esperem com a professora McGonagall... Ass.: Kim Shacklebout”

— O que será que aconteceu? — Perguntou Hermione.

— Vamos à sala da McGonagall. — Respondeu sem saber o que dizer.

— Ele me enviou uma carta parecida com esta, garotos. — Disse Minerva preocupada. — Ele está um pouco atrasado.

Rony e Hermione se entreolharam. A professora andava de um lado para o outro. O sol já ia alto e temiam que escurecesse sem que houvesse notícias.

— Espero que o Harry tenha conseguido salvar os tios dele. — Disse Rony para quebrar o silêncio.

— Não houve nenhuma notícia até agora pelo Profeta Plantão, não creio que... — A Professora foi interrompida por um som de bombinhas vindas de lá de fora. — Deve ser o Kim.

Hagrid foi abrir os portões e deixou o auror entrar. Ele estava pálido e seu rosto era sombrio.

– Boa tarde, Kim, o que houve com você? — Perguntou Hagrid.

– Ora, meu caro amigo, é melhor que você venha comigo.. só quero dar esta notícia uma vez...

Hagrid ficou sem entender, mas o seguiu até a sala de McGonagall.

– Por que demorou tanto, Kim? — Perguntou Hermione já nervosa.

Kim ficou calado, procurando a melhor forma de lhes contar.

– O que aconteceu, Kim? — Perguntou Minerva asperamente e Rony ficou de pé. A expressão de Kim era assustadoramente sombria. Hagrid olhava de Minerva para o auror. Hermione começou a chorar:

– Por favor, Kim... — Pediu desesperada. — Não fique com essa cara...

– Aconteceu o pior...

– Ah não, com o Harry não, por favor, com o Harry não... — Hermione desatou em lágrimas.

– Mas o que está dizendo, Kim? Explique melhor o que aconteceu! — Pediu Minerva afoita. Ela tremia mais que o normal.

– Miserável! O que aconteceu com o Harry? Por que não o protegeu? Onde ele está agora? Fale! — Hagrid pegou-o pelo colarinho. Kim ficou a metros do chão.

Rony estava amarelo. Tremia tanto quanto Minerva.

– Hagrid, ponha-o no chão, agora!

Kim pôde voltar ao chão.

– Eu tentei evitar, mas não pude... — Tentou explicar-se.

– Conte-nos o que aconteceu... — Disse Minerva.

– O Harry.. ele... mentiu dizendo que ia encontrar Arthur... no ministério... — Rony virou-se para Kim. — Sim,

O Mistério do Ueu Negro

Rony, com seu pai... Mas na verdade ele foi até a ala dos Mistérios... e...

– O que aconteceu com o Harry, Kim? Fala! — Disse Hermione apreensiva.

– Ele... ele entrou no véu.

Houve um silêncio fúnebre na sala.

– Quer dizer então que o Harry está... — Começou Rony, nunca sua face transpareceu tanto medo.

– Morto!? — Berrou Hagrid. — O meu Harry está morto?

Minerva não se conteve e começou a enxugar as lágrimas.

– Eu não pensei que.. oh, Hagrid, a culpa foi minha, eu o deixei sair... — Falou Minerva com os olhos úmidos.

– O que será de todos nós agora sem o Harry? — Indagou Hermione soluçando.

Rony e Hermione se abraçaram. Rony deixou uma lágrima escapar.

– Vou voltar ao Ministério para informar o ocorrido.. só achei que vocês deveriam ser os primeiros a saber.

Ninguém prestou atenção em suas palavras e ele saiu.

– Você deveria ao menos ter pensado em trazer sua capa de invisibilidade, Harry, como vamos fazer para não sermos notados? — Perguntou Sirius. Eles estavam no elevador.

– Não reclama não, se você quiser voltar para dentro daquele véu e não ser notado novamente...

– Deixa de falar besteiras, garoto. — Disse sorrindo.

– Você disse que sabia onde estavam meus tios...

– E sei... estão a poucos quilômetros em um vilarejo abandonado, Little Hangleton...

– A antiga casa do pai de Voldemort...

O elevador subia rapidamente até a cabine telefônica, deixando o calor solar invadir os corpos de Sirius e Harry que discutiam como salvar seus tios.

– Não é possível... o Harry... NÃO, NÃO... — Gritava Gina ao escutar a soluçante Hermione. — Isso é mentira, Hermione... só pode ser piada...

– Queria que fosse... é nossa culpa... deixamos ele ir sozinho!

– E eu nem falei com... com o Harry... nem falei com ele hoje... — Gina tentou reprimir o choro, mas foi inútil. Estavam rodeados de alunos no salão comunal.

– Você não... falou... Como assim? — Perguntou Hermione choramingando.

– Eu nem ao menos o vi...

Os alunos que rodeavam a poltrona onde Gina, Hermione e Rony estavam discutindo, escutavam atentamente a conversa.

– O que houve... alguém pode me explicar? — Perguntou Romilda Vance não entendendo nada da discussão.

– O HARRY... MORREU! — Rony deixou sua raiva explodir, assustando a todos.

– O QUÊ!? — Todos estagnaram, gaguejando.

– É... mentira não é? — Perguntou Neville lacrimejando.

– Não, Longbortton... — Minerva entrava pela porta da Grifinória arrastando consigo um olhar tremido e assustador. — N-nosso Harry... M-morto, é muito difícil acreditar... mas é a verdade...

– Exatamente como antes... — Disse Harry olhando a fachada da casa dos Riddle e lembrando dos seus sonhos assustadores.

– Exceto pelos comensais em todos os lados, Harry. — Sirius apontou para as figuras negras ao redor da mansão.

O Mistério do Ueu Negro

– Sabe em qual parte eles estão?

– Dentro da casa, garoto... — Sirius olhou para suas pernas e seu braço. — Harry, fique aqui abaixado e não saia por nada... entendeu?

– Mas...

– Entendeu?

– Sim, entendi.

Em uma menção de segundos o Sirius alto e magro que ali estava, havia se transformado em um quadrúpede de aparência suja.

Um cachorro negro, de olhos cintilantes e garras afiadas, adentrou o mato disparando para o jardim imensamente mal cuidado do casarão.

– Não poderia... — Padma e Parvati estavam abraçadas no meio do salão comunal cheio de alunos curiosos e outros abatidos.

Até Renny, um aluno do primeiro ano que não conhecia Harry, a não ser pelo jogo de quadribol, choramingava em um canto da sala.

– Fiquem calmos, garotos... sei que é difícil, mas... mas temos que aceitar. — Disse Minerva ao ver uma menina loira ficando pálida.

Mas ninguém parecia escutar a diretora naquele momento. Nem mesmo ela.

– Tem quatro na entrada, dois nos fundos e mais dois no jardim... pelo visto, dentro não deve ser diferente. E não esqueça de você-sabe-quem. — Disse Sirius após voltar à sua forma normal.

– Vamos ter que encarar... — Harry não estava nervoso e muito menos com medo, esteve há poucos minutos em forma de espírito e não achou muito ruim.

– Está disposto a se arriscar por aqueles trouxas que nem ao menos...

– É a minha família. E, Sirius, é a chance de matar a Nagine... e até o Voldemort...

Sirius riu:

– Se tem alguém que vai morrer hoje, é a gente, rapaz.

– Não, serão os meus tios se ficarmos aqui parados.

– Ok, Harry, só queria saber se tinha certeza do que está fazendo. Seu pai se orgulharia de você — Harry sorriu. — Mas você não prefere voltar para Hogwarts e falar com a diretora que...

– Como sabe que não é mais o Dumbledore que está como diretor de...

– Podíamos sair daquela sala... foi muito triste o enterro de Dumbledore, Jaquinta chorou feito louca.

– Quem é Jaquinta?

– A mulher que era aluna de Dumbledore e depois foi trabalhar no ministério, muito esperta ela, mas como você, foi encantada pelas vozes. — Sirius deu um sorriso. — Ela estava no enterro comigo...

– Então você já sabe das Horcruxes, Gina...

– Sei, sei... mas precisamos nos apressar, acho que todos pensam que você está morto.

Harry arregalou os olhos para o padrinho.

– Não tinha pensado nisso, coitada da Gina e da Hermione... — Harry reconsiderou: — Você tem razão, é melhor voltarmos e pedir reforços.

Dali mesmo Harry e Sirius desapareceram.

– Minerva! O Hagrid me contou, não acreditei... — Slughorn adentrou o salão comunal como uma avalanche. — É verdade que o Potter... que o Harry morreu?

Minerva respirou mais uma vez.

– É, é sim Horace... ele caiu no véu...

O Mistério do Ueu Negro

– Está aí, falei que aquele véu era um risco e diziam que não, que não...

– Acalme-se, Horace...

– Acalmar-me? Você enlouqueceu, Minerva? Não é momento de calma, um dos melhores alunos de Hogwarts foi morto... — Slughorn desabou na poltrona ao lado de Gina.

– Agora que temos que ter calma, não podemos fazer mais nada...

– Professor, onde está o Lupin? — Perguntou Hermione apertando a mão de Rony.

– Lá em baixo com o Hagrid e a Tonks... e os outros professores... como isso pôde acontecer?!

Gritos e algazarras foram escutados da janela da Grifinória com bastante êxito.

– O que está acontecendo lá em baixo? — Perguntou Minerva levantando-se da cadeira e olhando o jardim vazio exceto por Bicuço e Resfine que brigavam fazendo estardalhaços na horta de abóboras. — Não há ninguém aqui!

– Como podem ficar gritando enquanto o Harry... — Gina sentiu seu coração apertar.

– Vamos olhar o que há lá em baixo, Horace.

Quando Minerva e Horace desceram para o jardim acompanhados por toda a Grifinória, eles viram várias pessoas correndo em direção ao portão.

– O que é isso?

– Devem ser os alunos da Sonserina. Vou lá dar um jeito naqueles trastes — Disse uma Hermione chorosa.

– Calma, Hermione, aqueles não são os alunos da Sonserina.

Então houve um tempo em silêncio e todos correram para ver o que era.

– Harry, Harry! Você não morreu! — Gritou Neville aliviado.

– Claro que não.

Então Rony, Gina, Hermione e os outros foram para cima de Harry. Alguns continuavam chorando, principalmente as garotas, mas de felicidade

– Calma, pessoal, eu estou bem...

– Harry, mas o Kim disse que você havia caído no véu, e... — Falou a professora McGonagall assustada.

– E ele não mentiu, professora.

– Mas como? — Perguntou o Hagrid voltando a fechar os portões.

– Gerllintaserum. Já ouviram falar? — Disse Harry mostrando o frasco vazio.

– Ah, Harry, eu não acredito! — Gina correu para abraçá-lo. Roubou-lhe um beijo na frente de todos. Ninguém percebeu que Harry ficara envergonhado, afinal, todos estavam acordando de um pesadelo.

Havia um cachorro ao lado de Harry e só agora quando ele gemia enquanto coçava suas pulgas perceberam sua presença.

– O que este bicho está fazendo aqui? — Perguntou Parvati.

Minerva ficou pálida. Hermione e Rony ajoelharam-se para o quadrúpede.

– S-Sirius!? — Disseram em uníssono.

Sirius mostrou todo o seu talento de animago e virava novamente aquele homem alto e pálido de sempre.

– Sirius! — Exclamou Minerva e Hagrid.

– Eu estou faminto, já é hora do jantar? — Perguntou ele com um largo sorriso.

– E então foi isso. A poção terminou trazendo de volta o Sirius, como eu falei que ela faria. — Contava Harry rodeado por alunos da Grifinória (A professora Minerva e Sirius estava presentes também).

O Mistério do Ueu Negro

– Nós voltamos apenas para recrutar ajuda. Já sabemos onde meus tios estão e precisamos resgatá-los, antes que seja tarde.

– E onde eles estão? — Perguntou Hermione.

– Em Little Hangleton...

– Mas, Harry este é o...

– Eu sei, Rony. Mas precisamos arriscar. Vamos chamar o Kim e o Hagrid também poderá ajudar. Ele poderá nos proteger com sua pele de Gigante.

– Não queremos abrir fogo sem um bom plano, Harry.
— Disse Sirius com uma lata de atum entre os dedos.

– Exatamente, um duelo deste escalão nessas alturas é algo totalmente irresponsável. — Alertou Minerva.

– Irresponsável e perigoso.. — Completou Sirius. — O que temos de fazer, Harry, se você quiser realmente salvar seus tios, é entrar lá sem que ninguém nos veja. Podemos usar a sua capa de invisibilidade...

– Entrar lá com a capa é fácil, mas como vamos sair com meus tios? Será um transtorno, e o Duda precisaria de umas cinco capas maiores que a minha pra lhe esconder...

Rony riu.

– Não seja burro, estando lá dentro nós poderemos aparatar quando os encontrarmos. — Disse Sirius com a boca lotada de peixe assado.

– Eu receio que ainda assim seja perigoso... — Disse Minerva. — Mas, já que não tem outra maneira, acho melhor que vá apenas o Kim e Tonks, que são bons aurores.

– Ah, não mesmo, não perderei esta aventura por nada!
— Exclamou Sirius. — Eu e o Harry aqui damos conta do recado, só viemos buscar a sua capa de invisibilidade e mais algumas coisinhas...

– Harry... vai sair e deixar a gente novamente no castelo? — Indagou Rony deprimido.

– É melhor assim, pessoal... por favor, entendam...

– Se Dumbledore estivesse aqui, eles não permitiriam que fossem. — Disse Hermione.

Minerva sentiu-se ofendida.

– E quem é que disse que eles vão? O Sirius eu não posso impedir, mas o Harry...

– Muito menos o Harry, Minerva, me perdoe, mas eu sou o padrinho dele e o quero perto de mim.

Os lábios da professora comprimiram-se numa fina linha.

Sairiam na madrugada, apostavam na sorte de que metade dos Comensais estivessem dormindo ou desatentos.

Harry recebeu diversas recomendações de Gina, Hermione e da professora McGonagall. Na saída, receberam mais alguns conselhos de Hagrid e Lupin.

Estavam a caminho de Hogsmeade, onde poderiam aparatar. Chegaram à travessa das Três Vassouras.

– Está realmente tudo bem com você aí, Harry?

– Sim. Já conferi.

– Ótimo.

– Vamos?

A avenida de Little Hangleton estava deserta. Uma brisa gélida perpassou no rosto de Harry quando ele avistou a casa onde seus tios estavam sendo prisioneiros.

Harry tirou sua capa de invisibilidade da mochila.

– Aqui, Sirius, vista.

– Antes é melhor preparar as bombinhas de segmentas...

– Certo... — Disse tirando um pacote vermelho de dentro da mochila.

– Quantas voltas? — Perguntou Harry referindo-se ao botão de dar corda.

– Acho que três é o suficiente.

O Mistério do Ueu Negro

Harry deu três voltas. Em seguida, os dois entraram debaixo da capa. Tinham que tomar cuidado com os ventos que sopravam, já que a capa mal conseguia esconder dois adultos.

Harry fez a capa crescer mais um pouco como fizera antes.

Avistaram apenas um Comensal de vigia na entrada da Casa.

– Espere aí, Harry. — Murmurou Sirius. Os dois pararam em frente à porta.

Após alguns segundos, uns ruídos de gargalhadas e explosões foram ouvidas no mesmo lugar em que Harry havia deixado o pacote vermelho.

O Comensal assustou-se e foi ver o que estava acontecendo.

– É a nossa chance!

– Certo. — Disse Harry puxando a varinha: — Aloromora!

A porta abriu-se. Eles entraram e fecharam-na rapidamente.

– Para que lado vamos? — Perguntou Harry.

– Eles estão no último andar, lá em cima. — Informou Sirius.

– Certo... — E sincronizaram os passos para não tropeçarem. Estava escuro e Harry não ousaria evocar o Lumus.

Subiram as escadas lentamente, pois rangiam de tão velhas que se encontravam.

– Só mais uma escada, Harry.

Quando chegaram no último andar, deram de cara com mais um Comensal guardando a porta de um dos quartos. Dava para ouvir gemidos vindos de lá de dentro.

– É lá que eles estão. — Falou Sirius muito baixo.

– Como vamos entrar?

– Ainda tem mais algum pacote de segmentarias?

– Não, só havia aquela... espera aí..

Harry andou lentamente com Sirius ao seu calcanhar, até uma porta no fim do corredor.

– Parece que o Voldemort não está em casa hoje... — Disse Sirius.

Harry pôs a mão na maçaneta e a porta se abriu com um forte rangido.

– Quem está aí? — Perguntou o Comensal coberto de tecido preto. — Lord das trevas?

Sem resposta, ele foi até o fim do corredor. Harry e Sirius aproveitaram o momento e foram até a porta onde antes o Comensal guardava. Harry tocou na maçaneta, mas a porta estava fechada.

– Aloromora!

A porta se escancarou. O Comensal percebera o que estava acontecendo e correu de volta.

Harry e Sirius tiraram a capa e entraram no quarto. Petúnia e Válter estavam amarrados numa imensa poltrona enquanto Duda estava nas mesmas condições em outra poltrona. Havia uma mordaca em sua boca.

Harry fechou a porta rapidamente.

– H-Harry? — Perguntou o Tio Valter apurando as vistas.

– Fiquem calmos, vamos tirar vocês daqui. — Disse Harry suando frio.

Sons de feitiços arremessados foram ouvidos atrás da porta. Até que ela se escancarou.

– Malditos, quem são... Harry Potter!

– Desamarre-os, Harry, eu cuido dele! — Sirius virara um cachorro e partia para cima do Comensal.

– Serdanulus! — Gritou Harry e as cordas que prendiam seus tios e seu primo se desenrolaram.

Eles se colocaram de pé tremendo.

O Mistério do Ueu Negro

– É tudo culpa sua, Harry, tudo culpa sua! — Gritou tio Válder.

– Agora não é hora de agradecer, tio, vamos sair daqui.

Sirius mordida o braço do Comensal, enquanto outros subiam escadaria à cima.

– Volte, Sirius, vamos desparatar, rápido! Tios, segurem suas mãos, Duda, você também. — Duda ainda tentava tirar a mordida.

– Ah, mocinho, você vai ter que se explicar. — Disse Tio Válder.

– Agora não, Válder... — Petúnia falou com firmeza, segurando a mão do marido e do filho.

Sirius tornou-se um bruxo novamente e pulou para segurar a mão de Harry no momento em que ele desparatava.

Chegaram nos portões de Hogwarts.

– Vamos rápido vocês aí... Temos que chegar antes do jantar. — Disse Sirius rindo com a situação e com a boca ensanguentada.

– Também estou com fome. — Disse Duda se refazendo um pouco do choque já que ouvira falar de comida... coisa que parecia não ver já a um bom tempo.

– Hogwarts?? Não é a maldita escola desse moleque?? Eu não quero entrar aí... não quero conviver com pessoas dessa laia.. nem um minuto sequer!! — Disse Válder com arrogância.

– Tudo bem, tio. Prefere que eu o leve de volta para onde estava, ou prefere que eles venham te buscar?

Obliviadores de JK
— 38º Capítulo —
ABORTO

Quando chegaram a Hogwarts o jantar já estava sendo servido. Harry levou todos para o salão principal.

— Uau! — Duda estava encantado com a quantidade de comida que tinha na mesa.

— Esperem aqui enquanto eu e Sirius vamos falar com a professora Minerva... — Falou Harry já indo em direção à mesa principal, Minerva levantou-se para falar com ele.

— Sirius? Mas como... aquele velho que foi lá em casa outro dia não disse que ele morreu? — Disse Petúnia com cara de assustada. Mas seu pensamento foi interrompido, pois Duda estava andando, quase que junto a Harry, hipnotizado com a comida...

-PLACK-

Bateu em um dos bancos o que chamou a atenção de todos e provocou muitas gargalhadas dos alunos... Rapidamente Duda voltou para trás dos pais.

— Bem, acho que agora já não é necessário escondê-los. — Disse Minerva chegando junto a eles. — Pelo visto ocorreu tudo bem com vocês, não é? — Minerva passara o olho por todo o corpo de Harry atrás de um único arranhão.

— Muito, muito bem!

— Que bom que não temos que discutir sobre isso então, estou quase morto de fome. — Disse Sirius...

— Silêncio, por favor. — Disse Minerva que acabara de voltar à Mesa principal. O murmurinho cessou. — Como vocês já devem ter reconhecido, esses são os membros da família Dursley que foram seqüestrados por você-sabem-quem. Posto isso, quero que tomem conhecimento de que eles passarão a noite aqui com a gente como visitantes para que amanhã

O Mistério do Ueu Negro

possamos arrumar uma segurança maior para eles com a ajuda do ministério. — Minerva deu a entender que seu discurso havia terminado, e todos voltaram a comer em meio à conversas sobre o que ela acabara de falar. direcionou-se a Harry.

Harry levou todos para a mesa da Grifinória, junto com Sirius. Os Dursleys estavam apreensivos, pois todos agora olhavam para eles.

Harry sentou ao lado de Rony, Hermione e Gina com sua "família" do outro lado .

– Ah, Harry, que susto que você deu na gente, já estávamos todos chorando. — Disse Gina o abraçando-o.

– É... teve uma hora que eu pensei que não te veria... veria vocês de novo. — Disse Harry dando um beijo de leve em Gina...

Tio Válter estava sentado à mesa com os dedos cruzados, reto o quanto sua coluna podia suportar sua pança imensa. Estava com os olhos apertados, analisando cada centímetro.

– Petúnia, veja só onde fomos parar? — Murmurou ele cerrando os dentes.

– Vamos apenas passar a noite aqui, querido...

– Não me diga que gostou de voltar a este lugar, Petúnia! Isso seria demais para mim! — Disse ele perplexo.

– C-claro que não, Válter, não diga besteiras... — Disse arregalando os olhos.

Duda tinha uma coxinha de galinha em cada mão, molho de tomate escorrendo pelo queixo, enquanto tentava tomar suco de abóbora segurando o copo com os pulsos.

– Hei, quer uma ajudinha aí? — Disse Parvati fazendo o copo de Duda levitar. Duda ficou boquiaberto.

– O-obrigado... — Agora o copo derramava suco em sua boca. Todos riam ao redor da mesa.

– Não vai comer nada, tio?

– Não fale comigo até eu pôr as mãos em você, mocinho!

– Sem problemas. — Disse Harry enquanto se deliciava com uma tortinha de frutas.

– A senhora é mesmo trouxa? Eu não sabia que trouxas podiam entrar em Hogwarts... — Disse Colin.

Petúnia ficou sem graça.

– É claro que ela é uma trouxa... digo... claro que não é bruxa, seu moleque! — Rosnou tio Válter.

– Mamãe, quero que a senhora faça suco de abóbora para mim todos os dias, a partir de agora! — Disse Duda com a roupa molhada do suco.

Tia Petúnia, hesitante, arriscou-se a provar do risoto de frango, que julgou estar no ponto certo. Comeu um prato enorme sem perceber.

O jantar prosseguiu sem maiores problemas, até todos irem aos seus dormitórios. Os Dursley foram convocados pela Profª. McGonagall. Filch acompanhou-os.

Petúnia virou a cara ao ver Filch.

– Petúnia? Mas é a senhora mesmo? — Disse Argo Filch, iluminando a face com um sorriso.

Petúnia fez-se de surda.

– Você conhece esse homem, Petúnia? — Perguntou tio Válter em um tom repreensivo.

– Claro que não, Válter! Mas onde já se viu... — Filch entortou a cara.

– Harry... mas de quem foi a idéia de trazê-los para cá? — Perguntou Hermione.

– Não havia outro lugar para irem.. qualquer lugar seria perigoso...

– E agora, para onde a Minerva os mandará? Em Hogwarts é que eles não podem ficar! — Opinou Gina.

O Mistério do Ueu Negro

– Eu bem que gostaria ver o seu primo assistir a uma aula de Trato de Criaturas Mágicas com o Hagrid. — Disse Rony sarcástico.

– É, aquela planta carnívora ficaria feliz, teria fartura por meses. — Disse Harry, e todos riram.

– Onde está o Sirius? — Perguntou Hermione.

– Está com a diretora. — Disse uma aluna da Grifinória. — Eu o vi saindo com a professora McGonagall da sala de jantar.

Duda veio vindo se juntar ao grupo. Estava acompanhado por Simas.

– Pediram que eu o trouxesse para a sala comunal. — Disse Simas balançando a cabeça.

Harry prendeu um riso, Duda estava demasiado assustado.

– Será que o Dudinha tem medo de fantasmas? — Caçoou Harry.

– F-f-fantasmas não e-e-existem... — Gaguejou ficando amarelo.

– E o que você acha que eu sou, garoto? — Disse Nick-quase-sem-cabeça saindo da parede.

Duda ficou pálido, desmaiando em seguida.

Depois de algum tempo, Harry achara estranho o sumiço de Sirius e quis saber o que ele tanto teria a falar com Minerva. Por isso, foi até a sala da diretora.

“Talvez ele ainda esteja por lá”, Pensava Harry saindo do salão Comunal e deixando os colegas conversando e atormentando Duda.

Atravessou corredores desertos, era quase noite, todos já deveriam estar indo para as suas camas. Ao aproximar-se da sala de Minerva, ouviu a voz dela conversando:

– Tem certeza de que não deseja ficar até que tudo se resolva, Petúnia? — Disse ela. Harry escondeu-se para ouvir.

Ele sorria, estava prestes a ouvir Petúnia ser insolente com McGonagall e depois receber uma dura da professora.

– Acho melhor não, Minerva... o Válter não permitiria.

Harry apurou os ouvidos. Olhou por uma fresta e percebeu que na sala havia apenas a professora e sua tia.

– Não dê ouvidos a ele... ele é o pior trouxa que já vi em toda a minha vida!

– Eu não pertenço à droga deste mundo, Minerva e não fale assim do meu marido! — Respondeu e Harry sorriu, tinha chegado a hora. Podia até imaginar a cara enfezada da professora McGonagall.

– Não seja rancorosa, Petúnia... veja só o Filch, ele é como você, mas não é só por isso que ele sente raiva dos bruxos de verdade.

Harry estagnou na porta. Seus olhos estavam arregalados e sua boca completamente aberta.

– Minha tia é um aborto... — Murmurou chocado.

– Seja como for, então... Rufo irá arrumar um bom lugar para você e sua família ficar. Eu mesma me oferecerei para ser a fiel do segredo.

– Obrigada, Minerva...

– Você está aí, Harry! — Disse Sirius que aparecia atrás da gárgula. — Estava à sua procura, não agüento ficar mais um segundo com o seu tio!

– Não adianta você tentar me enrolar, rapaz! Não vou deixar mais um minuto sequer minha esposa trancada com aquela feiticeira! — Válter vinha seguindo Sirius.

– E o que você vai fazer, gordão? — Disse Sirius forçando uma risada.

Tio Válter cerrou o punho.

– Sirius, venha comigo, preciso lhe contar uma coisa...

Sirius desviou o olhar de tio Válter e acompanhou Harry:

O Mistério do Ueu Negro

– Se você se aproximar dessa porta, Válter, irá virar um sapo, bem gordo e feio, escreva o que eu digo! — Disse Sirius e Válter olhou para a porta levantando uma das sobrancelhas.

– Eu... acho... eu vou esperar aqui fora. — Disse ele assustado.

Quando teve certeza de que ninguém podia ouvi-los, Harry começou:

– Sirius... descobri uma coisa terrível... a minha tia...

– O que tem ela, Harry?

– Ela é um aborto...

Sirius gargalhou.

– Isto não é brincadeira! — Alertou Harry indignado.

– Quem lhe contou isso? — Perguntou Sirius consertando-se.

– Eu ouvi a professora McGonagall falar!

Eles pararam de andar. Sirius ficou pensativo por uns instantes.

– Deve haver algum equívoco, Harry... sua tia não é um aborto, não poderia ser.

– Sirius, agora tudo se encaixa... ela não repudiava minha mãe, mas tinha inveja! Você já deveria saber disso, era amigo de minha mãe, ela deve ter lhe falado... viveu naqueles tempos... deveria saber!

– Olha, Harry, esta não é uma história divertida ou interessante que eu já deveria ter lhe contado em um de nossos encontros... mas, vou lhe dizer agora somente para parar de pensar besteiras.

– Como assim?

– Sua tia nunca poderia ser um aborto, já que ela não vem de uma família bruxa...

– Mas eu ouvi a professora falar que ela era igual ao Filch e ele é um aborto ou vai negar?

– Claro que não... Filch é sim um aborto. Tiago e eu tirávamos bons proveitos disso na época em que descobrimos... houve uma vez que...

– Sirius, eu não quero saber disso agora!

– Ok, ok... Mas você deve saber também que o Filch tenta aprender magia de todas as formas... e foi nesse sentido que a Minerva deve ter comparado os dois.

– Tia Petúnia também tenta aprender magia?

– Não, Harry, mas já tentou, se esforçou, quase morreu por isso. Depois que descobriram que sua mãe era uma bruxa, começaram a tratá-la quase que como uma rainha e sua tia passou a ser uma pessoa sem importância na família. Petúnia decidiu, então, aprender magia e passou a conversar bastante com a sua mãe em todos os verões, após ela voltar de Hogwarts. Lia todos os seus livros, aprendia tudo o que era possível. Lílian contou-nos que certa vez a flagrou tentando usar sua varinha. Petúnia nunca teve talento algum para fazer magia. E quando sua família descobriu sobre suas tentativas, riram de sua cara. Foi então que se deu conta dos fatos e passou a odiar todas as coisas que se relacionavam ao mundo mágico.

– Eu... eu não sabia...

– E então ela se casou com o trouxa mais conservador do mundo, aquele grandalhão idiota. O Válter deve saber do passado dela, por isso tem tanto medo quando se toca no assunto sobre magia... tem medo que a mulher tenha alguma queda...

– Isso era a última coisa na qual eu poderia pensar! Tia Petúnia tentando ser bruxa...

– O mais difícil de acreditar, é que certa vez Petúnia chegou aqui, em Hogwarts... Ela havia se escondido no trem e...

– Impossível! Como ela conseguiria passar pela plataforma 9 e meio?

O Mistério do Ueu Negro

– Ninguém nunca descobriu, Harry... depois do ocorrido, tentaram fazê-la passar novamente, mas ela ganhou um galo na testa por isso...

– Eu sinto um pouco de pena dela...

– Mas nunca é tarde para se descobrir algum tipo de magia dentro de si, não é mesmo, Harry?

Na hora de dormir, Duda pediu incontrolavelmente para se juntar aos pais num quarto que Minerva prepara para eles.

Os três passaram a noite acordados, temendo qualquer ruído.

Na manhã seguinte, bem cedo, um funcionário do Ministério da Magia veio buscar os Dursley, para levá-los a um local seguro. Minerva abandonou Hogwarts por algumas horas, enquanto prestava o serviço de tornar-se a fiel do segredo.

Já no almoço estavam todos felizes comemorando pela volta de Harry e Sirius:

– Você não sabe o sufoco que a gente passou. Estava todo mundo chorando... — Disse Rony. Em seguida fez uma cena dramática, afinando a voz: — Ai, ai... o escolhido morreu e agora quem irá nos defender?

– Ah, Rony, você fala isso agora, mas você também chorou...

– Mione esses detalhes a gente não conta... — Todos na mesa estavam rindo da discussão de Rony e Hermione.

– Nossa, essa macarronada está maravilhosa...

– Oh Gina, não come muito, se não vai ser mais um dia perdido na ala hospitalar para você e para o Harry... não é Harry?

Ele não respondeu.

– Você está legal, Harry?

– Harry... o que ta acontecendo? — Perguntou Gina com a boca cheia de macarrão.

Essas foram as últimas coisas que Harry ouviu. Ele tinha desmaiado, mas logo acordou, porém não estava mas em

Hogwarts, estava novamente na casa dos Riddles. Sua cicatriz estava doendo muito, as coisas estavam embaçadas, ele logo viu Voldemort num canto com quatro comensais rodeando-o.

– Vocês estragaram tudo, seu bando de inúteis! Como deixaram ele escapar, foi só eu sair por algum tempo... — Voldemort estava muito nervoso. — E você snape!? EU FALEI QUE ERA PARA FICAR AQUI!

– Mas... meu Lord... nós não tivemos como fazer nada... eles foram muito rápidos. — Disse o comensal que antes vigiava a porta do quarto.

– Não digam tolice! Vocês vão ter que pagar...

– Não tem nada que eu possa... — Snape tentou começar, mas Voldemort lançou um feitiço em cada um deles.

Harry não suportou mais a dor em sua testa e desmaiou novamente.

– Ele esta acordando...

– Harry, você está bem? — Harry abriu o olho e viu Sirius ao seu lado e logo atrás dele todos estavam reunidos, Gina, Rony, Hermione, Hagrid, Lupin, Tonks e Minerva: ele estava na ala hospitalar.

– Sim, estou... estou bem. — Disse Harry forçando um sorriso para convencê-los.

– O que aconteceu? — Perguntaram Rony, Hermione e Gina em coro.

– Nada muito grave, mas parece que Voldemort ficou com muita raiva do resgate, mas do que o normal... deixou sua mente aberta, até o Snape que é o queridinho dele foi castigado.

– Bem feito... — Disse Sirius de um jeito que parecia mais um rosnado do que uma palavra.

– É, parece que o que ele tinha preparado para você era uma coisa muito boa, digo, para ele. — Disse Lupin pensativo.

– Bem, de qualquer forma ele não conseguiu. — Disse Minerva sorrindo ao ver o garoto intacto.

O Mistério do Ueu Negro

– É.. agora quem deve estar armando alguma coisa deve ser o Snape, ele não vai se perdoar de ter me deixado escapar de novo.

– Então temos que ficar de olho nele. — Alertou Hermione.

Todos concordaram, sem saber como isso seria possível. Muita conversa foi o que houve no resto daquela noite, até que apareceu a Madame Promfery afastando todos de perto de Harry para ver se o seu paciente já poderia receber alta.

– Bom, acho que você já pode ir, mas cuidado para não sair desmaiando por aí a toda hora. Sabe, eu fico louca de preocupação!

Todos saíram rindo da Ala Hospitalar, Gina apoiando Harry nos braços, cuidadosa.

– Não precisa não, Gina.

– Deixe-me ajudar!

Quando chegaram em frente ao quadro da mulher gorda, Hermione sussurrara:

– Barretes vermelhos.

E o quadro da mulher gorda girou, deixando passagem para todos entrarem. Gina e Hermione subiram as escadas para o dormitório feminino, não sem antes, dar um beijo de boa noite em seus respectivos namorados.

Harry e Rony subiram para seus dormitórios e Sirius dirigiu-se ao seu quarto na masmorra...

– Noite. — Falou Rony bocejando.

– Até amanhã. — Respondeu Harry.

Mas na verdade, Harry não teve uma boa noite. Ele passou a noite toda pensando em sua tia.

Um aborto?, pensava.

Petúnia era a última pessoa no mundo (depois do tio Válter) que Harry pensara ter algum envolvimento com o mundo mágico.

“É por isso que ela me aceitou a contragosto... Tinha inveja da minha mãe. Minha mãe era uma bruxa e ela...”

Deixava passar a noite pensando nisso e em sua visão de Voldemort.

“O que será que o Snape está preparando para mim?”

Harry tinha certeza que uma simples poção não seria. E sorrindo com sua própria besteira, ele tirou seus óculos, colocou em cima da mesa de cabeceira e vendo Rony aos roncões, seguiu o seu exemplo.

O café estava delicioso na manhã seguinte.

Harry avistara Sirius conversando com McGonagall.

“Caras sérias... Coisas da Ordem, provavelmente.”

Enquanto estava distraído em seus pensamentos, uma mão quente e macia tocou seu rosto e, dando-lhe um beijo na bochecha, sentou ao seu lado.

– Acabei de encontrar o Sirius, ele pediu para te avisar que vai fazer um trabalho especial para McGonagall, e que estará de volta em breve — informou Gina.

Harry percebeu que McGonagall havia voltado para seu lugar e Sirius sumido de vista.

– Ele não disse mais nada?

– Não, por quê?

– Não é nada. Tenho que ir. — Falou Harry levantando-se rapidamente sem perceber que passara por Rony e Hermione.

Procurou pelo padrinho em todas as partes que pôde no castelo. Sem resultados, decidiu descer para sentir a brisa do jardim.

– Harry! Onde estava? Você passou por nós e nem nos cumprimentou. — Perguntou Hermione se aproximando, preocupada.

– O que está acontecendo, cara? — Perguntou Rony.

O Mistério do Ueu Negro

– O Sirius... Acabou de sair a pedido de McGonagall, o que acham que deve ser?

– McGonagall? — Perguntou Rony meio pensativo. — Coisas da...

– Ordem. Eu sei.

– Quando ele voltar conversamos com ele — disse Hermione.

Harry confirmou com a cabeça, enquanto andavam ao redor do lago. Depois de algum tempo em silêncio, Rony falou:

– Ah... Harry... Alguma pista das Horcruxes?

– Não... Estava pensando... para matar Nagine será muito difícil, já que está sempre ao lado de Voldemort... — Rony estremeceu. Harry lançou-lhe um olhar de esguelha.

– Desculpe, força do hábito... — Disse sem jeito.

Edwiges interrompeu a conversa antes de Harry continuar, pousando no ombro de Harry com uma carta no bico.

Harry reconheceu aquela letra, que ele não via há muito tempo. Leu em voz alta:

"Harry,

Eu vi a sua cara no café e creio que Gina já tenha lhe dado o meu recado. Peço que não se preocupe comigo.

Quando eu voltar, lhe contarei tudo, tenho medo de Edwiges ser interceptada.

Não saia do castelo.

Um Abraço,

Sirius."

– Deve ter sido algo bastante urgente... — disse Harry.

– Já que não podemos ajudá-lo, vamos fazer o que ele disse, não sair do castelo e esperá-lo... — sugeriu Hermione.

– Muito estranho... — Falou Rony intrigado.

– Por que não vamos falar com a McGonagall? — disse preocupada.

– Encontro vocês daqui a meia hora no salão comunal. — Disse Harry indo ver a professora, deixando os garotos sem palavras.

Chegando no corredor do sétimo andar, Harry notou a presença da diretora revisando um quadro.

– Professora...

– Ah, Harry... que bom que está aqui. Vamos até minha sala, por favor... — convidou ela.

Os dois caminharam em passos longos e com “sequilhos de menta” a gárgula pulou dando origem a entrada da sala de diretores.

– Sente-se... — Minerva apontou para a cadeira à sua frente. — Então, o que tem de importante para me comunicar? Outra saída?

– Não, professora. — Harry movimentou-se sem jeito na cadeira, fazendo ela ranger. — É sobre o...

– Sirius? — Perguntou McGonagall erguendo a cabeça.

– Sim... Ele me contou que saiu para uma missão a seu mando... e que...

– Para mim? Estranho... eu só conversei com Sirius hoje pela manhã e foi um assunto sem importância. — Completou a Diretora levantando ainda mais as rugas em sua testa.

– Foi o que ele disse...

Ao fitar a expressão da professora, Harry acrescentou:

– A senhora não acha que ele... foi atrás do Snape, ou acha? — Perguntou Harry. Minerva não respondeu. — A senhora sabe... se vingar dele por causa de...

Minerva lembrou-se mais uma vez do ano anterior, e suspirou.

– Eu já lhe disse que a morte é apenas uma aventura, professora McGonagall — Dumbledore falou do seu quadro.

O Mistério do Ueu Negro

— A propósito, sim, Harry os ressentimentos de Sirius voltaram ainda mais intensos. Acho melhor tomar providências.

Ao ouvir aquilo Harry percebeu que era a última palavra. Ele devia ir imediatamente atrás de Sirius.

Despediu-se rapidamente de Minerva e foi ao encontro de Rony e Hermione no salão comunal.

Contou-lhes o que estava acontecendo. Num piscar de olhos, já estavam prontos e partindo através dos campos molhados e cintilantes dos arredores do castelo. Após os portões, desapareceram.

A casa dos Ridlle estava anormalmente quieta.

— Acho que ele não está aqui... — Murmurou Rony medroso.

— Não vamos saber até entrar. — Sussurrava Hermione.

— Que tal voltarmos e pedirmos ajuda!? — sugeriu Rony nervoso. — Com certeza o Sirius não está tomando um chazinho com você-sabe-quem...

— Rony você que quis vir, então não reclame! — Respondeu a garota num tom seco.

— Fiquem quietos. — censurou Harry.

— Olhe! — Hermione apontou para um vulto preto que acabara de aparatar. — É o Macnair e o...

— Snape. — Completou Harry em tom desafiador.

Enquanto os dois se encaminhavam para dentro da casa, as folhagens ao extremo oposto dos garotos começaram a se mexer.

— Quem está aí..? — perguntou Macnair cauteloso.

Olhos vermelhos se destacaram dentre as folhagens, e Harry pôde perceber que o padrinho tencionava fazer a maior besteira de sua vida.

Sirius, em sua forma canina, pulou para cima de Snape, mas este foi mais rápido. Em pleno ar, Sirius foi arrebatado com um feitiço estuporante.

Sirius ficou imóvel no chão.

– Ora, ora, ora... Vejam o que temos aqui... — disse Snape irônico, enquanto se aproximava do cão inerte. — Alguém que achou divertido morrer e quer tentar outra vez.

– Mas que idiota, o que o Sirius tem na cabeça? — Disse Rony.

– Ele vai matá-lo, precisamos ir até lá!

– Não, Harry — Hermione segurou-o pelo braço. — Precisamos esperar uma oportunidade, senão todos nós morreremos. Há mais comensais lá dentro.

– É uma pena que eu não tenha tempo para ouvir o que há depois da morte, cachorro pulguento... — Snape apontou a varinha.

– Hermione, tem de ser agora — Harry fitou a amiga.

Ela hesitou, mas no fim concordou, junto com Rony.

Por um segundo Harry lembrou-se da pior cena de sua vida: Snape com uma varinha na mão, e a mesma cara de desprezo preste a assassinar alguém desarmado e indefeso.

Mas havia uma diferença. Harry não estava amarrado.

– Avada... — Começou Snape, mas foi interrompido:

– EXPELLIARMUS!

Harry conseguira desarmá-lo, no mesmo instante que Macnair hasteara sua varinha.

Era a oportunidade que Sirius esperava. Parou de fingir-se desacordado e saltou para o braço do comensal, estraçalhando-o vorazmente.

Macnair urrou de dor, enquanto Harry corria para impedir que Snape recuperasse a varinha.

– POTTER! — Ralhou Snape.

– Estoporius! — gritou Hermione e Macnair caiu no chão, entorpecido.

Rony pegou a varinha de Snape enquanto Sirius voltava ao normal. Os quatros acuraram-no, rodeando-o.

O Mistério do Ueu Negro

– Vão se arrepender... todos vocês... — a voz de Snape estava embargada pelo ódio. — E você, Harry? O que diria se soubesse de toda a verdade?

– Mas que...

Antes do primeiro movimento, Snape havia desaparatado num piscar de olhos, em meio a risos debochosos.

Harry ainda tentou impedir, mas era tarde demais.

– Seu covarde! — Gritou Sirius.

As luzes da casa começaram a se acender, enquanto os sons de vários passos avançavam para o jardim.

– É a nossa vez. Vamos! — Gritou Hermione.

Os passos e vozes estavam mais perto. Sirius, Rony, Hermione e Harry entreolharam-se, desaparatando logo em seguida para frente de Hogwarts.

McGonagall passou o resto da manhã dando sermões em Sirius.

Obliviadores de JK
— 39º Capítulo —
❧ PRÉVIA DO FIM ❧

Harry acordou na manhã seguinte bem cedo, pensando no que Snape havia dito no dia anterior. Que verdade seria essa? Será que existia algo sobre a morte de Dumbledore que não estaria muito claro?

– Bom dia, Harry. — Cumprimentou Gina. — Está preocupado com alguma coisa?

– Não se preocupe. Viu o Sirius?

– Estava no salão principal agora há pouco.

Ele beijou-a de leve e saiu pelos corredores. Sirius conversava com o Nick quase-se-cabeça:

– Olá, Harry!

– Nick. Sirius, eu queria falar algo com você. Pode ser? — Perguntou ele.

– Oh, vou deixá-los a sós, cavalheiros — e Nick atravessou uma parede.

– O que houve, Harry? — Indagou rapidamente ao ver a cara de preocupação do afilhado.

– Você que estava podendo ver tudo nesses últimos tempos, sem que ninguém lhe percebesse... sabe de alguma coisa que eu precise saber?

Sirius tossiu.

– Não sei de nada, Harry. Por que pergunta isso?

– Você viu ontem. Há alguma verdade que estão escondendo... sabe de alguma coisa?

– Não sei. Provavelmente o Snape quer lhe atrair até o Voldemort com alguma desculpa... — Falou Sirius pensativo.

– Eu tenho certeza de que há algo mais, e vou descobrir.

Sirius balançou a cabeça:

O Mistério do Ueu Negro

– Deve se preocupar apenas com a Ordem, garoto, esqueça o que não interessa.

Você é quem pensa. Vou descobrir o que andam escondendo de mim.

– Ok, Sirius. Vou tomar café. — Disse Harry dando-lhe as costas e dirigindo-se ao Salão Principal.

Uma coluna de pessoas seguia-se nas mesas, os alunos estavam alegres, afinal, faltavam apenas duas semanas para a saída do trem para a estação Kim Cross.

Harry aproximou-se da mesa da Grifinória e sentou-se no meio de Rony e Hermione que liam ansiosos a carta que acabara de chegar da Sra. Weasley.

– Harry, mamãe disse que era para você voltar e resolver alguns problemas da Ordem, que só você pode aderir. — Disse Rony oferecendo o pergaminho com letras grossas e metálicas.

– Eu estava pensando nisso, não temos mais muita coisa a fazer aqui, Harry...

Ruídos breves e grotescos vinham da mesa de professores, todos olhavam para Hagrid derramando vários pingos d'águas e fazendo um som parecido com dragões Húngaros em choca.

– O que houve com o Hagrid? — Perguntou Harry preocupado.

– O monstro também está assim... — Disse Hermione. — Ele não aceita voltar a obedecer ao Sirius, diz ele que você era melhor...

– O Hagrid ficará sem o Bicu... Asafugaz — disse Rony. — Ele sabe que o Sirius irá querer de volta.

– Não, Rony, Sirius não irá precisar mais, está seguro em Hogwarts.

– Diga isso ao Hagrid. — Disse Hermione — E ainda tem a Resfine...

– Vou falar com o Sirius — disse Harry.

– Harry, então você não será mais o dono da casa 12 do Grimalld, não é?

– Prefiro o Sirius do que a sua herança, tudo deve voltar para ele, sim. — Rony arregalou os olhos. — Não se preocupe, já comentei com o Sirius que dei parte da herança dele aos seus pais, e ele adorou a idéia.

Rony voltara a sorrir.

No fim da tarde, os três partiam para a Toca.

– Obrigado por ter nos deixado aqui e por deixar fazermos os nossos NIEM's... — Agradecia Harry a Minerva nos portões de saída.

– Foi bom ter vocês este ano, não duvidem disso. — Ela olhou para Rony que segurava seu malão e uma minúscula gaiola, Hermione com uma multidão de livros e seu malão na mão, Dobby segurava afoito a bagagem de Harry. — Esteja à vontade a voltar quando quiser ou precisar... e você, Sirius, não vá maltratar o Monstro.

– Será tratado como um elfo, não se preocupe — ele sorriu.

Hermione olhou-o de esguelha.

– Tchau, Hagrid... — Falou Harry apertando a mão do professor, que por sua vez esmagou-a.

Todos já haviam se despedido quando sumiram da vista de Hagrid, Minerva e de Gina que olhava da janela no alto da torre da Grifinória.

Algumas horas depois Hagrid estava alimentando o Bicuço, quando ouviu fagulhas vermelhas vindo da direção dos portões.

– Mas que diabos será agora? — Disse, e foi abrir os portões. — Professora McGonagall! Não a vi sair, me perdoe...

O Mistério do Ueu Negro

— Tive de resolver alguns problemas sérios, Hagrid. — Disse, enquanto o gigante abria os portões, utilizando seu guarda-chuva.

— Mas por que não entrou, professora? Tem passagem livre aqui.

— É, eu sei, seu tolo... — Disse e, no instante seguinte, sacou a varinha: — Estupefaça!

Todos já estavam na Toca. Sirius conversava com Molly na cozinha, enquanto os garotos estavam no quarto de Rony.

— Onde você irá ficar, Harry? — Perguntou Hermione. — Na casa que a professora McGonagall arrumou para seus tios ou vai para casa do Sirius?

— Sirius me perguntou a mesma coisa mais cedo. Respondi que iria para a casa dele, mas...

— E não vai? — Perguntou Rony, estranhando.

— Ele disse que seria bom que eu fosse ficar com os meus tios, para o caso deles precisarem de ajuda.

— Ah, Harry, o Ministério deve ter colocado algum auror à disposição deles...

— É, eu sei... Mas eu concordo com o Sirius. — Disse Harry suspirando profundamente. — Talvez seja melhor que eu fique com meus tios, assim facilita a aceitação deles... com o mundo mágico... Posso estar orientando-os.

— Você é quem sabe... mas se por acaso ficar com saudades daqui, Harry, estará convidado a voltar.

Tinham ido para a Toca após a insistência de Molly. Agora que estavam bem alimentados, com as roupas lavadas e com tudo em ordem, Sirius escoltou Harry até a casa onde os tios estavam escondidos.

— É aqui que o deixo, Harry. — Eles estavam numa rua onde havia poucas casas, cujas estas pareciam inabitadas. — Aqui é o endereço que Minerva escreveu nesse papel.

– Ótimo... Sirius... vou te visitar assim que puder... — Disse Harry analisando a área e dando um abraço no padrinho.

– Petúnia, não estou gostando desta idéia... deveríamos ter ido para a nossa casa de veraneio!

– Ah, Válter, você tem que começar a se acostumar com tudo isso, é a nossa realidade a partir de agora.

– E você está adorando, não é mesmo? — Perguntou ele apertando seus olhinhos.

– Não seja bobo! Aqui contamos com uma certa proteção, seja lá de quem for e da onde venha.

– Esta rua me dá medo... — Disse Duda.

Um som de manivela foi ouvido no andar de cima, e logo após um forte rangido. Válter e Duda assustaram-se. Agora os três olhavam para a porta no topo da escadaria. No segundo seguinte, a porta abriu-se lentamente.

– Quem está aí? — Perguntou tio Válter trêmulo.

Harry apareceu na soleira.

– Ah, Harry, é você! — Falou Petúnia. — Nos assustou...

– Vou passar uma temporada com vocês, até que tudo se resolva. — Informou.

– Ah, não vai não! Você tem o seu padrinho, agora. Vá morar com ele! — Disse Válter.

– Era o que eu mais desejava agora, tio. Mas, para a sua sorte, ainda me preocupo com vocês e vou ficar aqui caso aconteça alguma coisa.

Tio Válter bufou:

– Você anda muito confiante, garoto! Só por que tem este pedaço de madeira em suas mãos! Ah, se eu tivesse uma... eu...

– O senhor seria um bruxo, simplesmente.

Tio Válter arregalou os olhos, Petúnia disfarçou um sorriso.

O Mistério do Ueu Negro

– Onde fica o meu quart... — Harry foi interrompido pelo mesmo som que antes assustara os Dursley. — Quem deve ser?

Sirius entrou na casa, arfando.

– Harry, precisamos sair daqui, imediatamente. — Disse Sirius.

– Mas o que está acontecendo? — Perguntou Válter.

Sirius desceu as escadas rapidamente e começou a empurrar os Dursley para cima.

– Há Comensais e Dementadores nessa rua, estão procurando por nós, temos que fugir!

– Impossível, Sirius, a professora McGonagall é a fiel do segredo, eles nunca poderão nos encontrar! — Disse Harry intrigado.

– Então eu sugiro que você me explique o que a Minerva está fazendo com os Comensais!

Harry pareceu não entender:

– Como?

– A Minerva vem vindo aí, Harry. E está trazendo os seguidores de Voldemort, não temos muito tempo. Sem dúvidas ela está dominada pela Maldição Imperius.

Harry ainda não conseguira absorver aquilo. Minerva, dominada pela Imperius? Impossível...

E, pela terceira vez, aquele barulho insuportável rompeu o ar.

– São eles. — Disse Sirius nervoso. — Mas que droga!

McGonagall desceu as escadas.

– Boa noite, senhores. Como estão todos? Eu vim buscar Harry Potter.

Sirius foi ao seu encontro e a pegou pelos ombros:

– Minerva, acorde, eu sei que está dominada, você tem que me ouvir...

– Do que está falando, Sirius? — Perguntou ela.

– Eu vi, tem Comensais e dementadores aí em cima, você os trouxe, só pode estar amaldiçoada!

Minerva mudou sua feição. Tornou-se rígida.

– Como sempre, intrometido, hein, Black? — Disse ela sacando a varinha. — Imobilus! — Sirius congelou.

– Sirius! — Gritou Harry.

– Serdasilus. — Gritou Minerva, e Harry viu suas mãos sendo envolvidas por uma corda extremamente apertada.

Minerva repetiu o encanto para os abismados Durleys. Harry sabia que havia algo errado, era lógico. Ele teria de anular a maldição, ou seja lá o que fosse que estivesse dominando Minerva.

Esperaria pelo momento certo, então iria ao encontro de sua varinha, que estava em seu bolso.

– Vamos, subam! — Disse Minerva, e todos obedeceram, com a exceção de Sirius, que ficou lá embaixo, congelado.

Ao saírem para o ar frio da noite, todos tiveram uma surpresa.

Lá estavam duas figuras amarradas e dominadas pelos Comensais: Gina Weasley e Minerva McGonagall.

– Mas o que... — Disse Harry, olhando para aquela que acabara de lhe prender. — O que está acontecendo?

– Ah, Harry, me perdoe... eu fui burra. — Disse a Minerva que estava amarrada. — Ela me forçou a trazê-los aqui... ela...

– Ameaçaram me matar, Harry! — Disse Gina chorando.

– Mas eu não entendo, então quem é...

– Bellatrix Lestrange, muito bem, obrigada. — Disse ela, que havia tomado a poção polissuco com alguns materiais genéticos da verdadeira Minerva, colhidos com muito trabalho.

O Mistério do Ueu Negro

– Agora já temos o que precisamos, Belatrix, vamos eliminar esses patetas e levar o garoto ao Lord das Trevas. — Disse um dos comensais.

– Vocês irão se arrepender, covardes! — Disse Harry, alcançando sua varinha e realizando o mesmo feitiço do dia em que fora resgatar os seus tios, a única diferença é a de que agora havia sido Não-Verbal.

– Cale-se, Potter! — Belatrix hasteou sua varinha: — Quero ver se você agüenta isto. Cruc...

– Expelliarmus! — Berrou Harry, e a varinha de Belatrix voou para longe.

– Maldito! — Belatrix correu para recuperar a varinha.

Um Comensal adiantou-se para Harry, mas este foi mais rápido:

– Impedimenta! — E ele estagnou.

A mente de Harry trabalhava num turbilhão.

– Serdanulus. — Logo após gritou para os tios. — Corram, rápido!

Eles estavam assustados demais para correr. Harry virou-se para eles:

– Vamos, precisam fugir, depressa!

– Harry, cuidado! — Gritou Gina que tentava de todas as maneiras desvencilhar-se do Comensal.

– Abaixo-se, Harry. — Agora Minerva também gritava.

Fora tarde demais. Belatrix havia recuperado sua varinha e desarmou Harry. Sua varinha voou para longe de alcance.

– É muito atrevido, garoto, como ousa... Crucios!

O corpo de Harry contorceu-se. Ele sentia que todos os seus ossos quebravam.

Belatrix interrompeu a maldição, gargalhando.

– Não sei por que o Lord se preocupa com um idiota feito você. Eu poderia matá-lo agora!

Haviam dois dementadores, que murmuraram algo para Belatrix.

– Se isso lhes dá prazer, então está bem. Mas não o matem.

Os dementadores adiantaram-se para Harry, que estava deitado no chão, ainda sentindo dores no corpo. A brisa gelada que perpassava pela rua piorou, e agora o asfalto começava a congelar, enquanto os Dementadores sugavam a energia vital de Harry.

– Ahhhh... — Gemeu impotente.

Os Dursley assistiam aquilo assombrados.

– Mamãe, eles vão matar o Harry. — Falou Duda com medo.

– Pare com isso, mande-os pararem, Belatrix, por favor!
— Disse Minerva aturdida.

Gina chorava e gritava ao mesmo tempo.

Petúnia avistou a varinha de Harry e, sem pensar, correu para pegá-la.

– Petúnia! Ficou maluca? Largue isto aí, agora!

– O que você vai fazer, mamãe!? — Perguntou Duda.

“Quem é você?”

“Não... não sou ninguém...”

“O que está fazendo com essas vestes de trouxa? Por que ainda não se trocou como os outros?”

“Eu já vou me trocar...”

“Qual o seu nome? É uma bela moça.”

(Petúnia ficou vermelha.)

“Não, não posso falar com você, não sabem que estou nesse trem, por favor, não conte a ninguém...”

“Está bem, posso ajudar em alguma coisa?”

“Qual... qual o seu nome?”

“Tiago Potter. Está se sentindo bem?”

(Lógico que estava... aquele era o rapaz mais belo que ela já vira. Sentiu seu coração bater rapidamente.)

O Mistério do Ueu Negro

Esta era a melhor lembrança que Petúnia tinha.

– Expectro Patrono!

Da varinha de Harry saiu um belo animal. Uma pequena girafa, que erguia seu pescoço imponente. O patrono de Petúnia avançou para os dementadores.

Tio Válter e Duda, assim como todos os presentes, assistiram àquilo boquiabertos. Os Dementadores recuaram, e Harry levantou-se, demasiado tonto. Cambaleante, olhava do patrono para tia Petúnia.

– Mas... como?

Tia Petúnia adiantou-se para Harry com uma expressão indecifrável no rosto.

– To-tome... acho que isto é seu... — Disse devolvendo-lhe a varinha.

Snape aparatou.

– Por que demora, Belatrix? O Lord já está impaciente...

– Severo, o que faz aqui? — Perguntou ainda atônita com o Patrono que brigava com os Dementadores.

– Vim me retratar, eu levarei Potter para o Lord das Trevas.

– Ah, não vai não, eu farei isso! — Retrucou Belatrix.

– Está me desafiando, Belatrix!? — Indagou Snape sério. — Aprenda a ficar em *silêncio* quando eu falar.

Belatrix, que estava sobre o feitiço do silêncio, não conseguiu responder, mas apontou a varinha para Snape. Este, percebendo o ato da mulher, iniciou o duelo.

– Essa é nossa chance. — Sussurrou Harry para Gina e McGonagall enquanto lançava um encanto que desfazia a amarração nas duas.

– Vamos buscar reforços. Venha, Gina, depressa!

Minerva segurou na mão de Gina, e as duas desapareceram. McGonagall havia levado Gina para a Toca, e lhe dera instruções de convocar toda a família para ajudar,

enquanto ela ia a Hogwarts e logo em seguida para o Ministério.

Os Comensais também estavam divididos, alguns ajudavam Snape, outros Belatrix.

Harry escoltou os tios para longe dali, onde puderam assistir a briga de longe, sem se machucar. Encontraram um porão aberto de uma das casas.

– Fiquem aqui escondidos. Não saiam até que tudo isto termine — Harry deu as costas sem esperar por respostas. Os Dursley entraram, estavam aturdidos. Os três utilizavam uma fresta do alçapão para ver a rua.

Snape e Belatrix trocavam insultos e xingamentos.

– Deixe de ser estúpida! Não é este o nosso objetivo — disse Snape desviando de uma serpente que voava em sua direção. — Cuidamos disso depois!

Harry corria em direção a casa onde Sirius estava estuporado.

– Snape, seu idiota! O garoto está fugindo!

Snape e Belatrix perceberam a bobagem que haviam feito.

– Peguem-no! — Gritou ela, e vários comensais avançaram para Harry, lançando encantos.

Antes que as maldições pudessem acertá-lo, o ar se condensou, ricocheteando-as.

Aparatavam Kim, Tonks, Lupin, Minerva, Moody e muitos aurores do Ministério. Snape prontamente tocou com a varinha em sua tatuagem, e em seguida chegaram vários outros comensais com máscaras e capas pretas, deixando a escuridão da rua não habitada ainda pior.

A guerra havia começado. Cada auror cuidava de um, dois, três comensais. A briga estava desequilibrada e a Ordem estava sendo dominada rapidamente. Harry foi interpelado por um comensal, tendo de esquecer Sirius.

O Mistério do Ueu Negro

Arthur, Hermione, Rony e Gina aparataram. Olhavam amofinados para toda a multidão de aurores, Comensais e Dementadores que lutavam corpo a corpo ou através de feitiços e maldições. A pequena e estreita rua dominada pelas trevas estava sendo tomada por uma neblina densa, dificultando a visão.

Lumus de varinhas foram necessárias, assim, vários aurores e comensais estavam desarmados. Mas era melhor enxergar de onde vinham os feitiços à atirar para o escuro.

Arthur encontrara Tonks jogada no chão tentando se libertar de um Serdasilus que recebera pelas costas por um Comensal, ou quem sabe, até mesmo, por um auror.

– Agora, Fred! — Gritou Jorge aparatando junto com o irmão. Ele segurava quatro pequenas bolas brancas nas mãos.

As esferas foram arremessadas para o alto. Fred hasteou a varinha e gritou: “SUPLUS!”

Linhas esbranquiçadas saíram da ponta estreita da varinha de Fred acertando as bolas de uma a uma, fazendo com que raios de luzes penetrassem nos olhos de todos. A neblina criada pelas trevas inerente aos Dementadores estava sendo afastada pela magia dos gêmeos, dando um aspecto mais nítido e brilhante na rua lavada de bruxos.

Todos olhavam para cima e, por um momento, as vozes haviam se expelido de todo o local.

– Sectusempra! — Ordenou Snape cortando todo o silêncio.

Harry olhou em direção a ponta da varinha de Snape, onde Bodric se debatia e esguichava sangue para todos os lados.

As vozes voltaram com força total, uivos de Lobisomens se aproximavam junto a sons graves vindos das pisadas de gigantes. O escárnio de vários vampiros, que também chegavam ao local, deixou alguns confusos.

Hagrid acompanhava os gigantes, se juntando em seguida a Rony, Hermione e Harry, que já se escondiam atrás de Grope.

Arthur e Kim dominaram dois comensais com a maldição Cruciatus.

Sete gigantes estavam postos a lutar contra os vampiros e os lobisomens, o que fazia Harry ter um pouco de esperança.

Um vampiro saltara na direção de Rony, mas recebera por trás um Cruciatus vindo da guerreira mais bela da arena.

Fleur segurava firmemente a varinha ao lado do marido que não soltava o braço dela.

Harry saiu de trás de Groope e acertou um Rictusempra num lobisomem que corria para atacar Ramon, este dominado por um levicorpos de Snape.

Belatrix tentava batalhar com Lupin e Hagrid ao mesmo tempo.

“Crucios, Avada, Imperius, Sectusempra, etc...”

Nada acertava a pessoa remetida. Eram feitiços perdidos, maldições que atingiam as primeiras pessoas que os encontrava.

A rua era feita apenas por seis grandes casas velhas que deixavam expostos alguns terrenos baldios onde vampiros e gigantes duelavam. Era um asfalto reto, como uma pista de pouso, com postes apagados. As luzes sustentavam-se com as quatro esferas cercando a arena.

O chão batido começava a esquentar e a poeira se misturava com o sereno, trazendo uma nova enchente de neblina, que era rapidamente dispersada pelas esferas prateadas.

Um enorme clarão mais ao fundo da rua foi abatido por uma nuvem negra que se estendia de uma das casas.

O Mistério do Ueu Negro
— 40º Capítulo —
❧ *LUZ E TREVAS* ❧

Mantas pretas e pesadas, correntes brilhantes estavam sobre o corpo do homem que revelava sua face, deixando muitos aurores aturdidos. Sem nariz e um rosto incompleto, seguido por uma enorme cobra que chiava aos seus pés e um velho com mão de metal e aparência de rato, Voldemort ergueu uma varinha escurecida e ondulada, desviando todos os entulhos da casa destruída que caíam pelo ar. Uma visão aterradora.

Dessa vez, até a natureza calou-se, e somente o chiar de Nagine e os passos de Voldemort eram escutados.

— Avada Kedavra! — Gritou Moody saltando desesperado de trás de dois comensais e mirando para Voldemort.

Com um simples gesto com as mãos, o feitiço de Olho-Tonto se evaporou no ar.

— Poderia ter sido ao menos não-verbal, não é mesmo, Alastor? — Voldemort caminhava em direção ao homem que estava de cabeça baixa e de varinha estendida.

Ninguém se mexia, nem mesmo Moody, Snape ou Harry, que maquinava uma maneira de liquidar Nagine.

— Ora, ora, ora... temos um mago aqui querendo nos surpreender, Rabicho... — disse Voldemort sarcástico.

Hermione e Harry se entreolharam. No mesmo instante Hermione entendeu.

— Nagine, temos de destruí-la... — sussurrou Hermione, e Harry pode ler seus lábios.

Os dois esperavam pela primeira oportunidade.

Rony, trêmulo, observava os dois e também se preparou.

– O que houve com você? Um segundo atrás foi capaz de me lançar uma maldição, e agora não consegue sequer olhar em meus olhos? — sibilou Voldemort.

– Expelliarmus! — Sirius vinha da casa com a varinha em punho. O encantou acertou a mão de Voldemort, mas sua varinha manteve-se intacta.

Voldemort virou-se para ele:

– O que há com vocês? De repente adquiram coragem para me atacar... Vamos inverter um pouco os papéis...

– Afaste-se dele — Harry disse com todo o ódio que seu coração podia suportar.

– Harry Potter... Mas é claro que estaria aqui... — Voldemort avançou para ele sofregamente, esquecendo-se de todos.

O alarme de Harry soou, mas ele estava disposto a enfrentá-lo. Era a distração que Rony e Hermione necessitava.

“*Morsmordre*”, gritou um dos Comensais e um crânio esverdeado flutuou na arena, cuspidando uma cobra ameaçadora.

Harry empunhou sua varinha, mas a atenção de Voldemort voltou-se para a grande caveira. Ele parecia admirá-la. Apontou sua varinha para o céu e a caveira deixou de ser verde, erguendo-se no céu.

Seu tamanho aumentou consideravelmente. Parecia fazer parte das nuvens, enquanto expelia uma mancha negra que descia para a Terra.

– *Aresto Momentum!*

Uma onda de vento chocou-se com o negrume, execrando a marca negra quase que instantaneamente.

Na ponta da rua pairava um ser de aura prateada, imponente, de aparência quase divina.

Por um momento Harry sentiu seu coração bater mais rápido.

Alvo Dumbledore..., pensou sentindo seu peito pressionar.

O Mistério do Ueu Negro

– Aberforth Dumbledore... — sussurrou Snape aturdido.

– Maldito! — Rosnou Voldemort.

– Olá, Severo, como tem passado? — Perguntou Aberforth passando por ele. — Tenho ouvido muito sobre seus últimos feitos...

– O que... como... Você estava morto! — Disse Snape incrédulo.

Voldemort fitou Aberforth caminhar entre todos, em sua direção.

– Oras, Severo, você é inteligente o bastante para saber que não existem mais mamutes... eu nunca estive morto.

– Então você veio concretizar a suposição de todos. — Disse Voldemort segurando sua varinha de uma maneira que só ele sabia fazer.

– Ah, não, não... claro que não. — Disse com um sorriso sereno.

– Veio me convidar para tomar um chá, então. Sei que era muito bom com poções, Aberforth. — Desdenhou Voldemort.

– Para quê usar o verbo no passado quando eu estou bem aqui, à sua frente, Voldemort?

– Por pouco tempo... Avada Kedavra!

Aberforth lançou um pequeno frasco no raio de luz verde, dispensando-o. Sorriu em seguida.

– Uma de minhas últimas criações. Pegue alguns, Harry, Sirius... — Disse jogando alguns frascos para outros aurores também. — Onde estão seus feitiços Não-Verbais, Voldemort?

Voldemort figurou sua face num furor terrível.

Rufo aparatou trazendo uma centena de aurores, vindos de várias partes o mundo. A guerra recomeçara.

– Chegou reforços, garotos.. — Gritou Sirius enquanto iniciava um duelo com Belatrix. Estava disposto a se vingar, mas pena que não havia um véu ali.

Os aurores logo identificaram seus inimigos: atacariam quem quer que fosse que estivesse encapuzado.

Alguns conseguiram visualizar a rápida aparição da marca negra, e por isso novos comensais chegavam também. A rua, em pouco tempo, ficou apinhada.

Três comensais gritaram em uníssono, apontando para a mesma casa:

– BOMBARDIUM!

A casa esfaqueou-se em mil pedaços. Em seguida, outros comensais fizeram a mesma coisa com as restantes. Num certo ponto, a arena de duelo aumentou, estando agora à vista para qualquer um que estivesse de passagem.

Alguns trouxas noturnos estagnaram ao avistar a cena, mesmo que de longe.

Aberforth iniciara um duelo mortal com Voldemort.

Os gigantes enfrentavam os Dementadores corpo a corpo, e os lobisomens pareciam querer acabar com Lupin.

– Este é o preço que você paga pela sua traição. — Disse Greyback sedento por sangue.

– Sem a lua cheia você não é nada, Greyback. — Disse Lupin.

Greyback riu junto com outros bruxos-lobisomens.

– Anabilus! — Gritou todos os lobisomens juntos, hasteando suas varinhas para cima.

Um jorro de energia transparente saiu de suas pontas, perpassando as nuvens, que se dispersaram dando passagem aos raios lunares.

Greyback, assim como Lupin e os outros, iniciaram suas transformações. Gui estava com unhas grandes e pêlos desnecessários, mas não era uma transformação muito nítida.

O Mistério do Ueu Negro

Lupin e Gui estavam terrivelmente em desvantagem, até que alguns animagos resolveram ajudá-lo, equilibrando a disputa.

Os Dementadores sugavam as energias dos Gigantes enquanto tentavam deliberadamente lançar-lhes um beijo. Groope estava sendo dominado por um, e quando estava preste a ser beijado, uma flecha acertou no peito do Dementador, rumando-o para longe.

– Firenze!

Os centauros vieram ajudar e, unidos aos Gigantes, lutavam contra os Dementadores.

– Expectro Patrono! — Um cervo apareceu, alto e ameaçador, derrubando todos os Dementadores que via pela frente. Harry sentiu-se útil.

– Acho melhor voltar para a sua tumba, Aberforth, e unir-se ao seu irmão. — Disse Voldemort ameaçadoramente.

– Se quiser encontrá-lo antes, esteja à disposição... — Disse Aberforth, e lançou o Estuperfaça Não-Verbal.

Voldemort foi lançado alguns centímetros para trás, revidando com o Sectusempre Não-Verbal.

Aberforth esquivou-se a tempo, e sentiu todo o seu corpo velho doer com o esforço:

– Que tolice a minha... vocês nunca iriam para o mesmo lugar...

O patrono de Harry desapareceu como um vapor.

– O Lord está muito ocupado, talvez ele não se importe se eu matá-lo. — Disse Snape atrás de Harry. — Avada Kedavra!

Num instinto assustador, Harry virou-se jogando uma das ampolas que Aberforth lhe dera, esvaindo o ataque de Snape.

– Costuma sempre atacar por trás, ou é só quando acha que seu oponente é mais forte? — Zombou Harry.

– Apenas quando ele merece uma morte degradante e humilhante.

Havia começado entre Harry e Snape um duelo psicológico.

Minerva havia feito parceria com Fleur, e derrubavam tantos Comensais quanto podiam. Ficaram de costas uma para a outra, lançando todos os feitiços e azarações das quais podiam se lembrar.

Minerva transfigurou um Comensal numa chinchila, fazendo Fleur rir.

A todo o momento chegavam mais bruxos, gigantes... todo o tipo de aliado e inimigo.

Até que, perto de um muro onde Snape e Harry duelavam, aparataram Draco e Narcisa.

– Meu caro Draco, que bom que veio. — Disse Snape suspirando aliviado. — Eu teria o prazer de deixar Potter para você, mas isto é uma questão de honra para mim.

Narcisa ignorou Snape, e correu para o meio da luta.

– Tome cuidado, filho. — Gritou ela.

– Vá ajudar Belatrix, Draco, deixe isto comigo. — Disse Snape com um protego.

Draco emparelhou com Snape, encarando Harry. Harry continuou fitando os dois, em posição de ataque.

– Falangus! — Berrou Draco, apontando a varinha para baixo.

– Maldito! — Disse Snape abaixando-se com a dor terrível que lhe surgiu no tornozelo. — Então foi para isso que fez tanta questão de aprender Oclumência? Para trair seus amigos?

Draco olhou-o com imenso desprezo.

– Você foi capaz de matar Dumbledore, que tanto confiava em você, o que seria capaz de fazer comigo, então?

– Eu fiz aquilo para te proteger, idiota! — Disse Snape apertando o tornozelo e uivando de dor.

O Mistério do Ueu Negro

– Eu não precisava de sua ajuda, muito obrigado! —
Falou com desprezo.

Harry assistia a tudo alarmado.

– O Lord iria te matar, se não acabasse com
Dumbledore, seu idiota!

– Você não deveria ter se metido em nada, eu daria um
jeito de conseguir as duas coisas! Nunca seria capaz de matá-
lo...

– O Dumbledore... o Dumbledore me pediu!

– O que disse? — Perguntou Harry.

– Dumbledore, sempre idiota e pensando no bem dos
outros, já sabia que iria morrer depois de ter engolido toda
aquela poção! E por isso me pediu que eu aliviasse sua dor,
segundos antes de eu matá-lo. Ele falou que assim você estaria
livre de ser punido pelo Lord e, ainda, eu ficaria livre do Voto.

– Você não podia... não podia... — Disse Harry
enfurecido. Malfoy estava surpreso. Harry hasteou a varinha:

– Cruc...

Snape impediu o ataque.

– Não devo mentir dizendo que não gostei de ter
matado Dumbledore. Se estou onde estou hoje, é por que eu o
matei. E o mataria novamente!

– Você irá pagar caro por isso, Snape. — Harry estava
furioso. A cena de Snape matando Dumbledore reviveu-se em
sua mente. — Avad...

– Deixe de ser tolo, Potter. — Disse Snape pondo-se de
pé lentamente, afastando o cabelo oleoso dos olhos. — E então,
Draco, o que me diz?

Draco olhou novamente para Snape com a mesma cara
de desprezo.

– Quero ver se consegue duelar com nós dois ao mesmo
tempo. — Disse caminhando e emparelhando com Harry.

Harry olhou para Draco, surpreso.

– Se é assim que você quer... é realmente um grande desperdício.

– Não fique com essa cara de idiota, Potter, ataque logo! — disse Draco mirando Snape. Harry acatou, mas Snape desviou. Precisariam de um bom plano.

– Hermione, você está vendo a Nagine? — Perguntou Rony.

– Ali, Rony, perto de Voldemort — Falar o nome não mais lhe dava medo, afinal, não poderia invocar um mal que já estava ali.

– Como vamos destruí-la? — Perguntou trêmulo.

– Não sei, mas temos de ser rápidos, só assim terão uma chance de derrotar Voldemort, após ele enfraquecer.

– Lembra daquela vez que o Draco conjurou uma serpente na aula de duelos do segundo ano? Qual foi o feitiço que Snape usou para matá-la?

– Não seja bobo, Rony. Nagine deve ser imune a esses tipos de feitiços. É a alma de Voldemort que está lá dentro!

– Hermione... — o rosto de Rony se encheu de esperanças. — Ouviu o que disse? A alma de Voldemort... Nagine... estamos tratando de uma horcruxe viva...

– É isso, Rony!

– Veja o que ela está fazendo! — Apontou Rony desviando a atenção. — Hermione, faça alguma coisa!

– Está foi a sua última poção contra a minha maldição, Aberforth. — Disse Voldemort tenebroso. — Terá que ser muito bom em Legilimência da próxima vez.

– Aberforth! — Gritou Hermione. — Maldição da morte, atrás de você!

Nagine dera um solavanco e estava em pleno ar, na direção do pescoço de Aberforth.

Ele virou bem a tempo de revidar:

– *Avada Kedavra!* — Duas vozes em coro evocou a maldição.

O Mistério do Ueu Negro

Os olhos de Nagine ficaram verdes e todo o seu corpo flamejou. A chama verde queimou-a e fê-la diminuir incrivelmente de tamanho. Com um pouco mais de um metro de comprimento, o cadáver de Nagine permaneceu imóvel no chão, com os olhos vidrados.

A segunda voz que gritara em uníssono com a de Aberforth fora a de Voldemort. A maldição acertou em cheio as costas do velho Mago, fazendo-o cair no chão.

– Aberforth! — Gritou Minerva ainda encostada a Fleur.

Harry havia parado de duelar e estancou seus olhos no corpo caído ao lado de Nagine.

– Ah, não, por favor, você também não! — Disse Harry abandonando o duelo.

– Volte aqui, moleque. — Gritou Snape. — Não pense em fugir! IMPERI...

– Expelliarmus! — Berrou Malfoy.

A varinha de Snape voou para longe.

– Como ousa!?

– Petrificus Totalus! — Ordenou Malfoy hasteando sua varinha pela segunda vez. Snape caiu no asfalto.

– Maldição! — Gritou Voldemort quase que num gemido. Uma névoa enegrecida começava a emanar de seu corpo. Ele havia perdido sua última horcrux. E estava pagando por isso.

– Aberforth, por favor, não... Aberforth... — Harry ajoelhou-se ao lado do corpo inerte, virando-o para cima.

– Fique calmo, Harry... eu esqueci de pedir para que você bebesse a poção que lhe dei. — Disse Aberforth fracamente.

Harry abraçou-o.

– C-certo... agora é tarde.. e-eu já a usei...

Aberforth sorriu.

– Que bom, tem um gosto horrível... — Murmurou perdendo a voz.

– Aberforth, fique acordado, por favor...

Minerva veio ao seu encalço.

– Por favor, professora, leve-o à Hogwarts, não o deixe morrer... por favor! — Pediu Harry.

– Certo, Harry, tome cuidado aí, volto num instante. — Disse Minerva segurando o braço do mago.

– É a sua vez agora, Harry, aproveite esta chance. — Disse ele, e em seguida, aparatou com Minerva.

Sirius estava empenhado no duelo com Belatrix, e ela não lhe dera brechas para ir ver Aberforth.

– Você vai pagar por tudo o que fez, Lestrage... — disse Sirius enquanto escondia-se atrás de um protego. Os feitiços jorravam em sua direção, Belatrix parecia possuída. — Você vai pagar por todo esse tempo que eu estive amaldiçoado...

– Crucio! — Disse Belatrix, mas Sirius não conseguiu desviar dessa vez. Seu corpo se contorceu no chão.

– Expelliarmus! — Gritou Hermione e, pela segunda vez, a varinha de Belatrix voou de sua mão.

Sirius parou de gemer, mas continuou no chão. Rony ajudou-o a levantar-se, enquanto Hermione transformava a varinha de Belatrix em cinzas.

– Garota atrevida! Você irá se arrepender por isto!

– E o que você fará? Puxar os meus cabelos? — perguntou Hermione irônica. Rony riu.

– Eu teria o prazer de te levar até o ministério para que minha vingança fosse completa, Lestrage — Sirius falava com desprezo e furor. — Mas como pode ver, eu voltei de lá, e não quero encontrar com você outra vez nessa vida. Quem sabe em outra, talvez... — os olhos de Sirius encheram-se de malícia.

Belatrix andou para trás, prestes a fugir. Estava atônita.

O Mistério do Ueu Negro

— Não fuja de seu destino, sua estúpida — Sirius gargalhou. — *Avada Kedavra!*

O corpo de Bellatrix tombou para trás. Seus olhos estavam estancados.

— Eu tenho medo de você, Sirius... é sério... — disse Rony.

Voldemort ainda gemia de dor:

— Saia daqui, deixe-me em paz! — Berrou Voldemort para Rabicho que tentava ajudá-lo.

Snape estava estirado no chão, completamente imóvel e com a varinha de Draco apontada para a sua testa.

— Filho, não faça isso... Não suje suas mãos. — Gritou Narcisa.

— Largue esta varinha, Malfoy, eu cuido dele — Sirius corria em sua direção.

Malfoy se afastou, indo ajudar sua mãe no duelo. Ela estava duelando contra os comensais enfurecidos. Rony e Hermione se juntaram a Harry.

— Ora, ora, Severo... a que devo este prazer? — Zombou Sirius.

Snape estava com a face congelada, mas ainda assim, olhando bem fundo nos seus olhos, sua visão demonstrava um ódio indecifrável.

— Não quero ser covarde a ponto de te matar nesse estado, Severo. E não pense que serei tolo o bastante para te libertar. — Sirius hasteou a varinha: — *Levicorpus*.

Snape foi erguido pelos pés, ficando de cabeça para baixo.

— É bom que fique aí, até que tudo isto termine. Vai passar um bom tempo em Azkaban. — Riu Sirius. — Ah, eu achei ótimo o seu feitiço... — E soprou a varinha.

Não muito distante do duelo entre Snape e Sirius, Hagrid lutava contra Macnair, o carrasco que iria matar Bicuço.

– Agora você verá o que acontece com quem tenta ferir aqueles que são importantes para mim. — Disse Hagrid enquanto apontava o seu guarda-chuva em direção a Macnair e gritava — Estupefaça!

Macnair desviou com facilidade e, sem ao menos abrir a boca, lançou um Expelliarmus em Hagrid.

– Farei com você o que eu queria ter feito com aquele seu animal. Você irá morrer, Hagrid... você morrerá como o animal que você é! Crucios! — Berrou Macnair, e Hagrid, que havia perdido o seu guarda-chuva-varinha por causa do feitiço do carrasco, não pode se defender e caiu no chão se contorcendo. Sua pele de gigante ajudava a amenizar os efeitos, mas não o suficiente.

– Sua mãe não pode te ajudar, a pele que ela te deu não o protege de maldições? Eu lamento de verdade... pois chegou a sua hora, monstro abominável...

Ao ouvir isso, e não estando mais sobre a maldição, Hagrid olhou para Macnair. Era o fim.

– Avada Ked .. — Os olhos de Hagrid foram fechados por um jato de sangue, foi tudo muito rápido. Quando conseguiu limpá-los, a primeira imagem que viu foi a de Bicuço, à sua frente, segurando em seu bico melado de sangue o seu guarda-chuva-varinha.

Hagrid se levantou com a varinha em mãos e Bicuço ao seu lado. Olhou para Macnair ajoelhado e com um grande corte no pescoço, com a voz engasgada.

– Se eu fosse um monstro, te devoraria agora. Mas vou deixar o Bicuço aqui terminar o trabalho. — Deu um tapinha nas costas do hipogrifo, que esvoaçou para o comensal moribundo.

Tampanos, auros, comensais, todos, de todas as formas, de todos os jeitos estavam dispostos na arena da vila de Drope Ceaste, que parecia aumentar cada vez mais. Petrificados, estuporados, transfigurados... mortos.

As esferas ainda estavam balizadas.

— Lord... deixe-me ajudá-lo... — Dizia Rabicho olhando para Voldemort, que tentava se levantar.

— Rabicho — ele ouviu Harry chamar, e se virou. — Eu não costumo cometer o mesmo erro duas vezes...

Rabicho tremeu, ia suplicar diante da varinha estendida de Harry, mas não houve tempo.

— *Avada Kedavra* — Ele acabara de deixar Rabicho caído em cima do cadáver de Nagine. — Isso é por Cedrico Digore...

— Potter... maldito... não pense que irá... sair daqui vivo... garoto estúpido... — Dizia Voldemort já de pé, cambaleando.

— Medalhão Slytherin, talismã Grinffindor, Diário de Riddle... — Harry encarou a cara pálida de Voldemort e sorriu. — Anel de Servolo, Taça de Ruffepuffe, Nagine...

Ele parou de cambalear. Estava incrédulo.

— Foi você... impossível... — Voldemort estava decididamente encolerizado. — Isso não irá ficar assim... — ele ergueu a varinha. — *Sectum...* — Harry usou o protego.

— Está sozinho, agora. Só me resta uma Horcruze para destruir. Você. — Completou imponente, tinha Voldemort em nas mãos.

– Quero ver como irá fazê-lo, Potter... — Voldemort ainda tinha pulso para desafiar. Todos lutavam desesperados, luz e trevas.

– Trocou de varinha achando que poderia me matar, mas acho que os papéis se inverteram — Harry olhou para a mão tremula do Bruxo, em seguida fitou seus olhos estagnados.

Voldemort buscava a melhor saída. Sua mente maquinava rapidamente. Seu corpo estava fraco, sua mente estava cansada e desconcentrada, mas seus poderes ainda continuavam devastadores.

Voldemort olhou à sua volta. Já sabia como venceria a batalha. Antes disso, precisava de um tempo para se restabelecer.

– É que você pensa, imbecil... *Indulgrak* — ordenou com a varinha. Uma imensa redoma de energia transparente formou-se ao seu redor. Parecia inatingível. — Seus feitiços não inúteis contra esta barreira.

– Covarde... — Hermione aproximou-se de Harry, e Rony veio em seu encalço.

Os três tentaram feitiços, mas todos ricochetearam antes mesmo de chegar na barreira.

– Voldemort... você não tem a menor chance agora, tenha um pouco de orgulho e se entregue — disse Rony. Hermione e Harry fitaram-no imediatamente.

Voldemort gargalhou.

– Você sabe que iremos atrás de você se desparatar, o que pretende?

Feitiços, socos, magias eram lançadas, mas Harry estava preocupado demais com o que Voldemort estava tramando.

– Você não poderá se esconder pelo resto da vida!

Voldemort sentiu-se forte o bastante.

– *Levicorpus*...

O Mistério do Ueu Negro

– Harry! — Gina gritou. Ele olhou para trás e a viu levar de cabeça para baixo. Neville e Luna desafiava alguns comensais, mas tentaram fazer Gina descer. Foi em vão.

– Ora... ora... ora... Sua namoradinha imatura, não Potter? — Disse Voldemort trazendo-a para dentro da redoma.

– Deixe-a Voldemort! — pediu Harry desesperado.

Gina caiu no globo translúcido, tombando ao lado de Voldemort.

Harry tentou correr para evitar, mas Rony o segurara, aturdido.

– Neville... — Luna gritou. O garoto passara correndo pelos três, até se chocar com a redoma de Voldemort e ser lançado a muitos metros de distância.

– E então, Potter? Onde está a sua virilidade? — Voldemort envolvia o pescoço da jovem com seu braço semi-morto.

– Isso é entre mim e você, covarde! Deixe-a ir! — Hermione e Rony seguravam Harry mais uma vez para que ele também não caísse na besteira de Neville.

– O que você pretende com isso, Voldemort? — Perguntou Hermione.

– Eu quero que todos vocês vão embora... — mentiu Voldemort. — Ou eu mato esta garota. — Ameaçou sufocando-a.

– Primeiro liberte-a! — Gritou Harry furioso.

– Você não tem mais como se recuperar, independente de matá-la ou não, você irá ser morto, Voldemort! — Disse Hermione em prantos.

– Não diga besteiras, verme de sangue-ruim! Nunca serei morto, será que não compreendem? — Serpenteou ele.

– BOMBARDIUM! — Gritou Harry contra a redoma.

Não adiantou.

– Se insistir em me atacar, mato-a!

O duelo na arena cessava aos poucos, todos estavam exaustos. Rufo terminara de acabar com dois Dementadores quando Minerva aparatou.

– Aberforth vai ficar bem, ele está com madame... Santo Deus! Gina!

– Ele vai matá-la, professora... vai matá-la! — Disse Harry nervoso. — temos que fazer alguma coisa!

– É só abandonar o duelo... e se renderem.. — Falou Voldemort insano.

– Parem com isso, imediatamente, parem! — Gritou Minerva para os poucos que ainda restavam duelando.

Ninguém parecia ouvi-la. Fred e Jorge estavam se saindo muito bem trabalhando em equipe, e não pensavam em parar. Fleur havia emparelhado ao lado de Sirius, enquanto Lupin e Gui, ajudados pelos animagos, davam uma surra nos lobisomens. Hagrid acompanhava seu meio-irmão em diversas emparedadas.

Voldemort terminava de recobrar sua força. A destruição da penúltima parte de sua alma tinha, de fato, lhe afetado assustadoramente. Sentindo-se seguro de si mesmo, baixou sua redoma, enquanto apontava sua varinha para o pescoço de Gina.

– Crucios. — Gina retorceu-se terrivelmente, e Voldemort gargalhou, interrompendo a maldição.

– Maldito! — Rosnou Harry, sem ter o que fazer.

– Minha intenção não é se esconder. — Disse ele firme. — Ainda continuo sendo o maior bruxo e com um imenso desejo de liquidar você, Harry Potter.

Gina chorava abruptamente de dor e medo.

– Deixe-a em paz, se é a mim que você quer... eu troco de lugar com ela!

– O mesmo altruísta de sempre, que tolice. — Era exatamente isso o que Voldemort pretendia. — Afastese de sua varinha...

O Mistério do Ueu Negro

Harry jogou-a para longe, obstinado.

Voldemort empurrou Gina para o chão. Um dilúvio de feitiços e azarações saiu das varinhas de Minerva, Rony, Hermione e Harry. Voldemort ricocheteou todos.

– Perdi parte de minha existência, e perdi minha imortalidade. Mas meus poderes continuam os mesmos. — Voldemort disse com desdém. Ele hasteou a varinha na direção de Harry. — KOLEÓPTERUS!

Uma poção de besouros escuros foram conjurados da ponta da varinha de Voldemort, em seguida, envolveram todo o corpo de Harry, transformando-se numa dura carapaça, erguendo-o no ar.

Harry tentou lutar, mas não conseguiu evitar o ataque. Seu corpo estava coberto por aqueles insetos, que dilacerava toda a sua pele.

– Suguem todo o seu sangue e matem-no. — Voldemort disse secamente, estendendo novamente a varinha: — KOLEÓPTERUS!

Dessa vez os insetos envolveu os cadáveres dos comensais mortos e de todos os seus aliados.

– Absorvam suas matérias e convertam em energia. Não preciso de imortalidade quando posso ser indestrutível.

A mesma névoa enegrecida que fora emanada do corpo de Voldemort agora retornava em forma de energia, vinda dos insetos.

– Isto é magia das trevas, a pior que já vi, em toda a minha vida... — Disse Minerva pondo a mão no peito.

– Temos que ajudar o Harry! — Disse Gina levantando-se desesperada.

– Eu não conheço nenhum feitiço que possa anular isto... — Disse Rufo se aproximando.

Podiam ouvir os gritos de Harry vindos lá de cima.

– Qualquer ataque que fizermos pode afetar o Harry... temos que pensar em algo rápido... — Disse Minerva pálida.

– Não há nada que vocês possam fazer... — Disse Voldemort convicto. — A vitória é minha. Destruindo o garoto que sobreviveu, eu recupero a minha honra. Não haverá mais paz neste mundo, e eu iniciarei o meu império. — Elucidou Voldemort com um incrível ar de imponência.

Os centauros atiravam flechas na carapaça, e estas ricocheteavam sem surtir efeito algum.

Todos ao chão notaram vários casulos flutuando ao redor de Voldemort. Gina afastava-se correndo, Voldemort ignorou-a.

– Gina! — Gritou Sr. Weasley com algumas feridas sanguinolentas no rosto.

Não tinham mais com quem duelar, todos os seus oponentes agora estavam envoltos em carapaças. Pouquíssimos comensais foram livrados, e não tinham mais como duelar em minoria. Renderam-se.

Snape acabara de sentir seu corpo balançar no alto, de cabeça para baixo, mas foi logo controlado por outro Petrificus vindo de Kim.

Tonks e Fleur olhavam medrosamente Harry imóvel naquele casulo negro e aterrorizante, sem poder fazer nada.

– Vamos... vamos, Moody, deve haver algum contra-feitiço para isso! — Pedia Sirius desesperado, vendo seu afilhado naquela situação.

– Não conheço nenhum... não faço a mínima idéia... acho que nem o Dumbledore saberia...

– Isso... claro... Dumbledore! — Sem mais palavras, Sirius desaparetava deixando Moody ainda mais perturbado.

– Força vital... sejam bem vindas — As gargalhadas de Voldemort espantavam até os próprios aliados. — Lílian não morreu em vão... pois eu também possuo a sua proteção... que ironia...

O Mistério do Ueu Negro

– Não ouse tocar no nome da mãe do Harry, seu monstro... — Gritou Rony firme.

Voldemort sorriu desdenhosamente.

Hermione elevou sua mente para o casulo de Harry.

– *Finite Incantatem...* — Gritou a garota em sua mente.

A carapaça rodopiou e se manteve no mesmo lugar, hispida.

– Façam alguma coisa... Hermione... por favor! — Disse Rony atônito.

– Vejam só aquilo! — Apontou Jorge espantado.

Um risco dourado cortava o céu.

“Não agüento mais... a Profecia estava certa... não posso suportar... Dumbledore, me perdoe... mãe... pai...”, pensou Harry prestes a desmaiar. Havia perdido muito sangue.

“Esqueça a Profecia, Harry... e não deixe que a morte de seus pais tenha sido em vã.”, Harry percebeu uma voz bastante conhecida em sua mente.

“Dumbledore...”, pensou sem acreditar. Notou que um canto revigorecedor inundava-lhe o corpo. A voz de Dumbledore havia sido despertada em Harry em função do canto da Fênix e das profundas lembranças que guardava do diretor.

Mesmo sem alguém conseguir enxergar através daquela carapaça, havia um sorriso na face de Harry.

“Não posso deixar que Voldemort vença...”.

– É Fawkes! — Disse Minerva encantada.

O pássaro planava em volta do casulo, o seu canto enfraquecia a união dos besouros.

– *Bombardium*. — Ouviram Harry gritar.

A carapaça que envolvia Harry adquiriu uma tonalidade dourada. Após isso raios de ouro foram emanados para fora e, enfim, explodiu.

O corpo de Harry foi arremessado para o ar. Antes que caísse, sentiu as garras da Fênix envolver seus ombros.

Fawkes planou até que Harry pudesse tocar no chão. Derramou uma gota de lágrima sobre a cabeça dele e o soltou levantando vôo para bem alto.

– Esta praga! — Cobrejou Voldemort atordoado. — Isto é impossível...

– Ele conseguiu, o Harry conseguiu! — Disse Gina deixando escapar alguns soluços.

Todos estavam exaustos e repletos de azarações por todo o corpo. O dia já estava preste a amanhecer e os lobisomens perdiam suas forças. Os casulos se desfaziam, deixando os corpos inconscientes dos comensais e vampiros no chão.

– Harry, você está bem? — Perguntou Minerva e Hermione quase em uníssono.

Rony correu para o amigo.

– Não precisa, eu estou bem, Rony — disse para o amigo. — Por favor, deixem isto entre mim e Voldemort. — Pediu olhando diretamente nos olhos de seu inimigo.

Fawkes lançava uma suntuosa canção sobre todos. Minerva olhou-o com um breve sorriso. Estava orgulhosa.

– Por que me olha assim, Harry Potter? Os olhos de sua mãe em nada me amedrontam.

– Não fale de minha mãe com sua maldita boca!

– A sua mãe era uma vadia, que se casou com seu pai por puro interesse...

– Cale essa boca imunda, você não sabe de nada! — As têmeoras de Harry ameaçavam estourar.

– Menininha mimada, sua mãe, Harry... queria algo mais, Tiago Potter um homem idiota, herdeiro do Gringotes, para quê melhor? — Voldemort deturpava o psicológico de Harry.

Harry olhou pelo canto dos olhos, em busca de sua varinha.

O Mistério do Ueu Negro

– Ela sim era muito esperta, teria um filho com ele e seria a mulher do bruxo mais rico de Hogwarts... você é fruto de interesses financeiros, Potter!

– Abaflatus... — O feitiço de Hermione foi impedido por um contra-feitiço de Aleto, um dos comensais poupados por Voldemort. Ele aproximava-se do Lord.

– Não dê importância a ele, Harry, é exatamente o que ele pretende, fazê-lo perder a noção. — Disse Minerva encarando Voldemort. Gostaria de interferir, mas tinha a Profecia em mente. — Sua mãe era impetuosa, e casou-se por amor.

Harry avistou-a.

– Mas não se preocupe, você terá a chance de se entender com ela — Voldemort ameaçou incisivamente.

Se não o fizesse naquele momento, poderia não estar mais vivo no próximo segundo. Harry correu em direção à sua varinha.

– *Avada Kedavra!* — Gritou Voldemort vorazmente.

Harry se jogou arrebatando sua varinha. Virou-se a fim de deter a maldição. Não precisou. Alguém o fizera por ele.

– *Não!* — Gritou centenas de vozes em sintonia.

Os cabelos leves e ruivos balançavam-se pelo vento, as costas de Gina era o que Harry e os demais poderiam ver naquele instante em meio a jorros de luz verde.

Os primeiros raios de sol se insinuaram sobre o corpo que caía vagorosamente no chão.

Voldemort não estava decepcionado, pelo contrário.

Ninguém pôde acreditar quando Gina tombou morta no chão. As esferas brancas se dissolveram, deixando o sol tomar conta do ambiente.

Rony e Hermione ficaram estagnados. Arthur e Harry correram para o corpo de Gina estendido no chão, sem se importar com o que Voldemort pudesse fazer.

Arthur estava desorientado. Ao constatar a morte da filha, não se conteve:

– Harry... não deixe que ela tenha morrido em vão... por favor... — Assim como Minerva, Arthur sabia que naquele estágio a briga deveria findar apenas entre Harry e Voldemort. Portanto, ele pediu chorando sobre o corpo da filha: — Vingue-se deste miserável...

Havia lágrimas no rosto de Harry. Ele prometeu para si mesmo que acabaria com tudo naquele momento. Ergueu-se do chão e caminhou lentamente para Voldemort.

Os dois encararam-se.

Harry acenou para aqueles que iam em seu encalço. Era particular.

Os aurores capturaram os três comensais restantes.

– Isso tem que acabar aqui. Hoje. Agora. — Disse Harry obstinado.

Voldemort sorriu, apontando a varinha:

– E irá.

Após alguns segundos de silêncio, onde todos assistiam, atônitos e extasiados, Harry foi o primeiro a gritar utilizando-se de todo o seu interior:

– *Avada Kedavra!*

Voldemort retrucou com a mesma maldição, com os olhos demasiado abertos.

Por um segundo ninguém pôde ver o que acontecera. Os dois jorros de luz verde chocaram-se como a três anos atrás. Desta vez, aquele que partira da varinha de Voldemort levou a melhor. Uniu-se ao jorro de Harry e devolveu-o ainda maior, mais poderoso.

Harry sabia o que aconteceria dali em diante. Jogou a varinha para longe e deu um passo a frente, com os braços estendidos. A maldição chocou-se com a sua caixa torácica, lançando Harry para trás, e repelida logo em seguida.

O corpo de Gina morto ao chão, Snape flutuando petrificado e os casulos dos já mortos, foram os últimos espectros

O Mistério do Ueu Negro

que os olhos negros e assombrosos de Voldemort puderam enxergar.

Jinstantaneamente, a dor, que por muitas vezes causou problemas a Harry, desvaneceu de sua cicatriz. Fulgências enegrecidas viraram neblinas aos raios de sol. Harry estava ajoelhado no chão e de cabeça baixa, com a mão direita sobre o peito, arquejando.

O terreno havia sido totalmente convertido a pedaços, destroços e corpos. O cadáver de Belatrix encontrava-se próximo de um Snape mortificado, de cabeça arroxeadada, ainda flutuando sob olhares de Kim.

— Bom trabalho, Harry — ele sentiu a mão de Minerva tocar-lhe o ombro carinhosamente.

— A Gina... foi ela quem... — Harry engasgou. — Eu... eu a perdi...

— Ela fez o que julgou ser o certo... se ela não o tivesse feito, Voldemort ainda estaria vivo, espalhando o horror, enquanto você nada poderia fazer, pois estaria morto.

Harry abraçou-a, chorando.

Hermione e Rony aproximaram-se. Todos os outros olhavam de longe, respeitosos.

— Não fique triste, Harry, ela fez por amor... — Hermione tentou consolá-lo, tentando manter-se firme. — Todo o mundo foi salvo por um ato de amor, e por sua coragem...

— Eu estou orgulhoso, cara... Sei que a Gina também está. Onde quer que esteja, ela está feliz... é o que importa.

Harry levantou-se apoiado por Rony, e juntos encaminharam-se até o corpo de Gina, ainda estendido no chão.

O Mistério do Ueu Negro

– Eu te amo, Gina... — Sussurrava ele agora debruçado ao peito da garota. — Vamos nos reencontrar um dia... — E beijou-lhe, transmitindo algumas de suas lágrimas.

Rufo e Minerva esperou até que Harry se sentisse bem o bastante para deixar-lhes levar Gina.

Snape despertava do encantamento, mas continuava dependurado de cabeça para baixo.

– Bela.... Belatrix... — murmurou ele tonto, com a visão embaçada.

Kim voltou a estuporá-lo.

Em Hogwarts o dia amanhecia calmo e normal, como qualquer outro — a não ser para os professores estavam andando por todo o salão aguardando alguma coruja chegar.

As gritarias no castelo estavam deixando Slughorn ainda mais ansioso e temeroso. Fora visado da batalha que se sucedia, mas ficou com alguns professores para cuidar dos alunos. Estava agora em seu escritório escuro e recatado. Havia em sua mesa vários litros de hidromel seco.

– Estão todos bem, eu sei disso, posso ver... — Falava Sibila.

– Suas previsões estão erradas, Trelawney. Foi a batalha final. Deve haver alguém ferido, morto...

– Você não sabe de nada! — Sibila falava sofregamente. Bins e Sprout permaneciam pessimistas.

– Pare de andar, vocês... assim morrerei novamente, mas desta vez de tensão! — Disse Nick-quase-sem-cabeça saindo de um quadro.

Os alunos ainda trocavam as vestes para o café da manhã, quando Dobby cutucou Simas e Dino pela décima vez.

– Não sei, Dobby, realmente não sei!

– Você não está dizendo a verdade, seu... seu... preciso falar com meu senhor... leve-me até ele!

– Ah, Dobby, vai encher outro... — Disse Simas pegando o casaco no malão.

– Você acha que já não fiz isso?

Alguns alunos como Padma e Parvati foram as primeiras a chegar no salão principal e constatar o clima dos professores.

Pouco tempo depois vários alunos já estavam sentados nas mesas das casas degustando o café da manhã, enquanto murmuravam o que poderia ter acontecido para deixar os professores com olheiras tão imensas. Slughorn acabara de se sentar ao lado do professor Bins.

Aberforth dormia confortavelmente na cama estreita da ala hospitalar, Promfery velava o seu sono com todo o cuidado.

– Chegaram! Eles chegaram... — Filch entrou pelo salão principal anunciando, mancando e arfando. — Estão nos portões principais...

Os professores levantaram-se rapidamente de seus acentos e correram para fora, acompanhados dos monitores das casas.

O sol brilhava nos olhos dos professores ao constatar os portões repletos de minúsculas pessoas e uma enorme figura que caminhava para floresta negra.

– Minerva! — Exclamava Slughorn com passos lentos e mancando ao encontro de McGonagall.

O jardim enchia-se aos poucos de alunos curiosos querendo saber o que estava acontecendo.

– Estão todos bem, professora? E... e Voldemort!? — Perguntou Flitwick.

– Ele está morto... para sempre. Mas... — Minerva suspirou profundamente, olhando para trás.

O Mistério do Ueu Negro

Hagrid saiu detrás de Lupin, Tonks e Minerva deixando seus braços hasteados aparecer para toda a multidão que se acumulava pouco a pouco.

– Mas...

As palavras de Sibila foram aparadas por sua visão e a de todos os alunos e professores boquiabertos.

– Menina Weasley?! — Exclamou Horace aproximando-se. Harry estava ao lado de Hagrid, cabisbaixo.

As feições dos recém chegados eram as piores que podiam existir. Harry nunca se sentira tão mal, talvez nem na morte de Alvo ou Sirius. Ele perdera o amor de Gina para o mundo, para Voldemort.

Após tomarem conhecimento do que realmente havia acontecido, os alunos que rodeavam o jardim ficaram pesarosos.

– Vou levá-la para a Ala Hospitalar — avisou Hagrid. — Devem prepará-la para... para... — ele engoliu em seco. — Até que seus pais venham lhe buscar...

– Tudo bem, Hagrid, faça isso — e o gigante se foi com Gina, sem dizer mais nada. Minerva virou-se para Harry: — Você precisa descansar... está exausto.

– Entrem, entrem... — Mandou Slughorn e todos o obedeceram.

Harry caminhou segurando a mão de Hermione que apoiava sua cabeça no ombro de Rony. Caminharam lentamente, subindo as escadas e passando corredores até chegar ao quadro da mulher gorda, onde já estava aberto, a passagem dos garotos deixaram várias fotos enquadradas murmurando quadro a quadro.

Naquela manhã as aulas foram suspensas. Harry tinha um sono agitado. Seu peito ainda doía muito, e decidiu levantar-se. Rony estava no dormitório quando Harry tirou a

parte de cima do pijama. Algumas artérias haviam se dilatado. A pele estava escurecida.

– Você deveria ir ver a madame Promfery, cara...

– Não, irá passar... Não sou mais um bebê. Não ficarão cicatrizes.

Eles saíram para o salão comunal.

“A guerra deste, e do próximo século”

Era a manchete do Profeta Diário.

Era muito difícil encontrar um aluno que não estivesse com o jornal entre os braços ou preso aos olhos.

“...Aquele-que-não-deve-ser-nomeado armou uma armadilha para toda a equipe do Ministério da Magia e alguns professores do colégio de Magia e Bruxaria de Hogwarts causando várias mortes e destruições. A vila de Drope Ceaste foi totalmente destruída pela batalha. Agora há pouco uma equipe de Bruxos autopsistas recolheu todos os cadáveres, incluindo o da Comensal Belatrix Lestrang e o do vampiro Lobo Greyback que escapara de Azkaban. Ex-professor de Hogwarts e regenerado como Comensal da Morte, Severo Snape foi abatido a passar o resto da vida preso na cadeia de Azkaban, agora vigiada por aurores exaustivamente treinados em Defesa Contra a Magia das Trevas...”

Dessa vez o profeta não inventara nem omitira nada, a matéria relatava o que realmente havia ocorrido.

“...Harry Potter, ‘o escolhido’, conseguiu libertar-se da maldição dos Koleópterus, e reverter a situação da guerra. [...] A família Weasley teve uma pequena perda, Gina Weasley, morreu pela maldição imperdoável para salvar seu namorado, Harry Potter.”

– Pequena perda... — resmungou Harry indignado, sentado ao lado de Rony e Hermione na mesa do salão principal na reunião que Minerva convocara.

Nenhum dos amigos comentou nada.

O Mistério do Ueu Negro

– Atenção, atenção todos, por favor... — pediu McGonagall.

O salão estava "*decorado*" com cortinas pretas e o símbolo da Grifinória ao lado do de Hogwarts, com tochas douradas flamejantes que refletiam no rosto de todos, marejados em lágrimas, assim como no dia da morte de Cedrico.

– Como já é de conhecimento de todos, hoje pela madrugada... — começou Minerva pesarosa. — Nós tivemos uma enorme perda. A senhorita Gina Weasley ofereceu sua vida, corajosamente, para salvar a vida da pessoa que ela tanto amava. Um ato bravo e que não se pode ver em todas as pessoas. Ela faleceu com honra e coragem, a lembrança de seu ato será guardada para sempre em toda a história do mundo bruxo. Devemos esclarecer também, que foi pelo ato da srta. Weasley que hoje poderemos dormir em paz. Aquele-que-não-deve-ser... — Minerva suspirou, fechando os olhos, e logo retificou: — ...o Lord Voldemort... foi derrotado. — Seus olhos enchiam-se de lágrimas a cada palavra.

Vários murmúrios percorreram o salão.

– Por isso... desejo que todos vocês sempre lembrem que seja qual for o nosso sangue, escola ou casa, estaremos sempre unidos e tocados pela gratidão que sempre teremos pelos nossos heróis da noite anterior.

Aplausos tristes, porém intensos, percorreram o salão.

– Hermione... onde está o Sirius? — Perguntou Harry sentado numa poltrona escura e opaca do salão comunal poucos minutos depois.

– Não sei, Harry, hoje pela manhã ele não veio conosco, ele deve ter ido para a Sede... — Hermione falava em tom arrastado.

– E o Rony? Onde está?

– O Sr. e a Sra Weasley vieram buscá-la agora há pouco... e Rony foi com eles.

– Então devemos ir para lá...

– Nós vamos, Harry, mas temos que deixar um pouco a família a sós.

Os dois ficaram em silêncio.

– Foi muito corajoso, Harry. Você sabe... em enfrentar a maldição...

– Depois que a Gina me protegeu eu já sabia que um novo escudo havia se formado, pude sentir... só precisava arriscar.

– Mas... e se você morresse?

– Eu estaria com a Gina agora — Harry pois a mão na testa encontrando a cicatriz. Hermione não respondeu. — Você acha, Mione, que dessa vez o Voldemort morreu mesmo?

– Ele não tem mais Horcruxes, esteja certo disso. Mas o corpo dele... onde foi parar?

– Evaporou em cinzas pelo ar... você viu... ele não tinha mais um corpo. Nem mesmo depois da poção que o Rabicho fez ele adquiriu um corpo real.

Neste momento um garoto do primeiro ano entrou com dois colegas segurando uma barulhenta caixa de festas, os garotos passaram correndo pelo dormitório olhando os detalhes da caixa.

– Mal-educados... — disse Harry segurando as lágrimas.

– Harry... nós estamos muito tristes, mas é natural que os outros comemorem o fim de Voldemort.

Aqueles três garotos do primeiro ano foram as únicas pessoas que passaram pelo salão comunal naquela noite antes de Harry e Hermione irem repousar pensando em como seria o enterro de Gina na Toca.

Escuro era o céu de domingo aos redores de Hogwarts quando Harry acordou.

O Mistério do Ueu Negro

– Meu senhor... meu senhor está bem? — Perguntou a miniatura feia e repleta de casacos pelo pescoço.

– Estou sim, Dobby. — Bocejou Harry esquecendo do que encararia no dia por alguns segundos.

– Meu senhor... foi verdade que a menina... a menina Gina foi morta pelo... pelo... — Dobby estremeceu.

– Sim, Dobby... — Harry respondeu de má vontade.

– Dobby gostava dela, Dobby gostava do casal, senhor...

Harry suspirou. Ainda de pijama, recolheu seus óculos indo ao alcance da visão escura após a janela, onde Edwiges deixava suas órbitas descansarem em um profundo sono.

– Desculpe, senhor... não foi a intenção de Dobby... lembrar... — Dobby recolheu um jarro no qual segurava uma orquídea roxa e socava na própria cabeça. — Dobby intrometido, Dobby muito abelhudo...

Harry não deu atenção ao elfo, seu olhar estava distante. Percebendo isso, Dobby cruzou os braços por detrás das costas curvadas e abaixou a cabeça mostrando alguns fios brancos de cabelo.

– Dobby só quer ser útil... senhor...

– Eu vou embora, Dobby. Não precisará se preocupar mais comigo.

– Mas o Dobby vai com o senhor! Vou arrumar o seu malão!

Dobby rodopiou os olhos e caiu sobre as roupas, livros e objetos que rodeavam a cama de Harry e seu malão.

– Mas para onde o senhor vai?

– Largo Grimalld, após o velório...

– E seus tios, senhor?

– Isso é outro favor que vou lhe pedir, e espero que diga não se não concordar...

– O que desejar, eu farei, senhor...

– Dobby... você agüentaria morar com meus tios em Londres? — Dobby arregalou ainda mais as enormes bolas do olho.

– Se assim quer meu senhor, eu aceito... — disse hesitante. — Sim... Dobby toma conta dos tios de Potter, meu Senhor... Dobby toma...

– Obrigado, Dobby, irei visitá-los sempre.

Essas palavras fizeram a boca do elfo chegar às orelhas.

– Agora vou me encontrar com a Mione, vamos tomar café e seguiremos com a Minerva até a Toca... — Disse Harry começando a se trocar. Seu peito estava bem melhor.

– Sim, senhor.... seu malão estará pronto, não se preocupe.

Ao fechar a porta, Harry viu Dobby estalar os dedos e o livro do príncipe penetrar o fundo do malão.

Vários alunos corriam com malões por toda sala comunal, as aulas haviam sido encerradas mais cedo e o Trem para estação Kim Cross sairia nesta manhã.

– Harry! — Exclamou Luna e Neville no meio da multidão.

Hermione apareceu, também. Estavam com expressões melhores que o dia anterior.

– Acho que vão todos os professores... — Disse Hermione com um vestido rodado extremante preto, parecido com o de Luna em sua cor.

Harry estava sério.

Todos desciam as escadas que levavam ao salão principal, onde as últimas palavras do ano letivo seriam dadas por McGonagall.

– Bom dia, caros alunos e alunas de Hogwarts. — O chapéu pontudo de Minerva estava mais rústico que o normal, e um longo e fosco vestido roxo cobria-lhe até o pescoço. — Devido aos acontecimentos recentes, eu e toda a comissão de

O Mistério do Ueu Negro

professores decidimos concluir o ano letivo um pouco mais cedo, para retomar as aulas após o verão. — Ninguém fez qualquer comentário, e Minerva continuou, engolindo em seco: — Creio que a maioria de vocês estão feliz pelo acontecido, devemos agradecer a várias pessoas que colaboraram para que hoje alguns de vocês trouxessem esse sorriso no rosto... — Minerva olhou para Harry e os amigos em pé ao lado da mesa da Grifinória e continuou: — Rony Weasley pela dedicação e bravura em sua missão.

Aplausos soaram de todas as mesas, até mesmo da Sonserina.

– Hermione Granger, por suas decisões rápidas, sua inteligência e pelo seu desempenho em trabalhar para o bem.

Os aplausos estavam cada vez mais fortes e nítidos.

– Draco Malfoy, por se tornar útil escolhendo o caminho certo...

Minerva continuou:

– Harry Potter, por tudo que tem feito e que ainda irá fazer em sua longa e glorificante vida, por sua coragem de enfrentar inimigos e desvendar os mistérios, pela sua força de vontade em ajudar ao próximo.

Dessa vez Slughorn, Hagrid e Lupin levantara das cadeiras dos professores e aplaudiram de pé.

– Gina Weasley, que não pode deixar de ser citada pela sua dedicação, pelo seu amor. Amor pelo qual entregou sua vida...

Choramingos foram ouvidos, principalmente de Harry e Hermione.

Muitos alunos com seus pais não tomaram rumo ao trem de volta para casa, como Neville, Luna e Dino que ficaram para seguirem à Toca, junto com Harry.

– Vou sentir a falta de vocês, garotos — disse Nick saindo por dentro da porta do salão comunal da Grifinória.

– Voltaremos algumas vezes, Nick. — Agradeceu Hermione ao lado de vários colegas da Grifinória.

– Ah, Potter, você foi muito corajoso, não fique com essa cara, garanto que a menina Gina não gostaria de ver você assim! — Harry balançou a cabeça, acompanhando os alunos até o portão onde Minerva e todos os professores, mais alguns alunos da Corvinal e Lufa-Lufa, aguardavam.

Slughorn vestia um paletó azul petróleo que o destacava no meio dos demais. O gorro roxo de Sprout estava deslumbrante. Hagrid apenas colocara um manto negro sobre os ombros e Lupin trajava um simples sobretudo verde escuro.

– Vamos, Harry? — Perguntou Minerva enquanto ele se aproximava.

– Sim, mas tem alguns aqui que não podem aparatar...

– Não vamos aparatando, Harry... — Minerva olhou para alguns tapetes velhos e rasgados jogados ao Chão.

– Chave de Portal — disse Hermione.

– Isso mesmo, Hermione. Subam todos. Prontos? Um... dois... três!

Harry e os demais flutuaram e desapareceram em fração de segundos.

Tempos depois os alunos e professores avistavam os morros e campos que escondiam a casa dos Weasleys. Dezenas de pessoas socaram o chão de cara, como Harry fizera na chegada da Copa Mundial. A atmosfera da Toca era tensa.

Uma pequena caixa retangular e branca de pouco mais de um metro estava sobre um suporte de mármore ao meio do jardim dos Weasleys.

Pessoas como Skeeter, Dolores, Narcisa e Draco estavam sentados na última fileira de cadeiras mais distante da caixa retangular.

Cabelos ruivos e olhos chorosos circulavam o pálido rosto de Gina. O corpo da garota fora revestido com rosas, orquídeas e magnólias. Seu semblante descorado era a única coisa que Harry vira ao se aproximar junto com Hermione. Rony estava acariciando as bochechas da irmã.

Harry deu-lhe um beijo em sua testa, e olhou-a em silêncio, com o rosto úmido.

Hermione notou a feição dos Weasleys. Pareciam não dormir há anos. Era nítida a marca de expressão funda e os olhos inchados da família. Molly estava arrasada.

Muitas pessoas estavam presentes, até mesmo Madame Rosmerta, que estava dando apoio à família.

Moody, Kim e Tonks acabaram de chegar com Rufo e Dawlish. Tonks carregava em sua cabeça um turbante africano, com penas de gavião-negro, chamando mais atenção que Sprout.

Moody e Kim usavam as mesmas vestes diárias.

— Minhas condolências... — Falou Scrimgeour abraçando Molly e Arthur que não se desgrudavam. — Olá,

Potter, prazer em vê-lo — Harry balançou a cabeça. — Arthur, você se importaria se eu dissesse algumas palavras logo mais?

— Fique à vontade, ministro... — Falou Arthur preso à esposa em um abraço firme.

— Papai, mamãe... vamos deixar os amigos de Gina se despedir dela... — Disse Gui abraçado com Fleur olhando a fila de alunos que vinham de Hogwarts para vê-la.

— Tudo bem...

O Sr. e a Sra. Weasley afastaram-se junto a Rufo, que lhes consolava. Gui, Fleur e Percy, que já havia feito as pazes com toda família, entraram na casa. Fred e Jorge sentaram na primeira fileira de cadeira. Rony não se conteve, e chorou ao lado de Hermione e Harry.

Dino, Luna e Neville foram os primeiros alunos a se aproximar. Deram um beijo do rosto de Gina e se afastaram, choramingando. Ninguém podia se refrear ao constatar uma linda e doce menina encaixada em um retângulo branco de madeira.

— Gina você foi muito importante para mim... irei lembrar de você para sempre... — Dino pronunciou seu afeto à garota.

— Amiga... nunca... nunca esquecerei você, lembra como nos nós conhecemos? Foi muito engraçado não foi? — A garota deu um sorriso entre as lágrimas.

— Eu adorei dançar a noite toda com você... no baile... — Neville era o único que não chorava, talvez estivesse mais abalado que os outros dois.

Uma mulher gorda de cabelos curtos e olhos esbugalhados, com um vestido creme, acabara de aparatar ao lado de Molly, Arthur e Rufo que conversavam fluentemente.

— Desculpa a demora, queridos. Quando chegou a carta não acreditei... onde está ela... onde está a menina Gine...

Molly largara Arthur e abraçara a mulher, pigarreando:

— Sim, Muriel, infelizmente... infelizmente é verdade.

O Mistério do Ueu Negro

– A Gine não merecia isso... foi por causa daquele moleque... aquele Potter, não é?

– Foi escolha dela. E o Harry não é nenhum moleque. Ele é da família.

– Tudo bem... não tenho o porquê me meter. Você primeiro aceita uma francesa como nora, agora um órfão medíocre como filho? Ah... Molly você está tomando café ou porção da loucura?

– Você não veio aqui para insultar minha família, não é?

– Tudo bem, tudo bem... Era para eu seguir o exemplo da Tessie ou da Walkiria que não quiseram vir. Ah, Molly você não honra seu puro sangue...

Muriel deu às costas e encaminhou-se até o caixão.

Quase todos os alunos já haviam dado seu último “adeus” para Gina. Slughorn suspirava logo atrás de Hagrid, caçando uma pequena brecha para ver a garota.

Mas algum tempo e todos haviam se despedido.

Rufo adiantou-se ao lado do caixão, pigarreou para chamar a atenção. Iniciou um discurso pesaroso:

– Caros amigos... Gina será lembrada como a menina que encantou o coração de todos que com ela conviveu, ela merece ser lembrada com dignidade e bravura pelos longos anos que seguiremos sem o Lord das Trevas, que com a sua ajuda, foi destruído.

Harry não se conteve. Chorou baixinho sobre a garota inerte nas flores.

Aquele momento foi registrado para sempre na mente de várias pessoas que estavam ali, a caneta de Skeeter não parava de escrever palavra por palavra do que Rufo dizia, Narcisa também estava ali, com o filho, prestando condolências.

Harry pensou em impedir que a levassem, mas decidiu se conter.

Hagrid fez levitar uma grande cobertura de mármore para o caixão. Um manto azul claro que flutuava sobre o esquife de Gina foi guardando-o. Todos faziam suas últimas preces. No mesmo instante que o manto alcançou todo o caixão, tudo que havia debaixo dele foi evaporado em segundos, o corpo de Gina agora reinava em outro mundo.

O clima da Toca estava leve. As pessoas se despediam e aparatava em seguida.

– Harry, não quero deixá-lo nesse estado... — Hermione estava sentada ao lado de Harry e Rony isolados no jardim do fundo da Toca.

– Não se preocupe comigo... — Harry estava como no dia anterior, com o olhar distante.

– Onde será que está o Sirius? — Perguntou Rony.

– O Sirius... — Harry pareceu se lembrar. — Ninguém o viu?

– Receio que não, aqui ele não apareceu. — respondeu Hermione pensativa.

– Será que aconteceu algo com o ele? — Rony indagou olhando para Hermione.

– Se tivesse acontecido o profeta ou a Minerva nos contaria... — respondeu ela.

– Não vejo o Sirius desde ontem na batalha. — Harry começava a ficar preocupado. — Preciso procurá-lo agora...

– Vamos falar com a professora McGonagall primeiro.

– Onde está ela agora? — Perguntou ele.

– Acho que lá dentro com o papai e a mamãe... — informou Rony.

Harry avançou em direção a casa mal esculpida e com algumas brotoejas penduradas nas paredes. Adentrou o cômodo assustando metade das pessoas que estavam sentadas na mesa da cozinha.

– O que houve, Harry? — Minerva foi a primeira a perguntar.

O Mistério do Ueu Negro

— É o... o Sirius... não o vejo desde a batalha de ontem... será que a senhora...

— Não se preocupe, Harry. — Tonks acabara de levantar de uma das cadeiras. — Ele está na Sede. Foi atingido por um *Sectusempra*, mas já está bem... o Ramon está cuidando dele.

Harry respirou fundo e aliviado.

— Estou indo agora mesmo para Sede, Potter, se quiser vir comigo...

Harry concordou imediatamente com Moody.

— Isto significa que escolheu morar com o seu padrinho, querido? — Perguntou Molly com um ar de ressentimento.

— Eu... — Harry estava visivelmente sem graça. — Ficarei sim... mas creio que não naquela casa.

Molly balançou a cabeça, mas antes de falar, Rony entrou na cozinha anunciando:

— Eu também quero ir para a Sede. — Ele estava acompanhado por Hermione. — A Mione também vai. Precisamos falar com...

Ela lançou-lhe um olhar cortante, e ele calou-se.

— Ok, ok... Voltem antes de anoitecer. — A Sra. Weasley permitiu desconfiada.

Lupin e Minerva também voltaram para Hogwarts em seguida.

— Receio de que o Sirius esteja dormindo, Potter... — Respondeu Ramon.

— Mais inúteis! Minha senhora, como posso suportar isso? Monstro não agüenta mais servir esses sangues ruins... — O elfo estava em pé ao lado do quadro da mãe de Sirius que ainda não se livrara do feitiço da boca fechada.

— Onde ele está?

— Potter, ele...

— Deixe-o Ramon. Potter não se acalmará antes de ver o padrinho. — Disse Moody sério, fitando o colega.

Obliviadores de JK
— 44º Capítulo —
O ÚLTIMO SEGREDO

Harry, Rony e Hermione correram em direção ao quarto de Sirius após o sinal positivo de Ramon.

Ele estava num dos quartos, deitado em uma cama com lençóis brancos — manchados de sangue. Seu peito marcado por cicatrizes estava exposto.

Vários vasos de poções estavam espalhadas pela mesa de cabeceira. Um líquido verde musgo foi o que mais prendeu a atenção de Harry, este brilhava e tinha o cheiro bastante agradável.

— Cradido... serve para feridas profundas... — disse Sirius ao fixar a expressão dos garotos.

— O que houve com você? — Perguntou Harry aproximando-se da cama.

— Agora eu estou ótimo, Harry, é o que importa.

— Quem lhe atacou dessa forma? — Perguntou Hermione.

— Não pude ver, estava de costas.

— Se o Snape não estivesse enfeitado, poderia jurar que foi ele.... — Disse Rony.

— Não, não... todos que estavam na batalha viram como funciona um *sectusempra*, e não é difícil de aprendê-lo — arrematou Sirius. — E... Rony, eu sinto muito... por...

Rony balançou a cabeça positivamente e segurou ainda mais forte a mão de Hermione sem dizer uma única palavra.

— Sirius... já devem ter lhe contado, mas Fawkes me ajudou na batalha... no momento em que você saiu — Harry olhou nos olhos de Sirius, esperando por uma confirmação.

Ele sorriu largamente:

O Mistério do Ueu Negro

– Quando o vi naquele casulo, a primeira coisa que pensei foi em Fawkes...

– E como você o achou? — Perguntou Hermione admirada com a pergunta que Harry não havia discutido com ela.

– Quando estava sob a maldição do véu eu vi o lamento da Fênix. Ela passou muito tempo no túmulo dos pais de Dumbledore. Após isso passou a morar na Floresta Negra e nos arredores de Hogwarts, sem ninguém notar.

– E você aparatou até a Floresta Negra? — Perguntou Rony estremecendo-se ao lembrar das aranhas.

Sirius pareceu refletir, mas Harry interveio:

– Você não conseguiu esses ferimentos na batalha, mas sim na Floresta Negra, não é verdade?

Sirius sorriu novamente:

– Estaria morto se Fawkes não tivesse derramado algumas lágrimas em mim antes de ir até você, Harry... Culpa dos filhos de Aragogue... — Ele olhou para Rony, que fez uma careta.

– Fawkes sempre esteve nos ajudando... — Harry lembrou-se do segundo ano e seu embate com o Basilisco e a primeira Horcruxe.

– E como estão todos? Os Weasley, Minerva, Bicuço...? — Perguntou mudando o assunto.

– Estão todos bem, as coisas irão melhorar agora — respondeu Harry.

– Só não entendo o porquê do Hagrid insistir em manter a Resfine junto com o Bicuço. Eles não param de brigar...

– Os dois se amam, Hermione... não se lembra de você e o Rony? — Disse Sirius, e Harry riu, deixando os dois envergonhados.

– Meninos, deixem-no, agora ele precisa descansar — Ramon entrava no quarto com um bule de porcelana com detalhes em chinês em suas alças. — Hora do chá, Sirius...

— Isso de novo... — Sirius respondeu lançando um olhar repugnante ao bule.

Todos riram.

— Até mais, Sirius — disseram.

— Até... — respondeu sem tirar os olhos do chá.

Harry, Hermione e Rony passaram pelas cabeças de elfos penduradas nas paredes.

— Acho que já está na hora, Rony. — Disse Hermione apreensiva, sem olhar para os garotos, enquanto caminhavam.

— Va-vamos...

— Hora de quê? — Harry parou de andar.

PLAC

— Dobby!

— Meu Senhor, trouxe suas malas, me pediu para arrumá-las e aí estão... — Harry olhou para Dobby e depois para Hermione, que estava espantada.

— Harry, você não poderia ao menos...

— Eu... olha, Mione, eu não... eu pedi. — A última palavra de Harry saiu bem sublinhada.

Hermione olhou para Dobby feliz pelo favor e calou-se.

— Meu senhor... eu já estou indo para casa dos seus tios... algum outro pedido?

— Não, Dobby, só não faça besteira por lá e obedeça tia Petúnia... ähn... só em casos sérios pode recusar... — Completou Harry vendo o rosto insano de Rony.

Dobby balançou a cabeça e sumiu no ar deixando os dois malões incluindo a gaiola de Edwiges sobre o carpete musgo do corredor.

— Te ajudo, Harry! — Disse Rony tomando a mala preta da mão do colega e levando para um quarto ao lado de onde Sirius resmungava.

— Eu não esqueci. — Disse Harry com expressão inquisitiva.

Rony refletiu um pouco:

O Mistério do Ueu Negro

– Quando, Mione?

– Daqui a alguns minutos na sala de visitas... —

Hermione lia um papel que havia tirado do bolso.

– Querem fazer o favor de explicar?

– Vamos descer, Harry.

Ele acompanhou-os intrigado. Ao chegarem na sala, não havia absolutamente ninguém, a não ser a senhora Black no quadro, que ainda assim estava coberta por um manto.

– E então? — Perguntou Harry inquisitivo.

Antes que pudessem responder, ouviram um grito abafado vindo de dentro do quadro da senhora Black. Hermione e Rony correram para descobri-lo.

– Saia daqui, intruso! — Gritava ela. — Quem é você!/? Saia imediatamente!

Quando o manto caiu, Harry estagnou.

– Prometo que não ficarei por muito tempo, Sra. Black — avisou Dumbledore.

– Professor! — Exclamou Rony.

– Olá, Ronald. Como está a senhorita Granger?

Hermione sorriu timidamente.

– Harry?

– Be-bem... o se-senhor não estava em Hogwarts, professor?

– Sim, sim... Estava tendo notícias sobre Aberforth.

– Professor... ah, desculpe... mas o senhor não sabia do seu irmão? — Perguntou Hermione franzindo a testa.

Dumbledore confirmou que sim.

– Mas, senhor, por que...

– Me perdoe Granger, mas agora não acho que seja um bom momento para falarmos da relação entre meu irmão e eu... — Dumbledore sorriu amigável.

Harry lembrou-se do segredo que o professor tinha há muito com seus amigos, o que o deixava seriamente indignado.

– Professor Dumbledore, sobre o que eu não podia saber... — Começou Harry.

– E quem disse que você não podia saber, Harry? Tudo há o momento certo.

Harry fitou-o indagativo.

– E esse momento sempre chega. Acho que não há mais motivos para esconder...

Rony e Hermione entreolharam-se.

– Você é um rapaz de coragem e muito altruísta, como todos já puderam comprovar... — Dumbledore alinhou seu olhar junto ao de Harry. — Quando Alvo Dumbledore morreu, nesse quadro ficou uma impressão extremamente poderosa de sua mente e idéias. O que falei naquele dia aos seus amigos, Harry, foi exatamente o que já aconteceu. Alguém precisaria morrer para que Voldemort fosse destruído.

– Mas... se o senhor sabia por que não tentou impedir que acontecesse?

– Sou apenas uma impressão de Alvo Dumbledore, Harry... Não poderia saber quem morreria, então...

– Como assim? — Harry interrompeu.

– Não sei se sentimentos é a palavra certa para definir o que um quadro possui, mas temia que essa pessoa fosse você, Harry...

– Se assim fosse, por que não contou a mim!?

– Por que você seria capaz de se matar para destruir Voldemort.

Harry ficou sem palavras. Era verdade.

– Mas... seria melhor que a Gina...

– Você sabe que as coisas aconteceram do jeito que tinham de ser — interveio Hermione. — Dumbledore pediu para que não saíssemos de perto de você, mas você sempre foi bastante teimoso...

– E cabeça dura! — Completou Rony.

O Mistério do Ueu Negro

Harry ficou calado. Estava confuso. Tinha absoluta certeza de que se soubesse disso antes poderia arranjar uma forma de terminar sem que ninguém precisasse morrer.

– Deixa para lá, agora é tarde demais — disse pesaroso.

– Lembre-se de Quirrel e apenas entenda que o amor que Gina depositou em forma de proteção em você foi o suficiente para desintegrar Voldemort após a maldição ter sido repelida.

– Não deveriam ter escondido isso de mim... — Harry falou, mas por dentro havia finalmente entendido.

– O importante é que Voldemort sumiu de nossas vidas... — pigarreou — de suas vidas. — Dumbledore sorriu sarcasticamente para si mesmo.

Tem certeza que não quer ficar com a gente, Harry?

— Harry parou e virou-se. Esperava o mesmo Duda de sempre, intransigente e pronto para lhe conceder um sorriso mordaz de despedida. Mas, naquele momento, teve a sensação de que acabara de conhecer seu primo. Fitou-o:

— Eu... eu gostaria de ficar. — Estaria Harry mentindo? Ele mesmo não sabia. — Mas o Sirius... ele...

— Não se preocupe, Harry, eu entendo sua decisão... — Disse Petúnia. — Não o tratamos bem, eu sei... mas quero que saiba que estamos arrependidos, não é Válter?

Petúnia pigarreou.

— Sim... estamos sim. — Disse contrafeito.

— Virei visitá-los sempre. — Disse Harry. Mas sabia que nunca viria.

Petúnia sorriu:

— Sua mãe teria se orgulhado muito de você... Vou sentir sua falta.

Harry largou o malão com suas pequenas coisas que não levava para Hogwarts. Aproximou-se para dar um abraço na tia. Ficaram assim por alguns segundos. Válter mostrou-se impaciente.

— Lamento pelo passado, filho... quero que esqueça-o, ok? — Pediu Petúnia.

— Não se preocupe... — Disse desvencilhando-se de seus braços. Voltou para pegar seu malão. — Preciso ir agora...

— Espere, Harry, quero que fique com uma coisa... — Petúnia puxou um pedaço de papel do bolso de seu avental. Harry observou o quanto ele era velho e amarelado.

O Mistério do Ueu Negro

– O que é isso? — Perguntou pegando-o da mão de sua tia.

– A carta que Dumbledore deixou junto com seu cesto, há dezessete anos.

Harry sentiu um frio na barriga.

– O-obrigado... — disse admirando-a.

– Mesmo que não precise mais da proteção desta casa, não quero que esqueça de nós, ok?

– Certo, tia... Adeus. — E pegou os malões enfiando a carta por uma brecha para ler quando estivesse sozinho.

– Se não tiverem problemas com a Edwiges, mandarei cartas.

– Já nos acostumamos com ela.

Harry sorriu, desaparecendo.

– Ah, Harry, como foi com seus tios? — Perguntou Molly.

– Não foi tão ruim... — Havia acabado de aparatar na Toca.

– Ótimo, melhor assim. Ande logo com isso, Sirius! — Disse referindo-se à pilha de pratos que Sirius fazia levitar, aproveitando para fazê-las dar cambalhotas no ar, soltando risadas. — Vou servir o almoço daqui a pouco, por que não vai lá em cima chamar os garotos, querido?

– Hum... certo. — E subiu a escadaria.

– Você tem reparado que ele tem dado umas saídas estranhas já faz uma semana?

Havia passado cerca de um mês desde a Morte de Gina.

– Sim, eu... eu já havia lhe perguntado isso.

– E o que descobriu?

– O Harry não quis me dizer. Mas acho que tem haver com a... Gina.

Molly mudou rapidamente de assunto:

— Não está achando ele mais abatido? — Perguntou Molly.

— Relaxe, Molly, ele superou a morte de Dumbledore, vai superar dessa vez.

Molly suspirou profundamente, não tinha como escapar da realidade.

— E você também... — Disse Sirius tentando atenuar a situação.

— Olá, Harry, pegou suas coisas? — Perguntou Rony enquanto limpava sua boca com o braço. Harry acabara de pegá-lo beijando Hermione.

— Sim. Vamos descer... o almoço está pronto. — E deu as costas.

Rony e Hermione se entreolharam.

Estavam todos almoçando quando Arthur apareceu na soleira.

— Olá crianças, como estão todos?

— Bem. — Respondeu Rony.

— Como vai, Arthur? — Perguntou Sirius.

— Oh, querido, sente-se conosco.

— Tenho boas notícias para você, Harry.

Ele ergueu a cabeça.

— Surgiu uma vaga para Auror no Ministério. O que acha?

— E-eu... o senhor está falando d-de... — Gaguejou Harry surpreso.

— Isso mesmo, Harry, está interessado?

— Mas e os exames? — Perguntou Hermione.

— Ah, quem vai querer saber disso? Ele é o Harry Potter! — Disse Sirius orgulhoso.

— É, isso vai te ajudar bastante, Harry. Se quiser arriscar, posso te ajudar. — Disse Arthur.

— C-certo, senhor... acho que... obrigado.

— Isso não será perigoso? Ainda é muito jovem...

O Mistério do Ueu Negro

– Mas muito habilidoso, não precisa se preocupar, querida. — Disse Arthur tranquilizador.

Harry sentiu-se meramente feliz. Ser Auror era tudo o que desejava. Mesmo que agora não houvesse um mal tão terrível quanto Voldemort e seus Comensais, mas ainda assim existiam muitos bruxos criminosos pelas ruas de Londres e pelo mundo.

Ainda permanecia o semblante frio na face de Harry, e Sirius interveio:

– Se julgar mais chato morar comigo, Harry, eu não irei me importar que você fique aqui.

– Eu não iria querer me separar de você, não depois de tudo o que aconteceu.

Sirius sorriu, enquanto todos observavam Harry.

– Eu estive pensando... precisava dar um rumo à minha herança... — Começou Harry. E todos ficaram intrigados.

– O que pretende fazer? — Perguntou Sirius.

– O que acham de todos nós morarmos juntos?

– Do que está falando, Harry? — Perguntou Arthur.

– Eu, a senhora, o senhor Weasley, Sirius, Hermione, Rony, Gui, Fleur, Carlinhos... todo mundo... juntos, numa mesma casa. Imensa o bastante para que todos fiquem confortáveis.

Molly ergueu as sobrancelhas.

– Harry, é uma idéia ótima... mas não... não existe uma casa grande o bastante... e nós não permitiríamos que você gastasse seu dinheiro com uma coisa dessas, nós...

– Travessa do Lobo, número 7. — Disse Harry.

– O quê? — Perguntou Arthur sem entender.

Harry tirou do bolso um pergaminho com uma foto. Arthur examinou, e Molly se esgueirou para ver também.

– É linda... é... grande assim mesmo? — Perguntou Molly.

— É sim... era habitada por bruxos, não vamos ter muito trabalho com ela. — Informou Harry. Molly estava maravilhada. — Tem um quintal grande, e um bom jardim.

— Idéia fantástica, Harry! — Disse Sirius.

Rony e Hermione sorriram.

— Harry, não podemos aceitar isso... — Disse Arthur.

— Ah, senhor Weasley, não vai me fazer ter que morar lá com o Sirius sozinho, não é?

— Guarde seu dinheiro, Harry, é melhor...

— Que dinheiro?? O que eu dei aos bruxos ex-donos daquela casa?

Sirius soltou uma gargalhada.

— Então era isso! Era por isso que estava se ausentando! Harry sorriu.

— Sinto muito, senhores Weasley, mas a Toca se tornará nossa casa de férias. — Informou Harry.

Molly abriu um largo sorriso. Arthur ainda não acreditava.

A mudança não foi nada difícil. Com um passe de mágica, os objetos de mais valores foram transportados para a nova casa, Carlinhos, Gui e os outros foram avisados sobre seu novo lar, inclusive Fred e Jorge. Todos acharam uma excelente idéia, teriam seus quartos particulares e uma mãe que cuidava do trabalho doméstico, ajudada por elfos.

— Tem um galpão imenso lá nos fundos, poderíamos usá-lo como um depósito, Harry? — Perguntou Fred.

— A loja já está ficando muito apertada. — Completou Jorge.

— A casa é de vocês. — Respondeu ele indo ajudar Hermione com algumas caixas. Estavam preparando uma festa de inauguração.

Molly estava frenética, a idéia de ter todos os seus filhos juntos vivendo com ela era tudo o que desejava. Quase

O Mistério do Ueu Negro

não suportara a perda de Gina, mas a novidade estava fazendo sua chaga curar rapidamente. Arthur fora até o Ministério pedir folga naquela noite e informar que Harry estaria se inscrevendo no cargo de Auror no dia seguinte.

Harry cuidou de mandar centenas de convites para os membros da Ordem da Fênix, para Neville, Luna, e até mesmo ao Draco. Além de Simas, Lino e todos os seus colegas da Grifinória e da AD.

Cerca de meia hora antes de a festa começar, os convidados foram chegando. Harry sentia-se imensamente regozijado em ver novamente todos reunidos, não num confronto, mas numa comemoração.

Todos se divertiam imensamente, Dobby logo soube do fato e se ofereceu para ajudar a servir a comida, junto com sua nova namorada, a Dorothy, uma bela elfo, por sinal. Draco não apareceu, mas mandou uma carta em resposta, agradecendo pelo convite.

Num dado momento, Rony pediu a atenção de todos. E quando, depois de vários berros, a obteve, começou dizendo:

– Eu tenho uma coisa a informar a vocês. — Disse, ao lado de Hermione, que estava vermelha.

Muitos deram uma risadinha, e alguns realmente não sabiam do que se tratava.

– Hoje eu pedi a Mione em casamento... e ela aceitou.

Molly soltou um berro de exasperação.

– Calma, mamãe, isso não significa que vamos casar agora. Só estamos noivos.

Hermione estava ruborizada.

– Por um momento eu pensei que... — Começou Molly de um canto mais distante de Rony.

– Não, mamãe... não seremos nós que lhe daremos o primeiro neto.

Hermione começava a ficar azul.

– Se bem que já temos até o nome, não é mesmo, Mione?

Ela balançou a cabeça.

– Se for menino se chamará Vítor. — Elucidou Rony. Fred e Jorge deram risadas sarcásticas.

– Idéia de Hermione, não? — Perguntou Jorge.

Todos riram.

– Sim, qual o problema? — Disse Rony inimizado. — Se for menina se chamará Gina.

Todos fizeram silêncio. E sorriram.

– Felicidade aos pombinhos, então. — Disse Sirius, começando uma salva de palmas.

Harry começava a recuperar algum sentimento de felicidade, estava satisfeito com as coisas. Mesmo sem a Gina, ou Dumbledore, ele sentia-se confortável. Sabia que eles estavam bem, onde quer que estivessem.

Harry estava exausto, fazia noites que não conseguia pregar o olho. A festa mantinha um ritmo agradável, mostrando que não terminaria antes da alvorada. Harry decidiu subir para seu quarto, estava sentindo-se meio tonto, sentiu que dormiria por um mês assim que se deitasse. Avisou a Sirius, e pediu que ele informasse quem perguntasse por ele.

– É melhor mesmo que descanse, não está com uma cara boa.

Harry subiu as escadas em direção ao seu quarto. Antes de deitar, lembrou-se de uma coisa. Foi até seu malão e abriu-o, procurando por algo.

– Aqui está... — Ele largou-se na cama e começou a ler o que havia escrito no papel que Petúnia lhe dera mês antes.

O som da festa lá embaixo fazia sua cabeça doer levemente.

“Sr. e Sra. Dursley.

Estou pondo em suas mãos uma responsabilidade imensurável. Este garoto que agora têm em mãos, trata-se de

O Mistério do Ueu Negro

seu sobrinho, filho de Lília e Tiago Potter, que como já devem saber, foram mortos. O que não sabem, é que eles morreram amaldiçoados por alguém que não se encontra mais no Plano dos vivos. Já que irão criá-lo e dar todo o amor possível à este garoto, é bom que saibam sobre sua verdadeira história. Ele é um bruxo, e já tem uma vaga na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts (...) [Harry passou rapidamente os olhos pela carta, à procura de algo que ele não soubesse, e parou já nos últimos parágrafos] (...) Naturalmente, já conheciam o garoto e devem estar se perguntando o porquê que seus olhos eram azuis quando nasceu e agora estão tão verdes. Os olhos são a ponte que ligam o espírito a este mundo, e receio que esteja aí a chave do mistério. É no espírito que está afinizado todos os poderes de um bruxo e, receio dizer, que a maldição, a que não conseguiu matá-lo, afetou sua magia e isto se refletiu em seus olhos, já que a energia descarregada junto com a maldição tem a tonalidade de um verde claro. Ainda não sabemos as conseqüências que isso trará, mas não devem se preocupar, já estamos cuidando para que sua casa fique livre de qualquer mal. Harry será mandado todos os verões para aí, a fim de que possa estar seguro. Notem também que o formato de seus olhos estão mais parecidos com os da mãe, em conseqüência do encanto de proteção lançado pelo seu sacrifício. Receio de que tudo já tenha sido esclarecido, qualquer dúvida, nós saberemos. Cuidem dele, mais do que se fossem seu filho.

Cordialmente,

A. P. W. B. Dumbledore”

Harry releu novamente a parte que tratava dos seus olhos. Nunca havia parado para refletir sobre aquilo. Não sabia que seus olhos eram azuis quando nasceu. Tinha uma maldição cravada em seus olhos para todo o sempre. Tentou esquecer

isto, afinal, tudo fazia parte do passado agora. Colocou a carta em cima da mesinha de cabeceira e em seguida fez o mesmo com seus óculos. Estava realmente feliz. Os conflitos haviam finalmente cessado. Lembrou-se de Aberforth, queria que ele estivesse presente também, mas este mandou uma coruja avisando que apareceria outro dia para dar as congratulações, estava muito velho para festas.

Inevitavelmente pensou em Gina. Ainda a amava e sentiu muito a sua falta, sabia que isto o atrapalharia em relações futuras. No entanto, não estava muito interessado em promover um outro grande amor. Estava excitado demais com a perspectiva de se tornar um Auror, e sabia que isso lhe tomaria quase todo o seu tempo. Seu corpo parecia mais pesado, sentiu que afundava cada vez mais em sua cama. Nada mais importava para ele, só aquela imensa vontade de dormir, e ele realmente conseguiria, se não fosse uma indesejável e irritante dor em sua cicatriz...

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Uku Negro

O Mistério do Ueu Negro
— Capítulo Bônus —
❧ *EPÍLOGO* ❧

Uma manhã calma e ensolarada ficava presa ao lado exterior do ministério, onde mais um dia de trabalho seguia a rotina dos aurores e serviços que se aliviavam dos muitos tratos pendentes a serem resolvidos.

Era mais um daqueles dias em que a acústica débil do Ministério parecia ser ainda pior.

Não que aquilo fosse um problema, afinal Ramon fazia parte do corpo de funcionários há muito. Estava mais apressado do que o habitual, o que fez um bruxo por detrás do balcão da secretaria interceptá-lo:

– Por que a pressa, Ramon? Desde que posso me lembrar, esta é a primeira vez que chega tão cedo!

– Assuntos confidenciais. Nada que lhe interesse. — Disse sem parar de andar. Sua voz estava bastante grave.

– Ramon! — Chamou o bruxo novamente.

Ele virou-se.

– Esqueceu seu crachá! — disse olhando-o com um ar de curiosidade.

– Claro, claro.

As pinturas de ambientes naturais nas paredes deixavam à atmosfera barulhenta e estressante um tom mais ameno.

Ao longo de seu caminho até o ascensor, fora cumprimentado várias vezes. Estava nervoso, tinha de admitir.

Contudo, ao chegar ao elevador, praguejou ao ter que deixar um bando de pequenos aviões de papel passar na sua frente.

Caminhou com passos largos o corredor úmido e estreito que o levaria à sala de Manutenção de Objetos

Mágicos. Na anti-sala estava um aurostagiário, cuidando da entrada da sala principal.

– Bom dia, Sézamos. Está tudo pronto?

– Sim, o Ministro já assinou a extradição. Vai remover agora?

– O quanto mais rápido melhor.

– Está se sentindo bem?

– E por que não estaria? — Sua face estava inexpressiva.

O estagiário olhou-o desconfiado, analisando seu olhar penetrante e cortante. Um ar frio que habitualmente não lhe pertencia.

– Abra a porta, Sézamos, quero verificar se está tudo em ordem.

– Você conhece o feitiço — disse fitando-o firmemente nos olhos.

– Este deveria ser o seu trabalho. — Cortou-o.

Sézamos suspirou desconfiado. Levantou-se e tirou a varinha do bolso:

– Deletrius... — O rapaz encheu a boca para dizer tal feitiço. — Alohomora.

A porta, em um solavanco, escancarou-se, mostrando uma sala comprida e fria.

Ramon caminhou em direção a porta já aberta, e Sézamos fez o mesmo.

– O que pensa que está fazendo? — Perguntou Ramon impedindo que Sézamos adentrasse a sala.

– O meu trabalho.

– Não hoje — E fechou a porta em sua cara, deixando Sézamos intrigado do outro lado.

– Enfim...

A testa de Ramon começou a suar, escorrendo por todo o rosto.

O Mistério do Ueu Negro

– Sabia que não ia ser difícil... — Sussurrou para si mesmo.

O rapaz rodeou todo o manto vertical, parando em uma ondulação ao longo do objeto, o ambiente não era um dos melhores.

A única iluminação vinha de um candelabro velho ao canto da sala, não havia sinais de júbilo naquele local, um clima nostálgico pairava.

Suas mãos subiram lentamente tocando o tecido macio e sedoso, uma carga de lembrança e dúvidas caíram sobre sua cabeça fazendo-o retirar a mão rapidamente do manto.

– *Você precisa fazer isso, você prometeu.* — Seu interior dava-lhe conselhos.

Novamente Ramon hasteou a mão à superfície do manto e o arrastou com velocidade.

Um brilho intenso surgiu de um dos lados do magnífico espelho, suas bordas estremeciam numa curvatura rústica.

Ele rodeou o objeto até ficar de frente com sua figura perfeitamente refletida.

Sem acreditar no próprio nervoso que crescia inevitavelmente em seu corpo, lançou um olhar desconfiado à sua própria imagem. Arregalou o olhos depois de um susto suntuoso.

– Lord... — Ramon teve sua face empalidecida. Na imagem refletida no espelho de Ojesed, uma figura ofídica postava-se atrás de Ramon.

– Aqui estamos novamente... — disse Voldemort sorrindo maliciosamente para Ramon.

– Desculpe a demora, Lord... eu estive...

– Fugindo de Azkaban, devo imaginar. Bom trabalho. Mas nada disso importa mais.

O bruxo secretário, no saguão de entrada, estava carimbando alguns protocolos quando uma visão o surpreendeu.

Obliviadores de JK

– Bom dia, Grul, como estamos hoje?

– Como... como pode isso?

– Como pode o quê, Grul?

– Eu acabei de ver o senhor descendo pelo elevador agora a pouco...

– Dormiu bem hoje? Eu acabei de chegar. O bom e velho Ramon atrasado de sempre — e deu-lhe um tapinha amigável nas costas, seguindo em direção ao elevador.

Grul tinha os olhos estagnados.

– Se Dumbledore estivesse vivo, eu o agradeceria pela idéia valiosa — disse vilmente referindo-se à pedra filosofal que foi guardada dentro do espelho.

– Já está tudo pronto, Lord.

– Eu sabia que você não iria falhar, Severo. Ultrapassar o número mágico sempre foi minha sina...